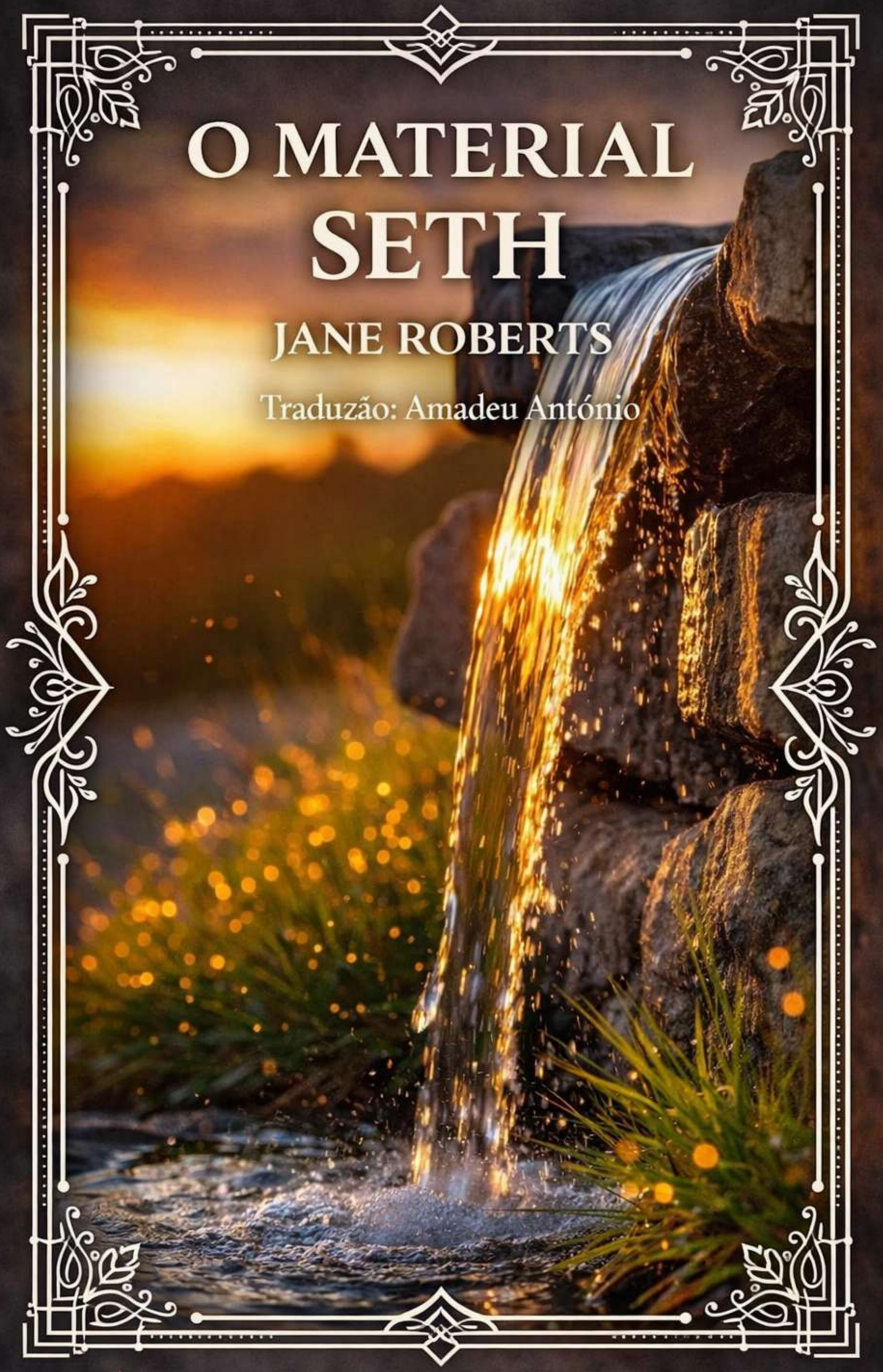
O MATERIAL SETH

JANE ROBERTS

Traduzão: Amadeu António



INTRODUÇÃO

A mediunidade é um tema fascinante e provocador, pois toca em questões essenciais acerca da mente do homem, da natureza da sua consciência e até do seu destino último. Um médium é normalmente definido como "uma pessoa que se supõe ser suscetível a agentes supranormais e capaz de transmitir conhecimentos deles derivados, ou de realizar ações impossíveis sem a sua ajuda." A maioria das pessoas imagina um médium como uma senhora enfeitada com roupas exóticas, escondida em cantos escuros, à espera de enganar os clientes e ficar com o fruto do seu árduo trabalho. Embora não duvide de que tais médiuns ainda existam — e até tenha encontrado alguns —, esta imagem está longe de ser completa.

Foi pouco antes da viragem do século que a mediunidade se tornou popular e o Espiritismo se desenvolveu como religião. As sessões realizavam-se então em penumbra, numa sala pequena e bem preparada, muitas vezes semelhante a um pequeno teatro cujo cenário era uma capela ou tinha outros contornos religiosos. Os assistentes, geralmente emocionalmente abalados por alguma tragédia recente na família, eram levados a um estado de histeria através de cânticos e música de órgão. Tratava-se, no geral, de uma produção bem encenada. O médium entrava em transe e, com a ajuda do seu "guia espiritual", transmitia mensagens de entes queridos já falecidos no "mundo espiritual." Na maioria das vezes, estas mensagens eram triviais e até tolas, mas os enlutados regressavam a casa reconfortados por acreditarem que os seus entes queridos ainda existiam "algures" e estavam "felizes."

Por vezes, o médium revelava conhecimentos que pareciam ser uma forma de perceção extrassensorial. Foi esse aspeto da mediunidade que deu origem à parapsicologia, ou seja, à investigação científica controlada da ESP (perceção extrassensorial). Não há dúvida de que a mediunidade e o Espiritismo foram — e continuam a ser — extremamente propícios à fraude. Nos domínios mais subtis da perceção, é difícil obter provas objetivas e quase impossível colocá-las em condições de controlo eficaz. Na maioria dessas investigações, os factos são frequentemente aceites não com base em provas, que são escassas, mas na fé, que é sempre abundante. Talvez o célebre investigador psíquico Harry Price o tenha dito da melhor forma quando observou que "o Espiritismo é, no seu melhor, uma religião; no seu pior, uma fraude."

Mas desde que começaram as investigações sobre os transes mediúnicos, tornou-se claro que se tratam de experiências complexas e parte de um fenómeno mais amplo agora designado por "estados alterados de consciência." Condições patológicas predominam frequentemente entre outros tipos de estados de transe, como coma, catalepsia, síncope e animação suspensa. Todos estes estão associados à inconsciência, tal como diversos outros estados resultantes de certas drogas ou de efeitos da doença sobre a química do corpo; e todos eles são mais intensos do que outros estados alterados como o sono normal, a hipnose ou o sonambulismo.

Entre os muitos tipos de estados alterados de consciência, a mediunidade está entre os mais valiosos, pois é nela que o domínio subjetivo da mente humana pode ser mais convenientemente investigado. Muitos que estudaram a mediunidade escreveram que, na prática, ela é um método de expansão da consciência. O físico britânico Raynor Johnson observou que existem muitos estados "em que a consciência se retira do nível normal da vigília — que, em conjunto, podemos chamar estados de transe.

Alguns podem ser criados pela hipnose... por drogas como a mescalina ou por anestésicos, e outros podem ser atingidos através de certas práticas ióguicas. Um médium, ou um sensitivo, pode entrar voluntariamente num destes estados, em que a consciência se retira para um nível intermédio do eu, mantendo ao mesmo tempo uma 'linha de comunicação' com o mundo exterior." Por se tratar de uma autoindução do estado de transe e relativamente livre de condições patológicas, a mediunidade proporciona um maior controlo sobre a experiência, tal como acontece com a hipnose.

Jane Roberts partilha uma característica única com alguns outros médiuns notáveis, como Eileen Garrett e a Sra. Osborne Leonard. Muitos médiuns reagem ao material do seu transe com uma credulidade quase religiosa, e com frequência convicções religiosas crescem diretamente da sua experiência mediúnica. Mas, apesar da fascinação pelo mundo subliminar com que entraram em contacto, alguns médiuns resistem à tentação de acreditar de imediato e de depender das comunicações de uma personalidade de transe. A Sra. Garrett, por exemplo, dedicou a sua vida a investigar o significado da mediunidade, o seu próprio mundo inconsciente e fenómenos parapsicológicos em geral. A Sra. Leonard também se dedicou a

explorar as questões da sua própria mediunidade e permitiu ser sujeita a inúmeros testes.

Grandes médiuns são tão raros quanto grandes músicos ou grandes artistas. As suas características incluem uma combinação peculiar de suscetibilidade a estados de transe e uma personalidade forte, simultaneamente curiosa, objetiva e genuinamente autocrítica. Claro que muitos traços da personalidade do médium excecional não podem ser facilmente definidos, mas parece-me evidente que Jane Roberts é um médium excecional.

Experimentar de forma ousada a própria experiência subjetiva — examinar as fontes da inspiração, imaginação ou criatividade — sempre foi característico da personalidade excecional. André Breton, autor do Manifesto Surrealista, estava obcecado com a ideia de combinar o real e o irreal na arte, talvez porque, tal como o artista japonês de sumiê, não tinha certezas sobre as distinções entre ambos. Conduziu uma série de experiências de escrita automática na tentativa de descobrir os aspetos arcanos do que conhecemos como "real."

O resultado, argumentava Breton, era uma expressão mais pura do homem interior, e essa união do mundo inconsciente com a consciência objetiva não é muito diferente da jornada empreendida por Jane Roberts. Para uma jovem que não passou muitos anos na mediunidade, percorreu já um caminho notável rumo à análise aberta e autocrítica necessária para compreender verdadeiramente a sua mediunidade e as suas implicações mais vastas. Já se encontra profundamente empenhada na aplicação prática de questões que são, no fundo, filosóficas. Parte desse impulso, contudo, deve ser atribuída à natureza de Seth, a personalidade de transe que emergiu da sua mediunidade.

Uma personalidade de transe é geralmente chamada de "guia" porque supostamente manipula o corpo físico do médium em transe, assumindo muitas vezes características únicas e individualizadas. Originalmente, acreditava-se que o guia do médium era um espírito ou entidade desencarnada que tomava posse do médium como meio de comunicar com os vivos. Mas, em The World of Psychic Phenomena, F. S. Edsall salienta que o desenvolvimento de personalidades de transe ou guias parece depender de experiências subconscientes relacionadas com o passado ou o ambiente do

médium. As questões sobre o que é uma personalidade-guia e como comunica são extremamente difíceis, tendo sido estudadas durante décadas por parapsicólogos e analistas da mente profunda. (Seth, aliás — com bom senso e honestidade, parece-me — aborda o problema difícil da distorção dos factos em material transmitido por um médium. Como estão intimamente associados a poderes supostamente supranormais, espera-se dos médiuns uma exatidão absoluta de cem por cento. Isso, evidentemente, não corresponde à realidade, mas a atitude popular prevalece e pode ser observada na forma como o público encara Cayce ou Dixon.)

Alguns acreditam que o homem possui talentos que podem transcender os sentidos e possivelmente influenciar o inconsciente sem afetar a mente consciente. Edsall escreve que experiências relacionadas com o ambiente de um médium "podem ter um papel na formação destas extraordinárias personalidades secundárias que, no caso de certos médiuns notáveis, parecem ser estranhamente omniscientes."

Muitas teorias psicológicas foram apresentadas para explicar a existência de personalidades de transe, como a teoria do "dinatipo" do analista nova-iorquino Ira Progoff. Após extensas pesquisas com Eileen Garrett, Progoff concluiu que a "presença das várias figuras de controlo é essencial para manter um equilíbrio na psique da Sra. Garrett." O Dr. Progoff encara as figuras de controlo na mediunidade "não como entidades espirituais, mas como formas simbólicas de dramatização através das quais princípios mais amplos da vida se tornam articulados na experiência humana."

De modo semelhante, Sócrates tinha o seu "daimon" pessoal, Graves a sua Deusa Branca da Poesia, e Noé, em sonhos ébrios, percebia-se como a encarnação dos seus próprios antepassados, primeiro Adão, depois Jeremias. Cada homem — assim reza a teoria — personifica, dessa forma, o que é, subliminarmente. Videntes como a Sra. Garrett especularam que talvez criem os seus próprios "eus" alternativos, apenas sob uma forma mais reconhecível e razoável — como tais daimons ou guias "espirituais."

W. H. Salter, um investigador psíquico conhecido e objetivo, fez, contudo, outro reparo: se a personalidade de transe continua a comunicar ano após ano, "nunca erra na ênfase mental ou emocional e nunca fala fora do seu

caráter, é difícil construir uma explicação plausível apenas com inferência subconsciente e dramatização por parte do médium."

As respostas finais e definitivas encontram-se algures no futuro. E embora seja importante colocar questões, tais indagações não devem sobrepor-se a outros aspetos igualmente importantes da mediunidade. O conteúdo das comunicações em transe de um médium é frequentemente desvalorizado, sem dúvida porque na maioria das vezes consiste em declarações um tanto tolas e incoerentes. Mas, mais uma vez, naqueles raros casos — como nas manifestações em transe de Edgar Cayce — surgem ideias importantes e provocadoras que exigem consideração. E as comunicações através da personalidade em transe de Jane Roberts, Seth, merecem essa atenção.

O melhor material em transe revela boa perceção psicológica transmitida através de uma personalidade forte e compassiva; e o material de Seth transmite todas essas qualidades. Seth, contudo, acrescenta um ingrediente que a maioria do material de transe não possui: clareza de pensamento e de apresentação. A maior parte do material de transe, tanto dos controlos antigos como dos modernos, apresenta-se não só numa sintaxe confusa mas também num pensamento embaralhado; contudo, Seth, acredito, possui grande talento para introduzir temas complexos e muitas vezes difíceis de forma simples e clara.

Para os olhos experientes, o filósofo profissional e o parapsicólogo académico, poderá por vezes parecer que trata de ideias já familiares. (A sua convicção de que a mente se afasta do corpo durante o sono, por exemplo, é clássica e remonta a tempos primitivos.) Mas, para aqueles que estão apenas a começar o contacto com o fascinante mundo dos sonhos, da ESP e de outros aspetos fenomenais do inconsciente, Seth será um mestre de visão cristalina.

E é a estes, o buscador, o questionador, que Seth continuamente se dirige. O propósito declarado das suas comunicações é fornecer um "meio pelo qual as pessoas possam compreender-se melhor, reavaliar a sua realidade e transformá-la." No capítulo sobre a perceção interior, Seth oferece conselhos claros e sólidos sobre como expandir a consciência e desenvolver técnicas de meditação e de ESP. Novamente, algo único em Seth — e em poucos outros, como nas comunicações em transe de Edgar Cayce — é a grande dose de

bom senso e a preocupação genuína com os problemas individuais, que atenuam fortemente as especulações filosóficas e metafísicas. Estes elementos parecem ser uma das principais características do material de Seth e são, sem dúvida, os que pessoalmente considero mais atraentes.

Curiosamente, a personalidade e a forma de apresentação de Seth são tão individualistas que, após um curto período de familiarização, tende-se a encará-las como provenientes de um intelecto moderno e treinado, em vez de do outro lado do véu de Ísis. O material abrange também uma gama surpreendentemente ampla de ideias, muitas vezes intrigantes e originais. Interessa-me particularmente o tratamento que Seth dá à "projeção de fragmentos de personalidade," que se insere fortemente na tradição do doppelgänger teutónico e do vardøger eslavo. (Trata-se de um fenómeno muito disseminado: até Freud, por exemplo, viu o seu doppelgänger, de relance, num espelho.

De Maupassant viu um dia o seu "duplo" entrar numa sala, sentar-se diante dele e ditar parte de um livro que lhe estava a causar grande dificuldade. Quando terminou, levantou-se e desapareceu. Gostaria apenas que Seth descrevesse mais claramente a mecânica da coisa em vez de apenas a teoria.) Existe também, naturalmente, a tradição ocultista da projeção de formas-pensamento, como descrita por Mme. David-Neel quando criou o seu "tulpa" tibetano.

Com efeito, "uma ideia é um acontecimento," segundo Seth. É, portanto, lógico que qualquer ideia — em qualquer esfera de atividade, materializada fisicamente ou não — tenha impacto sobre as nossas vidas. A "ideia como realidade" é outro conceito antigo que foi formalizado cedo na civilização ocidental por Platão e que foi mantido por muitos filósofos ao longo dos séculos. Mas, em vez de discutir este conceito apenas em termos abstratos, Seth desenvolve-o até à sua conclusão lógica. Todas as ideias, pensamentos e áreas de concentração ajudam a criar um universo dinâmico e em constante inter-relação, em que a ideia desempenha um papel tão importante e tangível quanto qualquer acontecimento físico.

A teoria de Seth sobre a Crucificação é um exemplo perfeito. Segundo ele, a Crucificação teve origem no "universo dos sonhos," ocorrendo dentro de outra realidade, e "emergiu na história como uma ideia." Seth não está a

dizer que a Crucificação foi apenas um "sonho" nascido de uma necessidade comum da humanidade, mas sim uma ideia que se atualizou noutro domínio de tempo e espaço, influenciou o nosso mundo temporal e transformou a nossa civilização. Trata-se, claro, de uma especulação interessante; mas pensemos um momento na facilidade com que aceitamos o simples ditado filosófico de que "uma ideia pode mudar o mundo." Há muitos exemplos: "Nem só de pão vive o homem," "Ama o próximo como a ti mesmo." Nas nossas vidas quotidianas, tentamos manifestar estas ideias na realidade, trazê-las do mundo abstrato para o mundo temporal da causa e efeito. Seth, na prática, inverte os papéis, sugerindo que a realidade pode também funcionar na outra direção: a ideia é realidade, que influencia profundamente o mundo temporal a todo o momento.

O problema consiste em alargar a nossa base de perceção e consciência, de modo que a consciência temporal possa manifestar-se neste mundo de ideias e possamos tomar consciência do impacto deste mundo de ideias sobre a nossa civilização e sobre as nossas vidas pessoais. Seth afirma que "o universo dos sonhos possui conceitos que um dia transformarão por completo a história do mundo físico, mas a negação desses conceitos como possibilidades atrasa a sua emergência." Kant, cuja filosofia assenta em grande parte no conceito de que a "mente impõe" realidade aos "dados sensoriais," provavelmente teria concordado com Seth em que os sentidos "criam o mundo material," em vez de apenas o percecionarem.

Nos comentários de Seth há também vislumbres de material tão instigante que mereceria muito mais atenção do que recebe. Seth menciona, por exemplo, a existência de figuras simbólicas que assumem formas identificáveis no inconsciente a fim de comunicar mais eficazmente. Trata-se de uma área de investigação desprovida de factos sólidos, mas rica em especulação e em relatos experienciais.

O grande psicanalista suíço Carl Jung assinalou a existência do que chamou figuras arquetípicas no inconsciente, que muitas vezes comunicam com a mente consciente através do disfarce simbólico de figuras míticas, religiosas ou históricas. (O próprio Jung passou anos a comunicar com Filémon, uma figura arquetípica do seu inconsciente.) Masters e Huston, após extensa investigação sobre os efeitos do LSD, classificaram a expansão da consciência induzida pela droga em quatro categorias; no terceiro nível, o simbólico,

relataram a manifestação consistente de pessoas históricas ou lendárias e uma abundância de símbolos míticos.

Filosoficamente, o material de Seth é dos melhores do seu género que alguma vez li. Um estudo comparativo do pensamento de Seth deverá revelar-se muito interessante. O seu material é suficientemente complexo para que nem sequer os limites deste extenso livro sejam adequados. É, portanto, impossível resumi-lo nesta breve introdução. Muitas questões me surgiram durante a leitura; muitas ficaram sem resposta; mas, a meu ver, isso não é mau.

Afinal, se formos estimulados mental, emocional ou espiritualmente a colocar questões, a pôr em causa as nossas atitudes padronizadas e a ir além dos limites dos nossos preconceitos em áreas de pensamento cada vez mais vastas, podemos alcançar muito. Creio que este é o maior valor da personalidade de Seth e das suas comunicações. Como ele próprio indicou, é um comunicador e um estimulador de pensamento — como poucos mestres temporais o são.

Ninguém pode saber para onde esta busca nos vai conduzir, mas de uma coisa podemos estar certos: os registos de comunicações em transe, como o material de Seth, são de valor inestimável, pois oferecem a rara oportunidade de mergulhar na mente subjetiva do homem. Este não é um benefício casual ou passageiro, mas uma visão das nascentes de um rio que é, ao mesmo tempo, misterioso, provocador e vitalmente importante para o bem-estar da humanidade. É nesta nascente que a inspiração bebe, que a intuição desperta a mente científica, que os sonhos dos poetas irrompem, e onde uma grande parte das nossas vidas, em termos de tempo e energia, é gasta.

Raymond Van Over
Nova Iorque, Nova Iorque

NDICE

Introdução por Raymond Van Over
Introdução da Autora
Conhecemos Seth
As Imagens de Iorque Beach — "Fragmento"
Personalidades
Seth Vem a uma Sessão — Um "Novo" Par de Dedos
A "Voz de Seth"
Uma Carta de um Psicólogo Assusta-me — A Reafirmação de Seth
Seth Conhece um Psicólogo
Episódios Fora-do-Corpo — Entro num Táxi Enquanto o Meu Corpo Fica em Casa
Um Ano de Testes — Seth "Olha Dentro" de Envelopes e Dá Algumas Aulas de Arte ao Rob
Um Psicólogo e Seth Falam Sobre a Existência — Outro Fora-do-Corpo
A Natureza da Realidade Física
Reencarnação
Mais Sobre Reencarnação — Após a Morte e Entre Vidas
Saúde
Sonhos — Um Pseudo-Demónio — Sonhos Terapêuticos
"Eus" Prováveis e Sistemas Prováveis de Realidade
A Personalidade Multidimensional
Um Seth "do Futuro" — Origem das Sessões
O Conceito de Deus — A Criação — Os Três Cristos
Os Sentidos Interiores — O Que São e Como Usá-los
Avaliações Pessoais — Quem ou O Que É Seth?
Apêndice

INTRODUÇÃO DA AUTORA

Era 29 de fevereiro de 1968. Eu estava a dar uma das aulas de ESP, que aconteciam duas vezes por semana. A grande janela da sala estava aberta, deixando entrar o ar notavelmente quente da noite. As luzes estavam acesas normalmente na minha sala de estar, onde as aulas decorriam. De repente senti que tínhamos uma visita. Como sempre, entrei em transe com facilidade, sem preâmbulo.

Esta turma era composta por raparigas universitárias. Tinham lido o meu primeiro livro, conheciam Seth e já tinham assistido a algumas aulas, mas nunca tinham presenciado uma sessão de Seth. Fechei os olhos. Quando os abri alguns instantes depois, estavam muito mais escuros. Comecei a falar por Seth. Ele atirara os meus óculos para o chão num gesto rápido e característico, mas agora eu escrutinava cada estudante com um olhar nítido e penetrante. A voz que falou era profunda, bastante alta, mais masculina do que feminina. Estávamos a ter uma sessão espontânea de Seth. Serviu para apresentar Seth às estudantes e deixarei que alguns excertos dessa sessão cumpram agora o mesmo propósito, apresentando Seth aos leitores que ainda não ouviram falar dele:

"De acordo com o que vos ensinaram, sois compostos de matéria física e não podeis escapar-lhe, e isso não é assim. A matéria física desintegrar-se-á, mas vós não. Embora não me possais encontrar, sabei que estou aqui. Os vossos próprios pais parecem desaparecer diante dos vossos olhos e sumir-se para sempre no nada. Posso assegurar-vos que continuarão a viver. Posso assegurar-vos que a morte é um novo começo e que, quando estais mortos, não sois silenciados. Pois será este voz que agora ouvis, silêncio? Será esta presença que sentis nesta sala, morte?

"Estou aqui para vos dizer que a vossa alegria não depende da vossa juventude, pois eu mal sou jovem. Estou aqui para vos dizer que a vossa alegria não depende do vosso corpo físico, pois, nos vossos termos, eu não tenho nenhum. Tenho o que sempre tive, a identidade que é minha. Nunca é diminuída. Cresce e desenvolve-se.

“Vós sois o que sois, e sereis mais. Não temais a mudança, pois vós sois mudança, e mudais enquanto estais sentados diante de mim. Toda a ação é mudança, caso contrário haveria um universo estático e então, de facto, a morte seria o fim. O que eu sou é também o que vós sois: consciência individualizada.

“Mudai com as estações, pois sois mais do que as estações. Vós formais as estações. Elas são reflexos do vosso clima psíquico interior. Vim com um propósito esta noite: para que pudésseis sentir a minha vitalidade e, sentindo-a, soubésseis que vos falo a partir de dimensões para além daquelas que conheceis. A sepultura não é o fim, pois alguém tão barulhento como eu jamais falou com os lábios da morte.

“Estou nesta sala, embora não haja objeto algum onde me possais colocar. Estais tão desencarnados quanto eu. Tendes um veículo a usar, um corpo que chamais vosso, e é tudo. Eu peço de empréstimo o do Ruburt [nome que Seth me dá; além disso, Seth fala sempre de mim no masculino] com o consentimento dele, mas aquilo que eu sou não depende de átomos e moléculas, e aquilo que vós sois não depende de matéria física. Já viveram antes e voltarão a viver, e quando tiverem terminado a existência física, continuarão a viver.

“Venho aqui como se surgisse através de um buraco no espaço e no tempo. Existem passagens no espaço e no tempo pelas quais podeis viajar, e nos sonhos estivestes onde eu estou. Quero que sintais a vossa própria vitalidade. Senti-a percorrer o universo e sabei que não depende da vossa imagem física. Na realidade, projetais a vossa própria energia para formar o mundo físico. Portanto, para mudardes o vosso mundo, é a vós mesmos que deveis mudar. Deveis mudar aquilo que projetais.

“Sempre fostes e sempre sereis. Este é o significado da existência e da alegria. O Deus que é, está dentro de vós, pois sois parte de tudo o que é.”

Seth falou através de mim por mais de duas horas, tão rapidamente que as alunas tiveram dificuldade em tomar notas. A sua alegria e vitalidade eram óbvias. A personalidade não era a minha. O humor seco e sardónico de Seth brilhava nos meus olhos. Os músculos do meu rosto rearranjaram-se em padrões diferentes.

Os meus gestos, normalmente femininos, foram substituídos pelos dele. Seth estava a divertir-se na figura de um velho, perspicaz, vivo, bem humano. Quando falou da alegria da existência, ressoando até através de uma voz como a sua, aquela voz profunda troou. Mais tarde, uma das estudantes, a Carol, disse-me que, embora soubesse que as palavras saíam da minha boca, sentia, ainda assim, que vinham de todo o lado, das próprias paredes.

Durante um intervalo, a Carol leu as notas que tinha tomado. De repente, sem transição, eu era novamente o Seth, inclinando-me para a frente, a brincar: "Se queres ser a minha estenógrafa, tens de fazer melhor do que isso. És uma escrevinhadora maluca."

Depois começou um período de perguntas e respostas em que o Seth corrigia as notas da Carol à medida que ela as lia, acrescentou várias observações para clarificar certas frases e trocou galhardetes com ela. As estudantes fizeram perguntas e o Seth respondeu-lhes.

Esta foi uma sessão muito simples. Era a primeira vez que Seth se dirigia às estudantes e, no entanto, tocou em várias questões que aparecem frequentemente no Material de Seth: a personalidade é multidimensional. O indivíduo é, basicamente, livre do espaço e do tempo. O destino de cada um de nós está nas nossas próprias mãos.

Problemas não enfrentados nesta vida serão enfrentados noutra. Não podemos culpar Deus, a sociedade ou os nossos pais pelas desventuras, já que, antes desta vida física, escolhemos as circunstâncias em que nasceríamos e os desafios que melhor promoveriam o nosso desenvolvimento. Formamos a matéria física com a mesma facilidade e ausência de esforço com que respiramos. Telepaticamente, todos estamos cientes das ideias coletivas a partir das quais formamos a nossa conceção global da realidade física.

Em dezembro de 1969, o meu marido, o Rob, e eu já tínhamos realizado mais de 500 sessões com o Seth, ao longo de cinco anos. O meu primeiro livro nesta área, How to Develop Your ESP Power, explicou brevemente as circunstâncias que me levaram a interessar-me pela ESP e as experiências que conduziram à minha apresentação ao Seth. Desde então, Seth demonstrou

capacidades telepáticas e clarividentes em ocasiões demasiado numerosas para mencionar. Através das sessões, ajudou amigos, desconhecidos e estudantes e, seguindo as suas instruções, o meu marido e eu estamos a aprender a desenvolver as nossas próprias potencialidades psíquicas.

Contudo, não nasci "médium" com um histórico de experiências paranormais. Nem o Rob nem eu tínhamos qualquer conhecimento dessas matérias. Mesmo depois do meu primeiro entusiasmo, não aceitei estes desenvolvimentos sem um sério questionamento de mim própria e uma análise intelectual. Quis manter as minhas experiências tão próximas do plano científico quanto possível.

"Sim", disse eu, no essencial. "Falo em transe por uma personalidade que afirma ter sobrevivido à morte. Sim, podem desenvolver as vossas próprias capacidades extrassensoriais. Sim, Seth insiste que a reencarnação é um facto. Mas… mas… mas." Achei as ideias apresentadas no Material de Seth fascinantes, mas não ia aceitá-las como o mesmo tipo de facto sólido com que aceitava, digamos, o bacon que como ao pequeno-almoço. Agora sei que são muito mais importantes.

Para mim, era equivalente a suicídio intelectual admitir sequer a possibilidade de que Seth fosse, de facto, uma personalidade que sobrevivera à morte. Em parte alguma do meu primeiro livro disse que pensava que Seth era exatamente aquilo que dizia ser: "uma essência de personalidade-energia já não focada na realidade física." Em vez disso, estudei as várias explicações para tais personalidades dadas por psicólogos e parapsicólogos, por um lado, e por espiritualistas, por outro. Não encontrei em lado nenhum uma explicação tão lógica e consistente quanto a apresentada no próprio Material de Seth.

Estava tão habituada a pensar em mim como uma criatura física, presa ao espaço e ao tempo, que quase recusei aceitar a evidência da minha própria experiência. Enquanto me envolvia no trabalho mais intuitivo do mundo, tentei tornar-me cada vez mais objetiva. Tentei recuar para um mundo que, na verdade, deixara para sempre — um universo em que nada existia exceto em termos físicos, um mundo em que comunicações de outras realidades ou dimensões eram impossíveis. Ainda assim, continuámos a ter sessões com o Seth duas vezes por semana.

Comecei a ter experiências fora-do-corpo (projeções astrais) enquanto me sentava na sala de estar a falar por Seth. Seth descrevia o que eu via enquanto a minha própria consciência estava a quilómetros de distância, a perceber locais e acontecimentos noutra cidade ou estado. Os nossos arquivos contêm declarações de dois irmãos na Califórnia, por exemplo, afirmando que Seth descreveu corretamente a sua casa e a vizinhança enquanto eu falava por ele em Elmira, Nova Iorque, a cerca de três mil milhas de distância. Dificilmente poderia negar esses factos.

Após a publicação do meu livro anterior, chegaram cartas de desconhecidos a pedir ajuda ou conselho. Acabei por concordar em fazer algumas sessões para os mais necessitados, embora a responsabilidade me assustasse. As pessoas em causa não assistiam às sessões, pois viviam noutras partes do país, mas diziam que o conselho as ajudava; as informações dadas sobre os percursos individuais estavam corretas. Seth frequentemente explicava problemas como resultado de tensões não resolvidas em vidas reencarnacionais passadas e dava conselhos específicos sobre como os indivíduos poderiam usar agora as suas capacidades para enfrentar esses desafios.

Antes disto, suspeitava que os dados reencarnacionais fossem um prato delicioso de fantasia cozinhado pelo meu próprio subconsciente. Quando tudo isto começou, na verdade, eu não tinha a certeza de que sobrevivêssemos à morte uma vez, quanto mais repetidamente.

O Rob e eu dificilmente éramos religiosos nos termos convencionais. Não vamos a uma igreja há anos, exceto para casamentos ou funerais. Fui criada católica, mas, à medida que cresci, achei cada vez mais difícil aceitar o Deus dos meus antepassados. A ironia sussurrava que Ele estava tão morto quanto eles. O céu que me sustentara em criança pareceu-me, na adolescência, uma paródia superficial de uma existência com sentido. Quem queria ficar por aí a cantar hinos a um Deus-pai, mesmo que Ele existisse, e que género de Deus inteligente exigiria tal adoração constante? Um Deus muito inseguro, dolorosamente humano, na verdade.

A alternativa, a do fogo do inferno, era igualmente inacreditável. No entanto, o Deus convencional dos nossos pais aparentemente sentava-se, sem um

tremor, com os bem-aventurados no céu, enquanto o diabo torturava o resto dos mortos azarados. Esse Deus, decidi, estava fora de questão. Não o toleraria como amigo. Aliás, também não tratou muito bem o seu filho, segundo a história. Mas Cristo, esse, pelo menos, podia respeitar-se, pensei. Ele estivera aqui; sabia como era.

Antes dos vinte anos, então, tinha deixado para trás esse Deus arcaico, a Virgem e a comunhão dos santos. Céu e inferno, anjos e demónios, foram descartados. Este grupo particular de químicos e átomos a que chamei "eu" não cairia em tais armadilhas — pelo menos em nenhuma que eu reconhecesse.

O percurso do Rob foi diferente. A religião dos seus pais era uma espécie de protestantismo social, bastante agradavelmente inocente de dogma. Em geral, Deus amava meninos e meninas com camisas engomadas, moradas aceitáveis, sapatos engraxados e pais que ganhavam bom dinheiro — ajudava também se as mães faziam bolachas para a associação de pais e professores. Nenhum de nós era amargo com as aparentes injustiças de tal Deus — não Lhe dávamos assim tanta atenção. Eu tinha a minha poesia; o Rob, que é artista, tinha a sua pintura. Cada um de nós sentia um forte sentido de contacto com a natureza. Ninguém ficou mais surpreendido do que eu quando, de forma bastante abrupta, me vi a falar por alguém que supostamente sobrevivera à morte.

Por vezes ralhei comigo própria, pensando que até a minha avó irlandesa teria achado espíritos na sala de estar algo difícil de engolir — e eu costumava achá-la supersticiosa! Uma alma sobrevivente parecia fazer parte do mesmo pacote de disparates dos adultos de que pensei ter escapado graças a uma educação universitária, a uma mente rápida e a uma boa dose de rebeldia nativa. Demorei a descobrir que estava a ser tão preconceituosa contra a ideia da sobrevivência quanto outros o eram a favor.

Agora percebo que, enquanto me orgulhava da minha mente aberta, a minha flexibilidade mental estendia-se apenas a ideias que encaixavam nas minhas próprias pré-conceções. Agora sei que a personalidade humana tem uma realidade muito maior do que estamos usualmente dispostos a reconhecer. Alguém produziu mais de cinquenta cadernos de material fascinante e, mesmo nos meus momentos mais céticos, tenho de aceitar a realidade das

sessões e do material. O alcance, a qualidade e as teorias do material "apanharam-nos" quase de imediato.

Rob e eu estamos ambos convencidos de que o Material de Seth brota de fontes para além de mim própria e de que é muito menos deturpado por simbolismo pronto-a-usar e convencionalizado do que outros escritos paranormais que encontrámos. Seth diz que este material foi dado por ele e por outros noutros tempos e lugares, mas que é novamente oferecido, de maneiras novas, a cada geração ao longo dos séculos. O leitor terá de formular os seus próprios juízos, mas eu, pessoalmente, aceito as suas teorias como válidas e significativas.

Além disso, o enigma de personalidades como Seth — chamem-lhe "possessão espiritual", um "daimon" (como fazia Sócrates) — tem preocupado a humanidade ao longo dos tempos. O fenómeno está longe de ser novo. Ao contar a minha própria história e apresentar o material, espero lançar alguma luz sobre a natureza de tais experiências e mostrar que a personalidade humana tem capacidades por explorar e outras vias de receber conhecimento para além daquelas que costuma empregar.

O Material de Seth mudou completamente as minhas ideias sobre a natureza da realidade e reforçou o meu sentido de identidade. Já não sinto, como antes, que o homem é escravo do tempo, da doença, da decadência, e à mercê de tendências destrutivas inatas sobre as quais não tem controlo.

Sinto-me no controlo do meu próprio destino como nunca antes, e já não regida por padrões definidos subconscientemente durante a infância.

Não pretendo insinuar que me sinta totalmente liberta de todas as preocupações e medos, apenas que agora sei que temos, de facto, a liberdade de mudar a nós mesmos e ao nosso ambiente e que, de um modo muito básico, somos nós que formamos o ambiente ao qual depois reagimos. Acredito que formamos a nossa própria realidade — agora e após a morte.

O objetivo deste livro é apresentar-vos Seth e o Material de Seth. Embora Seth só tenha aparecido uma vez numa materialização física, o Rob viu-o com nitidez suficiente para pintar um retrato que está pendurado na nossa sala de estar (ver a secção ilustrada). Por meu intermédio, Seth produziu um

manuscrito contínuo que ultrapassa largamente as cinco mil páginas datilografadas a duplo espaçamento, em menos de cinco anos. Conheço muitas pessoas "vivas" que não produziram tanto numa vida inteira. E, no entanto, o meu próprio trabalho continua: desde que as sessões começaram, escrevi dois livros de não-ficção (sem contar este), dois de poesia e uma dúzia de contos. Certamente que Seth não me "roubou" energia criativa para fins próprios.

Os primeiros capítulos deste livro tratarão do surgimento da personalidade de Seth e do impacto que teve nas nossas vidas quando tentávamos compreender o que estava a acontecer. Do nada, ao que parecia, vi-me a ter experiências que considerava quase impossíveis. Nunca, nas nossas vidas, nos vimos tão divididos entre a curiosidade e a prudência, tão fascinados e perplexos.

Excertos de algumas das primeiras sessões serão também incluídos nos primeiros capítulos, já que as ideias de Seth eram então tão novas e estranhas para nós quanto as próprias sessões. Mas a ênfase principal recairá na história em si, desde a primeira experiência com a tábua Ouija até ao primeiro momento em que eu, para espanto do Rob e meu, falei por Seth; e nas mudanças das nossas atitudes à medida que novos desenvolvimentos ocorriam. Incluirei também exemplos das capacidades clarividentes de Seth.

A maior parte do livro tratará das ideias de Seth sobre vários temas, como a vida após a morte, reencarnação, saúde, a natureza da realidade física, o conceito de Deus, os sonhos, o tempo, a identidade e a perceção. Estou certa de que estes excertos do material em si e algumas leituras reencarnacionais de exemplo darão à maioria dos leitores uma compreensão mais profunda das suas próprias personalidades e das situações em que se encontram.

Espero que as teorias de Seth sobre a saúde beneficiem todos os meus leitores e que o material sobre a personalidade ajude cada um a descobrir por si a realidade multidimensional que é o seu património. Serão consideradas as implicações filosóficas e psicológicas da mediunidade e dos fenómenos de ESP e as possíveis origens do Material de Seth, juntamente com várias questões relativas à realidade independente de Seth. Darei também os conselhos de Seth quanto ao desenvolvimento de capacidades psíquicas.

Alguém familiarizado com literatura psíquica e experiências paranormais estaria mais bem preparado para estes acontecimentos do que eu estava, mas não os trocaria por nada deste mundo.

CAPÍTULO UM
CONHECEMOS SETH

As circunstâncias que conduziram às sessões de Seth ainda hoje me surpreendem. Não andava ao sabor do vento, à procura de um sentido de propósito, por exemplo. O meu primeiro romance acabara de ser publicado em edição de bolso, e todas as minhas energias estavam canalizadas para me tornar uma boa romancista e poetisa. Considerava a não-ficção um campo para jornalistas, não para escritores criativos. Achava que a minha vida e o meu trabalho estavam planeados, o meu rumo traçado. E, no entanto, aqui estou eu, a escrever o meu terceiro livro de não-ficção.

O ano de 1963, porém, fora fraco para nós. O Rob tinha graves problemas de costas e mal se sentia com forças para pintar quando chegava a casa do trabalho. Eu tinha dificuldades em assentar numa nova ideia de livro. O nosso velho cão de estimação, o Mischa, morrera. Talvez estas circunstâncias me tenham tornado mais consciente do que o habitual da nossa vulnerabilidade humana, mas, decerto, muitas pessoas tiveram anos difíceis sem que daí resultasse o surgimento de fenómenos psíquicos. Talvez, sem o saber, eu tivesse chegado a uma crise e as minhas capacidades psíquicas despertassem por necessidade interior.

Certo é que tais assuntos estavam bem longe da minha mente. Que eu soubesse, nunca tivera uma experiência psíquica na vida, e não conhecia ninguém que tivesse. Nada no meu percurso me preparou para a noite assombrosa de 9 de setembro de 1963, e, no entanto, foi esse acontecimento, estou certa, que deu início às sessões e à minha apresentação a Seth.

Era uma adorável noite de outono. Depois do jantar, sentei-me à minha mesa na sala de estar, como sempre fazia, para trabalhar a minha poesia. O Rob estava a pintar no estúdio, três divisões mais ao fundo. Tirei a caneta e o papel e acomodei-me com o meu nono ou décimo café do dia e os meus cigarros. O Willie, o nosso gato, dormitou no tapete azul. O que aconteceu a

seguir foi como uma "viagem" sem drogas. Se alguém me tivesse escorregado um cubo de LSD à socapa, a experiência não teria sido mais bizarra.

Entre um minuto normal e o seguinte, uma fantástica avalanche de ideias radicais e novas irrompeu na minha cabeça com tremenda força, como se o meu crânio fosse uma espécie de estação recetora, regulada para um volume insuportável. Não foram só ideias que passaram por esse canal, mas sensações, intensificadas e pulsantes. Eu estava sintonizada, ligada — chamem-lhe o que quiserem — a alguma fonte incrível de energia. Nem sequer tive tempo de chamar o Rob.

Era como se o mundo físico fosse, na verdade, fino como papel de seda, escondendo dimensões infinitas de realidade, e de repente eu fosse arremessada através desse papel de seda com um enorme som de rasgão. O meu corpo ficou sentado à mesa, as minhas mãos a rabiscar furiosamente as palavras e ideias que me atravessavam a cabeça. E, no entanto, eu parecia estar noutro lugar, ao mesmo tempo, a viajar através das coisas. Caí em queda livre através de uma folha, para descobrir um universo inteiro a abrir-se; e depois saí de novo, arrastada para novas perspetivas.

Senti como se o conhecimento estivesse a ser implantado nas próprias células do meu corpo de modo a que eu não o pudesse esquecer — um saber visceral, uma espiritualidade biológica. Era sentir e saber, mais do que conhecimento intelectual. Ao mesmo tempo, lembrei-me de ter tido um sonho na noite anterior, que esquecera, em que esse mesmo tipo de experiência ocorrera. E soube que os dois estavam ligados.

Quando voltei a mim, dei por mim a escrever o que era obviamente o título daquele estranho molho de notas: O Universo Físico como Construção de Ideias. Mais tarde, o Material de Seth desenvolveria essas ideias, mas eu então não o sabia. Numa das primeiras sessões, Seth disse que aquela fora a sua primeira tentativa de contacto comigo. Só sei que, se eu tivesse começado a falar por Seth naquela noite, teria ficado apavorada.

Como foi, não sabia o que acontecera, mas, mesmo assim, senti que a minha vida mudara de repente. A palavra "revelação" veio-me à mente e tentei afastá-la, mas a palavra era adequada. Eu é que temia o termo, com as suas

implicações místicas. Estava familiarizada com a inspiração no meu próprio trabalho, mas isto era tão diferente da inspiração comum como um pássaro o é de uma minhoca!

As ideias que "recebi" eram igualmente desconcertantes. Viraram do avesso todas as minhas conceções de realidade. Naquela manhã, e em cada manhã até então, eu tivera a certeza de uma coisa: podia confiar na realidade física. Podia não gostar dela por vezes, mas podia depender dela. Podias mudar as tuas ideias sobre ela, se quisesses, mas isso de modo algum mudaria o que a realidade era. Agora nunca mais poderia sentir-me assim.

Durante aquela experiência, soube que éramos nós que formávamos a matéria física, não o contrário; que os nossos sentidos nos mostravam apenas uma realidade tridimensional dentre um número infinito que normalmente não podíamos percecionar; que podíamos confiar nos sentidos apenas até certo ponto e apenas enquanto não lhes fizéssemos perguntas que extravasassem o seu âmbito limitado de conhecimento.

Mais ainda: eu simplesmente não sabia, por exemplo, que tudo tinha a sua própria consciência. De repente, senti a vitalidade fantástica presente até nas coisas que antes considerara inanimadas. Havia um prego espetado no parapeito da janela e eu experienciei, ainda que muito brevemente, a consciência dos átomos e moléculas que o compunham.

Apesar de todas as minhas ideias prévias e do bom senso, soube que o tempo não era uma série de momentos um antes do outro, cada um como uma mola de roupa presa num estendal, mas que toda a experiência existia num certo tipo de agora eterno. Tudo isto foi escrito à pressa — e ainda conservo esse manuscrito. Mesmo agora ele enche-me daquele sentido de descoberta e revelação:

Eis algumas citações desse manuscrito:
"Somos porções individualizadas de energia, materializadas dentro da existência física, para aprender a formar ideias a partir da energia e torná-las físicas (isto é a construção de ideias). Projetamos ideias num objeto para que possamos lidar com ele. Mas o objeto é o pensamento materializado. Esta representação física da ideia permite-nos aprender a diferença entre o 'eu' que pensa e o pensamento. A construção de ideias ensina o 'eu' sobre o que

ele é, mostrando-lhe os seus próprios produtos de forma física. Aprendemos, por outras palavras, observando as nossas próprias criações. Aprendemos o poder e os efeitos das ideias ao transformá-las em realidades físicas; e aprendemos responsabilidade no uso da energia criativa."

A entidade é o eu básico, imortal, não físico. Comunica-se a nível energético com outras entidades e tem ao seu dispor uma reserva praticamente inesgotável de energia. O indivíduo é a porção do eu total que conseguimos exprimir fisicamente.

O olho projeta e foca a imagem interior (ideia) no mundo físico da mesma forma que uma câmara de cinema transfere uma imagem para um ecrã. A boca cria palavras. Os ouvidos criam som. A dificuldade em compreender este princípio deve-se ao facto de termos dado por adquirido que a imagem e o som já existem para que os sentidos os interpretem. Na realidade, os sentidos são os canais de criação pelos quais a ideia é projetada em expressão material.

A ideia fundamental é que os sentidos se desenvolvem não para permitir a perceção de um mundo material já existente, mas para o criar...

Essas ideias foram apenas uma pedra de toque para o que viria mais tarde. O manuscrito acabou por consistir em cerca de cem páginas, incluindo novas definições de termos antigos. Por exemplo: "O subconsciente é o limiar da emergência da ideia na mente consciente individual. Liga a entidade ao indivíduo. O corpo físico é a construção material da ideia que a entidade tem de si própria sob as propriedades da matéria. Instinto é a capacidade mínima de construção de ideia necessária para a sobrevivência física... O presente é o ponto aparente da emergência de qualquer ideia em matéria física."

Penso que esta experiência e o manuscrito foram extensões dos processos criativos subconscientes que estão por trás de cada ato criativo: uma criatividade normal que, de repente, "se ligou" ou se intensificou até um grau quase inacreditável. Nessa noite gerou-se energia suficiente para mudar a direção da minha vida e da do meu marido. Por esta razão, acredito que tais experiências são de máxima importância psicológica. Tenho a certeza de que o episódio desencadeou o aparecimento das minhas próprias capacidades "psíquicas", até então insuspeitadas, e funcionou como gatilho para a produção do Material de Seth.

Aparentemente, eu tinha chegado a um ponto em que essas capacidades estavam prontas a manifestar-se, e assim aconteceu. Devido à minha formação inicial como escritora, emergiram através das palavras, em vez de, por exemplo, visões, e numa experiência que não me assustasse demasiado.

Gostaria também de referir aqui que acredito que a capacidade psíquica é um desdobramento ou extensão das capacidades criativas, inerentes a cada um de nós, e, portanto, normais e não supranormais. Como verão mais tarde, porém, penso que essas capacidades são atributos de outra parte das nossas personalidades com a qual estamos relativamente pouco familiarizados. Penso, então, que as capacidades criativas normais, intensificadas, sintonizam-nos com outras dimensões da realidade.

Após este episódio, até as minhas experiências subjetivas comuns começaram a mudar. Pouco depois, comecei a recordar os meus sonhos — de repente, e sem motivo aparente. Foi como descobrir uma segunda vida. Não só isso, como nos dois meses seguintes tive dois sonhos premonitórios vívidos, os primeiros, que eu soubesse, que alguma vez tivera.

A nossa curiosidade foi despertada, no mínimo. Numa banca de jornais vimos um livro sobre ESP. As palavras "Sonhos Clarividentes" saltaram da capa e comprámo-lo. Por esta altura, eu também procurava uma nova ideia para um livro, e o Rob fez a sugestão que nos levaria cada vez mais para longe do modo de vida que sempre conhecêramos.

O livro de bolso que acabáramos de comprar estava na mesa de centro entre nós enquanto conversávamos. "Tenho planos para três romances, e nenhum deles me agrada realmente", disse eu.

O Rob pegou no livro e disse, em tom de brincadeira: "Porque não fazes um livro de ESP do tipo faça-você-mesmo?"
"Querido, enlouqueceste. Eu não sei nada sobre ESP, é por isso que não. Além disso, isso é não-ficção. Nunca fiz nada a não ser ficção e poesia na vida."

"Eu sei", disse o Rob. "Mas tens interesse em sonhos, sobretudo depois daqueles dois em particular que tiveste. E como chamas àquela experiência que tiveste no mês passado? Além disso, os livros que vimos só tratavam de médiuns conhecidos. Mas e as pessoas comuns? E se toda a gente tiver essas capacidades?" Fiquei a olhar para ele. Estava bastante sério. "Não poderias

elaborar uma série de experiências e testá-las? Usar-te a ti própria como cobaia."

Posto assim, a ideia do Rob fazia sentido. Eu podia investigar um tema que agora me intrigava e, ao mesmo tempo, escrever um livro.

No dia seguinte comecei. Em menos de uma semana tinha desenvolvido um conjunto de experiências destinadas a descobrir se uma pessoa comum poderia ou não desenvolver capacidades extrassensoriais. Fiz um esboço para o livro e enviei-o ao meu editor, mas sem grandes esperanças. Para minha surpresa, respondeu rapidamente e estava bastante entusiasmado. O que queria eram três ou quatro capítulos de amostra. O Rob e eu ficámos encantados, mas também um pouco apreensivos, quando olhámos para os títulos de capítulos que eu tinha listado para o livro: "Uma sessão espírita faça-você-mesmo", "Telepatia, facto ou ficção?", "Como usar a tábua Ouija". "Bem, toca a trabalhar", disse o Rob, a rir.

"As tuas sugestões..." retorqui. Por esta altura já começava a ter sérias dúvidas. Nunca tínhamos ido a um médium. Nunca tínhamos tido uma experiência telepática nas nossas vidas, nem sequer visto uma tábua Ouija. Por outro lado, pensei, o que tinha eu a perder? (Só muito mais tarde me lembrei de que outra sugestão do Rob tinha sido o que me lançara na ficção, em primeiro lugar.)

Assim começámos. Decidimos experimentar primeiro a tábua Ouija, porque parecia a menos complicada das nossas várias experiências. A senhoria encontrou uma no sótão e nós pedimo-la emprestada. Na realidade, ambos estávamos um pouco envergonhados nas primeiras tentativas. A minha atitude era: "Bem, despachemos isto para podermos passar ao que realmente nos interessa, como a telepatia e a clarividência." Não admira que as primeiras tentativas tenham sido um fracasso.

À terceira vez, o pequeno ponteiro começou finalmente a mover-se sob as nossas pontas dos dedos. Deletou mensagens supostamente vindas de um Frank Withers (não o nome verdadeiro), que vivera em Elmira e morrera durante a década de 1940.

Seguem alguns exemplos. O Rob fazia as perguntas. O ponteiro deletava as respostas.
"Podes dar-nos o ano da tua morte?"
1942

“Conheceste algum de nós?”
NÃO
“Foste casado?”
SIM
“A tua esposa está viva ou morta?”
MORTA
“Qual era o seu primeiro nome?”
URSULA
“Qual era o apelido dela?”
ALTERI
“Qual era a tua nacionalidade?”
INGLESA
“E a dela?”
ITALIANA
“Em que ano nasceste?”
1885

Ficámos surpreendidos por a tábua ter funcionado connosco. Achei hilariante, dois adultos a ver o ponteiro a correr pelo tabuleiro, e não levámos aquilo demasiado a sério. Até porque, evidentemente, nenhum de nós acreditava particularmente na vida após a morte — muito menos numa vida consciente, capaz de comunicar. Mais tarde, viemos a saber que um homem com o mesmo nome era conhecido por ter vivido em Elmira e morrido na década de 1940 — isso deixou-me um pouco abalada. Mas estávamos muito mais interessados em descobrir o que fazia o ponteiro mover-se do que nas mensagens em si.

Da vez seguinte, alguns dias depois, Frank Withers disse que tinha sido soldado na Turquia numa vida, e insistiu (através da tábua) que conhecera o Rob e a mim numa cidade chamada Triev, na Dinamarca, noutra vida ainda. Foram dadas datas e localizações, embora se deixasse claro que Triev já não existe.

Então, a 8 de dezembro de 1963, voltámos a sentar-nos à tábua, a perguntar-nos se funcionaria ou não. A sala estava confortável e quente. A neve caía do lado de fora das janelas. De repente, o ponteiro começou a mover-se tão depressa que mal conseguíamos acompanhá-lo.

O Rob fazia as perguntas e depois parava para anotar as respostas que o ponteiro deletava. Nas sessões anteriores, Frank Withers tinha dado

respostas simples de uma ou duas palavras. Agora, as respostas tornaram-se mais longas e o seu caráter parecia ter mudado. A atmosfera da sala era de algum modo diferente.

"Tens uma mensagem para nós?", perguntou o Rob.

A CONSCIÊNCIA É COMO UMA FLOR COM MUITAS PÉTALAS, respondeu o ponteiro.

Desde as primeiras mensagens, Frank Withers insistira na validade da reencarnação, por isso o Rob disse: "O que pensas das tuas várias reencarnações?"

SÃO O QUE EU SOU, MAS SEREI MAIS. TROCADILHO: O TODO É A SOMA DOS SEUS CORAÇÕES.

Foi a primeira vez que o ponteiro deletou frases completas. Ri-me.
"Isto é tudo o subconsciente da Jane a falar?", perguntou o Rob.

O SUBCONSCIENTE É UM CORREDOR. QUE IMPORTA QUAL A PORTA POR ONDE VIAJAS?

"Talvez seja o teu subconsciente", disse eu ao Rob, mas ele já estava a fazer outra pergunta:

"Frank Withers, podemos voltar a consultar-te sobre qualquer questão específica no futuro?"

SIM, PREFIRO NÃO SER CHAMADO FRANK WITHERS. ESSA PERSONALIDADE ERA BASTANTE PÁLIDA.

O Rob e eu encolhemos os ombros um para o outro: aquilo era mesmo estranho, e o ponteiro cada vez mais rápido. O Rob esperou um instante e depois perguntou: "Como preferes então que te chamemos?"

Agora o Withers estava a ficar religioso! Revirei os olhos e fingi olhar pela janela.

"Mas precisamos de algum nome para falar contigo", disse o Rob.

PODEM CHAMAR-ME O QUE QUISEREM. EU CHAMO-ME A MIM PRÓPRIO SETH. AJUSTA-SE AO EU DO EU, À PERSONALIDADE QUE MAIS CLARAMENTE SE APROXIMA DO EU TOTAL QUE SOU, OU QUE ESTOU A TENTAR SER. JOSÉ É O TEU EU TOTAL, MAIS OU MENOS, A IMAGEM DA SOMA DAS TUAS VÁRIAS PERSONALIDADES DO PASSADO E DO FUTURO.

Tudo isto foi deletado tão rapidamente que mal conseguíamos manter as mãos no ponteiro. Apesar de mim mesma, inclinei-me mais perto. A parte de trás do meu pescoço arrepanhou-se. O que se passava?

"Podes dizer-nos mais?", perguntou o Rob. "Se me chamas José, como chamas à Jane?"

RUBURT

Olhámos um para o outro de novo. Fiz uma careta. "Podes esclarecer isso um pouco?", disse o Rob.

O QUE HÁ PARA ESCLARECER?, respondeu o ponteiro.
"Bem, parece-nos um nome estranho. E acho que a Jane também não gosta."

ESTRANHO PARA O ESTRANHO.

Houve uma pausa. Não sabíamos o que perguntar ou como prosseguir. Finalmente o Rob disse: "Podes dizer-me porque tive tantos problemas de costas no início deste ano?"

VÉRTEBRA 1 NÃO CANALIZAVA A FORÇA VITAL ATRAVÉS DO ORGANISMO. CONTIDA PELOS MEDOS, PINÇAVA NERVOS. EXPANSÃO DO ESPÍRITO PERMITE AO ORGANISMO FÍSICO EXPANDIR-SE, LIBERTA PRESSÕES.

Estes são apenas alguns excertos dessa primeira sessão com Seth. (Algumas semanas depois, no entanto, o Rob voltou a ter problemas de costas e foi a um quiroprático, que lhe disse que a primeira vértebra estava desalinhada.) A sessão durou até depois da meia-noite e, depois disso, ficámos a conversar sobre o sucedido.

"Talvez ele seja parte dos nossos dois subconscientes de uma forma que não compreendemos", disse eu.

"Talvez", disse o Rob, e depois acrescentou com um sorriso trocista: "Talvez ele seja mesmo alguém que sobreviveu à morte."

"Ó querido", disse eu, bastante enojada. "Além disso, que propósito teria? Se existem espíritos, devem ter coisas melhores a fazer do que andar por aí a mover tábuas Ouija."

"O que disseste, Ruburt?", perguntou o Rob. Podia tê-lo coroado.

O Seth tinha, sim, um propósito: transmitir o material que nos tem dado duas vezes por semana, agora, pontualmente, há já cinco anos. Mas nós não

sabíamos disso então. Embora esta já fosse a nossa quarta sessão com a tábua, foi na verdade a nossa primeira sessão com o Seth.

As duas seguintes foram muito semelhantes, exceto por um elemento desconcertante: comecei a antecipar as respostas da tábua. Isto incomodava-me enormemente, e fiquei inquieta. Na sessão seguinte — a nossa quarta com o Seth — ouvi as palavras na minha cabeça a um ritmo cada vez mais rápido, e não apenas frases, mas parágrafos inteiros antes de serem deletados.

A sessão seguinte começou como as outras. Eu trabalhava de tarde numa galeria de arte e, depois de lavar a loiça e de o Rob terminar de pintar por esse dia, tirávamos a tábua.

"Porque é que a Jane está algo reservada em relação aos nossos contactos contigo?", perguntou o Rob, quando já estávamos prontos. "Percebo que ela não está muito entusiasmada."

ELA ESTÁ PREOCUPADA PORQUE RECEBE AS MINHAS MENSAGENS ANTES DE SEREM DELETADAS. ISSO TORNAR-TE-IA CAUTELOSO TAMBÉM.

"Mas porque é que isso é motivo de preocupação?", perguntou o Rob, com, pensei na altura, uma inocência maravilhosamente fingida.
É MAIS DESCONCERTANTE.

"Porquê?", insistiu o Rob.

UMA TÁBUA É NEUTRA. MENSAGENS NA MENTE NÃO O SÃO.

Entretanto, tínhamos contado a um amigo nosso, o Bill Macdonell, o que estávamos a fazer. O Bill, por sua vez, contou-nos sobre uma aparição que tinha visto alguns anos antes, quando era estudante de arte. Nunca tinha mencionado tal coisa. Agora o Rob perguntou o que o Bill tinha visto.

UM FRAGMENTO DA SUA PRÓPRIA ENTIDADE, UMA PERSONALIDADE PASSADA A RECUPERAR MOMENTÂNEA INDEPENDÊNCIA NO PLANO VISUAL. POR VEZES OCORRE UMA FALHA DESTE TIPO.

"A imagem estava consciente da presença do Bill?"

Mal ouvi o Rob fazer a pergunta. Durante toda a sessão tinha ouvido as palavras na minha cabeça antes de serem deletadas e sentira o impulso de as dizer. Agora o impulso tornou-se mais forte e eu mais determinada a resistir.

Mas estava terrivelmente curiosa. E o que poderia acontecer, afinal? Não sabia — e isso deixava-me ainda mais curiosa.

O ponteiro começou a deletar a resposta à pergunta do Rob.

DE CERTA FORMA SUBMERSA, TODOS OS FRAGMENTOS DE UMA PERSONALIDADE EXISTEM DENTRO DE UMA ENTIDADE, COM A SUA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL.

O ponteiro parou. Senti-me como se estivesse em pé, a tremer, no alto de um trampolim, a tentar obrigar-me a saltar enquanto toda uma multidão esperava impacientemente atrás de mim. Na verdade, eram as palavras que me empurravam — pareciam atravessar a minha mente em turbilhão. De uma forma estranha, parecia que se iam acumular, pilhas de substantivos e verbos na minha cabeça até bloquearem tudo o resto se eu não as dissesse. E, sem saber exatamente como ou porquê, abri a boca e deixei-as sair. Pela primeira vez comecei a falar pelo Seth, continuando as frases que a tábua acabara de deletar.

"Quando o Bill viu a imagem e reconheceu a sua presença, o fragmento em si pareceu ter um sonho. A entidade opera os seus fragmentos de uma forma que chamariam subconsciente, isto é, sem direção consciente. A entidade dá vida independente ao fragmento e depois, mais ou menos, esquece-o. Quando ocorre uma falha momentânea de controlo, ambos se encontram frente a frente. É tão impossível para a entidade controlar personalidades-fragmento como para a mente consciente controlar os batimentos cardíacos do corpo."

De repente, as palavras pararam. Fitei o Rob.

"Conseguiste ouvir-te?", perguntou ele.

Assenti, confusa. "Vagamente, como se um programa de rádio estivesse a passar na minha cabeça, vindo de outra estação." Hesitei e voltei a pôr as mãos no ponteiro, a pensar que já tinha tido o suficiente daquela fala — ou do que quer que fosse aquilo — para uma noite.

"Seth, confirmas a receção da Jane da mensagem anterior?", perguntou o Rob.

SIM. DEVE FAZÊ-LA SENTIR-SE MELHOR.

Relaxe um pouco; o ponteiro retomava as mensagens. Mas o Rob fez outra pergunta.

“Então é possível andar na rua e encontrar um fragmento de si próprio?”
O ponteiro começou a resposta.

CLARO. VOU TENTAR ARRANJAR UMA BOA ANALOGIA PARA ESCLARECER. ATÉ OS PENSAMENTOS, POR EXEMPLO, SÃO FRAGMENTOS, EMBORA NUM PLANO DIFERENTE.

Mais uma vez as palavras aceleravam pela minha mente enquanto o pequeno ponteiro as deletava lentamente, metodicamente. Lembro-me de uma impaciência tremenda e, então, acabei a mensagem em voz alta: “Têm de ser traduzidos em realidade física. Fragmentos de outro tipo, chamados fragmentos de personalidade, funcionam de forma independente, embora sob os auspícios da entidade.”

Mais uma vez as palavras pararam abruptamente. Desta vez estava determinada a não deixar que voltasse a acontecer até ter tempo de refletir, e disse isso ao Rob. Ainda assim, concordámos em confirmar com a tábua.
“A resposta da Jane estava certa, Seth?”, perguntou o Rob.

SIM, respondeu o ponteiro. ANIMA-A NÃO TER DE ESPERAR QUE A TÁBUA DELETE AS RESPOSTAS.

“Ainda bem que alguém acha isso”, disse eu ao Rob, mas agora que as coisas estavam novamente seguras na tábua, a curiosidade voltou a apertar-me. Pedi ao Rob que perguntasse se um de nós poderia, sozinho, manipular o ponteiro, e a tábua sugeriu que tentássemos. O Rob colocou as mãos no ponteiro e fez uma pergunta, mas ele mal se mexeu.

Depois pusemos novamente as mãos ambos. “O que pensaste disso, Seth?”, perguntou o Rob.

NADA DE ESPECIAL. QUAISQUER CONTACTOS DA VOSSA PARTE PROVAVELMENTE INCLUIRÃO DADOS VISUAIS INTERNOS. A JANE PROVAVELMENTE CONSEGUIRÁ RECEBER-ME DIRETAMENTE. EM QUALQUER DOS CASOS, O CONTACTO NÃO É POSSÍVEL EM TODOS OS MOMENTOS. PARA VOCÊS SERIA MAIS EMBARAÇOSO DO QUE PARA MIM.

“Hmm”, disse o Rob. Rimo-nos e finalmente encerrámos a sessão.

Não sei o que o Rob teria pensado na altura se tivesse percebido o que o Seth queria dizer com “dados visuais internos”; e, ao escrever isto agora, lembro-me de como ele ficou surpreendido quando as suas primeiras visões internas surgiram com uma vividez extraordinária. Descreverei isto mais adiante.

Nessa noite, naturalmente, estávamos sobretudo preocupados com a minha experiência de falar. Se eu soubesse como isso iria expandir-se na sessão seguinte, provavelmente teria ficado um farrapo de nervos.

Na verdade, o mês seguinte esperava-nos com experiências tão surpreendentes que quase pusemos fim a tudo. Ainda assim, sentíamo-nos leves e animados. Se havia mais neste mundo e nesta realidade do que suspeitávamos, certamente queríamos descobrir. E ainda continuamos a descobrir, pois novos elementos continuam a surgir nas sessões até hoje. O Material de Seth prossegue, e continuamos a ter inúmeras perguntas por responder.

Assim, a 8 de dezembro, o Seth apresentou-se. A 15 falei por ele pela primeira vez. Pouco depois, liberto completamente da tábua, a sua personalidade começou a exprimir-se com muito maior liberdade. O processo é fascinante de observar. Por esta razão, dedicarei algum espaço às primeiras sessões, para que possam conhecer o material tal como o Seth o deu e vê-lo emergir como personalidade por direito próprio.

CAPÍTULO DOIS
AS IMAGENS DE IORQUE BEACH
PERSONALIDADES "FRAGMENTO"

Eu estava bastante nervosa antes da sessão seguinte. Tivera um dia particularmente difícil na galeria, e o Rob também estava cansado. No entanto, ele despertou depressa, pois eu iria falar pelo Seth durante mais de duas horas. Esta sessão foi surpreendente por outra razão também — a informação em si era tão surpreendente quanto a forma como a transmitia.

Quase de imediato ouvi as palavras na minha cabeça, como antes, mas insisti em começar com a tábua. O ponteiro mexeu-se antes de qualquer um de nós dizer uma palavra.

SIM. BOA NOITE.

O Rob bocejou, e o ponteiro deletou: ESPERO QUE NÃO SEJA POR CAUSA DA COMPANHIA.

O Rob riu e disse: "Seth, as plantas e as árvores são fragmentos?"
O ponteiro começou a correr pelo tabuleiro. EM CERTO SENTIDO, TUDO

PODERIA SER CHAMADO FRAGMENTO... mas as palavras já se amontoavam na minha cabeça e, depois das primeiras frases deletadas, senti aquela sensação de mergulhar no desconhecido, de largar. Então comecei a falar novamente pelo Seth. "Mas há diferentes tipos. Fragmentos de personalidade diferem dos outros porque podem fazer com que outros fragmentos se formem a partir deles próprios..."

O Rob disse que era como se eu estivesse a ler de um manuscrito invisível. Eu mantinha os olhos bem abertos. Nessa altura, recusei-me terminantemente a fechá-los, nem quis sentar-me. Fosse o que fosse que estivesse a acontecer, eu ia estar de pé, pronta para uma boa corrida até à porta se me preocupasse.

Essa era, pensando bem, uma atitude bastante hilariante. Na realidade, enquanto falava pelo Seth, eu percorria a sala em passo constante, mas mal tinha consciência disso. O Rob tomava notas o mais rápido que podia. Não sabia estenografia nem escrita rápida, por isso escrevia tudo à mão e depois passava a limpo no dia seguinte. Contudo, depressa começou a desenvolver o seu próprio sistema de símbolos e abreviaturas.

"O indivíduo presente, em qualquer vida dada, poderia ser chamado um fragmento da sua entidade inteira, possuindo todas as propriedades da entidade original, embora permaneçam latentes ou não utilizadas. A imagem que o vosso amigo viu era um fragmento de personalidade dele próprio. Continha todas as capacidades do vosso amigo, latentes ou não — isso não sei. Este tipo de fragmento de personalidade tem origem diferente da do vosso amigo, que é ele mesmo um fragmento da sua própria entidade. Chamamos a este tipo um fragmento de personalidade dividido ou um fragmento-imagem de personalidade. Normalmente não pode operar em todos os níveis do vosso plano físico.

"Um indivíduo pode enviar uma imagem de fragmento de personalidade para outro nível de existência inteiramente diferente, mesmo sem o seu próprio conhecimento consciente. Pode obter informação valiosa nesse outro nível e depois regressar. Por vezes, o indivíduo não é capaz de assimilar esse conhecimento, nem sequer de reconhecer a sua própria imagem de personalidade de regresso. O tipo de fragmento que o vosso amigo viu era deste tipo, mas tão desligado dele e tão distraidamente enviado nas suas viagens, que a sua informação foi provavelmente passada diretamente para a entidade que o vosso amigo representa."

Mais tarde o Rob disse-me que tinha uma série de perguntas, mas não quis interromper, e a mão já lhe doía de tanto escrever. Durante todo esse tempo eu continuava a andar pela sala, de olhos semicerrados, a ditar este monólogo sem o menor traço de hesitação.

"O aumento da concentração do indivíduo consciente é a tendência. Então estes fragmentos de personalidade dividida ou imagens podem ser mantidos sob escrutínio sem levar o ego presente à distração. Agora, o que chamariam subconsciente desempenha essa tarefa; não muito bem, uma vez que nunca foi concebido para focar uma atenção clara. A consciência expandir-se-á dentro do vosso plano. O alcance da consciência será tão ampliado que todos os fragmentos de personalidade, imagens de personalidade dividida e fragmentos individuais em encarnações sucessivas serão mantidos em foco nítido sem esforço. É para isso que a evolução se dirige, embora, claro, ao seu ritmo habitual de burro lento."

Continuei a transmitir este material das 21:00 em diante, sem parar, até o Rob ter câimbras na mão às 21:50. Só dei excertos. Ambos ficámos espantados por eu ter falado tanto tempo e transmitido frases tão complexas sem correções ou hesitações de qualquer tipo. Depois, dez minutos mais tarde, enquanto descansávamos, o Rob disse que ia perguntar se alguma vez tínhamos visto tais imagens de "fragmentos de personalidade". De imediato, as palavras voltaram a iniciar-se na minha cabeça, e comecei a ditar. Enquanto falava, não tinha ideia do significado das palavras, por isso só no intervalo seguinte percebi o que o Seth tinha dito. Foi a seguinte passagem que ambos, mais tarde, achámos tão inquietante.

"O homem e a mulher no estabelecimento de dança de Iorque Beach eram fragmentos de vós próprios, materializações descartadas dos vossos sentimentos negativos e agressivos… as imagens foram formadas pela energia culminante das vossas energias destrutivas na altura. Embora não os reconhecessem conscientemente, inconscientemente conheciam-nos bem. Inconscientemente viram a imagem das vossas tendências destrutivas, e essas próprias imagens estimularam-vos a combatê-las."

O Rob percebeu imediatamente o episódio a que o Seth se referia. Como conseguiu ficar ali calmamente a tirar notas enquanto o Seth continuava, é mais do que eu sei.

No fim de 1963, alguns meses antes de as nossas sessões começarem, tínhamos ido de férias a Iorque Beach, no Maine, esperando que uma

mudança de ambiente melhorasse a saúde do Rob. O médico não sabia o que se passava com as costas dele e sugeriu que passasse algum tempo em tração no hospital. Em vez disso, decidimos que a reação dele ao stress era pelo menos parcialmente responsável e, portanto, fizemos a viagem.

Na noite em questão fomos a um nightclub à procura de um ambiente festivo. O Rob estava com dor constante e, embora não se queixasse, não conseguia esconder os espasmos súbitos. Foi então que reparei num casal mais velho sentado do outro lado da sala. Assustaram-me verdadeiramente pela semelhança estranha com o Rob e comigo. Será que nós parecíamos assim distantes, amargos — só que mais novos? Não conseguia desviar os olhos deles e, por fim, apontei-os ao Rob.

O Rob olhou para o casal e gemeu com mais um espasmo nas costas. Depois aconteceu algo que nenhum de nós conseguira explicar. Para minha total surpresa, o Rob levantou-se, agarrou-me pelo braço e insistiu para dançarmos. Um minuto antes mal conseguia andar.

Fiquei simplesmente a fitá-lo. Não dançávamos juntos há oito anos de casamento, e a banda tocava o twist, que na altura nos era completamente desconhecido. Além disso, o Rob não aceitava um não como resposta. Eu temia fazer figura de tola, mas o Rob arrastou-me para a pista de dança. Dançámos o resto da noite e, a partir daí, a sua condição física melhorou notavelmente. Toda a sua atitude perante a vida pareceu iluminar-se a partir desse momento.

Agora o Seth estava a dizer: "Visto retrospetivamente, podem dizer que o efeito foi terapêutico, mas se tivessem aceite as imagens subconscientemente, isso teria marcado o começo de uma deterioração grave para ambos, pessoal e criativamente. Mais uma vez, as imagens assinalaram a culminação crítica das vossas energias destrutivas. O facto de as imagens serem de vós próprios mostra que as vossas energias destrutivas estavam viradas para dentro, embora materializadas em forma física.

"A vossa dança representou o primeiro movimento de afastamento do que essas imagens significavam, e a ação violenta foi a melhor coisa nas circunstâncias. Uma transformação subtil poderia ter tido lugar em que tu e a Jane transferiam o grosso das vossas personalidades para os fragmentos que tinham criado, e, dos olhos deles, se observavam a vocês próprios do outro lado da sala. Nesse caso, as vossas personalidades dominantes atuais deixariam de ser dominantes."

Durante uma pausa o Rob contou-me o que o Seth dissera sobre as imagens. Nenhum de nós ouvira falar então de formas-pensamento, e aquilo tudo soou-me incrível. E, no entanto, pensei, os psicólogos falam de projeção e transferência, pelas quais projetamos os nossos medos para outra pessoa ou objeto e depois reagimos a eles.

"Talvez o Seth queira dizer uma criação simbólica?", disse eu. Mas depressa as palavras voltaram a chegar e tornou-se óbvio que o Seth insistia numa materialização literal.

"Quem saiu primeiro da sala, a Jane e eu ou as imagens?", perguntou o Rob. Falei de novo pelo Seth: "Os fragmentos projetados desapareceram. Levantaram-se, atravessaram o chão e desapareceram na multidão. Não tinham poder para deixar o lugar onde nasceram a não ser que lho dessem. Lembrem-se de que existiram… pelo mesmo motivo, o vosso triunfo reforçou os aspetos saudáveis dos vossos egos presentes."

A noite avançava, mas o Seth não dava sinais de se cansar. Pouco antes da meia-noite, o Rob e eu fizemos outra pausa e decidimos terminar a sessão. (Foi o Seth, aliás, quem sugeriu que fizéssemos uma pausa de cinco a dez minutos a cada meia hora, mais ou menos.) O Rob e eu não sabíamos o que pensar desta sessão. Por um lado, era a primeira vez que eu falava durante tanto tempo de seguida. Por outro, não sabíamos como avaliar o que fora dito.

A explicação do Seth sobre o episódio de Iorque Beach fazia sentido intuitivo para nós. Sem dúvida algo de significativo acontecera naquela noite, mas teríamos realmente materializado as imagens físicas dos nossos medos ocultos? As pessoas fazem isto muitas vezes? Se sim, as implicações eram enormes. Ou seria a explicação psicologicamente e simbolicamente válida, mas praticamente um disparate?

Deveríamos continuar com as sessões? Eu estava um pouco mais relutante do que o Rob, por estar tão diretamente envolvida, mas que oportunidade, pensei! Decidimos realizar pelo menos mais algumas sessões para ver o que poderia surgir. O Rob tinha algumas perguntas sobre personalidades fragmento que queria fazer: o que queria o Seth dizer quando afirmou que poderíamos ter-nos transformado naquelas imagens? O Rob escreveu as perguntas para não se esquecer e, duas noites depois, sentámo-nos à tábua novamente. Nessa altura, claro, não fazíamos ideia se cada sessão seria ou não a última, independentemente das nossas decisões conscientes. Pelo que

sabíamos, o Seth podia desaparecer como desaparecera o Frank Withers. O Rob tinha a sua lista de perguntas pronta para obtermos algumas respostas enquanto ainda tivéssemos oportunidade.

Mas nessa sessão seguinte falei pelo Seth durante mais tempo do que antes. O Seth deu-nos um relato detalhado de duas vidas passadas e começou uma história reencarnacional da família do Rob. O material continha excelentes perceções psicológicas; usando-as, vimo-nos a dar-nos muito melhor com os nossos familiares. Mas eu não gostava nada desta insistência na reencarnação. "As perceções psicológicas são ótimas", disse eu ao Rob no intervalo. "Mas a parte reencarnacional é provavelmente fantasia. Deliciosa, mas fantasia."

"Não tens de decidir hoje, pois não?", perguntou o Rob. "Qual é a pressa? Vê o que mais ele tem para dizer. Além disso, hoje aprendi tanto sobre a minha família como em toda a minha vida. Isso vale alguma coisa."

Depois, quando a sessão recomeçou, o Rob fez a pergunta que nos vinha à cabeça desde que o Seth mencionara as imagens de Iorque Beach: "Se a Jane e eu tivéssemos aceite subconscientemente aquelas imagens, teríamos conseguido voltar para casa, onde somos conhecidos? As imagens eram mais velhas."

Imediatamente as palavras precipitaram-se pela minha cabeça e pela minha boca. Eu saí e o Seth entrou: "As imagens representavam a culminação de muitos anos de experiência de uma tendência negativa. Se as tivessem aceite, acabariam como réplicas ao transferirem-se para as imagens. Ainda assim, a criatividade e a construtividade que possuíssem teriam suavizado as faces. Seriam reconhecíveis para os amigos, mas notar-se-iam alterações. Dir-se-ia que talvez já não parecessem os mesmos — e com boa razão."

"Algum de nós teve outras experiências semelhantes?", perguntou o Rob. "Houve uma tarde, num pequeno parque, quando eras criança, com cerca de onze anos. Pensavas que estavas sozinho. Era perto das cinco, a 17 de setembro, num dia sem escola. Apareceu outro rapaz. Não o viste aproximar-se e tomaste por garantido que viera por um caminho que contornava um coreto. Tinha berlindes/'jacks' na mão. Olharam um para o outro e iam falar, quando um esquilo subiu a uma árvore próxima.

"Viraste-te para olhar e, quando voltaste a olhar, o rapaz tinha desaparecido. Durante pouco tempo ficaste a pensar e depois o incidente foi esquecido. Na

verdade, ao mesmo tempo, o teu irmão, o Loren, estava a olhar pela janela da loja do teu pai [do outro lado] e não viu nada."

"O rapaz era real ou o quê?", perguntou o Rob.

"Era um fragmento de personalidade teu. Estavas a desejar um companheiro de brincadeiras e tinhas ciúmes porque o teu irmão ficava tanto tempo com o teu pai. Sem o saberes, materializaste um fragmento de personalidade como companheiro de brincadeira. Não tinhas maneira de saber o que acontecera na altura e não podias dar qualquer permanência à imagem.

"Ocasionalmente, uma personalidade surpreende-se a si mesma com uma produção de imagem deste tipo. Normalmente, este tipo desaparece quando a personalidade atinge a idade adulta. Na infância, porém, tais casos são frequentes. Muitas vezes, quando uma criança chora por causa de um 'papão', o que viu é uma produção de imagem ou projeção fibrosa, formada por um desejo vívido por parte do subconsciente."

"Adoro a forma como ele liga tudo isto à motivação subconsciente", disse eu mais tarde.

O Rob sorriu: "Preferias que ele não o fizesse?"

"Mas reencarnação — e miúdos a formar personalidades fragmento ou lá o que seja como companheiros de brincadeira?" Franzi o sobrolho. "Ainda assim, é fascinante como tudo. E pensa no que significa se for verdade!"
"E pensa nas pessoas que conhecemos que de repente parecem totalmente diferentes do que eram, de maneiras que não compreendemos", disse o Rob.

"Se o Seth tiver razão, tornaram-se realmente as imagens destrutivas que tinham de si próprias."

Estremeci, inquieta. "Mas nem sempre seria destrutivo, pois não? Não poderia funcionar ao contrário?"

"Preocupada?", perguntou o Rob. Estava a provocar-me.

"Nada disso", disse eu com altivez, mas eu ainda via os rostos daquele casal no ar, na minha mente, e havia tantas perguntas por responder… Algumas foram respondidas em sessões seguintes, e esta explicação, de uma sessão cerca de três anos mais tarde, é particularmente interessante:

"Quanto às imagens de Iorque Beach. Aqui energias agressivas e destrutivas foram inconscientemente projetadas para fora, dotadas de uma

pseudorrealidade e validade física temporária. A carga emocional fornece o padrão e o impulso para tais criações. De acordo com a extensão de realidade física a alcançar, o corpo físico do originador transfere ou transpõe porções da sua própria estrutura química. Utilizam-se proteínas e há uma perda elevada de hidratos de carbono.

"Da mesma forma que as proteínas e os químicos do corpo podem ser usados para formar vários tipos de imagens, também podem ser utilizados para formar uma úlcera, um bócio, ou para provocar outras alterações [no próprio corpo]. Aqui, emoções particulares são negadas, dissociadas. O indivíduo não quer aceitá-las como parte de si. Em vez de as projetar para fora, como fizeram nas imagens de Iorque Beach, são dirigidas para uma área específica do corpo ou, noutros casos, deixadas à solta, 'arruaceiras itinerantes', por assim dizer, através do sistema físico do corpo."

Quando o Seth nos deu esta informação, já tínhamos o enquadramento para a compreender. Nas suas discussões sobre saúde, o Seth sempre sustentou que a doença é muitas vezes o resultado de emoções dissociadas e inibidas. A psique tenta livrar-se delas projetando-as para uma área específica do corpo; no caso das úlceras, a energia desviada entra na produção efetiva da própria úlcera. Se áreas realmente grandes do eu forem inibidas, pode formar-se uma personalidade secundária, agrupada em torno dessas qualidades desconfiadas e negadas pelo ego principal, e geralmente oposta a ele.

Noutros casos, as emoções inibidas podem ser projetadas para fora noutras pessoas ou, como no caso das imagens de Iorque Beach, energia reprimida muito carregada pode efetivamente formar imagens pseudofísicas que apresentam à personalidade a imagem materializada fisicamente dos seus medos.

Então, porém, tudo isto era novo para nós. Pelo que eu sabia, o Seth podia ser ele próprio uma personalidade secundária e, neste ponto, poderíamos ter interrompido as sessões. Embora as achássemos intrigantes, certamente não estávamos convencidos de que o Seth fosse alguém que sobrevivera à morte. Muito provavelmente, pensávamos, era uma parte muito viva do meu próprio subconsciente. A esta altura já tínhamos lido o suficiente para nos preocuparmos com a hipótese da personalidade secundária. No entanto, não havia no material qualquer evidência de emocionalismo excessivo: nenhum ódio reprimido, preconceitos ou desejos. O Seth não fazia quaisquer exigências a nenhum de nós.

Entretanto, chegaram as férias de Natal. Não tivemos sessões durante duas semanas. Ambos nos perguntávamos o que aconteceria quando — e se — tentássemos novamente. Mas o episódio seguinte abalou tanto as nossas ideias sobre o que era possível, indignou tanto as nossas teorias convencionais, que quase abandonámos tudo. Obviamente não o fizemos — ainda assim, as nossas reações iriam colorir as nossas atividades nos anos seguintes e influenciar fortemente a direção em que eu permitiria que as minhas próprias capacidades psíquicas operassem.

CAPÍTULO TRÊS
SETH VEM A UMA SESSÃO ESPÍRITA
UM "NOVO" CONJUNTO DE DEDOS

Uma sessão espírita experimental era a próxima na lista de experiências para o meu livro. Só tínhamos a mais vaga ideia do que era uma sessão, nunca tendo assistido a nenhuma. Ainda assim, achámos que deviam participar mais de duas pessoas, pelo que decidimos convidar o Bill Macdonell a juntar-se a nós, já que era o único que sabia das nossas experiências. O Bill apareceu na noite de 2 de janeiro de 1964 e, num impulso, sugeri que os três experimentássemos.

Os resultados foram tão surpreendentes que, em vez de parafrasear as notas do Rob, vou incluí-las exatamente como ele as escreveu. Por um lado, ele era um observador mais objetivo do que eu. A própria forma como as suas notas estão escritas também mostra o seu estado de espírito, a sua atitude cuidadosa e o seu modo crítico. O Bill Macdonell leu as notas e concorda com elas. "Começámos sentados a uma pequena mesa na nossa sala de estar. Cobriu-se a mesa com um pedaço de tecido escuro. A cozinha dá para a sala, por isso fechámos as persianas em ambas as divisões e correrm os as cortinas por cima.

"Sem sabermos muito bem como fazer uma sessão espírita, ligámos uma pequena vela elétrica de Natal vermelha. As nossas paredes são brancas, por isso víamos relativamente bem depois de os olhos se ajustarem.

"Pedi à Jane que pousasse a sua aliança de casamento na mesa. Os três entrelaçámos as mãos em volta dela. Sentados em silêncio na luz ténue, a fixar a aliança, apercebi-me de que um observador incauto não teria grande dificuldade em ver o que quisesse ver.

“Um pequeno ponto de luz cresceu na borda da aliança, mas ao mover o braço percebi que conseguia fazer a luz acender e apagar. Era simplesmente o reflexo vermelho da vela, por isso coloquei a vela atrás das cortinas, onde a luz ficava difusa. Nada aconteceu enquanto voltávamos a fitar a aliança. Comecei a fazer perguntas em voz alta, ao acaso, mas não as dirigi ao Seth.

“De repente, a Jane anunciou com voz firme e clara: ‘Observem a mão.’ Foi uma ordem, e eu soube que o Seth estava connosco. A Jane sentiu a mão ficar fria. Com considerável deleite, o Seth, através da voz da Jane, descreveu em detalhe cada efeito que se seguiu — para que, disse ele, não restassem dúvidas quanto ao que acontecia.

“Começou por nos dizer para observarmos o polegar da Jane. A ponta começou a brilhar. Parecia uma infusão interna da carne com uma luz branca e fria. Não havia efeito radiante, apenas a mudança de cor da própria carne. Como a mão estava na sombra, não havia como confundir a mudança.

“O brilho espalhou-se ao longo do polegar até ao monte carnudo na base, junto à palma. ‘Observem o monte’, disse o Seth, com mais do que um pouco de satisfação. ‘Vêm a cor mudar e as sombras na palma desaparecerem? Se querem uma demonstração, então hão de tê-la, por mais ridícula que seja… E agora o pulso. Veem-no engrossar e ficar branco?’

“O pulso da Jane engrossou de facto. Ela estava com o pulso da mão esquerda pressionado contra o tampo da mesa. Usava um camisola preta com as mangas meio arregaçadas, e a luz branca e fria espalhou-se pelo pulso a engrossar, subiu pelo antebraço até à camisola.

“Depois, a mão começou a alterar as suas proporções gerais e passou a assemelhar-se a uma forma de pata. Tive a sensação arrepiante da pata dianteira de um animal. Os dedos da Jane, normalmente longos e elegantes, tinham encolhido para apêndices atarracados — ou assim parecia. O brilho impregnava a palma, eliminando as sombras que normalmente se veriam ali, de modo que não parecia que os dedos estivessem simplesmente dobrados.

“Lentamente, a mão recuperou a forma normal. A Jane ainda estava com a palma virada para cima. Então o Seth esmerou-se. Os dedos começaram a alongar-se visivelmente e a embranquecer. Depois, um segundo conjunto de dedos começou a elevar-se por cima dos dedos da Jane. Ora, teria sido suficientemente fácil a Jane dobrar os seus próprios dedos nessa posição, mas ali os três víamos agora o segundo conjunto a erguer-se, longo e branco.

Além disso, esse segundo conjunto tinha as unhas por cima. Se fossem os dedos da Jane, as unhas estariam na parte de baixo e seriam invisíveis.

"'Para uma primeira tentativa, estou a sair-me lindamente', disse o Seth. 'Que vos parece? Observem bem.' Durante alguns minutos estudámos o efeito à nossa frente. Para mim, os dedos extra, dobrados de forma tão grotesca, pareciam cerosos, quase húmidos, como se tivessem sido moldados de fresco. A Jane não parecia assustada. Depois, gradualmente, o conjunto extra de dedos desapareceu.

"'Agora a mão muda outra vez', disse o Seth. 'Torna-se uma mão gorda e atarracada. O Frank Withers tinha uma mão assim, exatamente assim. O Frank Withers era um cabeça-oca', disse, com grande satisfação, embora o Frank fosse, segundo o Seth, um fragmento de personalidade da sua própria entidade.

"A mão tornou-se de facto atarracada e gorda por um momento. Depois retomou a forma de pata. 'Agora', disse-me o Seth, 'estende a mão com muito cuidado e toca-lhe. Quero que a toques, para que possas sentir como é.' Cautelosamente, toquei com as pontas dos dedos na palma da Jane. A mão em forma de pata estava muito fria, húmida e viscosa, e a pele tinha uma textura irregular que eu não estava habituado a sentir na mão da Jane.

"O Seth fez então com que esta luz fria interior impregnasse o pulso e a palma da Jane a um grau ainda mais notável. Na junção da mão com o pulso, a carne elevou-se numa espécie de caroço ovóide. O branco subiu pelo braço da Jane até à camisola e escorreu pelos dedos, até que todo o vestígio de sombra desapareceu do braço e da palma. Depois, para terminar esta parte da demonstração, o Seth mandou a Jane pousar as mãos lado a lado sobre a mesa, para que pudéssemos ver claramente a diferença entre as duas. Gradualmente, a mão voltou ao normal, e o Seth instruiu-nos a fazer um período de descanso.

"Após a pausa, o Seth disse-nos para fechar a porta que dá para a casa de banho.

"O lado da sala dessa porta tem um espelho de corpo inteiro, e o Seth disse-nos para olharmos para ele. Como o espelho é alto e estreito, tivemos de nos acotovelar, os três, em volta dos lados da mesinha, para vermos os nossos reflexos. A Jane sentou-se ao meio. Os lábios dela estavam muito perto do meu ouvido enquanto falava. Eu conseguia ouvir e sentir cada respiração,

cada deglutição. A voz dela desceu bastante de volume e tive realmente a sensação de que falava por outra pessoa (e não, por exemplo, por uma personalidade subconsciente que se limitasse a chamar-se Seth).

"'Agora os três veem claramente os vossos reflexos no espelho, tal como devem. Observem, porque vou mudar a imagem da Jane e substituí-la por outra', disse o Seth. E a imagem da Jane começou de facto a mudar. A cabeça dela desceu. Ao mesmo tempo, o formato do crânio alterou-se, o cabelo encurtou e assentou muito mais rente. Os ombros da imagem no espelho encolheram para a frente e ficaram mais estreitos. E então a cabeça no espelho inclinou-se e olhou para baixo, enquanto a própria Jane estava sentada com a cabeça erguida, a olhar fixamente para o espelho.

"A Jane disse mais tarde que isto a chocou mais do que qualquer outra coisa. Olhei primeiro para ela, ao meu lado, e depois para o espelho. Não havia dúvida quanto à diferença entre as duas. Vi também uma sombra a impregnar a imagem no espelho. Ao mesmo tempo, tive a sensação de que a face pendia para a frente a partir do corpo. A cabeça no espelho pareceu encolher. Detetei um ténue brilho à sua volta enquanto pendia no espaço, aparentemente entre o reflexo do espelho e nós os três.

"Também era óbvio que a imagem no espelho estava sentada vários centímetros mais abaixo do que a própria Jane. E, de tempos a tempos, a cabeça misteriosa descia e depois voltava a pender para a frente a partir do corpo." Fim das notas do Rob.

Durante a sessão eu não estive nem um pouco nervosa ou assustada. Para o fim, porém, fiquei chocada ao ver uma diferença tão grande entre a minha imagem no espelho e eu própria. Penso que, por um momento, tive receio de parecer mesmo assim. Afinal, é uma reação suficientemente normal — geralmente, quando olhamos para um espelho, ele dá uma reprodução fiel, e nenhuma mulher vai ficar satisfeita por ver uma aparição estranha a fitá-la de volta.

Quando o Seth assumia, a sua confiança afastava da minha mente quaisquer outras ideias ou dúvidas. Ainda assim, os meus olhos estiveram sempre abertos. Eu podia examinar as diferenças entre as minhas mãos, por exemplo, e ver o outro conjunto de dedos, e o brilho branco que subia até à borda da minha camisola arregaçada. Eu parecia "desligar" quando o Seth falava, e, no entanto, uma sensação tremenda de energia percorria-me

quando ele o fazia. Exceto pela imagem do espelho no final, nada me incomodou.

Mas, assim que a sessão terminou, fiquei horrorizada. Em vez de ficarmos encorajados pela participação do Seth nos acontecimentos, ficámos perturbados. Nós sabíamos o que tínhamos visto. O Rob até tocara na mão a certa altura, e o Seth dera-nos muitas ocasiões para verificarmos os efeitos à medida que ocorriam. Não conseguíamos aceitar a evidência dos nossos sentidos, nem podíamos realmente negar uma evidência tão óbvia. Embora estivéssemos a fazer a experiência para o livro, achávamos que sessões espíritas eram coisa de excêntricos, de algum modo pouco respeitáveis. Não queríamos o Seth envolvido e, especificamente, tínhamos feito questão de não o chamar.

O meu ceticismo intelectual foi despertado simplesmente porque o acontecimento fora demasiado bem-sucedido. Discutimos de um lado para o outro se a sugestão poderia ter sido responsável, mas sabíamos que isso não podia explicar metade do que aconteceu. Dificilmente explicaria a textura irregular que o Rob sentiu na minha mão, ou o segundo conjunto de dedos, embora tenhamos decidido que talvez pudesse explicar a imagem estranha no espelho.

Na verdade, pela primeira vez nas nossas vidas demos por nós a experienciar acontecimentos que não conseguíamos explicar e a duvidar da evidência óbvia dos nossos sentidos — uma posição desconfortável para qualquer pessoa. O episódio teve tal efeito em nós que eu não voltaria a tentar esse tipo de sessão durante três anos. (Como verão, porém, o Seth apareceu em forma de aparição na sessão n.º 68.) A partir daí, mantivemos sempre luzes acesas para facilitar a verificação de quaisquer efeitos que pudessem surgir.

Trabalhos posteriores convenceram-me de que fenómenos psíquicos não aparecem simplesmente porque queremos, ou apenas como resultado de sugestão. Outros efeitos, mais tarde, aconteceram com luz total, por exemplo, em algumas das minhas aulas de ESP. A aparição do Seth também surgiu em plena luz. Desde então, também conheci casos em que grupos de pessoas altamente sugestionáveis, com pouco sentido crítico, se juntaram em salas escuras esperando toda a espécie de aparições — e não aconteceu nada.

Penso que o Rob e eu estávamos zangados por termos sido travados em seco, obrigados a enfrentar questões para as quais não estávamos

preparados. Tudo acontecia tão depressa. Ainda não fazia um mês desde que começáramos com a tábua Ouija. As nossas ideias sobre o que era possível estavam a ser viradas do avesso. Decidimos fazer mais uma sessão para ver o que o Seth tinha a dizer sobre o caso e, novamente, considerámos abandonar as experiências, houvesse livro ou não. Ainda assim, mal podíamos culpar o Seth, já que a sessão espírita fora ideia nossa desde o início. Eu tinha de redigir os resultados da sessão para um dos meus primeiros capítulos, e mal sabia por onde começar.

Na noite seguinte realizámos o que pensávamos poder ser a nossa última sessão. Depois dela, soubemos que estávamos comprometidos e, para nós, essa sessão marcou realmente o início do Material de Seth, o fim dos dados preliminares.

Pela primeira vez o Seth "apareceu" de facto como outra personalidade definida, a rir e a brincar. O Rob simplesmente não conseguia acreditar que estivesse a falar comigo, em termos correntes. Mas, mais do que isso, o longo monólogo do Seth sobre a natureza da realidade cativou-nos e intrigou-nos. Não fazíamos ideia de que se tratava na verdade de uma explicação altamente simplificada, habilmente ajustada ao nosso nível de compreensão da época. Ainda assim, causou-nos uma impressão tremenda.

Durante quase três horas falei pelo Seth, a percorrer a sala de um lado para o outro, a brincar, a fazer pausas de vez em quando para o Rob pôr as notas em dia, e a proferir esse monólogo, usando gestos e expressões faciais, expressões verbais e inflexões totalmente diferentes das minhas. Falei de forma contínua, sem hesitações, quebrando matéria filosófica séria com comentários joviais, como um professor num pequeno seminário. A sessão despertou tanto a nossa curiosidade intelectual e intuitiva que todas as ideias de desistir voaram pela janela.

"Considerem uma rede de fios, um labirinto de fios interligados construído sem fim, de tal modo que, olhando por eles, pareceria não haver princípio nem fim. O vosso plano poderia ser comparado a uma pequena posição entre quatro fios muito finos, e o meu plano poderia ser comparado à pequena posição nos fios vizinhos do outro lado. Não só estamos em lados diferentes dos mesmos fios, como, ao mesmo tempo, estamos por cima ou por baixo, conforme o vosso ponto de vista. E se considerarem os fios a formar cubos — isto é para ti, José, com o teu amor por imagens — então os cubos também poderiam encaixar uns dentro dos outros, sem perturbar em nada os

habitantes de qualquer cubo. E estes cubos estão eles próprios dentro de cubos, e estou a falar agora apenas da pequena partícula de espaço ocupada pelo vosso plano e pelo meu.

"Pensem novamente em termos do vosso plano, delimitado pelo seu pequeno conjunto de fios finos, e do meu plano do outro lado. Estes, como já disse, têm solidez e profundidade ilimitadas, e, no entanto, de um lado, o outro é transparente. Não conseguem ver através, mas os dois planos movem-se constantemente um através do outro. Espero que vejam o que fiz aqui. Introduzi a ideia de movimento, pois a verdadeira transparência não é a capacidade de ver através, mas de atravessar."

"Isto é o que quero dizer por quinta dimensão. Agora, removam a estrutura dos fios e dos cubos. As coisas comportam-se como se os fios e os cubos existissem, mas estes eram apenas construções necessárias até para aqueles no meu plano… Construímos imagens coerentes com os sentidos que por acaso temos. Limitamo-nos a construir linhas imaginárias sobre as quais caminhar.

"Tão reais são as construções das paredes do vosso quarto que gelariam no inverno sem elas, e no entanto, não há quarto e não há paredes. Assim, de modo semelhante, os fios que construímos são reais, embora não haja fios. As paredes do vosso quarto são transparentes para mim, embora não tenha a certeza de que me exibiria, caro José e Ruburt, numa demonstração para uma festa.

"Não obstante, essas paredes são transparentes. Tal como os fios, mas, para efeitos práticos, devemos comportar-nos como se ambos lá estivessem… Mais uma vez, se considerarem o nosso labirinto de fios, pedir-vos-ei que imaginem que eles preenchem tudo o que existe, com o vosso plano e o meu como dois pequenos ninhos de pássaro no tecido semelhante a ninho de alguma árvore gigantesca.

"Considerem que esses fios são móveis, tremendo constantemente, e também vivos, no sentido em que não só transportam a matéria do universo, como são projeções dela própria, e verão como isto é difícil de explicar. Nem vos posso censurar por vos cansardes quando, depois de vos pedir que imagineis esta estrutura estranha, insisto que a desfaçam, pois não é mais para ser verdadeiramente vista ou tocada do que o zumbido de um milhão de abelhas invisíveis."

Foi nesta sessão que o Seth sugeriu que realizássemos sessões duas vezes por semana, dizendo que um horário era muito melhor do que uma atividade espasmódica. Prosseguiu:

"Em determinada altura, todos nós, no meu plano, damos tais lições, mas são necessários laços psíquicos entre professor e alunos, o que significa que temos de esperar até que as personalidades no vosso plano tenham progredido o suficiente para que as lições possam começar. As lições são então ministradas àqueles que estão psiquicamente ligados a nós.

"O que chamam emoção ou sentimento é a ligação entre nós, e é a ligação que mais claramente representa a força vital em qualquer plano, sob quaisquer circunstâncias. A partir dela se tece toda a matéria do vosso mundo e do meu."

Quando o material acima foi terminado, o Seth permaneceu por perto, como que a enfatizar um período social informal. Convidou a perguntas, gesticulou frequentemente, parou em frente do Rob, olhando-o diretamente através dos meus olhos abertos (mas pouco "à Jane").

"Não há nada de errado, e talvez muito a ganhar," disse ele, "em tentarem por vossa conta quaisquer experiências que desejem. Chamem-lhe trabalhos de casa, se quiserem. Talvez até vos dê uma Estrela Dourada, embora, conhecendo-vos, provavelmente insistirão que o professor dê a proverbial maçã aos alunos em vez do contrário."

Depois, com acentos bem-humorados vincados, falou sobre a tábua Ouija que ainda usávamos para abrir e fechar sessões. "É uma questão de formalidade, no sentido em que renova o contacto de modo familiar, e também eu sempre fui, até certo ponto, parcial à formalidade. A tábua dá-nos um fôlego e é um método de dizer bom dia ou boa noite, ou de levantar o chapéu. Também sou de opinião que um pequeno ritual tende a realçar os dados na mente e a pô-los em evidência, do mesmo modo que uma boa cozinha é realçada por loiça fina. No fim de uma sessão, seria muito cordial tocarem brevemente com as mãos na tábua. Têm sorte de eu não pedir que usem traje de cerimónia."

O Rob riu-se disto, e eu também quando ele me leu as notas. Estávamos fascinados pelo monólogo sobre a quinta dimensão — que, aliás, foi muito mais longo do que os excertos aqui apresentados. A personalidade do Seth impressionou o Rob a tal ponto que ele, pelo menos, ficou convencido de que o Seth era uma personalidade completamente independente. Ele conhece-

me tão bem, claro, em quase todos os meus estados de espírito, que está em excelente posição para julgar as diferenças e semelhanças entre a minha personalidade e a do Seth.

Depois de o Rob descrever a sessão e de ler as notas, a minha atitude era de simples espanto. O Rob e eu somos muito informais; os nossos amigos são informais. Os homens não usam chapéus nem fatos, por exemplo, mas jeans e camisas ou camisolas. Achei o Seth encantador, fosse quem ou o que fosse. Quem mais conhecíamos, tão "old school", que falaria sequer em levantar o chapéu, ou se referiria à comida como "boa cozinha"? De qualquer forma, certamente não soava assustador, e o monólogo quinta-dimensional era realmente provocador.

Eu já começava, no entanto, a estudar o meu próprio comportamento psicológico, e a questão da realidade independente do Seth surgia cada vez mais na minha mente. Como eu "me torno" o Seth de alguma forma, nunca consigo ver-me como o Seth do modo como o Rob consegue, ou como os meus alunos o fazem numa sessão de aula, mas sei que ele causa uma impressão nítida nos outros. Quem ou o que era ele? Interrogava constantemente o Rob. Como eu parecia? Como sabia ele que outra pessoa estava a falar? O que havia no Seth que o convencia tanto de que o Seth era mais do que uma parte dissociada do meu próprio subconsciente?

Longe de procurar o Seth em cada esquina, defendi a minha integridade mental com toda a determinação do meu temperamento. Depois sentia-me tola, porque o Seth não fazia absolutamente nenhuma tentativa de "invadir" o meu dia de trabalho normal. Pior, sentia que ele achava graça mas compreendia, e que considerava que os meus esforços, se basicamente desnecessários, eram ainda assim importantes para a minha tranquilidade de espírito.

Ainda assim, eu nunca tinha consciência de novos desenvolvimentos até que eles ocorressem de facto espontaneamente e, para minha própria surpresa. Se pensávamos que o Seth "vinha à tona" como ele mesmo nas últimas sessões, tínhamos muito a aprender na sessão seguinte, quando a própria voz do Seth, mais poderosa, surgiu de repente.

A primeira sessão com o Frank Withers realizara-se a 2 de dezembro de 1963. Na décima quarta sessão, a 8 de janeiro, eu estava pronta para falar pelo Seth — com timbres profundamente masculinos e tudo. Tínhamos percorrido algum caminho em pouco mais de um mês. Sem dúvida, esses trinta e poucos

dias foram preenchidos com a mais intensa atividade psicológica, excitação e especulação que alguma vez encontráramos. Levaria pelo menos três anos, e depois de o meu livro sair, até começarmos sequer a compreender o que acontecera.

CAPÍTULO QUATRO
A "VOZ DO SETH"

Durante todo esse tempo eu trabalhava à tarde na galeria de arte local. As manhãs passava-as no meu livro sobre ESP, escrevendo os resultados das nossas experiências. Ainda não tínhamos contado a ninguém o que fazíamos, exceto ao nosso amigo Bill. Na verdade, poucos dos nossos amigos souberam ao certo ao que andávamos até o livro sair. Agora pergunto-me por que fomos tão secretos, mas na altura pareceu-nos muito melhor manter o mundo, com todas as suas perguntas, do lado de fora. Nós já tínhamos perguntas suficientes para considerar.

A personalidade do Seth exprimia-se muito mais livremente agora que estava liberta da tábua, particularmente após a surpreendente décima quarta sessão. Não creio que o Rob alguma vez a esqueça. Continuávamos espantados com o simples facto das sessões. Eu estava nervosa antes de começarmos, a perguntar-me se o Seth viria ou não. Naqueles dias, tinha sempre medo de entrar em transe, abrir a boca e — nada! Ou pior, balbúcios. Além disso, nem sequer sabia como é que eu própria sabia quando o Seth estava pronto. Começávamos as sessões às 21h. Cinco minutos antes das nove, voltava a ter aquela sensação de que ia saltar de um trampolim alto para uma piscina funda — e sem saber ao certo se conseguiria nadar.

A sessão começou como de costume, sem indicação das mudanças de voz que iriam ocorrer. Gostaria de referir aqui que, entretanto, tínhamos lido vários livros sobre perceção extrassensorial, mas ainda não tínhamos encontrado nada sobre comunicação por voz. Lêramos sobre o caso Patience Worth, em que uma Sra. Curren produziu romances e poesia através da tábua Ouija e de escrita automática, mas éramos completamente desconhecedores da ideia de alguém falar por outra personalidade. Nunca nos ocorrera a nenhum de nós que a minha voz pudesse mudar de algum modo.

Nesta décima quarta sessão falei pelo Seth durante cinquenta minutos seguidos, o período mais longo sem pausa até àquela data. O Seth começou

por nos aconselhar a ter uma vida social mais equilibrada — sair mais e conviver com pessoas — para contrabalançar a intensa atividade interior da experiência psíquica. Em seguida, lançou-se na sua primeira discussão sobre os Sentidos Interiores, um assunto que nos era inteiramente novo. Seria desenvolvido no futuro.

"Tudo no vosso plano é a materialização de algo que existe independentemente do vosso plano. Portanto, dentro dos vossos sentidos existem outros sentidos que percebem para dentro. Os vossos sentidos habituais percebem um mundo exterior. Os sentidos dentro dos sentidos reconhecíveis percebem e criam um mundo interior… uma vez que existis num plano particular, tendes necessariamente de estar sintonizados com ele, ao mesmo tempo que bloqueais muitas outras perceções. É uma espécie de foco psíquico, uma concentração da consciência ao longo de certas linhas.

À medida que a vossa capacidade cresce em relação ao ambiente, então podeis dar-vos ao luxo de olhar em redor, usar os Sentidos Interiores e alargar o vosso âmbito de atividade. Isto é apenas natural. A sobrevivência num determinado plano depende da vossa concentração dentro dele. Quando a sobrevivência está mais ou menos assegurada através da atenção, então podeis dar-vos ao luxo de perceber outras realidades."

Na verdade, este material prolongou-se por várias páginas. Como de costume, o Rob escrevia o mais depressa que podia para acompanhar o ritmo da transmissão.

Entrando na segunda hora da sessão, a minha voz soara cada vez mais rouca, e foi a primeira vez nas sessões que mostrara sinais de esforço. Após a discussão inicial dos Sentidos Interiores, o Seth disse: "Não tencionava fazer-te trabalhar tanto esta noite, José. Se a tua mão está a trabalhar tão rapidamente quanto a boca do Ruburt, deves estar exausto. Queres fazer uma pausa, ou terminar a sessão? Estou sempre a pensar na vossa conveniência, pelo menos quando não estou preocupado com a vossa educação", acrescentou com um sorriso.

O Rob pediu uma pausa, mas depois instou-me a terminar a sessão antes que a voz me falhasse. Eu sabia que ele se preocupava comigo, mas também estava tremendamente interessado no material que o Seth vinha a dar. Além disso, como Seth, eu estivera extremamente ativo, fazendo piadas aqui e ali para intercalar páginas de monólogo sério. A sensação de outra personalidade independente era mais forte do que nunca, e por isso decidi

continuar. Já passava das 22h30. Enquanto conversávamos, o Rob tinha-se interrogado em voz alta sobre o significado do tempo; quando recomeçámos, o Seth começou a discutir essa questão.

"O tempo não tem significado sem barreiras. Dito de outro modo, o tempo não tem significado sem a necessidade de contrariar outras ações. No essencial, esta é uma pérola de descrição, se me é permitido. A parte triste é que provavelmente ainda não a conseguirão compreender. Tudo leva tempo! Enquanto tento contrariar a vossa ignorância, não resisti. Digo-o com amabilidade, pois não tendes ideia das dificuldades envolvidas em explicar o tempo a alguém que tem de levar tempo para compreender a explicação.

"O estudo do tempo ensinar-vos-á muito sobre a natureza da quinta dimensão também. Os nossos fios imaginários, compostos de vitalidade solidificada, são fluidos — espero que compreendam isto — mesmo quando estão solidificados. Pois a solidez é ilusão."

Aqui, como Seth, bati na secretária para dar ênfase e, de repente, comecei a falar com uma voz mais forte. Ao mesmo tempo a rouquidão desapareceu. Palavra a palavra, a voz tornou-se mais grave, mais formal, mais alta. Quando o Rob baixou os olhos para tirar notas, apercebeu-se de que estava a ocorrer uma espécie de metamorfose vocal. Escreveu o mais depressa que pôde, para poder também erguer o olhar de vez em quando e ver o que se passava. Agora eu estava quase em frente dele, os olhos abertos, pouco "à Jane", a fitá-lo como que para garantir que ele compreendia o que estava a ser dito.

"Também disse que esta sensação de vitalidade — e prefiro esse termo, vitalidade — está em movimento e é, ela própria, parte da matéria viva do universo. Ora, à medida que esses fios passam aparentemente de plano para plano, na realidade formam as fronteiras de cada plano e tornam-se sujeitos às leis particulares de cada um. Portanto, ficam sujeitos ao tempo dentro do vosso sistema tridimensional."

Durante a última passagem, a voz tornou-se mais e mais alta, como se tentasse encher um salão de bom tamanho. Estou a ler essa sessão, naturalmente, enquanto escrevo este capítulo, e acabo de me deparar com as notas originais do Rob, rabiscadas entre esta passagem e a seguinte. Mostram com clareza a sua reação:

"Olhando para a Jane e conhecendo tão bem a sua voz feminina natural, tive de pensar duas vezes para perceber que esta outra voz nova saía dela com tal

volume, e sem esforço algum. Não sei se me surpreendeu mais o facto de a Jane parecer nada incomodada por esta voz, ou o facto de ter um tom tão claramente grave e masculino."

O Rob teve pouco tempo para fazer notas extra, porém, pois o discurso prosseguiu sem pausa. "O movimento da vitalidade aparentemente solidificada dá a ilusão de tempo. A reação envolvida, neste caso, é reação no âmago da própria vitalidade, de modo muito semelhante ao de que falámos anteriormente sobre um invólucro mental fechado. A ação e a reação são o gatilho do tempo. Noutros planos, o movimento é simultâneo e o tempo desconhecido. Para mim, o vosso tempo pode ser manipulado; é um dos vários veículos pelos quais posso entrar na vossa consciência."

"Agora, como exemplo das minhas boas intenções, vou terminar esta sessão. Continuaria, se não tivesse de lidar com as vossas limitações físicas. Estou a conseguir vir através muito bem esta noite e, quando isso acontece, gosto de aproveitar. Afinal, culpas-me?… Em qualquer caso, direi boa noite. Devem saber que eu também aprecio um momento de conversa social, ou não vos manteria tanto tempo. Lamento a necessidade de manter o José tão ocupado [com notas]. Boa noite, caros amigos."

Instantaneamente a minha voz voltou ao normal. A rouquidão já há muito desaparecera. Agora era quase impossível encerrarmos a sessão. Estávamos demasiado intrigados. Apesar das palavras de despedida do Seth, eu conseguia "senti-lo" ainda presente, juntamente com uma tremenda sensação de vitalidade e boa vontade. O Rob contou-me sobre a voz masculina e pesada, de volume espantoso, e à minha volta eu sentia aquela energia elevada e grande bom humor, como se um Seth invisível estivesse ali sentado, a sorrir, pronto para começar uma conversa amigável.

Assim que decidimos continuar, aquela voz profunda ribombou de novo a sair de mim e, como Seth, comecei a andar pela sala, parando para falar diretamente com o Rob ou para olhar pela janela. Sentia realmente que outra pessoa se estava a instalar dentro do meu corpo, a habituar-se a movê-lo e a irradiar satisfação pela conquista.

"Gosto de falar convosco por alguns momentos daquilo a que poderiam chamar com agrado de conversa normal. Os amigos nem sempre falam de assuntos elevados e ponderosos… Anteriormente, estivemos demasiado ocupados com outras questões para qualquer intercâmbio emocional. E, se a voz do Ruburt soar algo monótona nesta fase de transição, eu, por mim,

estou num estado muito brincalhão, pode dizer-se, travesso. Façam, pois, quaisquer perguntas que tenham em mente."

Como Seth, fiz uma pausa, a sorrir, olhando o Rob diretamente nos olhos. O Rob ficou novamente surpreendido com a voz profunda que recomeçara, e levou um minuto a pensar em algo para perguntar. Além disso, ainda se ria do modo jovial do Seth, e dos gestos e inflexões de voz que eram tão diferentes dos meus.

"Ah… tens amizades no teu plano como nós aqui?"

"Claro que tenho amizades. A única coisa sobre o vosso plano que o torna um campo de empreendimento tão tentador para nós aqui é que alguns de nós ainda mantêm laços de natureza emocional, e tentamos, embora muitas vezes desajeitadamente, entrar em contacto com velhos amigos. Tal como escrevem cartas a amigos em países distantes e não os esquecem, também nós não esquecemos."

O Rob fez várias outras perguntas e, durante três quartos de hora, os dois — Rob e Seth — conversaram de um lado para o outro. Sobre a voz, o Seth disse: "A voz do Ruburt é uma experiência. A imediaticidade das nossas sessões seria aumentada se mais da minha personalidade pudesse passar. Eu poderia continuar felizmente, dirias levianamente, durante horas, mas não o farei. Não sou nenhum velhote antiquado. De vez em quando o velho Frank Withers aparece simplesmente porque foi a última materialização independente e está habituado a tomar as coisas a seu cargo. Ainda não o assimilei completamente, mas podes acreditar, tenciono fazê-lo."

Aqui o Rob voltou a rir. O Seth falara jovialmente, mas não com malícia, sobre o Frank Withers. O tom da sua voz e o largo sorriso suavizavam as palavras proferidas. O Rob comentou a atitude do Seth e o Seth disse: "Receio não ter aprendido ainda a humildade. Por outro lado, conheceste-me antes de eu conhecer o Frank Withers, e a minha vaidade então era assombrosa. Tu também eras bastante vaidoso e, como mulher, certamente punhas a tua atual esposa envergonhada no que toca à vaidade."

Ele referia-se, claro, a alguns dados reencarnacionais que dera anteriormente. Acabámos por saber que o Seth, o Rob e eu fazíamos parte de uma entidade antiga; isto será discutido nos capítulos 14 e 15. O Seth também diria mais tarde que essa relação passada era parcialmente responsável pelas nossas comunicações.

À medida que a conversa entre o Rob e o Seth prosseguia, o Rob habituou-se à voz e divertiu-se realmente, não havendo agora qualquer dúvida na sua mente de que o Seth era o Seth, alguém totalmente diferente e independente.

A impressão que o Rob recebeu da voz, dos gestos e do modo era a de um cavalheiro enérgico e culto, "à moda antiga", talvez nos seus sessenta anos, extraordinariamente inteligente, mas consciente das próprias fraquezas — um homem com um sentido de humor muito apurado, embora antiquado. Como Seth, toquei numa planta begónia (uma das minhas favoritas) e disse: "Gosto da planta da Jane. As coisas verdes são uma pedra de toque da vossa existência. Notaram que antes usei o termo 'plano' em vez de 'planeta', porque não têm a chaleira inteira só para vós…"

"Receio que, como voz de homem, a Jane soe pouco melodiosa. Não tenho de modo algum a voz de um anjo, mas também não soe como um eunuco assexuado, que foi tudo o que consegui que ela soasse esta noite… e, Ruburt, se queres um cigarro, vai buscar um. Ela anda há dez minutos com um fósforo na mão."

Não me lembro de nada disto, mas, segundo o Rob, fui então buscar um cigarro e sorvi um copo de vinho. "Se eu pudesse beber um copo de vinho convosco e apreciá-lo, fá-lo-ia. Se querem conversar por alguns momentos sem necessidade de tomar notas, façam-no. Eu certamente durarei tanto quanto o Ruburt — e muito mais. E se alguma vez os traços da tua mulher mudarem numa noite enquanto falamos, sugiro que não lho digas até ao fim da sessão."

O Seth continuou até depois da meia-noite. A observação sobre a mudança dos meus traços ficou incluída nas notas, claro, mas foi de resto esquecida até um ano mais tarde, quando nos foi trazida à mente com alguma força. Quando a sessão terminou, a minha própria voz continuava fresca e clara, sem vestígio das dificuldades anteriores. Eu nem sequer estava cansada.

Novamente, ao ler as notas, ficámos fascinados com o material, sobretudo porque o Seth nos disse que ia explicar esses Sentidos Interiores mais plenamente e ensinar-nos a usá-los. Cumpriu a palavra, pois, como verão brevemente, deu-nos instruções e viríamos a ter toda a espécie de novas experiências ao segui-las. Não sabíamos que essa informação estava ajustada ao nosso próprio nível de compreensão e era bastante simples em comparação com as ampliações que se seguiriam.

Também não percebíamos que o surgimento da voz do Seth completava a estrutura psíquica através da qual receberíamos o Material de Seth e através da qual a personalidade do Seth se expressaria. A partir desta sessão, houve sempre alguma mudança de voz durante as sessões, mas os tons graves e retumbantes foram exceção durante algum tempo. Em certas ocasiões sente-se por detrás da voz um poder realmente tremendo; e a minha própria voz nunca fica forçada. Muito mais tarde, o Seth disse-nos que essa energia psíquica pode ser traduzida em som desta forma, ou pode ser usada para outros propósitos. Agora, quando o Seth dá material clarividente, por exemplo, a voz raramente é alta. A energia é usada para recolher os dados. (Como verão mais adiante neste livro, essa energia pode também ser um trampolim para outras dimensões.)

Quando a voz é profunda e retumbante, sinto-me muito pequena e rodeada por uma energia terrífica. Pelo que aprendemos, a voz era uma espécie de indicação da quantidade de energia disponível; servia muitos propósitos, além de ajudar a expressar a personalidade do Seth.

Visto retrospetivamente, parece que, com o surgimento inicial da voz do Seth, a estrutura das sessões ficou concluída. Até os princípios básicos do material tinham sido dados de forma altamente simplificada: os blocos sobre os quais seriam lançadas as fundações.

Falem de explosões psíquicas! A nossa primeira sessão com a tábua Ouija fora a 2 de dezembro de 1963. No fim de janeiro tínhamos vinte sessões e cerca de 230 páginas de material dactilografado. Sabíamos que a mudança de voz era significativa, claro, mas não percebíamos que o poder por detrás da voz era a questão mais importante. Víamos que as sessões tinham uma espécie de ordem, mas o seu significado escapava-nos. Na realidade, a estrutura fornecia continuidade e estabilidade, mas também era suficientemente flexível para alimentar desenvolvimentos latentes de que então estávamos completamente alheios. Dentro dela, a minha própria formação como médium decorreria em segurança.

Neste ponto, havia vários caminhos que poderíamos ter seguido. Podíamos não contar a ninguém o que estava a acontecer, podíamos contactar um grupo espiritualista ou podíamos informar os parapsicólogos. Decidimos claramente não contar a nenhum dos nossos amigos ou familiares, pelo menos por enquanto. Os grupos espiritualistas estavam fora de questão, de todo o modo, por causa das minhas opiniões na altura sobre a religião em

geral. Mas os livros de ESP que tínhamos lido aconselhavam que qualquer pessoa que tivesse tais experiências contactasse um psicólogo ou parapsicólogo qualificado.

Como resultado das instruções do Seth, ambos começámos a ter algumas experiências clarividentes por nossa conta, e achámos que devíamos escrever a alguém que soubesse mais sobre tais assuntos do que nós. Além disso, havia aquela questão premente: seria o Seth parte do meu subconsciente? Poderiam os psicólogos dizer-nos? Assim, decidimos contactar um parapsicólogo que tivesse conhecimento de ESP e de psicologia.

Suponho que faria o mesmo se tivesse de repetir. Mas não tenho a certeza.

Os próximos capítulos tratarão dos nossos esforços para sermos "cientificamente responsáveis", para "testar" o Seth quanto à ESP. Não chegámos realmente a qualquer decisão global, mas penso que fui movida pela necessidade de tornar tudo isto intelectualmente ou academicamente legítimo. Era-o, claro — mas eu tinha muito a aprender.

CAPÍTULO CINCO
UMA CARTA DE UM PSICÓLOGO DEIXA-ME NERVOSA
A TRANQUILIZAÇÃO DE SETH

No início de fevereiro, o Rob escreveu ao Dr. Ian Stevenson, ligado ao Departamento de Neurologia e Psicologia da Universidade da Virgínia. O Dr. Stevenson interessava-se por reencarnação, e nós acabáramos de ler sobre o seu trabalho. O Rob enviou-lhe também cópias de algumas sessões, incluindo parte da informação que nos fora dada sobre as nossas próprias vidas passadas. Segundo isto, vivêramos várias existências num passado muito distante, incluindo uma na Dinamarca há três séculos, quando o Rob e eu éramos pai e filho e o Seth um amigo comum. As nossas últimas vidas tinham sido em Boston, no século XIX.

Eu sentia-me desconfortável com o material reencarnacional simplesmente porque ainda não queria aceitar a ideia — parecia-me demasiado extravagante. Não incentivei propriamente o Rob a pedir ao Seth que ampliasse essa informação ou que preenchesse os pormenores que tinha dado. Mas fazia parte do material — mal podia negá-lo.

O Dr. Stevenson escreveu-nos uma carta muito semelhante à que eu própria escreveria hoje a alguém nas mesmas circunstâncias. Achou que a fluência do material sugeria uma origem subconsciente, mas sublinhou que, nesta fase, era impossível dizer. Disse-nos também que o amadorismo mediúnico podia produzir sintomas mentais em certas condições.

"Ótimo", disse eu ao Rob. "Comporto-me mais maluca do que o costume?" O Rob assegurou-me solenemente que não havia mudança no meu comportamento. Na verdade, ele andara a vigiar tais sinais — e eu também. Mas o aviso bem-intencionado do Dr. Stevenson deixou-me um pouco em baixo, embora nós próprios tivéssemos lido as mesmas cautelas nalguns dos nossos livros de fenómenos psíquicos.

De certo modo, a carta do Dr. Stevenson chegou numa altura infeliz. Tinha sido impossível manter as sessões absolutamente secretas. Inevitavelmente, alguns dos nossos amigos acabariam por aparecer numa segunda ou quarta-feira à noite e ouvir a voz estranha do outro lado da porta, como aconteceu ao Philip pouco antes de escrevermos ao Dr. Stevenson.

Como resultado, o Phil começou a assistir a sessões ocasionais. Estou a usar o nome de entidade que o Seth lhe deu, uma vez que a família dele não compreende o seu interesse por fenómenos psíquicos — situação que encontrámos mais do que uma vez. O Phil mora fora do estado, mas viaja a Elmira de seis em seis semanas, mais ou menos, em trabalho.

Poucos dias antes de recebermos a carta do Dr. Stevenson, tivemos uma sessão não programada com o Phil presente. Demos-lhe papel e caneta para escrever quaisquer perguntas que pudesse ter, mas o Phil nunca chegou a escrever nada. Segundo ele, o Seth respondeu a cada uma das suas perguntas, por ordem, à medida que o Phil as formava na mente. O Phil escreveu e assinou uma declaração nesse sentido.

Este foi o primeiro sinal de qualquer tipo de telepatia ou clarividência nas sessões. O Phil ficou realmente espantado, e eu também.

Acreditei na palavra do Phil, mas também pensei que a coincidência poderia ter explicado o episódio. Ainda assim, o ânimo levantou-se. Depois, alguns dias mais tarde, chegou a carta do Dr. Stevenson e eu mergulhei em baixa. "Vê se o Seth tem algo a dizer sobre a carta", disse o Rob. Concordei, mas quando eu ficava tensa era difícil relaxar o suficiente para ter uma sessão.

Saltei a sessão marcada seguinte por causa disso, mas já tinha recuperado o equilíbrio quando chegou a segunda-feira seguinte.

O Seth tinha bastante a dizer! "Uma boa noite afetuosa e exasperada", começou. "A exasperação deve-se ao facto de o vosso bom psicólogo quase ter minado a confiança que consegui dar ao Ruburt na nossa sessão com o vosso amigo, o Phillip. Tentei fortalecer a confiança do Ruburt, e um estranho veio deitá-la abaixo. As intenções dele foram das melhores, mas suponho que agora me sinto — e sinto-me — obrigado a entrar na questão da estabilidade mental e emocional e de quaisquer perigos para essa estabilidade que possam estar envolvidos aqui."

"No que diz respeito ao Ruburt, não há perigo. Por um lado, sou um cavalheiro sensível mas disciplinado e sensato — se bem que algo irascível. Nenhuma das comunicações que vos faço é de forma alguma conducente à instabilidade. Atrevo-me a dizer que sou mais estável do que tu, o Ruburt, ou o distinto psicólogo.

"Sinto uma forte responsabilidade por vós e pelos resultados que advêm das nossas comunicações. Se alguma coisa, os conselhos pessoais que vos tenho dado a ambos devem acrescentar ao vosso equilíbrio mental e emocional e resultar numa relação mais forte com o mundo exterior… Dependo, sim, da disposição do Ruburt para dissociar. Não há dúvida de que ele, por vezes, não tem consciência do ambiente durante as sessões. É um fenómeno a que ele dá consentimento, e poderia, a qualquer momento, devolver a sua atenção consciente ao ambiente físico.

"Não há perigo de a dissociação apoderar-se dele como algum monstro negro, vago e peludo, levando-o para os subterrâneos da histeria, esquizofrenia ou loucura. Aconselhei consistentemente contactos com o mundo em geral e disse-vos a ambos que usassem as vossas capacidades para enfrentar desafios exteriores. O retraimento na dissociação como esconderijo do mundo poderia ser perigoso, e muitos caíram aqui como presas. Com o Ruburt não é o caso.

"Por um lado, o ego do Ruburt é extremamente forte. A sua intuição é a porta que relaxa um ego de outro modo obstinado e dominador." Nisto, o Rob ergueu o olhar e riu-se. "As qualidades intuitivas, no entanto, não são frívolas e a personalidade está bem integrada." O Seth prosseguiu a descrever a dissociação, dizendo que eu estava sempre consciente do meu entorno, até certo ponto, nas sessões. "É verdade", disse ele, "que um

estado de dissociação é necessário. Mas, porque abres uma porta, isso não significa que não a possas fechar, nem significa que não possas ter duas portas abertas ao mesmo tempo — e é este o meu ponto. Podes ter duas portas abertas ao mesmo tempo e podes ouvir dois canais ao mesmo tempo. Entretanto, tens de baixar o volume do primeiro canal enquanto aprendes a sintonizar a tua atenção no segundo. A este processo chamas dissociação."

Quando o Seth fez uma pausa, o Rob perguntou: "O que tens a dizer sobre a ideia do Dr. Stevenson de que isto pode ser tudo o subconsciente da Jane?"

"Já abordámos isto antes", disse o Seth, "e não tenho dúvidas de que o faremos em ocasiões infinitas; e, se eu conseguir convencer-te da minha realidade como personalidade separada, terei feito extraordinariamente bem. Deverá ser evidente que as minhas comunicações passam pelo subconsciente do Ruburt. Mas, tal como um peixe nada através da água — sendo certo que o peixe não é a água — eu não sou o subconsciente do Ruburt.

"A ligeira evidência de telepatia que vos dei teve um propósito. Quis mostrar-vos que a telepatia existia e quis mostrar ao Ruburt que estava envolvido algo mais do que o seu próprio subconsciente, tal como ele o conhece. Agora, o Ruburt monta-me — ou permite que eu me monte — de um modo que será reconhecível para vós, mas, independentemente disso, existo de maneira independente."

Elaborações posteriores sobre a declaração acima deram-nos uma ideia bastante razoável dos processos internos que ocorrem para que o Seth e eu possamos estabelecer contacto. Isto envolve a construção de uma "ponte psicológica", que será explicada mais adiante neste livro. Neste ponto, eu falava como o Seth havia cerca de quarenta minutos, e ele recomendou um período de descanso, dizendo: "Algures entre agora e os próximos vinte e cinco anos a desfazer as vossas dúvidas, gostaria de abordar outros assuntos que tenho tentado tratar há várias sessões. Mas façam o vosso descanso, gatinhos."

Eu costumava invejar a perspetiva do Rob sobre as sessões. Ele podia ver-me e ouvir-me como Seth, e eu não. Agora, durante o intervalo, interroguei-o outra vez. Detestava ter de depender de outra pessoa para me dizer o que se passava, mas aprendera uma coisa: eu não podia ser a Jane e o Seth ao mesmo tempo. Para o Seth vir através, eu tinha de parar com tais picuinhas mentais — pelo menos temporariamente.

Após o intervalo, o Seth disse: "Mais uma vez, não sou o subconsciente do Ruburt, embora fale através dele. É a atmosfera através da qual posso chegar até vós, tal como o ar é a atmosfera através da qual uma ave voa… É necessária uma certa recomposição de mim mesmo. Isto é feito parcialmente por mim e parcialmente pelos esforços subconscientes combinados de ti e do Ruburt. Isto satisfaz-te por agora?"

"Claro, Seth", disse o Rob.

"Sejam francos, por favor, pois não gosto disto a pairar sobre as nossas cabeças", disse o Seth. Depois prosseguiu dando-nos alguma informação acerca das entidades e das várias personalidades que as compõem. O Rob estava particularmente curioso quanto às diferenças entre entidades e personalidades.

"A vida individual, ou melhor, a vida de qualquer indivíduo presente, poderia ser legitimamente comparada ao sonho de uma entidade. Enquanto o indivíduo desfruta do seu número dado de anos, estes não passam de um relâmpago para a entidade. A entidade preocupa-se com esses anos de modo algo semelhante ao que tens quanto aos teus sonhos. Assim como dás propósito e organização interiores aos teus sonhos, e obténs deles discernimento e satisfação, embora envolvam apenas parte da tua vida, assim a entidade, até certo ponto, dirige e dá propósito e organização às suas personalidades.

"Dão-se às personalidades infinitudes de diversidade e oportunidade… Os teus próprios sonhos são fragmentos, tal como, em sentido mais amplo, tu és fragmento da tua entidade." O Seth disse também que uma parte interior de cada personalidade tinha consciência da sua relação com a sua entidade e que essa porção realizava a respiração do homem e controlava os processos corporais que consideramos involuntários.

A sessão durou até às 23h30. O Rob ficou tranquilizado pelas declarações do Seth sobre a minha capacidade de lidar com a dissociação e pela sua atitude responsável. Eu também, mas continuava a pensar na observação da carta do Dr. Stevenson. "Claro, o Seth disse que estava tudo bem", disse eu. "Que mais poderíamos esperar que dissesse?"

Durante algum tempo, creio que passei metade do tempo a tentar psicanalisar o Seth e a outra metade a tentar analisar-me a mim própria. Cautela é uma coisa, mas por vezes eu exagerava. Mesmo assim, o Seth disse

que o meu ego forte era uma mais-valia para o nosso trabalho quando eu não exagerava, pois mantinha a minha personalidade por inteiro estável e dava-me a força psicológica para manejar e desenvolver as minhas capacidades.

Um incidente pequeno mas engraçado surgiu que ilustra a minha atitude durante esses primeiros meses. Temos um apartamento lindo e grande que tem, infelizmente, uma cozinha minúscula, do tamanho de um armário. Quando nos mudámos para o nosso apartamento atual, a cozinha tinha um fogão e um pequeno frigorífico que nem de longe chegava para toda a nossa comida. Arranjámos um maior para os alimentos que não usávamos todos os dias e coloquei esse segundo frigorífico na nossa enorme casa de banho, uma grande divisão antiga, revestida a azulejo, que é facilmente cinco vezes maior do que a cozinha. Eu sabia que esse era um sítio disparatado para um frigorífico, mas com o tempo habituei-me.

No início da primavera, o Rob teve vários furúnculos na gengiva e, uma noite, perguntou ao Seth como poderia livrar-se deles. O Seth lançou-se imediatamente numa discussão bastante hilariante sobre os aspetos anti-higiénicos de um frigorífico na casa de banho. Fez algumas afirmações amáveis mas firmes no sentido de que devíamos saber mais do que isso e sugeriu que o aparelho fosse para a cozinha, onde guardaria toda a nossa comida refrigerada. Se assim fosse, assegurou ao Rob, os furúnculos desapareceriam.

"Personalidade de controlo nenhuma — seja lá o que for — me vai dizer como geri a casa", disse eu. "Isto é um daqueles sinais suspeitos de que lemos. A personalidade de controlo começa a impor-se e a tentar dominar a personalidade normal do médium. Lembras-te do que disse o Dr. Stevenson? Além disso, não há lugar na cozinha para o frigorífico grande."

"Faz o que quiseres", disse o Rob. "Tenho furúnculos, mas e depois? Posso viver com eles."

"Bem…"

"Além disso", disse o Rob, "o Seth não te ordenou nada. Eu fiz-lhe uma pergunta e ele respondeu."

Quando eu reajo emocionalmente e o Rob me dá uma resposta razoável, isso põe-me sempre na defensiva. Por isso, concordei.

No dia seguinte mudámos o frigorífico grande. Para salvar o meu orgulho, ou o que fosse, coloquei o frigorífico pequeno na casa de banho e transformei-o numa arca de toalhas. O frigorífico grande ainda está na cozinha. Já me livrei há muito do pequeno. Ah, sim — os furúnculos do Rob desapareceram em dois dias e nunca mais voltaram.

Por outras palavras, eu vigiava o Seth como um falcão, particularmente durante o primeiro ano mais ou menos, mas ele comportava-se sempre com inteligência, dignidade e humor. Assim que comecei a julgá-lo pelas suas ações e pelo seu efeito sobre nós, larguei esse hábito. Ele ganhou a minha confiança. Deu-nos excelentes conselhos, psicologicamente sólidos, mas nunca tentou dar-nos ordens.

Por vezes seguíamos o seu conselho, para nossa vantagem. Outras vezes, não acompanhávamos, por razões nossas. Em 1964 fomos à procura de casa, por exemplo. O Seth sugeriu que comprássemos uma casa em particular. Gostámos muito dela, mas estava em mau estado. O Seth bem podia ter razão, pensámos — e talvez fôssemos mais felizes se comprássemos a casa — mas simplesmente não estávamos dispostos a arriscar.

Há cerca de um ano e meio, o Seth sugeriu que eu deixasse o emprego na galeria de arte e desse aulas de fenómenos psíquicos. Chegou até a dizer quantos alunos eu teria dentro de três meses. Segui o seu conselho, embora não pensasse realmente que houvesse grande resposta nesta área. O Seth acertou: tenho apreciado as aulas, aprendi imenso com elas e ampliei as minhas próprias capacidades como resultado, de maneiras que eu não sabia serem possíveis.

Durante os primeiros seis meses das sessões, o nosso gato, o Willie, começou a portar-se de modo bastante pouco sociável. Algumas vezes começou a bufar e a cuspir, bastante enlouquecido, mesmo antes das sessões. Uma noite, deixou-nos realmente surpreendidos. Estávamos a preparar-nos para começar e o Willie dormia no armário do quarto. De repente, saiu disparado do armário, com o pelo eriçado, atravessou a sala e escondeu-se atrás das cortinas. Uma vez, mordeu-me nos tornozelos enquanto eu falava pelo Seth e, em transe, arrastei-o meio pela sala enquanto ele se agarrava à bainha das calças. O Rob teve de o fechar no estúdio.

Finalmente, o Rob perguntou ao Seth se sabia o que se passava. A resposta foi que os sentidos muito apurados do Willie captavam a presença do Seth mesmo antes da hora da sessão. Disse-nos que o comportamento do gato

mudaria à medida que o Willie se habituasse à situação. Um mês depois, sensivelmente, o Willie voltou a ser ele próprio. Agora não dá qualquer atenção às sessões e, ocasionalmente, até salta para o meu colo quando estou em transe.

Durante esse período, o Rob teve uma recidiva de problemas nas costas, embora muito menos grave do que antes. O Seth dedicou várias sessões longas à análise da condição do Rob e explicou as razões dos sintomas. Eles desapareceram sem medicação, e pensamos que o conhecimento que o Rob obteve através dessas sessões foi responsável.

Antes, tínhamos comprado uma cadeira Kennedy por causa das costas do Rob. Ele sentava-se nela para tirar as notas das sessões e, durante algum tempo, era a única cadeira em que se sentia confortável. Já não precisou dela quando recuperou e eu ganhei o hábito de a usar. Muito mais tarde, quando finalmente consenti em sentar-me durante as sessões, seria a minha "cadeira do Seth" favorita.

Aprendemos rapidamente que o Seth considerava os sintomas físicos como a materialização exterior de desarmonia interior. Ele enfatizou a importância da sugestão e os perigos da autocomiseração. Disse-nos então que, quando um de nós estivesse doente, o outro não deveria oferecer consolo excessivo e, assim, reforçar a ideia de doença. Em sessões posteriores, daria excelente material sobre a manutenção de boa saúde. Isto será abordado no Capítulo 13.

Tenho dedicado algum tempo e espaço às primeiras sessões do Seth para que o leitor possa familiarizar-se com parte do material tal como nos foi dado. Parte dele parece-nos agora tão elementar que é difícil recordar o espanto que sentimos na altura. Foi o contínuo sentido de descoberta e a curiosidade intelectual que nos conduziram e que, finalmente, resolveram as minhas próprias dúvidas.

Tantos desenvolvimentos ocorreram nos meses seguintes que é difícil cobri-los a todos. Ambos viríamos a ter as nossas primeiras experiências fora do corpo, ou "projeções astrais". As nossas experiências no que o Seth chama "Tempo Psicológico" ajudaram-nos a desenvolver as nossas próprias capacidades psíquicas. A qualidade e o âmbito do Material de Seth cresceram constantemente, e viríamos a estabelecer alguns contactos com outros na área da parapsicologia. Descobriríamos em breve que o Seth era de facto clarividente e que a minha própria formação como médium apenas começara.

CAPÍTULO SEIS

SETH ENCONTRA UM PSICÓLOGO

Dizer que o meu editor ficou surpreendido com os primeiros oito capítulos do meu livro sobre ESP é pouco. Já tinha lidado comigo antes e conhecia-me suficientemente bem para se interessar pessoalmente. Escreveu cartas entusiásticas, mas também estava preocupado com o livro tal como estava. As minhas experiências provavam que eu fora médium o tempo todo sem o saber, disse ele, e isso poderia invalidar a premissa do livro — a de que as experiências funcionariam para qualquer pessoa, até certo ponto, independentemente do seu historial psíquico.

"Mas as experiências libertaram as minhas capacidades", protestei ao Rob. "Isso prova o ponto, não prova? Eu nunca tivera quaisquer experiências psíquicas antes."

"Não me digas a mim, diz ao editor", disse o Rob. "Pela minha vida, não consigo perceber porque é que o surgimento do Seth não torna o livro muito melhor do que seria de outra forma."

Acontece que era a parte do Seth no livro que incomodava o editor. Se eu minimizasse a importância do Seth e me concentrasse nalgumas das outras experiências que também estavam a resultar, então o livro teria muito boas hipóteses, disse-me o editor. As outras experiências incluíam previsões diárias e recordação de sonhos; e o nosso trabalho com recordação de sonhos já nos mostrara a validade de sonhos precognitivos.

O Rob e eu estávamos ambos a praticar previsões; levavam apenas alguns momentos por dia. Esvaziávamos a mente de pensamentos objetivos e escrevíamos tudo o que nos viesse à cabeça, tentando prever os acontecimentos do dia. O truque era dar liberdade ao eu intuitivo e não intelectualizar. Os resultados surpreenderam-nos e convenceram-nos de que a maioria das pessoas tem mais conhecimento do futuro do que imagina. Descobrimos, entre outras coisas, que muitas vezes preveríamos partes diferentes de um mesmo acontecimento.

Estou certa de que a maioria de nós reage antecipadamente a alguns eventos, e voltarei a falar disto mais adiante no livro. Como em todas estas experiências o Seth nos ajudava através de sugestões concretas e explicações sobre como percecionamos tal informação, simplesmente não

podia minimizar a sua importância só para ver o livro sobre ESP publicado. Para nós, o Seth e o Material de Seth tornavam tudo o resto possível.

Por fim, embora o editor fosse a favor do livro, o seu publisher recusou-o. Fiquei mesmo desapontada por perder a venda. Como resultado, considerei a ideia de publicar algumas das ideias do Seth como minhas e esconder a sua origem. Isto pareceu-me desonesto e decidi contra. Além disso, sentia que o próprio facto das sessões era psicologicamente fascinante e levantava questões que eram respondidas no próprio material. Por isso enviei os meus oito capítulos para outro sítio, parei o trabalho no livro durante quase um ano e dediquei o meu tempo de trabalho a contos, que foram publicados em várias revistas nacionais.

Entretanto, decidimos escrever a outra pessoa da área. O Dr. Karlis Osis, da American Psychic Society, teria experiência com casos como o nosso, pensámos. Assim, em março de 1964 escrevemos-lhe uma carta. Ele respondeu em breve pedindo algumas sessões de amostra e sugerindo que o Seth descrevesse clarividentemente o seu gabinete em Nova Iorque. Não sei o que esperava do Dr. Osis, mas com certeza não estava preparada para ver o que o Seth podia ou não fazer. O Seth ofereceu-se para realizar a experiência, mas eu retraí-me. Não sei se tinha mais medo de que o Seth conseguisse ou não conseguisse levá-la a cabo.

"Chegou a hora do 'mostra ou cala-te'. É disso que se trata", disse eu, em lágrimas, ao Rob. "Se isto não é uma grande treta, então vamos lá ver-te a ti ou ao Seth a atravessar paredes!"

"Mas o Seth disse que o faria", disse o Rob, com razoabilidade.

Ainda assim, nem ao Rob consegui exprimir os meus receios. E se o Seth não conseguisse? Isso não significaria que todo o resto era uma espécie de fraude subconsciente? Porque é que o Seth concordara quando sabia, fosse ele quem fosse, que eu estava cheia de medo?

"Estás com medo de pôr isto à prova", disse o Rob. "Mas isso é normal nesta fase do jogo. Prefiro que não forces."

"Eu posso cometer erros e está tudo bem", disse eu, a tentar explicar. "Mas e se o Seth também os cometer? E se ele tentar fazer o que lhe pedem e falhar?"

“Ele é suposto ser omnipotente?”, perguntou o Rob, a sorrir.
“Não, claro que não”, disse eu. “Mas ajudava imenso se fosse.” Mesmo assim, caí noutro marasmo. Continuava longe de estar certa de que acreditava na sobrevivência da personalidade após a morte e, se não sobrevivíamos, então de quem estava eu a receber estas mensagens? Do meu subconsciente? Embora usasse essa explicação como bode expiatório conveniente às vezes, também não acreditava realmente nisso: o meu subconsciente já tinha expressão suficiente nos meus contos e poesia — e sem adotar outras características de personalidade. Uma personalidade secundária? Talvez, mas o Seth não encaixava no retrato de nenhum dos estudos de caso que tínhamos lido — e eu também não.

Enquanto eu hesitava em tentar a experiência, o Rob enviou ao Dr. Osis mais material. O Dr. Osis escreveu que não estava interessado no material em si, já que não se enquadrava no seu campo de psicologia empírica. Pediu-nos que não enviássemos mais, a menos que contivesse relatos de demonstrações de ESP. Embora tivesse manifestado interesse em “testar” o Seth quanto à ESP e sugerido novamente que tentássemos a experiência clarividente, a carta deixou-me de pé atrás. Por isso embiquei: se ele não mostrava interesse no material, que eu achava magnífico, então que fosse procurar outra pessoa para andar a espreitar-lhe pelas paredes!

Lembrem-se, isto era março de 1964. As sessões só tinham começado em dezembro anterior e tínhamos tido poucos casos de ESP nas sessões, exceto pelos efeitos físicos que alternadamente me intrigavam e assustavam.

Aparentemente eu simplesmente não estava pronta para pôr o Seth ou a mim mesma sob qualquer tipo de teste. Tinha medo de que a alegação de clarividência do Seth pudesse ser bluff subconsciente — dele ou meu — e não sabia se tinha coragem suficiente para chamar esse bluff. E supondo que não fosse bluff? Também não estava pronta para enfrentar isso! Ainda não tinha feito as pazes com a minha experiência. Pensava em “testar” o Seth de forma altamente rígida e inflexível. O Seth tinha de estar certo ou errado. A ideia de acertos e falhas nas investigações de ESP era-me desconhecida. Tinha pouca noção das mecânicas internas envolvidas no mediunismo e, muito provavelmente, a minha atitude bloqueava efetivamente quaisquer demonstrações consistentes naquela altura.

Estava zangada com o Dr. Osis por procurar sinais ou maravilhas (a minha interpretação, então, da sua carta). Ainda assim, sabia que eu própria iria

exigir o mesmo tipo de coisa quando ganhasse coragem suficiente para pôr o Seth, ou a mim, na berlinda.

Entretanto, mudanças estavam a ocorrer nos meus estados de transe. Durante o primeiro ano, percorri a sala constantemente enquanto falava pelo Seth. Os meus olhos estavam abertos, as pupilas dilatadas e muito mais escuras do que o habitual. Mas na 116.ª sessão, em dezembro de 1964, sentei-me e fechei os olhos pela primeira vez. O Rob, sensatamente, nada disse até a sessão terminar. O Seth disse-nos que aquele era um procedimento experimental e que não continuaria a menos que eu desse consentimento pleno.

Parece ridículo agora que me tenham sido precisas 116 sessões até fechar os olhos ou parar de andar de um lado para o outro. Quando esta primeira mudança aconteceu nos meus estados de transe, eu já tinha tido a minha primeira experiência fora do corpo e, seguindo as instruções do Seth, tinha experiências clarividentes durante períodos diários de exercícios. Mas sentia que controlava essas experiências, enquanto o Seth controlava as sessões, e para mim isso fazia diferença. Concordei com o novo procedimento de transe, mas ainda levaria algum tempo até se tornar a regra e não a exceção. O transe era, contudo, mais profundo, e o material lançou-se em assuntos mais complexos. Foi também por essa altura que o Seth começou a tirar-me os óculos mesmo antes de começar a falar.

(Só em janeiro de 1966 surgiria a mudança seguinte no meu comportamento em transe. Depois de um ano de sessões com os olhos fechados, comecei de repente a abri-los novamente, embora o transe fosse ainda mais profundo do que antes. Houve uma alteração bastante notória do padrão muscular e dos gestos faciais — uma mudança global de personalidade. A expressão nos olhos não era apenas pouco "à Jane". Pertencia inequivocamente ao Seth. Para todos os efeitos, o Seth estava confortavelmente instalado no meu corpo físico. Este é também o nosso procedimento atual, e aparentemente dá ao Seth certa liberdade de expressão. Ele olha muitas vezes diretamente para o Rob, por exemplo, ou para quem quer que esteja a interpelar.)

Em 1964, porém, quando escrevemos ao Dr. Osis, o transe ainda não atingira essa profundidade, e eu estava só a habituar-me à ideia de me sentar durante as sessões. Em 1965, o Material de Seth acumulou-se constantemente nas nossas sessões bissemanais. No início desse ano, a Frederick Fell deu-me um

contrato para o livro de ESP, e eu tinha um prazo a cumprir. A ideia de testes de ESP ainda me assustava, mas eu sentia que eram inevitáveis e necessários.

Na primavera de 1965, cerca de um ano depois de termos escrito ao Dr. Osis, o Rob escreveu ao Dr. Instream (não é o nome verdadeiro), ligado a uma universidade estadual no norte de Nova Iorque. O Dr. Instream tinha sido um dos principais psicólogos do país nos seus primeiros anos e investigara muitos médiuns no passado. Se o Seth fosse uma personalidade secundária, ele saberia, pensei. Mais uma vez anexámos algumas sessões com a carta. O Dr. Instream respondeu, manifestando interesse e convidando-nos a participar no National Hypnosis Symposium a realizar-se em julho de 1965.

Entretanto, já tínhamos experimentado hipnose em algum trabalho de regressão de idade e reencarnacional. Nesses, eu atuava como hipnotizadora e o Rob como sujeito. Nunca usámos hipnose para induzir transe nas sessões do Seth, porém, e não tínhamos qualquer experiência com hipnose quando as sessões começaram. O Dr. Instream iria querer pôr-me sob hipnose? Eu não estava nada certa de consentir. Agora, depois de ler sobre os testes hipnóticos a que se submeteu a Sra. Eileen Garrett, a famosa médium, sei que nunca aceitaria isso para mim. (Auto-hipnose é outra coisa — uso-a agora para me dar sugestões gerais de boa saúde.)

Ficámos encantados com a perspetiva de conhecer o Dr. Instream, mas, para pagar a viagem, incluindo as taxas de participação no simpósio, teríamos de usar o nosso dinheiro de férias. Além disso, o Rob trabalhava agora de manhã no departamento de arte de uma empresa local de cartões de felicitações e pintava à tarde. Portanto, teríamos de tirar férias para fazer a viagem.

Foram as férias mais loucas e exasperantes que já passámos. Na primeira palestra a que assistimos, o orador fez uma demonstração de hipnose. Excetuando nós e alguns estudantes, o simpósio era frequentado por psicólogos, médicos e dentistas. O conferencista era um psicólogo conhecido pelo seu trabalho em hipnose. Baixando a voz, disse que, como a maioria dos presentes usava hipnose profissionalmente, deviam saber o que se sentia ao serem hipnotizados. E começou.

O Rob sentou-se de um lado e o Dr. Instream do outro. Decidi que não ia ser hipnotizada, mas baixei os olhos para não dar nas vistas. Quando se tornou evidente que a maior parte da assistência se deixara dutifully hipnotizar — sentados ali, a lembrar-me de algum modo pombos com as asas bem

arrumadinhas — levantei os olhos cautelosamente para ver o que fazia o Dr. Instream. Ele olhava de volta. O Rob estava a sorrir, a observar-nos aos dois.

O Dr. Instream era encantador. Mais tarde, estávamos num restaurante Howard Johnson's em Oswego, a conversar com o bom doutor, quando de repente senti o Seth por perto. Nunca tínhamos feito uma sessão fora de casa. Nervosa, tentei fazer sinais com os olhos ao Rob. Uma vez dei-lhe um pontapé na perna, esperando não acertar por engano na do doutor. Finalmente, apanhei o olhar do Rob. Ele percebeu a mensagem e encolheu os ombros de forma cómica.

"Hum, não sei bem como dizer isto", disse eu, "mas se quiser conhecer o Seth pode. Ele está por aqui."

Eu não tencionava fazer uma sessão num restaurante Howard Johnson's. Nem o Dr. Instream. Levou-nos ao seu consultório e fechou a porta.

Tivemos uma sessão com o Seth, a primeira em que entrei e saí de transe tão rapidamente que tanto o Seth como eu pudemos participar numa conversa normal.

Depois de cumprimentar o Dr. Instream, o Seth disse: "O meu campo é a educação, e o meu interesse particular é que estas capacidades [aparentemente paranormais] da personalidade humana sejam compreendidas e investigadas, pois não são antinaturais, mas inerentes… Estou bem ciente das dificuldades que serão encontradas.

"Já disse isto muitas vezes — não sou um espírito fantasmagórico de olhos rasos, a materializar-se no meio da noite. Sou simplesmente uma personalidade inteligente, já não presa às vossas leis físicas…" O Seth prosseguiu falando sobre os testes de ESP que o Dr. Instream sugerira na nossa conversa anterior. "Tenho algumas dificuldades com a atitude teimosa do próprio Ruburt por vezes; mas também temos de levar isto em conta, e assim faremos…

Esforçar-me-ei seriamente por fazer o que puder, dentro das nossas circunstâncias. Podem contar com a minha cooperação. Nem vale a pena dizer que tudo isto não pode acontecer de um dia para o outro, mas começaremos. Numa sessão regular discutirei o que pode ser feito. Podemos fazer muito. Muito não podemos fazer. Mas, já que compreendemos tanto as potencialidades como as limitações, podemos tirar o máximo do que temos."

Acho que talvez tenhamos estabelecido um recorde. Primeiro falava eu, depois o Dr. Instream, depois o Seth, depois o Rob — como num jogo de roda. O Seth tratou o Dr. Instream pelo primeiro nome, e os dois soavam como velhos camaradas. Fiquei um pouco abalada. Afinal, o Dr. Instream era um distinto cavalheiro idoso. O Rob tomou todas as notas que pôde, a rabiscar furiosamente.

O Seth disse: "É preciso permitir a espontaneidade. Só então se pode obter o tipo de evidência que vos preocupa. Se estivermos excessivamente preocupados com os efeitos, a espontaneidade desaparece. O ego intromete-se e perdemo-nos."

"Exatamente", disse o Dr. Instream. "Temos de avançar com cuidado, sem forçar… Estou fora de pé aqui, Seth. A espontaneidade é importante, mas—"
"É a nossa porta de entrada", disse o Seth. "Se alguma evidência há de surgir, surge por essa porta—"

"Sim", disse o Dr. Instream. "Mas as nossas limitações humanas… A nossa metodologia é importante para nós aqui, se quisermos que os outros nos ouçam."

"Numa sessão regular teremos isso em consideração", disse o Seth. "Trabalharemos dentro delas [as limitações] e veremos o que podemos fazer. Seria de grande benefício se tu e outros entendessem que essas limitações existem apenas porque as aceitais."

"Sim."

"A personalidade humana não é intrinsecamente limitada. O estado de vigília, como tenho dito muitas vezes, é tão estado de transe como qualquer outro. Aqui [nas sessões] limitamo-nos a mudar o foco da atenção para outros canais. Considera todos os tipos de consciência como estados de transe. Consciência é a direção para onde o eu olha.

"Temos muitos campos de interesse comum, tu e eu. A personalidade deve ser sempre considerada de forma elementar como padrões de ação. Quando tentas mexer em vários níveis, alteras-nos. Quando partes um ovo para descobrir o que está dentro, estragas o ovo. Há outras formas de o fazer. Não precisamos de um martelo para quebrar a casca. Eu sou um cabeça-de-ovo, mas não preciso de um martelo para ser rachado." Aqui, o Seth sorria abertamente.

“Precisaremos de obter alguma perceção disto”, disse o Dr. Instream. “Sou humano. Preciso de aprender. Precisamos de prova.”

“A tua atitude pode permitir que obtenhas alguma. Mas aqueles que têm a mente fechada não terão nenhuma evidência que os satisfaça.”

“Algumas [provas] que temos são difíceis de negar, mas temos de conduzir uma investigação metódica destas coisas”, disse o Dr. Instream.

“Esta é uma das razões pelas quais não nos inclinámos para um ambiente de sessão espírita e também porque, em grande parte, evitei exibições—” “Mais uma vez, estou fora de pé. Preciso de tempo para considerar o que podemos fazer, quais são as tuas ideias.”

“Pode haver um desfasamento temporal enquanto eu aumento a aceitabilidade do Ruburt nestas direções”, disse o Seth, “mas não antevejo dificuldades.”

O Dr. Instream tratou o Seth com deferência, grande deferência — e admito que achei isto algo suspeito na altura. Eu própria não tinha a certeza de quem ou do que o Seth era, e ocorreu-me mais de uma vez que a atitude do doutor era simplesmente um expediente para ganhar a minha confiança — a pretensão do psicólogo de acreditar na existência da ilusão do paciente tão inquestionavelmente quanto o próprio paciente.

Antes de terminarmos essa visita, o Dr. Instream disse-nos, extraoficialmente, que o Seth tinha um “intelecto maciço” e certamente não parecia ser uma personalidade secundária. Animou-me bastante ao dizer que eu aparentava excelente saúde emocional e psicológica.

Infelizmente, falámos também com outro psicólogo no simpósio, muito mais próximo da minha idade. Conhecemo-lo numa das tertúlias informais. Quando descobriu que não estávamos ligados à profissão médica de modo algum, perguntou qual era o nosso interesse no simpósio. Contámos-lhe. De uma coisa veio outra. Seguiu-se uma discussão sobre o Seth e, mais tarde, no nosso quarto, o Rob mostrou-lhe algumas das nossas notas.

Depois de falar connosco menos de uma hora, o psicólogo assegurou-me que eu era esquizoide, usando as sessões para dominar o Rob. A certa altura, arrancou as notas do aparador e aproximou-se de mim como um deus colérico, agitando-as à frente da minha cara. “Achas que é necessário tirar

todos estes registos, não achas?", exigiu.
"Precisamos deles. É o Rob que os tira", consegui dizer.

"Ah-há", gritou — e gritou mesmo. "Esse é um dos principais sintomas!"
"Mas é o Rob quem os tira…"

Não adiantava. Sempre que eu tentava dizer algo em minha defesa, ele berrava triunfantemente: "Vê? Vê? Sentes necessidade de te defender, não sentes?"

Isto aconteceu entre a nossa primeira e segunda entrevistas com o Dr. Instream. Entretanto, conduzimos pela cidade universitária deserta e parámos uma vez para beber num bar abafado. Nunca estivera tão cheia de dúvidas sobre mim própria. O psicólogo tinha dito em voz alta o mais exagerado dos meus próprios medos íntimos.

"Ele só falou connosco trinta minutos, querida", disse o Rob.
"Mas e se ele tiver razão? Eu não o saberia — é essa a parte terrível. Nenhum de nós o saberia ou gostaria de o admitir!"

"Mas alguém com esse dano emocional mostraria sintomas na vida quotidiana normal."

"Mas as sessões", gritei. "As sessões que eu acho que oferecem tal contributo… o material de que estou tão certa que oferece perceções sobre a natureza da realidade! E se tudo não passar de um sintoma de perturbação mental?"

Subimos de carro, passando pelos edifícios majestosos da universidade. Que ordem e arrumação! Se ao menos a vida fosse assim, pensei. O Rob ainda tentava confortar-me quando chegámos ao gabinete do Dr. Instream. Seria eu realmente uma dessas mulheres faladoras e dominadoras que usam toda a espécie de truques para controlar os maridos? Olhei para o Rob. Estava ali, calmo mas seguro, "frio" versus o meu "quente" — a minha ideia de homem. Normalmente sou faladora. Agora calei-me e deixei o Rob falar — ou tentei.

O Dr. Instream disse-nos que o comportamento daquele psicólogo era um exemplo do tipo de atuação que tanto incomoda os parapsicólogos. Além disso, disse-me mais uma vez que não encontrara tais tendências da minha parte. "Esse homem não tem experiência na prática da psicologia", disse. "Só leu casos de manuais disto ou daquilo." Depois disse-nos que, embora a experiência fosse infeliz, talvez fosse melhor tê-la encontrado no início do

percurso. Os psicólogos académicos tendem a ver o mediunismo com maus olhos, disse. Eu teria de deixar tais comentários escorregarem-me pelas costas. Deveria ter rido do jovem psicólogo. Deveria ter dito: "Bem, um sabe do outro", ou algo assim.

Mas o episódio incomodou-me. Levaria algum tempo até voltar a confiar plenamente em mim e nas minhas próprias reações. Senti também que já não podia arrastar os pés: tinha de descobrir o que o Seth podia ou não fazer.

O Dr. Instream explicou a atitude dos parapsicólogos relativamente à testagem da ESP e sugeriu que o Seth tentasse perceber clarividentemente objetos em que o doutor se concentraria. Faríamos isso em cada sessão. Às 22h de segundas e quartas, o Dr. Instream concentrar-se-ia num objeto no seu gabinete, na cidade onde vivia. Ao mesmo tempo, o Seth daria as suas impressões e, todas as semanas, enviaríamos as sessões por correio ao Dr. Instream. Desta vez eu concordei; o Seth também.

Depois, no regresso a casa, o Rob teve outra ideia. E se tentássemos algo do mesmo género por nossa conta? Assim, ao mesmo tempo, iniciámos os nossos testes com envelopes, em que se pedia ao Seth que desse as suas impressões sobre o conteúdo de envelopes duplamente selados.

Eu queria saber se o Seth podia fazer o que dizia que podia. O Dr. Instream queria provas científicas da existência da clarividência, e todos esperávamos poder fornecê-las. Fixámos objetivos! Os meses entre agosto de 1965 e outubro de 1966 contiveram triunfos e desilusões suficientes para me deixarem a cabeça a andar à roda. No próximo capítulo tratarei desse ano entusiasmante — e perplexo.

CAPÍTULO SETE

EPISÓDIOS FORA DO CORPO
ENTRO NUM TÁXI ENQUANTO O MEU CORPO FICA EM CASA

Iniciámos os testes do Instream e os nossos próprios testes com envelopes em agosto de 1965. Em outubro, o meu primeiro livro ia sair e a Peg Gallagher, repórter do *Elmira Star Gazette*, entrevistou-me. Eu já a conhecia de leve, mas agora ela e o marido, e o Rob e eu, tornámo-nos bons amigos. O Bill é diretor assistente de publicidade do *Star Gazette*, e ele e a Peg iam em breve de férias para Porto Rico. Decidimos montar uma experiência.

Não nos comunicaríamos por meios habituais. Em vez disso, perguntaríamos ao Seth se conseguia "sintonizar-se" com os Gallagher durante as férias. Durante a viagem deles substituiríamos esta experiência pelos nossos testes com envelopes. Sabíamos que a Peg e o Bill iam para San Juan, mas era tudo o que sabíamos. Além disso, nem o Rob nem eu alguma vez estivemos em Porto Rico.

Estávamos no meio de uma sessão com o Seth e o Seth dava as suas impressões sobre a viagem dos Gallagher. Enquanto eu estava sentada na minha cadeira de baloiço favorita, a falar como Seth, de repente dei por mim no banco de trás de um táxi. No instante seguinte, o táxi fez uma curva tão acentuada à direita que fui empurrada para o canto do assento. Por um minuto fiquei mesmo assustada. Não estava habituada a estar confortavelmente sentada na sala num momento e, no seguinte, no banco de trás de um táxi que se movia rapidamente.

Tive tempo apenas para ver o pescoço do taxista por trás — era grosso e atarracado. Não lhe vi a cara. Enquanto isto decorria, perdi todo o contacto com o meu corpo na sala. As minhas sensações subjetivas eram as de alguém subitamente desequilibrado pela curva nauseante do carro. E, no entanto, enquanto isto acontecia, o meu corpo físico estava sentado direito na cadeira, a falar sem pausa como Seth:

"Uma viagem de táxi. A nossa amante dos gatos ri-se [alcunha do Seth para a Peg, que não gosta de gatos]. Uma tarifa de três dólares que parece demais. Um taxista velho, e não jovem, com o pescoço atarracado. Um destino que fica principalmente à direita após uma curva."

Quando a Peg e o Bill regressaram, soubemos que estas impressões eram bastante legítimas. Tinham pago três dólares de táxi do aeroporto para o

motel. A Peg ficou bastante irritada com isto, pois a mesma viagem dois anos antes custara menos de dois dólares. O táxi deles fez uma curva muito brusca à direita. A Peg e o Bill lembravam-se disto vividamente, não só por causa da curva repentina, mas também porque isso aconteceu logo depois de o motorista ter passado um sinal vermelho. A curva fora tão acentuada que os perturbara consideravelmente. Mas o taxista não era "velho, e não jovem". Curiosamente, disse a Peg, parecia velho por trás, no entanto, porque o pescoço tinha um aspeto áspero, mosqueado. Era também grosso e atarracado.

Fiquei realmente deliciada quando tudo se confirmou. Vi exatamente o que seria de esperar que visse se estivesse fisicamente no táxi. A Peg e o Bill nunca tiveram consciência da minha presença.

O incidente tinha várias implicações intrigantes. Eu era, sem dúvida, quem estava "fora", e, no entanto, o Seth descreveu o que vi. A voz e a personalidade dele estavam ao comando do meu sistema físico, enquanto a minha consciência estava noutro lugar, e muitos quilómetros distante. Não precisei de contar ao Seth o que aconteceu — ele descreveu-o de imediato.

Ele não mencionou as minhas sensações quando fui atirada para o canto do táxi, contudo. Teria sido porque não as sentiu? Ou porque eu, de qualquer modo, me lembraria delas? E considerem este quebra-cabeças: concedendo que a minha consciência viajou de Elmira para San Juan no espaço, e o tempo? A sessão foi realizada na segunda-feira, 25 de outubro de 1965, mas o incidente aconteceu aos Gallagher uma semana antes, na segunda-feira, 17 de outubro. E, no entanto, vivi essa experiência com a mesma vividez como se estivesse a decorrer naquele momento em Porto Rico. (O Seth deu outras impressões corretas dessa mesma viagem.)

O episódio seguinte não envolveu diretamente o Seth, exceto no facto de eu estar a seguir as suas orientações no uso dos Sentidos Interiores. Decidi ver que impressões da viagem dos Gallagher conseguiria obter por minha conta. Assim, numa manhã dessa mesma semana, deitei-me, fechei os olhos e dei a mim própria a sugestão de que encontraria a Peg e o Bill.

De repente, sem transição, dei por mim a descer pelo ar para aterrar num alpendre comprido e estreito, rodeado por um resguardo baixo. Eu sabia que o meu corpo estava na cama, mas perdi todo o contacto com ele. Fosse onde fosse que estivesse, estava noutro sítio completamente diferente. Olhando

em volta, vi que me encontrava na varanda de um motel de construção estranha, de dois andares.

O edifício estava elevado do chão de um modo diferente do habitual. Por cima do resguardo via-se um pequeno corpo de água e, para além deste, havia um corpo de água muito maior — um oceano, pensei. Seria isto Porto Rico? Não fazia ideia.

As portas abriam para a varanda, que se estendia por todo o comprimento do motel. Perguntei a mim própria se era ali que os Gallagher estavam hospedados. Instantaneamente soube que sim, e que a porta do meio dava para o quarto deles. A Peg e o Bill não estavam à vista, porém. Antes de começar a experiência, às 11 horas, tinha acertado o despertador para as 11h30. Agora ele tocou. A minha consciência regressou tão rapidamente ao corpo que a minha cabeça física girava. Sentei-me, aflita — não conseguiria saber mais? Não poderia ver uma placa, ou obter uma ideia mais precisa da localização?

Não sabia se funcionaria ou não, mas voltei a acertar o despertador para meia hora depois, deitei-me novamente e disse a mim mesma que regressaria ao mesmo sítio. Seguiram-se sensações de deslocação breves mas nítidas. Montanhas e céus passaram velozes. Depois dei por mim a pairar no ar, por cima do mesmo motel.

Estava demasiado alta para distinguir pormenores, por isso impus-me descer mais. Sem qualquer dificuldade mudei de posição e desci, embora ainda sem chegar ao solo. Um homem estava mesmo por baixo de mim, e um pouco à minha frente. Trazia fato e chapéu, e carregava uma pasta. Enquanto eu observava, atravessou uma extensão de alcatrão até ao passeio e entrou num edifício grande do outro lado do motel. Lembro-me de ter achado estranho ele usar roupa de trabalho numa zona que tomei por estância balnear. Pareceu-me que só tinham passado momentos, mas o despertador tocou outra vez. Voltei de rompante ao corpo.

Falando em excitação! Desenhei imediatamente um diagrama do motel e da área envolvente. Mal podia esperar que os Gallagher regressassem para poder confirmar isto e as impressões do Seth. Pedi à Peg que desenhasse um diagrama do motel deles e da vizinhança próxima. O diagrama da Peg coincidiu com o meu! A minha descrição do motel estava correta, incluindo a porta central que dava para o quarto deles. O motel ficava em St. Thomas,

uma ilha perto de Porto Rico. A Peg e o Bill estavam lá no dia da minha experiência e no seguinte.

Não só isso, como o homem que vi foi alguém que o Bill reparou em ambas as manhãs, especificamente porque usava roupa de trabalho. O homem era natural da terra — mais um motivo para o Bill ter reparado nele. Eu não sabia isto, pois vira-o de costas. O edifício em que ele entrou era a estação dos correios.

Eu estava fascinada; havia tanto para aprender. No episódio do táxi na sessão com o Seth, o Seth descrevera tudo enquanto eu via. Desta vez, tive de esperar até regressar ao corpo para escrever o que acontecera e desenhar o meu diagrama.

Quanto a mim, tinha provas suficientes para me convencer de que ambos os episódios foram legítimos. Deram-me o arranque para o meu próprio trabalho em experiências fora do corpo, em que ainda estou a tentar encontrar respostas para as muitas questões colocadas por tais fenómenos. Mais tarde, o Seth viria a dar-nos instruções. Aliás, enquanto escrevo este livro, o Rob e eu estamos a iniciar uma série conjunta de experiências de projeção que o Seth propôs. Estes primeiros casos aumentaram muito a minha confiança nas capacidades do Seth e nas minhas próprias.

Quão mais divertido era este tipo de coisa do que os testes do Instream, que também estávamos a realizar! Até a nossa série de envelopes era seca em comparação. Enviámos cópias do material dos Gallagher ao Dr. Instream. Eu estava realmente entusiasmada com tudo isto e esperava ansiosamente pelos seus comentários. Partia do princípio de que ele não consideraria que tínhamos qualquer prova científica, mas tínhamos os esboços quase idênticos, e as impressões estavam corretas. "Pode não considerar isto suficientemente científico", disse eu ao Rob, "mas tem de admitir, no mínimo, que ocorreu clarividência."

Realizámos setenta e cinco testes do Instream e oitenta e três testes de envelope entre agosto de 1965 e setembro de 1966. Como a maioria das pessoas sem experiência em trabalho psíquico, eu esperava que as coisas fossem puras e simples. Se o Seth era aquilo que dizia ser, então deveria conseguir olhar para dentro do tempo e do espaço e de envelopes fechados com a mesma facilidade com que tu e eu vemos os objetos numa sala. Eu não percebia o quanto dependia da profundidade do meu transe e da minha disposição para lhe dar liberdade — tive de aprender a não "bloquear"

informação que surgia. Também não percebia que se sabe pouco sobre a perceção normal, quanto mais sobre a perceção extrassensorial, ou que não se espera que nenhum médium esteja 100% certo. As impressões tinham de vir através de mim e, como diz o ditado, errar é humano.

Mesmo assim, o Seth conseguiu usar os testes para demonstrar a sua própria capacidade clarividente, avançar a minha formação e instruir-nos sobre os processos envolvidos. Variou a profundidade dos meus transes durante os testes para que eu pudesse sentir vários estágios de consciência, e mostrou-me também como deixá-lo usar as minhas próprias associações pessoais para obter certos dados. Usou os testes para demonstrar ESP; mas, mais do que isso, deu-me prática constante em alterar o meu foco subjetivo, explicando tudo à medida que avançava.

Normalmente ninguém estava presente nestas sessões além do Rob e de mim — um estado de coisas pouco científico. Mas com os testes de envelope não tentávamos convencer cientistas ou psicólogos de nada. Queríamos ver o que podíamos e não podíamos esperar das sessões. Queríamos algo que pudéssemos verificar por nós próprios de imediato. Eu queria saber como nos estávamos a sair!

Por vezes o Rob preparava os envelopes mesmo antes de uma sessão, e por vezes com bastante antecedência. Usou todo o tipo de coisas como alvos de teste: algumas que eu tinha visto, recentemente ou no passado, e outras que eu nunca tinha visto. Podia usar, por exemplo, uma carta que chegara no dia anterior e que eu lera, ou uma conta de vários anos antes, ou um item que apanhara e que eu nunca vira, ou ainda um envelope preparado por um amigo — caso em que o conteúdo era desconhecido até para o Rob.

Pedacinhos de papel que o Rob apanhava na rua, folhas, bases de copos de cerveja, madeixas de cabelo, fotografias, esboços, contas — tudo foi usado em algum momento. Por vezes o Rob escolhia itens especificamente por terem fortes cargas emocionais associadas. Outras vezes usava propositadamente objetos neutros. Queríamos ver se o Seth se saía melhor com certos tipos de alvos do que com outros.

Os itens eram colocados num envelope selado entre duas camadas de cartolina bristol opaca à luz e, depois, tudo era colocado noutro envelope, também selado. Eu nunca sabia quando teríamos tal teste e nunca via o envelope antes de uma sessão. O Rob entregava-me um envelope a meio de uma sessão. Eu estava sempre em transe e, geralmente, de olhos fechados.

(Em qualquer caso, o item de teste estava entre duas cartolinas e dois envelopes, e era totalmente opaco.) Por vezes segurava o envelope na testa enquanto transmitia impressões. Depois da sessão, verificávamos os resultados. (Exemplos específicos aparecerão no capítulo seguinte.)

Falando em gangorra! Quando o Seth se saía bem nos testes, eu sentia-me leve como uma pena durante dias. Quando algo não confirmava à minha satisfação, sentia-me como se pesasse 450 libras e estivesse a ganhar uma libra por hora. Achava que qualquer coisa menos do que um desempenho perfeito lançava dúvidas sobre a natureza independente do Seth.

No conjunto, os nossos próprios testes revelaram-se inestimáveis — não só como parte da formação e meio de aumentar a minha autoconfiança, mas também na preparação para outras experiências fora do corpo que teriam lugar durante sessões posteriores com o Seth. Os testes, e os comentários do Seth, deram-nos também perceções sobre a natureza da perceção interior que literalmente não poderiam ter sido alcançadas de outro modo.

À medida que o Seth variava as profundidades do transe, tornei-me consciente de duas linhas de consciência, a dele e a minha, e passei a compreender, pelo menos até certo ponto, quando as minhas associações pessoais eram uma ajuda e quando eram um entrave. Num transe muito profundo, os processos internos ficam escondidos até do médium. Com a maioria dos médiuns, a mecânica é tão automática que pouco se pode aprender sobre as ações psicológicas internas envolvidas nesse trabalho. O Seth sustentava que a nossa situação funcionaria a nosso favor a este respeito.

Nos dados, ele costumava diferenciar entre as suas impressões e quaisquer minhas que se tivessem intrometido, ligando as minhas à sua origem em associações pessoais, e dizendo-nos se eram ou não legítimas. Raramente fico tão "apagada" que sinta como se estivesse a dormir. Normalmente sei o que se passa, embora possa esquecer quase instantaneamente o que aconteceu. Ocasionalmente, o Seth e eu podemos alternar a falar, de modo que eu entro e saio do transe em segundos. Às vezes parece que me fundo com o Seth, sentindo completamente as emoções e reações dele, em vez das minhas. Nesse caso, o eu-Jane fica muito ao fundo, a dormitar mas vagamente consciente. Outras vezes, embora menos frequentemente, sou eu quem está em primeiro plano e o Seth aconselha-me sobre o que dizer.

Os nossos próprios testes deram-me um padrão com que medir o meu desempenho e o do Seth, proporcionando uma verificação imediata da precisão e ensinando-me a afinar o meu foco subjetivo para passar do geral ao específico. Todo este treino foi importante no que diz respeito à minha receção do próprio Material de Seth. O Seth falou muitas vezes das distorções necessárias que têm de ocorrer em qualquer comunicação deste tipo e preocupa-se sobretudo que o material seja o menos contaminado possível por distorções. Discute isto exaustivamente em sessões posteriores.

Comecei o outono de 1965, então, com grandes esperanças, especialmente por causa dos dois episódios fora do corpo mencionados anteriormente neste capítulo. Esperei para ouvir o que o Dr. Instream teria a dizer sobre eles. Tinha a certeza de que teria de admitir que eram encorajadores, mesmo que não envolvessem as experiências dele connosco. Já tínhamos iniciado a sua série de testes e enviávamos-lhe os resultados todas as semanas. Até então nada tínhamos ouvido dele acerca destes, e eu também ansiava por ver como nos estávamos a sair aqui. Se se revelassem sequer metade tão bons como os dados fora do corpo, pensei, já estaríamos a começar muito bem.

Entretanto, eu deixara o emprego na galeria e escrevia a tempo inteiro. Comecei também a pescar numas das revistas mais populares e melhor pagas do país. O editor recusava conto após conto, assegurando-me, de cada vez, que eu havia de lhe vender o seguinte. Eu vivia pelo correio, à espera de uma aceitação desse editor, ou de um relatório do Dr. Instream.

Tentar provar a existência de telepatia e clarividência a um psicólogo assumidamente "cabeça-dura", vender ficção a uma das melhores revistas do país e conduzir os nossos próprios testes nas sessões com o Seth era um pouco demais para assumir num único ano — como vim a descobrir.

CAPÍTULO OITO

UM ANO DE TESTES
O SETH "ESPREITA" DENTRO DE ENVELOPES
E DÁ AO ROB UMAS LIÇÕES DE ARTE

Nos onze meses seguintes, as sessões com o Seth trataram sobretudo de dados de teste de um tipo ou de outro. Às 21 horas, como de costume, o Seth começava com o material teórico que nos interessava cada vez mais. Às 22 horas, dava impressões para o Dr. Instream e, depois disso, o Rob dava-me um envelope, se houvesse tal teste nessa noite. Se fazíamos um dos nossos testes, então ficávamos acordados depois da sessão, a tentar avaliar os resultados. A essa altura já passava, normalmente, da meia-noite e estávamos exaustos.

Embora a minha confiança tivesse aumentado com os dois episódios fora do corpo, sentia que estava a expor o Seth e a mim a cada sessão de teste. Nunca sabia se teríamos ou não um teste de envelope. Muitas vezes tinha receio de fazer uma sessão com medo de que houvesse um teste de envelope e de que os resultados simplesmente não se aplicassem. (Isto, de passagem, nunca aconteceu, embora as impressões dadas nem sempre fossem tão específicas como gostaríamos.) Na verdade, pouco me importava o que estava nos envelopes — só queria saber se o Seth o conseguiria dizer, e queria que acertasse absolutamente todas as vezes. A minha atitude tinha inevitavelmente efeito. Agora admiro-me de o Seth ter conseguido fazer fosse o que fosse comigo, nesses dias, mas, na maioria das vezes, ele conseguiu sair-se muito bem.

Eis um caso em que o Rob tentava testar a clarividência e não a telepatia. Como muitos outros, este teste teve resultados surpreendentes. As notas do Rob mostram claramente o procedimento que seguiu na escolha do item de teste:

No meu estúdio havia um monte de jornais velhos. A maioria era do *The New Iorque Times*, quer edições diárias quer dominicais. Pouco antes da sessão tirei alguns jornais locais da pilha. Depois, voltado de costas para o monte, puxei uma secção sem olhar para ela e rasguei uma porção de uma página. Dobrei-a atrás de mim até ter a certeza de que caberia entre as cartolinas bristol duplas e dentro dos envelopes duplos.

Ainda sem olhar para o papel que escolhera como objeto, selei-o nos envelopes. Depois, de olhos fechados, peguei na secção de onde o objeto fora tirado, tateei até uma estante do chão ao teto e coloquei-a numa prateleira alta onde eu não a veria.

Este procedimento deixou-me a saber apenas uma coisa sobre o objeto: que vinha de alguma secção do *The New Iorque Times*, de data desconhecida. Depois de terminada a experiência, a Jane abriu os envelopes contendo o objeto de teste; depois voltei ao estúdio e, a partir da secção escondida, retirei a página de onde o objeto fora rasgado. Verificou-se ser as páginas 11-12 da Secção Um do *Times* de domingo, 6 de novembro de 1966.

Seth deu trinta e nove impressões. Quase todas tiveram aplicação direta. Eis várias, relativas ao objeto de teste, agrupadas para conveniência:
"Um item de papel, de fundo mais áspero do que liso." (O objeto era um pedaço de jornal, papel de jornal grosseiro em vez, por exemplo, de papel de revista revestido.)

"Uma visão cinzenta." (Partes de ilustrações eram visíveis em ambos os lados do item, todas em tons de cinzento.)

"Doação liberal." (As palavras "liberal discounts" ["descontos liberais"] aparecem no objeto.)

"Ligação com um telefone ou chamada telefónica." (Num lado do item encontra-se "No mail or phone orders" ["Não aceitamos encomendas por correio ou telefone"], e no outro lado, "Mail and phone orders filled" ["Encomendas por correio e telefone satisfeitas"], além de uma longa série de números de centrais telefónicas.)

"Algo idêntico a outra coisa… dois ou dois iguais." (A palavra "twin" ["gémeo"] aparece no objeto, referindo-se ao tamanho de uma manta em promoção. Tive, no entanto, uma forte impressão subjetiva de que isto se referia ao facto de o objeto no envelope fazer parte de outro objeto semelhante.)

As impressões acima referiam-se ao próprio objeto de teste. Seguem-se algumas acerca da página de onde o objeto foi retirado. Seth disse, por ordem consecutiva: "Um método de eliminação. Algo no vernáculo… Gubatorial." (Eu queria a palavra "gubernatorial", mas como sempre, o Rob registou tal como eu a pronunciei em transe.) Durante um minuto, estes

dados deixaram-nos intrigados quando analisámos os resultados do teste. Depois o Rob olhou para a página completa do jornal.

Ambos percebemos logo. "Uau", disse eu. "Um método de eliminação — deve ser vendas! Mas que maneira estranha de o dizer."

"E olha para isto", disse o Rob, segurando o item numa mão e a página completa na outra.

"'Election Day Sales' ['Promoções do Dia de Eleições'], ou 'Values' ['Valores'], está impresso em grandes manchetes a preto no topo de ambos os lados da página. E gubatorial, ou gubernatorial, aplica-se porque as eleições para governador do Estado de Nova Iorque são a 9 de novembro. Eu diria também que a expressão 'Election Day Sales' está certamente no vernáculo."

Consultar a secção ilustrada para reproduções do item de teste e da página de onde foi rasgado. Ambos os lados do item de teste continham partes de anúncios ligados ao dia de eleições, mas as palavras "Election Day" não apareciam no próprio objeto — apenas na página completa do jornal que estivera numa prateleira alta da estante do estúdio do Rob.

"Mas porque é que o Seth não disse simplesmente 'sales' ['promoções']?", perguntei, exasperado.

"Ouça", disse o Rob, a rir, "temos de aceitar a forma como os dados chegam e tentar aprender com isso. Saíste-te bem… Agora penso que este é um excelente exemplo da forma como as perceções extrassensoriais são, por vezes, recebidas. Vendas são um método de eliminação, mas verbalmente a ligação final não é tão concisa quanto gostaríamos. Contudo, não está apenas em causa a concisão: estas respostas também são diferentes — de forma inesperada — e levam-nos a considerar velhos objetos ou ideias de maneiras novas e igualmente válidas. Terei mais a dizer sobre este tipo de coisa mais adiante neste capítulo."

Houve bastantes outras surpresas neste teste. Seth não só captou esta excelente informação identificadora, como também deu outras impressões referentes à página inteira de onde fora retirado o objeto de teste. Para além de todas as promoções, havia quatro artigos na grande secção. O item do envelope não incluía esses artigos, mas Seth deu impressões referentes a três deles.

"Uma missão com consequências imprevistas… 1943… Illia, e talvez um F e um R… Algo a acontecer de novo, como uma comemoração… Uma ligação com algo verde, como um prado… uma criança Januarious."

Tudo isto se referia a um artigo sobre um seminário dominicano fundado em Aldeia Nova, Portugal, em 1943. Acreditamos que "Illia" foi uma tentativa de chegar a "Aldeia". A data indicada estava correta, e o artigo prosseguia relatando a missão de um jovem padre, Padre Fernandes (F e R — a abreviatura de Father é Fr.), que estava nesse país para angariar fundos para modernizar o seminário. Descrevia-se também a sua organização de uma peregrinação para comemorar o 50.º aniversário das celebrações em Fátima, a apenas dez milhas do seminário. O artigo dizia que o seminário incluía, entre outras coisas, quinta própria, vinhas e hortas. Pensamos que a impressão "verde, como prado" se referia a isso. A ligação "Januarious" não parece relacionada, mas foi altamente importante porque, para mim, tinha uma forte conotação religiosa: uma das minhas professoras preferidas do ensino básico era uma freira, a Irmã Januarious. O artigo falava das três crianças que viram a aparição em Fátima, e Seth mencionou uma criança.

Outras impressões referiam-se a outro artigo com o título "Portugal Shows Dip in Prisoners" ["Portugal mostra decréscimo no número de prisioneiros"]. Referia-se especificamente à necessidade de modernizar as "grandes prisões antigas e antiquadas", que eram "de padrão muito baixo", e fazia várias observações acerca da taxa de criminalidade em Portugal. O artigo afirmava também que Portugal tinha o mais baixo rendimento per capita da Europa. As impressões de Seth aqui foram bastante óbvias:

"Ligação com uma monstruosidade, como de um edifício monstruoso… Uma perturbação… uma determinação e uma desvantagem… um desempenho inadequado."

Seth deu ainda outras impressões da página de onde fora retirado o item do envelope, para além das que se relacionavam com os artigos:
"Uma data acima… Botões… algumas figuras e uma ligação distante com formas de caveira… as cores, azul e roxo e verde… e outras formas redondas."

A data do jornal estava, naturalmente, no topo da página. Botões, muitos deles, estão claramente visíveis nas fotografias de roupa em promoção. Esses mesmos modelos são também as figuras a que Seth se refere e, como se pode ver na fotografia da página, os rostos das mulheres dão uma impressão

de caveira, com o cabelo puxado para trás. As cores mencionadas por Seth estão listadas no folheto publicitário. O roxo, creio eu, refere-se a "Orchid mist" ["névoa de orquídea"].

Este teste levantou logo várias questões. Como é que Seth captara a informação sobre a página inteira, quando apenas uma pequena secção dela estava no envelope de teste? Teria havido algum tipo de projeção da minha parte, de volta à estante do estúdio? Seth não dera primeiro impressões sobre o objeto do envelope para depois passar, de forma arrumada, a tratar da página inteira; alternara entre os dois, como se visse ambos em simultâneo. E por que razão não se limitara a dar dados apenas sobre o objeto do envelope?

Perguntámos ao Seth sobre estes pontos numa sessão posterior e obtivemos respostas muito interessantes:

"Uma parte está sempre ligada ao todo de que faz parte", disse. "Da secção rasgada, para mim o todo [a página] estava presente, e a partir de porções do todo, o todo pode ser lido. Com liberdade suficiente, por um lado, e treino, por outro, o Ruburt, falando por mim, poderia dar-vos a cópia inteira do The New Iorque Times a partir de um canto rasgado.

"Isto não envolve projeção.

"Havia outras questões, ligadas às próprias características do Ruburt. Agora, é verdade, em termos gerais, que o material de natureza emocional tem, de facto, uma vitalidade mais forte e é mais fácil de percecionar. Para além disso, no entanto, o Ruburt não gosta de pormenores" (Seth sorriu) "e usá-los-á sempre como pistas para ver aonde o levam.

"Não se contentaria simplesmente em dar os detalhes do pedaço de papel. Esta é uma tendência bastante automática da sua vida mental. Nós usamos isso, espero que vantajosamente, nas nossas sessões de outras formas… Nos testes, contudo, tentámos utilizar essa característica, pois não podíamos negá-la. As capacidades do Ruburt são o que tenho para trabalhar e através do qual trabalhar — além, naturalmente, das minhas próprias. Assim, aproveitámos aqui essa tendência para ampliar o quadro e incluir mais detalhes que vos deram dados bastante respeitáveis, e de uma forma que era relativamente natural para o Ruburt."

Sobre os testes em geral, Seth disse:

“Eu estava a ensiná-lo, e acompanhei os seus interesses e inclinações naturais. O antagonismo que tinha em relação aos testes não vinha tanto da ideia em si, mas sim da ideia de se concentrar em detalhes apenas por si mesmos. Só quando havia esse tipo de teste é que ele se tornava antagonista. Na perceção extrassensorial — como na chamada perceção normal — as inclinações naturais da personalidade ditam o tipo de informação que será procurada em qualquer campo de dados disponível.

“Há muitas áreas de conhecimento em que qualquer indivíduo não tem interesse. Ele não se dará ao trabalho de usar [mesmo] a perceção normal para a obter. Eu dou ao Ruburt acesso a vastos campos de foco. Ajudo-o a mudar a energia que usa na perceção para outras direções, a virá-la para dentro. Disponibilizo-lhe informação. Depois, de acordo com as suas características básicas, ele usa a informação.”

O teste acabado de descrever enfatizava a clarividência. Um teste anterior fora extremamente esclarecedor sob outro ponto de vista, convencendo-nos de que a perceção extrassensorial original é geral, como uma visão global de uma grande área. Em algum ponto deve ocorrer um processo de estreitamento para lhe dar um foco mais específico.

Esse teste foi engraçado, na verdade, porque o Seth estava a sair-se muito bem sozinho. Depois passou-me a bola e eu quase caí redondo. O item no envelope era uma fatura do Rob, datada de 15 de julho de 1966. A sessão foi a 1 de agosto. Eu estivera com o Rob na madeireira quando ele recebeu a fatura. (Ver a secção ilustrada).

O Rob comprara duas placas de Masonite de 1,22 m × 2,44 m e uma bandeja de rolo. O vendedor que nos atendeu tornou-se bastante conversador quando soube que o Rob ia usar o Masonite para pinturas. Contou-nos que um artista europeu lhe fizera um retrato quando fora soldado na Segunda Guerra Mundial. Um tanto humoristicamente, descreveu como o artista desenhara o seu rosto como se fosse simétrico e sem imperfeições, quando na verdade era bastante assimétrico e com um olho debilitado. O vendedor também usava óculos.

Eis algumas das impressões de Seth:

“Quatro quadrados, ou quatro e quatro quadrados.” (Achámos isto muito bom. O Rob mandara cortar ao meio as duas placas de Masonite para caberem no carro. Ficaram quatro peças, cada uma com 1,22 m de lado.)

“Escrita ou impressão no canto inferior esquerdo, muito pequena, segurando o objeto horizontalmente. Algo também no verso.” (Ambos aplicáveis, exceto que a impressão muito pequena estava no lado esquerdo, não apenas no canto.)

“1966, a olhar para 1967.” (Na fatura está escrita a data e o ano, 1966, e por baixo, “Account forwarded” [“Conta transferida”].)

“Uma ligação com uma fotografia ou outro objeto semelhante.”

(Acreditamos que isto se refere validamente ao retrato.)

“Uma forma oval ou em forma de olho, isto é, este tipo de olho, dentro de um retângulo ou triângulo, veja.” (De acordo com as notas do Rob, eu apontei para um dos meus próprios olhos fechados. O vendedor, como mencionado, referiu especificamente o seu olho debilitado em ligação com o retrato, e os seus óculos.)

“Ligação com transporte e com água.” (Uma forma bastante única de se referir a uma viagem de carro de dez milhas até Wellsburg. O nome da localidade aparece na fatura. Também aparece, incidentalmente, a palavra “carload” [“carrada”] no verso.)

“Uma palavra começada por m, e outra M, desta vez a inicial de um nome.” (O Rob comprara Masonite, pelo nome da marca, mas o vendedor registara como “Presdwood” na fatura. Aparece um M maiúsculo no cabeçalho da fatura: Glenn M. Schuyler.)

“Um item retangular com alguma coloração escura, talvez azul-escuro.” (A fatura é retangular. O verso está impresso a preto carregado.)

No total, Seth deu vinte e quatro impressões. Todas elas tiveram aplicação, embora algumas não fossem tão especificamente ligadas quanto outras. Por exemplo, Seth disse: “Ligação com o preto, simbólico da morte; e com um torneio, de novo simbólico, como de um cruzamento de espadas.”

Acreditamos que isto se referia à Segunda Guerra Mundial, quando o vendedor que nos atendeu tivera o seu retrato feito enquanto soldado. Outro exemplo foi este: “Números… talvez 01913.” A fatura tinha números, e numa série que começava por 0 (o que nos pareceu invulgar), mas não na ordem indicada por Seth. Uma série começava por 09 (não 019); e os dois últimos dígitos, 1 e 3, apareciam isoladamente na frente da fatura.

Até aqui, as impressões tinham surgido sem qualquer esforço da minha parte. Eu estava em transe profundo. Então Seth disse: "A sensação de algo a pender, ameaçador ou suspenso, na metade superior do objeto, e escuro." Ao pronunciar estas palavras por Seth, pareceu abrir-se uma fenda de dúvida quanto à interpretação da informação. Eu sabia que Seth queria que eu restringisse a perceção por mim próprio, e que isso fazia parte do meu treino.

Tive a sensação de algo muito pesado a pender sobre mim. Deveria isto traduzir-se num objeto como, por exemplo, um teto pesado sobre a minha cabeça, ou num sentimento emocional que "pairava sobre mim"? Não sabia, e naquele momento não conseguia compreender. A ligação correta e específica não foi feita. Seth lançou-me outra: "Algo pequeno e brilhante também, por baixo desta parte suspensa ou ameaçadora." Mais uma vez, deixado entregue a mim mesmo, não consegui chegar aos dados específicos que queríamos.

No entanto, Seth tentava conduzir-me até à palavra "roofing" ["telhado"]. Ela estava no cabeçalho da fatura, na metade superior. Veja-se como aquela impressão inacabada era correta e, ao mesmo tempo, ambígua: "a sensação de algo a pender, ameaçador ou suspenso, na metade superior do objeto, e escuro."

A segunda impressão que eu deveria completar ("algo pequeno e brilhante por baixo desta parte suspensa ou ameaçadora") destinava-se a conduzir-me à palavra "roller pan" ["bandeja de rolo"], que também aparecia na fatura, por baixo da palavra "roofing". Uma bandeja de rolo é pequena, brilhante e reluzente, e a que o Rob comprara nesse dia tinha uma cor de alumínio brilhante.

Aqui, as impressões de Seth tinham sido bastante literais, como se as palavras na fatura ganhassem vida e fossem descritas como objetos em vez de como palavras que descrevem objetos. Mais tarde, viria a sair-me muito melhor quando Seth deixava algumas impressões ao meu critério, mas este tipo de treino foi inestimável. Embora não me tenha saído muito bem, aprendemos algo sobre a natureza da perceção, que era o objetivo de Seth. Este teste levou-nos a suspeitar que todas as impressões, extrassensoriais ou não, são inicialmente não verbais e não visuais, mais como um sentimento puro que só mais tarde é interpretado em termos sensoriais.

Tentámos todo o tipo de experiências com os envelopes. No teste do New Iorque Times, o Rob nem sequer sabia o que estava dentro do objeto de teste. Ele nem sempre sabia o que era o objeto de teste e, por vezes, nem sabia que iria haver um teste! Por exemplo, de vez em quando apareciam amigos inesperadamente numa sessão e traziam o seu próprio envelope de teste. Este era-me simplesmente entregue a meio da sessão, sem eu saber de antemão se haveria ou não teste. Às vezes o Rob usava logo esse envelope; outras vezes guardava-o para uma sessão futura.

Não parecia fazer diferença nos resultados se o Rob sabia ou não o que o envelope de teste continha. Uma noite, a Nora Stevens (não é o nome verdadeiro) apareceu sem avisar. Era amiga de uma amiga e já tinha assistido a duas sessões anteriormente. Nessa altura encorajávamos as pessoas a trazer envelopes de teste, embora, na verdade, poucas o fizessem. (Antes e depois desse período preferíamos manter as nossas sessões privadas.)

Sabíamos que a Nora era secretária num hospital, num setor relacionado com a compra de medicamentos e materiais, mas que nada tinha a ver com pacientes, os seus registos ou procedimentos médicos. Eu não sabia que ela trouxera um envelope. Ela passou-o discretamente ao Rob depois de a sessão já ter começado.

Seth disse: "Uma ligação com um registo familiar, como uma página, por exemplo, de um livro… ligado também a um acontecimento turbulento ou desagradável… quatro números seguidos, e outros números, a inicial M, uma ligação com outra cidade."

Após a sessão, abrimos o envelope. Continha a folha de registo de uma paciente, uma página de um bloco que a Nora apanhara de um caixote do lixo de outro gabinete. No canto inferior estavam quatro números seguidos, com outros números no topo, junto ao nome da paciente, Margaret. A sua cidade natal também começava por M; era de fora da cidade. Uma estadia no hospital é, sem dúvida, desagradável, muitas vezes turbulenta. Seth deu ainda outras impressões relativas ao passado da mulher, mas não pudemos confirmá-las.

Apesar disso, por vezes eu desanimava, mesmo perante bons resultados. Um teste deixou-me inicialmente radiante. Foi o nosso 37.º, realizado na 237.ª sessão, a 2 de março de 1966. O objeto-alvo era uma impressão da mão do Rob, tirada por ele próprio uma semana antes, quando líamos alguns livros

sobre quiromancia. As impressões de Seth não podiam ter sido mais concisas. Andei pela casa com um sorriso durante dias, só de pensar nisso.

Estava a lavar a loiça quando, de repente, me ocorreu um ponto fraco. O Rob estava na sala. Entrei, devagar. "Aposto que o Dr. Instream rejeitaria os resultados desse teste da impressão da mão porque trabalhámos ambos em quiromancia na semana anterior", disse eu.

"É possível", admitiu o Rob. "Mas o facto é que recebi muitas cartas que poderia ter usado desde então. Também trabalhámos em análise de caligrafia; poderia ter usado uma dessas amostras. Poderia ter usado algo mais antigo do que tu — como já fiz antes. Poderia ter usado qualquer coisa. Não importa o que usemos, o Seth tem sempre de descrever um objeto específico. E aquelas impressões não eram gerais; só podiam referir-se àquela impressão específica da mão."

Concordei com ele. Mas, depois disso, o Rob passou muitas vezes a preparar vários envelopes de teste de uma só vez, baralhá-los e escolher um apenas pouco antes da sessão.

E quanto aos testes do Instream? Antes de mais, continuava à espera de ouvir a opinião do Dr. Instream sobre os meus dois episódios fora do corpo. E ele simplesmente nunca os mencionou. Para mim, isto foi terrivelmente dececionante. Os resultados tinham confirmado a experiência, independentemente de poderem ou não ser considerados científicos. Se isso não o convencia de que algo estava a acontecer, não via o que poderia convencer!

Os resultados globais dos nossos próprios testes com envelopes encorajavam-nos a acreditar que o Seth se estava a sair razoavelmente bem também nos dados regulares do Instream. Começámos estes com zelo e energia.

Durante um ano, duas vezes por semana, Seth deu as suas impressões sobre as atividades do Dr. Instream. Estas incluíam referências específicas a nomes, iniciais, datas e locais. Parte destes dados podia ser facilmente confirmada. O Dr. Instream queria que o Seth se concentrasse em nomear um objeto em particular no qual ele próprio estaria a concentrar-se na cidade distante onde vivia. Tornou-se óbvio que os elementos emocionais eram mais importantes; que atividades de natureza emocional "passavam" mais claramente do que impressões de um objeto mais neutro. Seth forneceu também material

relativo a objetos, mas era mais provável que desse informações específicas sobre a vida quotidiana do Dr. Instream.

Um dos nossos tópicos de conversa favoritos nesse ano era: quando é que vamos ouvir notícias do Dr. Instream? Durante meses a fio, não recebíamos nada. Talvez, pensávamos, não quisesse dar-nos relatórios até que as experiências estivessem concluídas. Se fosse assim, porque não o dizia simplesmente? Quando, finalmente, a incerteza se tornou insuportável, eu escrevia: estávamos a acertar ou não? O Dr. Instream garantia sempre o seu interesse contínuo, dizia-nos para prosseguirmos os testes e afirmava não ter ainda provas suficientemente fortes para "convencer o psicólogo céptico". Mas era só. Não dizia nada sobre os inúmeros nomes e datas, as visitas ou cartas mencionadas nas sessões. Estariam os dados todos errados? Parcialmente corretos? Nunca soubemos. Ele nunca nos disse.

Saber que o Dr. Instream estaria a concentrar-se em cada sessão deixava-me tensa, talvez por causa da minha própria atitude. Mas agora sentia que tinha mesmo de realizar uma sessão todas as segundas e quartas à noite, custasse o que custasse. E mesmo quando estávamos sozinhos, como normalmente acontecia, eu sentia que as sessões deixavam de ser privadas — que um Dr. Instream invisível era o nosso público. Antes dos testes do Instream raramente falhávamos uma sessão. Mas agora, a minha ideia de grande rebeldia era faltar a uma sessão, sair para beber uma cerveja e deixar o psicólogo a contemplar o seu velho vaso ou mancha de tinta, ou o que quer que tivesse escolhido para o teste dessa noite.

No início não me sentia assim, mas fiquei realmente furiosa por ele não nos contar os resultados dos testes; todas aquelas horas pareciam estar a ser desperdiçadas. Uma noite, zangada por não ter notícias dele, fui com o Rob a um bar próximo — apenas para regressar a correr no último minuto para não falhar a sessão!

Sem ideia de como nos estávamos a sair, deixei de me importar com aquilo em que o Dr. Instream se concentrava. Os testes tornaram-se apenas consumidores de tempo, reduzindo a quantidade de material teórico que podíamos receber. Mais uma vez escrevi ao bom doutor, sugerindo que não poupasse os meus sentimentos caso os dados estivessem simplesmente errados. Se assim fosse, estávamos a desperdiçar o tempo dele e o nosso. De novo, ele escreveu sobre o seu interesse contínuo e sugeriu que prosseguíssemos. Mas não dizia se nos estávamos a sair bem, razoavelmente

ou mal, e não dava qualquer relatório sobre os muitos detalhes específicos fornecidos.

Ele estava obcecado com a prova estatística da existência da telepatia e da clarividência, e esperava que nós a conseguíssemos produzir. Ao início, pareceu-me tremendamente entusiasmante fazer parte de tal empreendimento. Mas, à medida que continuávamos a ler tudo o que nos passava pelas mãos, o entusiasmo transformou-se em perplexidade. Pelo que podíamos ver, a existência da telepatia e da clarividência já tinha sido cientificamente provada repetidas vezes pelo Dr. J. B. Rhine na Universidade de Duke, e demonstrada por outros como Croisset, um médium, que trabalhava com o Professor Wilem Tenhaeff na Universidade de Utrecht, nos Países Baixos. O trabalho de Harold Sherman e de outros médiuns acrescentava, certamente, pelo menos evidência circunstancial. Estaria o Instream a rejeitar todos esses resultados e inúmeras outras provas obtidas em laboratórios de parapsicologia por todo o mundo?

Aparentemente, sim. E os nossos próprios resultados também traziam dificuldades. O Dr. Instream admitia não saber como avaliá-los estatisticamente. Para ser considerada válida, uma acerto tinha de ter contra si uma determinada probabilidade calculada; e era quase impossível estabelecer probabilidades contra qualquer afirmação particular feita por Seth.

Seth disse ao Dr. Instream que ele se mudaria para uma universidade do Midwest até ao fim do ano, por exemplo. Não sei se o Dr. Instream tinha ou não alguma indicação disso de antemão, mas de facto mudou-se quando Seth dissera que o faria, e para uma universidade do Midwest. Nunca soubemos quantas impressões corretas, mesmo deste género, se confirmaram. Bastantes delas teriam somado alguma coisa. O mesmo aconteceria com uma percentagem suficientemente elevada de acertos em nomes e datas específicos, estatísticas ou não.

Começámos todos os testes de PES pouco antes de os nossos amigos Gallagher partirem para as férias de 1965. Entretanto, fizeram outra viagem e decidimos tentar com eles o mesmo tipo de experiência que já tínhamos feito antes.

Desta vez, a Peg e o Bill foram a Nassau. Mais uma vez, nem o Rob nem eu lá tínhamos estado. Mais uma vez, não trocámos postais, cartas ou qualquer tipo de comunicação. Mas, para meu deleite, o Seth sabia certamente onde

os Gallagher estavam hospedados. Numa série de impressões, numa noite (17 de outubro de 1966), descreveu com precisão o hotel deles:

"Um edifício com uma secção longa e estreita; um telhado apoiado por pilares. O telhado também é longo e estreito. Com um chão de pedra ou cimento, cor de areia. Uma varanda fora da porta deles, e um grande balde cheio de areia. Há rochas debaixo da varanda e, para além disso, o oceano ou a baía. Mesmo à beira da costa, em baixo e à frente, há uma depressão circular escavada onde existe uma corrente rápida devido às rochas. E nesse ponto em particular, junto dessa depressão, não há praia, embora haja praias à esquerda e à direita, bastante grandes."

Cada ponto estava correto. Revimos o material com os Gallagher quando regressaram. Mas havia mais. Seth descrevera corretamente uma discoteca que eles tinham visitado e, em seguida, mencionara que "houve ali um incómodo". O Bill e a Peg concordaram plenamente. Tinham-se sentido incomodados por um turista inglês muito barulhento. E, obviamente, também outros se sentiram. O inglês insistia em assobiar com a banda. Seth disse também que havia dezoito arbustos em frente à discoteca, mas o Bill teve de admitir que, embora houvesse arbustos em frente, não lhe ocorrera contá-los.

Seth parecia captar coisas que tinham um significado emocional particular para a Peg e o Bill. Por exemplo, incluiu entre outras impressões: "uma comemoração de um assassínio. uma estátua…" Aconteceu que os Gallagher tinham passado por uma estátua, um memorial a Sir Harry Oakes, que fora assassinado num caso sensacional e muito divulgado em 1943. A Peg ficou tão curiosa com isto que chegou a perguntar a um taxista sobre os seus conhecimentos dos acontecimentos desse assassínio.

Até que, estranhamente, o Seth deu uma descrição muito específica de um local que a Peg e o Bill visitaram, mas com uma distorção, ao que parece, de formulação. "Uma fonte com degraus que levam até ela; uma formação circular rodeada de flores, com construções antigas de dois andares, muito juntas, à esquerda da rua e muito perto dela, em filas." Tudo estava correto, exceto que havia uma torre de água e não uma fonte.

Ao todo, foram dadas quarenta impressões corretas nas três sessões realizadas enquanto a Peg e o Bill estavam em Nassau; na verdade, mais, uma vez que muitas impressões consistiam em vários pontos. Mas tanto trabalho está envolvido numa experiência destas! A memória é falível, por isso

tentávamos sempre que qualquer pessoa envolvida escrevesse os seus relatórios de imediato, para facilitar e tornar mais fiável a verificação.

Em qualquer caso, penso sempre nesse "ano de testes" como começando com a viagem dos Gallagher a Porto Rico e terminando com a viagem a Nassau. No que nos dizia respeito, o Seth tinha provado o seu valor. Após um ano de trabalho escrevemos ao Dr. Instream, pondo fim aos testes e apresentando as nossas razões. Depois de mais alguns testes com envelopes, também esses foram encerrados.

Na verdade, não lamento termos dedicado tanto tempo aos testes, mas ainda bem que os terminámos quando o fizemos. Não tenho temperamento para me pôr sob fogo duas vezes por semana, que foi o que fiz com a atitude que tinha na altura. Emocionalmente, eu não gostava dos testes;

intelectualmente, achava-os necessários. O Seth não parecia importar-se nada com eles, mas eu obrigava-me a acompanhar porque pensava que devia. O facto é que, nas nossas sessões, os melhores exemplos de PES ocorreram espontaneamente ou em resposta à necessidade de alguém, e não quando estávamos a tentar provar seja o que for. Eu sabia que estava desapontada por não receber algum tipo de "certificado de legitimidade" do Dr. Instream. Por outro lado, não o pedimos; estávamos demasiado irritados por não termos relatórios sobre os resultados.

Agora podíamos concentrar-nos no Material de Seth. Libertadas da estrutura de testes, as sessões estavam prontas para ir mais longe. Esperavam-nos muitas surpresas. Se eu tivesse tido mais fé nas capacidades do Seth e nas minhas, teria poupado a mim própria muitos dissabores. Na verdade, mesmo enquanto realizávamos os testes de PES, outras coisas estavam a acontecer, e não só nas sessões.

Pouco depois de as sessões começarem, o Rob começou a ver visões ou imagens. Algumas eram subjetivas, mas outras eram objetivadas — tridimensionais, ou quase. Algumas eram de pessoas, e o Rob começou a usá-las como modelos para as suas pinturas. Agora, a nossa sala está cheia de retratos de pessoas que não "conhecemos". O Seth disse que alguns retratam a nós próprios em vidas passadas. Um deles, usado neste livro, é um retrato do Seth na forma em que escolheu aparecer ao Rob. (Desde então, um aluno e um amigo nosso viram ambos o Seth tal como aparece nesta imagem.)

O Rob tem uma forte memória visual. Uma vez que vê uma imagem destas, retém-na e pode voltar a ela quando quiser. A minha memória visual é fraca, pelo contrário, e também a minha vista (não tenho perceção de profundidade). O Rob é artista profissional, um excelente desenhador e técnico. No entanto, nas sessões, o Seth tem dado ao Rob excelentes conselhos e informações sobre técnicas e filosofia da arte. Isto diverte-nos imenso, já que eu pinto como passatempo, com uma teimosa falta de perspetiva.

O Rob costumava tentar ensinar-me perspetiva, mas as lições simplesmente não pegavam. Nunca estudei arte e as minhas pinturas são bastante infantis na execução, feitas com cor crua. No entanto, o Seth disse ao Rob como misturar e usar certos pigmentos, e o Rob acrescentou a informação ao seu repertório. O Seth diz que também não tem aptidão artística, mas interroga artistas que entraram no seu próprio campo de realidade.

Numa sessão, o Seth deu algumas indicações que o Rob pôs imediatamente em prática. O quadro é um dos nossos favoritos e pertence à "série das pessoas" do Rob — retratos de pessoas que nunca conhecemos. A inspiração para esta pintura em particular veio ao Rob de súbito, alguns dias depois da sessão em causa, e ele usou, na execução, as técnicas que o Seth dera.

Eis alguns excertos dessa sessão: "Num retrato", disse o Seth, "faz o mesmo exercício já dado antes: isto é, imagina o indivíduo como o centro de toda a vida, de modo que, quando a pintura estiver concluída, sugira automaticamente o universo inteiro de que o indivíduo faz parte. Nada existe isoladamente, e este é o segredo que os velhos mestres conheciam tão bem.

"No mais pequeno detalhe, eles conseguiram sugerir a realidade do universo espiritual de que esse detalhe fazia parte e através do qual a energia do universo falava. Usa os teus talentos — e são consideráveis — para esse fim. Não podes fazer menos.

"Agora, os óleos sugerem a terra. Deixa que esse meio represente a aparência física de permanência em qualquer objeto, a continuidade física de qualquer forma humana numa pintura. Deixa que as cores a óleo transparentes representem a constante renovação de energia que escapa sempre à forma.

"Uma das atrações do teu retrato de mim é que ele sugere automaticamente uma audiência invisível para quem pareço estar a falar. Não uma audiência

formal, mas ouvintes invisíveis que representam a humanidade em geral. O invisível está lá. A figura consegue sugerir o universo dos homens e o mundo que os contém, embora em lado nenhum estes apareçam.

"Agora, esta informação vem de um artista que usava sempre siena para os tons iniciais de pele, com uma sugestão, muito leve, de violetas. Estes eram depois muito habilmente construídos com um ocre transparente que ele tinha, e um verde particular, atenuado. O tom de compleição de topo assentava sobre isto levemente, como se um vento o pudesse levar."

Depois da sessão, o Rob disse-me que tinha a certeza de que eu não possuía conscientemente tal conhecimento — que a minha mente "não funcionava assim". O Rob nunca tinha tentado este método particular de construção de tons de cor em retrato, e foi esta técnica que usou na ideia de pintura que "lhe ocorreu" alguns dias depois desta sessão. Mais tarde, o Seth acrescentou a esta informação. Continuamos a acumular material sobre arte, filosofia da arte e técnicas de pintura.

O Seth deixou algumas pistas quanto à identidade do artista que lhe está a transmitir estes dados. Segundo o que disse até agora, o artista foi um dinamarquês ou norueguês do século XIV, conhecido pelas suas cenas domésticas e naturezas-mortas. Foi-nos dito que o seu nome surgirá em sessões futuras, juntamente com outras informações sobre arte.

O Seth disse, porém, que o quadro do Rob que utiliza a técnica de construção de cor é um retrato do artista em questão. (Ver secção ilustrada.) Disse também que o Rob faria outras pinturas tanto do artista como do seu ambiente, incluindo possivelmente o estúdio do artista.

No passado, os retratos do Rob eram representações de personalidades ligadas a nós pessoalmente por associação ou por ligações de vidas passadas — tanto quanto sabemos. Alguns deles ainda têm de ser identificados. Ultimamente, porém, o leque dos retratos foi alargado. O Rob fez recentemente o de um jovem, por exemplo (ver secção ilustrada). Ele não fazia ideia de quem fosse. Mais tarde, um dos meus alunos, o George, identificou a pintura como retrato de uma personalidade chamada Bega, que comunica com ele através de escrita automática. O Seth corroborou isto e disse que o Bega é um dos seus próprios estudantes noutro nível de realidade.

Embora as sessões continuassem como de costume, demos por nós a ter outras experiências nessa altura, como as visões do Rob, que também se desenvolveram a partir do Material de Seth de uma maneira ou de outra. E, como que para sublinhar o nosso novo sentido de liberdade e aumentar ainda mais a minha confiança e treino, o Seth havia de me enviar à Califórnia durante uma sessão, enquanto ele e o Rob conversavam na sala do nosso apartamento em Elmira, Nova Iorque. Muito mais divertido do que tentar dizer o conteúdo de envelopes selados! Desta vez, pessoas completamente estranhas estiveram envolvidas numa experiência que realmente satisfaria a minha aparentemente interminável busca de prova após prova.

CAPÍTULO NOVE
UM PSICÓLOGO E SETH FALAM SOBRE A EXISTÊNCIA OUTRA EXPERIÊNCIA FORA DO CORPO

Um dia, quando ainda estávamos atolados em testes, vi um artigo da Associated Press que me surpreendeu verdadeiramente. O Dr. Eugene Barnard, psicólogo então na North Carolina State University, veio a público com uma declaração a favor da projeção astral. Disse que projetara a sua consciência para fora do corpo e que não estivera envolvida qualquer alucinação. O artigo dava também pormenores sobre a sua investigação académica no domínio da parapsicologia.

Fiquei realmente entusiasmada por pensar que um psicólogo faria a sua própria experimentação com projeção e escrevi-lhe. Correspondemo-nos durante algum tempo e, em novembro de 1966, o Gene e a mulher visitaram-nos. Demos-nos lindamente. Ele nunca me fez sentir que tinha de provar alguma coisa, o que foi bastante habilidoso da parte dele, na verdade, já que queria certificar-se da autenticidade das sessões com o Seth. Tivemos uma sessão fascinante numa noite, que durou várias horas. Só quando terminou é que percebi o que ele tinha feito — eis um bom psicólogo!

O Gene questionara o Seth no que eu suponho que se possa chamar "jargão filosófico profissional", fazendo frequentes referências a teorias esotéricas orientais com as quais eu estava totalmente desconhecida. O Gene tem doutoramento pela Universidade de Leeds, em Inglaterra, em psicologia experimental, e ensinou em Cambridge. Tinha também um excelente conhecimento de filosofia e religião orientais. E, no entanto, o Seth não só o

enfrentou, como, de uma forma que ainda não compreendo, usou a própria terminologia e jargão do Gene para vencê-lo no seu próprio terreno — e com humor e elegância.

Esta sessão ocupou catorze páginas dactilografadas, e é de tal forma coesa que é difícil dar excertos sem incluir um bom bocado de informação de base. Seguem trechos da segunda metade da sessão. Antes, o Seth e o Gene tinham estado a discutir a realidade, e o Gene comentara que a existência era "uma espécie de piada colossal encantadora". O Seth respondeu que "não é piada nenhuma. É um meio para o Todo se conhecer a Si mesmo."

Agora, disse o Seth: "A 'piada' é altamente pertinente. Se compreendesses a fundo que o teu mundo físico é uma ilusão, não estarias a experienciar dados sensoriais."

"Não posso experienciar uma ilusão que eu crio para mim?"

"Podes experienciar a ilusão, mas quando experiencias a ilusão como ilusão, deixas de a experienciar. Estás a correr à frente de ti."

"Mas não há para onde ir", disse o Gene.

"Tu não o sabes. Tu pensas isso. Não estarás onde estás."

"Há algum outro lugar onde estar?"

"Não e sim", disse o Seth.

"Há algum outro lugar onde estar que não seja ilusão?"

"Digo-te isto: sim."

"Como distinguiria a diferença? Há alguma forma de distinguir entre realidade e ilusão que não seja por uma criação da minha própria mente?"

"Agora não o sabes. Quando esse ponto for alcançado, poderás, se preferires, experienciar qualquer 'realidade… ilusão' à tua vontade, mas o eu que experiencia essas 'realidades… ilusões' conhecer-se-á a si mesmo como realidade. Não há lugar para onde ele vá, porque é a única realidade e criará o seu próprio ambiente."

"Mas isso é uma discussão do eu aqui e agora."

"Nos vossos termos", disse Seth.

"Nos teus também."

“Nos vossos termos”, repetiu Seth.

“Nos teus também.”

“Então olha com atenção para a última afirmação.”

“Fechámos o círculo. Sou um com a realidade que crio. Não há para onde ir”, disse Gene.

“Tens ainda de ser capaz de experienciar qualquer uma dessas ilusões, sabendo que são ilusórias, com pleno conhecimento da sua natureza, e ainda assim saber que a realidade básica és tu próprio. Não há lugar para ir porque tu és o lugar e todos os lugares — nesses termos. Mas a ‘piada’ é pertinente. A coisa mais importante que disse esta noite é que a piada é pertinente. Tens de ser livre o suficiente para explorar a natureza e a experiência de cada ser vivo dentro do teu próprio sistema, sabendo que és tu mesmo, e depois deixar o teu sistema. Essas têm de ser experiências diretas.”

“Mas não posso deixar o sistema porque estou em todos os sistemas simultaneamente.”

“Estou a falar nos teus termos físicos… mas, mesmo nesses termos, ainda estás a lidar com outros sistemas.”

“Não tenho escolha.”

“Estou a usar agora termos de continuidade apenas para explicação. Primeiro tem de haver um período, e depois ele terá passado, em que estás completamente imerso num determinado sistema como se não existisse nenhum outro; o cumprimento de valor sendo, por regra, alcançado desta forma. Isto não significa que não estejas a habitar outros sistemas simultaneamente. A ilusão tem de ser sondada até à sua profundidade.”

“Da qual não tem nenhuma”, interpôs Gene.

“És tu que crias a profundidade.”

“Certo, e ao fazê-lo a sondagem fica feita. Não há nada a sondar.”

“A sondagem é necessária. Alguns jogos são necessários e sempre pertinentes.”

“Não é objetivo jogar o jogo… e não criar ou sondar?”

“Tu és o próprio jogo, nesses termos.”

“Em todos os outros termos também.”

“Estás a criar as tuas próprias limitações”, disse Seth. “Haverá realmente mais do que um ponto de vista?”

“Sim. Não estás a conceder a diversidade que existe.”

“Eu estaria disposto a conceder uma multiplicidade de formas ilusórias

da mesma coisa… a saber, tu e eu. Tudo um só.”

“Não pode haver auto-traição”, disse Seth.

“Certo, nem qualquer traição dos outros.”

Mas a ideia de auto-traição pode levar a distorções.”

“Mas essas distorções fazem parte do jogo que Shiva joga.”

“Prefiro chamá-lo um esforço amoroso.”

“Claro”, disse Gene. “Pensa na estátua clássica de Shiva de pé sobre o bebé esmagado — uma participação amorosa na ilusão

da tragédia. Mesmo na ilusão da auto-ilusão.”

“Estás a tentar cortar muitos passos para ti próprio.”

“Mas não há passos, pois não?”

“Para ti, agora, há passos.”

“Não são ilusórios?”

“De facto, são”, disse Seth.

“Se são barreiras artificiais que eu crio no meu próprio caminho, certamente

as posso remover.”

“Em teoria, assim é, de facto. Na prática, convinha que vigiasses onde pões os pés.”

“Sim. Esse foi o comentário a Siddhartha.”

"Estas são crianças tenras que pomos a descansar. Devemos chorá-las embora sejam [palavras perdidas]… Devemos sentir por elas embora sejam bosta de vaca", respondeu Seth.

"Devemos amá-las porque são nós próprios."

"Não podes fazer menos", disse Seth. "Dificilmente poderás fazer mais."

"Fazê-lo é ter aberto um olho e ver que há apenas um curto passo a dar."

"Estás a jogar um jogo", advertiu Seth.

"Claro. Tu também. Dizemos que Shiva está a jogar um jogo, e quem é Shiva além de ti próprio?"

"Estás de facto a jogar um jogo contigo mesmo, mas não é relevante, e pode ser irrelevante. Mas é melhor jogá-lo com reverência."

"Com reverência por quem?"

"Com reverência pelo eu."

"Está bem. Não estamos a falar em propósitos cruzados."

"Há uma irreverência sagrada e uma irreverência leviana. Estás a jogar um jogo. São ambas uma só. Mas é melhor certificares-te de que sabes isto a fundo."

O Dr. Barnard teve a amabilidade de escrever uma carta aos editores deste livro, dando as suas opiniões e mencionando essa sessão (Número 303). (Mais do que isso, permitiu-me usar o seu nome verdadeiro, em vez de se esconder atrás de um pseudónimo.) Na sua carta disse: Na sessão "escolhi tópicos de conversa que eram claramente de interesse tolerável para o Seth e de considerável interesse para mim, e que, nessa altura, eu tinha todas as razões para acreditar serem em grande parte território alheio para a Jane. Além disso… escolhi prosseguir esses tópicos a um nível de sofisticação que, pelo menos, me parecia tornar extremamente improvável que a Jane me pudesse enganar; substituindo o seu próprio conhecimento e jogo de cintura mental pelos do Seth, mesmo que o fizesse inconscientemente…

"A melhor descrição sumária que posso dar-vos dessa noite é que foi para mim uma conversa deliciosa com uma personalidade ou inteligência ou o que quer que seja, cujo humor, intelecto e reservatório de conhecimento excediam em muito os meus. Em qualquer sentido em que um psicólogo da tradição científica ocidental entenderia a frase, não acredito que Jane Roberts e Seth sejam a mesma pessoa, ou a mesma personalidade, ou facetas diferentes da mesma personalidade…"

Além da sessão, eu, o Rob e os Barnard divertimo-nos imenso a discutir experiências fora do corpo.

Pouco depois da visita deles, o meu livro, How to Develop Your ESP Power, apareceu finalmente nas livrarias. Comecei a receber algum correio, embora estivesse longe de ser inundada. Uma dessas primeiras cartas foi responsável pela minha próxima saída do corpo durante uma sessão com o Seth.

A 3 de maio de 1967, a Peg e o Bill Gallagher apareceram para a nossa sessão habitual de segunda-feira à noite e, enquanto conversávamos, contei-lhes uma carta que acabara de receber e que me divertira — e ao mesmo tempo me deixara um tanto indignada.

"Veio registada, e tive de assinar", disse. "Que tal? É de dois irmãos lá na Califórnia, e querem saber o que é que o Seth lhes pode dizer sobre eles próprios."

"Vais responder?", perguntou a Peg.

"Vou mandar-lhes um bilhete curto, a agradecer o interesse, ou assim. O Seth fará o que quiser. Duvido que faça alguma coisa." Mas, como tantas vezes acontece quando tento adivinhar o Seth, enganei-me redondamente. A nossa sessão, a 339.ª, começou pouco depois e, quase de imediato, saí do corpo, embora tivesse pouca sensação de o fazer. Dei por mim simplesmente a pairar no ar, olhando para baixo para um determinado bairro que era obviamente algures no sul da Califórnia. Na sala, o Seth descrevia o que eu estava a ver, mas eu só estava vagamente consciente da sua voz. Para mim, soava muito menos nítida do que uma chamada telefónica interurbana muito má.

Não fazia ideia de como dizer ao Rob que eu estava fora do corpo, enquanto o Seth prosseguia como de costume. Eu sabia que o meu corpo estaria animado, enquanto o Seth falava. A certa altura, ri-me para comigo e pensei: "Tenho de lhe enviar um telegrama." Entretanto, flutuava no ar, bem alto, olhando para o local que o Seth descrevia. Eu conseguia mover-me, mudando de posição para obter melhor vista. Mas não tinha ligação alguma com o corpo que estava sentado na sala. O Seth dizia:

"Agora há um pequeno quintal com limoeiros para os irmãos; uma casa cor-de-rosa em estuque, dois quartos na parte de trás, não é uma casa nova. Usaram a tábua Ouija na cozinha. Estão perto do canto direito do quarteirão, mas não na esquina. Não estão longe da água. Há erva alta durante um bocado, e alguns postes de madeira e fios."

Aqui, por causa do material específico, o Rob começou a desconfiar que havia projeção envolvida. "Estás no local agora?", perguntou.

"Até certo ponto. Há dunas de areia, por assim dizer. Aí, mudei a minha posição. Agora estou virado para a casa. As direções mudaram um pouco devido à minha posição. Uma estrutura tipo garagem à minha direita agora, e por trás dela outras estruturas que levam à água. Para além disso, uma zona de dunas e uma praia. A maré está cheia."

Aqui, de novo, eu mudava a minha posição no ar. Pelo que consigo perceber, quem estava no local era eu, não o Seth.

"Que horas são?", perguntou o Rob. (Em Elmira eram mais de 21h.)

"Fim da tarde. Há postes de madeira relativamente finos, não redondos, retangulares no topo, vê, talvez à altura da anca." O Seth gesticulou para o Rob, para mostrar a forma e o tamanho dos postes. Ao mesmo tempo, eu flutuava por cima deles, intrigada por não conseguir ver para que serviam; também me deixava perplexa o topo retangular.

"Depois, um efeito de baía à esquerda. A terra é assim, vês, não é direita. A terra aqui curva e volta a avançar." Aqui, novamente, o Seth gesticulou amplamente para indicar a forma da costa. Disse também que a família tinha uma forte ligação estrangeira, embora o nome não fosse particularmente estrangeiro, e fez outras observações sobre a história e os membros da família.

O Rob enviou uma cópia da sessão aos dois irmãos. Eles mandaram de volta uma cassete em que avaliavam a informação. Mais tarde assinaram uma declaração que está nos nossos arquivos. As informações do Seth sobre a casa deles estavam certas em todos os pormenores, incluindo os dados sobre a zona e a forma da costa ali.

Os irmãos viviam em Chula Vista, um lugar que eu nunca tinha visitado. Moravam numa casa em estuque cor-de-rosa com dois quartos na parte de trás. A esquina ficava a duas casas para a direita. A casa em si ficava a cerca de 800 metros da Baía de San Diego. Havia numerosas dunas de areia nas proximidades e postes de madeira, exatamente como descrito, espalhados pelas dunas.

A família viera da Austrália e esperava regressar. Várias outras impressões, não mencionadas aqui, também estavam corretas; outras, erradas: por exemplo, o Seth disse que a mãe estava morta. Na realidade, estava bem viva, embora a família a tivesse cortado emocionalmente e nem sempre ela vivesse em casa.

Mais uma vez, esta experiência suscitou todo o tipo de questões acerca da relação entre o Seth e eu num episódio fora do corpo. Presumivelmente, ele fica no meu corpo enquanto eu saio dele, mas isto é uma simplificação, estou certa. Continuamos a reunir informação sobre tais questões, tanto através de sessões como através de trabalho por conta própria.

Como sempre, quando coisas destas se confirmam, sorrio de orelha a orelha. Nunca fui de aceitar a palavra dos outros sobre a natureza das coisas, embora por vezes tenha aceite mais do que deveria. Sempre quis descobrir por mim mesma. Ninguém poderia ter sido mais crítico das próprias experiências do que eu, continuando ainda assim com liberdade suficiente para experimentar. Por isso, após este episódio, comecei a relaxar. Tinha voltado a sair do corpo e, de novo, as coisas tinham batido certo.

Como me ajudou o Seth a fazer isto? Como conseguiu registar as minhas perceções quando a minha consciência estava do outro lado do continente? Eu estava mais intrigada intelectualmente do que posso dizer. Uma coisa eu sabia: Ele foi bastante manhoso — mandou-me "para fora" sem o meu conhecimento consciente prévio do que planeava. Assim saio-me muito melhor, porque não sinto que estou a ser testada e não tenho tempo para me preocupar com resultados. (Ele também é um bom psicólogo!)

Esta experiência e a minha nova confiança tornaram obviamente possíveis outros desenvolvimentos posteriores. Outros desconhecidos escreveram, alguns pedindo urgentemente ajuda de uma ou outra espécie. Embora o Seth insista em que a ajuda vem de dentro, deu excelentes conselhos a alguns, juntamente com impressões clarividentes corretas dos seus ambientes — provavelmente mais para me dar a saber que tínhamos a pessoa certa do que outra coisa.

As nossas sessões de segunda e quarta-feira, em que o Seth desenvolve o material teórico, continuam privadas, embora um convidado possa aparecer ocasionalmente. Às vezes, o Seth faz uma sessão para os meus alunos de PES na noite da aula e, na aula, trata da aplicação prática do material.

Na verdade, a única pessoa que tem assistido às nossas sessões privadas com alguma regularidade é o Phillip. O Seth deu-lhe informações relativas aos seus negócios, prevendo corretamente o comportamento de certas ações, entre outras coisas; e o Phil está a registar a percentagem de "acertos" do Seth. Os intervalos de tempo de algumas previsões cobrem vários anos, mas o Seth tem acertado em grande número de itens que o Phil tem conseguido verificar. O Seth não tem por hábito dar conselhos em sessão, porém: insiste em que as pessoas tomem as suas próprias decisões.

Nunca sabemos realmente o que vai acontecer numa sessão, e uma noite o Seth surpreendeu-nos mesmo. Nessa noite, o Phil apareceu, como sempre, sem avisar. Disse-nos que tinha recebido um aumento. Com um encolher de ombros divertido, deixou o montante "no ar". Quando a sessão começou, o Seth prontamente nomeou o valor ao dólar, sorrindo amplamente. Então o Phil perguntou ao Seth se ele sabia alguma coisa sobre uma voz que ouvira num bar local.

"A voz era masculina, não era?", perguntou o Seth.

"Era", disse o Phil.

"E não a reconheceste? Então não te direi. Não te direi, de facto."

"Era a tua voz? Aconteceu tão depressa que não tive tempo de pensar", disse o Phil, a sorrir. Eu, como Seth, acenei com humor.

No nosso primeiro intervalo, o Phil explicou: um mês antes estivera a falar com uma jovem num bar local quando ouviu uma voz masculina clara, alta,

dizer "Não, não", com muita ênfase. Pareceu vir de dentro da cabeça do Phil. Nada assim lhe acontecera antes, e ficou tão surpreendido que murmurou uma desculpa rápida à mulher e saiu do bar.

O Seth admitiu que fora ele quem falara com o Phil. Depois do intervalo disse: "A mulher é agarrada de uma maneira que é desastrosa para aqueles com quem entra em contacto." Acrescentou que a mulher "ter-te-ia usado como tampão entre ela e outro homem, e como ponto de negociação, exagerando o teu mais leve interesse. Teria resultado uma situação desagradável. Porque me ouviste, o futuro provável foi alterado." Depois deu considerável informação de base, dizendo que a mulher tinha um filho e estava envolvida com outro homem. "O homem envolvido com ela tem algo a ver com mecânica." Disse também que ela era católica e que o seu problema dizia respeito a um documento legal.

Depois disto, o Seth passou a dizer ao Phil onde ela morava, embora não tenha dado uma morada específica. "Ela vive na terceira ou quarta casa no meio de uma rua sem saída, na zona nordeste da cidade, mas a oeste do estabelecimento onde a conheceste…" Tudo isto foi extremamente interessante para o Phil, que não fazia ideia de onde a mulher morava e nada sabia sobre ela exceto o nome e a idade provável. Como iria estar na cidade no dia seguinte, o Phil voltou ao bar e começou a fazer perguntas. Descobriu a morada da mulher através do barman e desceu a rua para verificar que o Seth sabia do que falava. Ela morava na terceira casa antes do fim de uma rua sem saída, na zona nordeste da cidade, mas a oeste do bar. Era católica e tinha um filho e um amigo homem que era vendedor de automóveis, e não mecânico.

O Phil não voltou a esse bar desde então!

Eu e o Rob não sabíamos o que pensar do caso. Pareceu certamente dar algum tipo de evidência da natureza independente do Seth, a menos que o Phil tivesse alucinado a voz e o Seth se tivesse aproveitado do facto e a reclamado como sua. Se assim foi (e duvido), então o Seth tinha, com certeza, informações sobre a mulher e o caso que o Phil não tinha.

Obviamente, segundo o Seth, podemos mudar o futuro. Como disse ao Phil: "Em momento algum os acontecimentos estão predestinados. A cada momento mudas, e cada ação muda todas as outras ações. Sou capaz de olhar de uma perspetiva diferente, mas ainda assim ver apenas

probabilidades. Nessa noite em particular, vi uma probabilidade que não era atraente. Tu e eu mudámo-la."

Noutro episódio, um amigo afirmou ter visto o Seth, e em circunstâncias peculiares. Uma noite, enquanto estava na cama, tive uma experiência espontânea fora do corpo em que me pareceu estar numa sala cheia de gente a falar urgentemente com o Bill Macdonnel (o nosso amigo artista). Abanei-lhe o ombro sem muita delicadeza e voltei instantaneamente ao corpo. Ainda não estava deitada há dez minutos e levantei-me logo, escrevi o que acontecera e contei ao Rob.

Exatamente uma semana depois, o Bill telefonou-nos, com voz muito nervosa. Disse-me que algo muito estranho acontecera e, como ainda estava perturbado com isso, achou que devia falar comigo. De imediato lembrei-me da minha experiência e disse ao Bill para esperar enquanto o Rob ia buscar as minhas notas, para eu as poder verificar enquanto o Bill falava. O Bill disse-me que exatamente uma semana antes fora despertado de repente. O Seth estava junto da sua cama, completamente tridimensional, tal como no quadro do Rob. Abanou o ombro do Bill e desapareceu. O Bill contou-o à mãe ao pequeno-almoço no dia seguinte e escreveu-nos um relato.

O incidente perturbou a mãe, que fez uma observação em tom de brincadeira no sentido de desejar que o Seth e eu ficássemos em casa. Só que não penso que estivesse a brincar. Foi o incómodo do Bill que o impediu de telefonar mais cedo, e eu não quis telefonar e incitá-lo.

Antes de mais, eu pensara estar numa sala cheia na minha experiência fora do corpo, mas o Bill estava, obviamente, no seu quarto, sozinho. Outra coisa: ele viu o Seth a fumar um cigarro; eu fumo. Terá o Bill alucinado a imagem tridimensional do Seth? Se sim, fê-lo no mesmo momento em que eu sentia que estava com ele. E ele sentiu o Seth abanar-lhe o ombro enquanto, na minha experiência, fui eu que o abanei.

Várias pessoas disseram-me que o Seth comunicou com elas através de escrita automática, mas o Seth nega quaisquer tais contactos, dizendo que as suas comunicações se limitarão ao seu trabalho comigo, a fim de preservar a integridade do Material de Seth. Segundo as suas próprias declarações, no entanto, "deu uma olhadela" a amigos ocasionalmente.

Um dia encontrei a Sra. Brian, uma antiga aluna que abandonara a aula por doença, que me disse ter lido um artigo de jornal sobre o presente livro que

saiu no jornal local. Continha alguns excertos do Material de Seth e uma reprodução do quadro do Rob do Seth. A Sra. Brian tinha uma terrível dor de cabeça ao ler o artigo; de repente, achou que sentiu a presença do Seth. Uma voz interior, presumivelmente do Seth, disse-lhe que andara a ter pena de si própria, que devia parar imediatamente de cismar com a sua saúde, levantar-se e sair para uma caminhada. Se o fizesse, melhoraria de imediato.

Consideravelmente surpreendida, fez o que lhe foi dito. Nesse instante, a dor de cabeça desapareceu. No dia seguinte sentiu-se melhor do que se sentira em seis meses. Voltou a passear e sentiu-se rejuvenescida. Quando me contou a história, limitei-me a acenar e a sorrir. Francamente, não sabia que mais fazer.

Perguntámos ao Seth sobre o incidente. Neste caso, disse ele, a Sra. Brian usou-o como símbolo do seu eu interior, ou supraconsciência, para transmitir ajuda e influências curativas, bem como conselho. A experiência ajudou a mulher a usar as suas próprias capacidades, e a ideia do Seth permitiu-lhe ativar as suas próprias forças curativas. O Seth disse-me para não me preocupar. Aparentemente, fica encantado por inspirar outros dessa forma e servir como ponto focal para as suas próprias energias criativas.

Recusa absolutamente deixar que as pessoas o usem como muleta — isto aplica-se também a mim — e sustenta que o próprio Material de Seth fornece um meio pelo qual as pessoas podem compreender-se melhor, reavaliar a sua realidade e modificá-la. Apesar das sessões realizadas aqui e ali para ajudar pessoas em particular, e apesar dos seus incidentes de perceção extrassensorial, as sessões permanecem centradas principalmente no material. É aí que sentimos residir o verdadeiro significado das sessões.

Estamos muito mais interessados no Material de Seth do que em demonstrações de PES, e sempre estivemos. Achamos que oferece excelentes explicações sobre a forma como a PES ou qualquer perceção funciona, e para nós isso é muito mais importante. Aceitamos também as afirmações do Seth como explicações significativas e relevantes sobre a natureza da realidade e a posição da humanidade dentro dela. As suas teorias sobre a personalidade multidimensional não são apenas intelectualmente provocatórias, mas também emocionalmente desafiantes. Oferecem a cada indivíduo a oportunidade de ampliar o seu próprio sentido de identidade e propósito.

As demonstrações de PES nas sessões sempre tiveram um propósito: ou ajudar a aumentar a minha confiança ou treinar as minhas capacidades, ilustrar um ponto exposto no material, ou oferecer informação a alguém em necessidade. É fácil para mim esquecer os meus sentimentos anteriores de que o Seth devia provar-se; fácil para mim esquecer que eu própria também insistia nas minhas "maravilhas" e, em várias ocasiões, cheguei a negar a evidência dos meus próprios sentidos, na crença errada de que assim seria de algum modo mais científica. Direi que sempre respeitei muito o Material de Seth e reconheci o alcance e a ousadia de alguns dos conceitos que contém.

Como tínhamos lido pouca literatura psíquica quando as sessões começaram, tudo era novo para nós. Só muito mais tarde descobrimos que alguns conceitos do Seth tinham aparecido em manuscritos esotéricos com milhares de anos. À medida que o nosso próprio conhecimento aumentou, porém, verificámos que, em algumas áreas críticas, as ideias do Seth divergiam das geralmente aceites em grande parte da literatura espiritualista e metafísica.

Por um lado, o Seth não concorda com a existência de um Cristo histórico único, embora reconheça a legitimidade do espírito de Cristo — como verás mais adiante neste livro. Embora veja a reencarnação como um facto, coloca-a num contexto temporal inteiramente diferente e reconcilia a teoria com a ideia de tempo "simultâneo". Talvez mais importante, descreve a reencarnação como apenas uma pequena parte do nosso desenvolvimento total. Outras existências igualmente importantes ocorrem noutras dimensões não físicas.

Tudo isto está entretecido com a ideia de que a personalidade é composta de ação. A descrição que o Seth faz dos três dilemas criativos sobre os quais a identidade assenta é estimulante e original. As suas ideias sobre Deus são uma extensão natural e fascinante dessas teorias.

Pelo menos que saibamos, a teoria do tempo invertido e o sistema de probabilidades são inteiramente originais do Material de Seth. A ideia do Seth sobre a natureza da dor também está, creio, bastante afastada do pensamento metafísico corrente. Ele vê o sofrimento simplesmente como um atributo da consciência e um indício de vitalidade, considerado alarmante apenas por aquelas áreas da identidade que ainda temem a morte como fim.

Mas, daqui para a frente, deixarei o Seth falar por si. Escolhi excertos que tratam dos temas em questão. Em alguns casos, o Seth fez demonstrações para sublinhar o seu ponto. No capítulo sobre saúde, por exemplo, incluí

excertos de algumas leituras para pessoas específicas. Segui o mesmo procedimento com os dados sobre reencarnação. Para explicar as suas teorias sobre a natureza da realidade física, utilizo excertos de uma sessão em que ele demonstrou realmente que sabia do que falava — se uma aparição na sala de estar puder passar por uma aproximação legítima.

Gostaria de encerrar este capítulo com excertos da Sessão 329, registada em março de 1967 para o grupo de liceu de um professor amigo. Embora o Seth esteja aqui a falar para adolescentes, a mensagem é significativa para cada um de nós.

"Criais a vossa realidade de acordo com as vossas crenças e expetativas, portanto convém examiná-las cuidadosamente. Se não gostais do vosso mundo, então examinai as vossas próprias expetativas. Cada pensamento, de um modo ou de outro, é construído por vós em termos físicos.

"O vosso mundo forma-se como réplica fiel dos vossos próprios pensamentos. … Existem certas condições telepáticas a que chamamos suposições-raiz, das quais cada indivíduo está subconscientemente ciente. Usando-as, formais um ambiente físico suficientemente coeso para que haja concordância geral quanto a objetos e à sua colocação e dimensão. É tudo alucinatório sob um certo aspeto e, no entanto, é a vossa realidade, e tendes de vos movimentar dentro dela. O mundo em que os vossos pais vivem existiu primeiro em pensamento. Existiu em tempos na matéria dos sonhos, e foi daí que eles geraram o seu universo, e a partir daí fizeram o seu mundo.

"Se vos desvalorizardes, direis: 'Sou um organismo físico e vivo dentro dos limites que o espaço e o tempo me impõem. Estou à mercê do meu ambiente.' Se não vos desvalorizardes, direis: 'Sou um indivíduo. Formo o meu ambiente físico. Mudo e faço o meu mundo. Sou livre do espaço e do tempo. Sou parte de tudo o que é. Não há em mim lugar onde a criatividade não exista.'"

CAPÍTULO DEZ

A NATUREZA DA REALIDADE FÍSICA

O que é que vocês acham que seja este universo físico? Talvez vocês não tenham pensado nesta questão conscientemente, mas cada um de nós tem uma opinião pela qual orientamos as nossas ações diárias, quer o percebamos ou não. Por universo físico, entendo tudo com o qual estamos

em contato por qualquer forma: estrelas, cadeiras, eventos, rochas, flores. . . toda a nossa experiência física. As crenças que com efeito têm em relação a essas coisas é a causa de grande parte do vosso comportamento. Vocês sentir-se-ão seguros ou em pânico, felizes ou entristecidos, seguros ou inseguros, de acordo com a visão particular que tiverem da realidade.

Algumas pessoas pensam que estamos retidos na realidade física como moscas em papel mata-moscas ou que somos vítimas em areias movediças, pelo que cada movimento que fazemos só piora o nosso problema e acelera a nossa extinção. Outros percebem a universo como uma espécie de teatro, para que somos empurrados no nascimento, e que deixamos para sempre com a morte. No íntimo, as pessoas com qualquer uma dessas atitudes verão uma ameaça criada a cada dia; e até a alegria parecerá suspeita para eles, por também dever terminar com a eventual morte do corpo.

Eu costumava sentir-me assim. Quando eu caí de amores pelo Rob, a minha alegria serviu para multiplicar o sentido oculto da tragédia subjacente, como se a morte zombasse muito mais de mim, tornando a vida duplamente preciosa. Todos os dias eu via-me um pouco mais perto da extinção do que eu poderia alguma vez imaginar, mas de que eu me ressentia com crescente veemência.

Claro que muitas pessoas pensam que a morte seja um novo começo, mas a maioria de nós pensa que somos moldados e limitados pelo nosso corpo físico e pelo ambiente. Muitos dos que acreditam na vida após a morte pensam que os eventos do dia-a-dia nos sejam impostos indiscriminadamente. Outros ainda acreditam que os bons e ruins acontecimentos nos sejam enviados como recompensas ou castigo. Mas a maioria das pessoas presume que nós estamos mais ou menos inteiramente à mercê de acontecimentos sobre os quais temos pouco controlo.

Estou a abordar este assunto da natureza da matéria física, primeiro por ser básico em toda a compreensão das teorias de Seth. Seth diz que formamos o universo físico da mesma forma natural que respiramos. Não devemos pensar nisso como uma prisão de que venhamos a escapar um dia nem como uma câmara de execução da qual toda a fuga é impossível. Em vez disso, devemos entender que *formamos a matéria*, a fim de podermos funcionar numa realidade tridimensional, desenvolver as nossas faculdades e ajudar outros.

A matéria física é como plástico que usamos à nossa própria vontade, e não como algo concreto em que a nossa consciência tenha sido vertida. Sem que o percebamos, projectamos as nossas ideias no exterior, para moldar a

realidade física. Os nossos coros são a materialização do que pensamos que somos. Somos todos criadores, pois, e este mundo é criação conjunta nossa.

Estas são as ideias de Seth apresentadas da maneira mais simples que consigo expressá-las. Não estamos à mercê dos acontecimentos. Formamos os acontecimentos a que depois reagimos. Vejamo-lo pessoalmente: vocês não estão à mercê do ambiente da vossa infância ou do vosso passado, a menos que pensem que estão. Vocês meramente cooperaram com os vossos pais na sua formação.

Esta simples afirmação por si só libertou o Rob e a mim de todos os tipos de preconceitos que anteriormente nos tinham inibido as vidas do dia-a-dia.

Seth diz que não só formamos a nossa própria realidade agora, como continuaremos a fazê-lo após a nossa morte física, pelo que é de extrema importância que entendamos a conexão que existe entre pensamento e realidade.

Seth explica a maneira exacta como traduzimos pensamentos em realidade física. Tanto quanto sabemos esta explicação é original no material de Seth. Resumidamente, a suposição de que realmente criamos a matéria dá lugar a todos os tipos de questões, e o Rob e eu consideramos muitas delas num momento ou noutro. Estaria o Seth a dizer que criamos mesas e cadeiras, assim como acontecimentos? E quando estamos doentes, estaremos a criar a nossa própria doença? Se criarmos a realidade desde logo, então poderemos melhorá-la?

Seth responde a estas perguntas e muitas que nem sequer tínhamos formulado. Achei tudo fascinante quando começou, mas não esperava receber uma manifestação em meio à nossa sala, que foi exactamente o que aconteceu na 68ª sessão (6 de Julho de 1964)., Seth descrevia a conexão íntima que existia entre a expectativa e a perceção — o que podemos ver e observar— ao Bill Macdonnel quando o incidente ocorreu. Foi uma sessão que nenhum de nós jamais haveria de esquecer. Entretanto, antes de lhes dar a conhecer os pontos altos, aqui estão alguns trechos do material imediatamente precedente:

“Por eu dizer que vocês criam a matéria física pelo uso da vitalidade interna do universo, da mesma forma que formam um padrão quando exalam a vossa respiração num vidro, não quero dizer que vocês sejam os criadores do universo. Eu afirmo que vocês são os criadores do mundo físico conforme o conhecem.

“As próprias substâncias químicas não dão lugar à consciência nem à vida. Os vossos cientistas terão que enfrentar o facto de que a consciência vem em primeiro lugar e desenvolve a sua própria forma. . . Todas as células do corpo têm uma consciência separada. Existe uma cooperação consciente você entre as células em todos os órgãos e entre os próprios órgãos. . .

“Moléculas e átomos e até mesmo partículas mais pequenas, possuem uma consciência condensada. Moldam-se em células e formam uma consciência celular célula individual. Esta combinação resulta numa consciência que é capaz de muito mais experiência e realização do que seria possível ao átomo ou molécula isolados somente. E isto prossegue até ao infinito. . . a fim de formar o mecanismo de um corpo. Até mesmo a mais diminuta partícula retém a sua individualidade e as suas capacidades (através de tal cooperação) e são multiplicadas um milhão de vezes.

“A matéria é um meio para a manipulação e transformação da energia psíquica em aspetos que podem depois ser utilizados como blocos de construção. . . A matéria é coerente o suficiente para dar a aparência ou relativa permanência aos sentidos que a percebem.

“A matéria é continuamente criada, mas nenhum objecto particular é contínuo. Não existe, por exemplo, um objecto físico que se deteriore com a idade. Em vez disso, há ações contínuas de energia psíquica num padrão físico que parece ter uma aparência mais ou menos rígida.

“Nenhum objecto particular” existe por tempo suficiente “como uma coisa indivisível, rígida ou idêntica que mude com a idade. A energia por trás dele enfraquece. O padrão físico, portanto, esbate-se. Após um certo ponto, cada nova criação torna-se menos perfeita, do vosso ponto de vista. Depois de muitas dessas novas criações que passaram despercebidas de vós, então vocês notam uma diferença e assumem que ocorreu. . . uma mudança. O material actual que parece constituir o objecto desapareceu completamente muitas vezes e o padrão foi inteiramente preenchido com uma matéria nova. . .

“A matéria física torna a consciência eficaz na realidade tridimensional. Quando a energia individualizada se aproxima do vosso campo particular, expressa-se pelo melhor da sua capacidade nele. Quando a energia se aproxima, cria a matéria, sobretudo de uma forma quase plástica. Mas a criação é contínua, como um raio ou uma série infinita de raios, no início fracos, por se encontrarem muito distantes, mas depois mais poderosos, e depois fracos novamente, quando fenecem.

“Entretanto, a própria matéria não é mais contínua, não é mais dada a crescer ou a envelhecer do que, digamos, a cor amarela.”

A sessão 68 teve lugar numa noite muito quente. Todas as janelas estiveram abertas. Estivemos a beber café gelado e, quando a sessão começou, os meus óculos estavam sobre a mesa de madeira. Entretanto, eu ainda andava pela sala, enquanto falava por Seth, com os olhos abertos e as pupilas escuras e dilatadas. Conforme de costume, Seth dirigiu-se a nós pelos nomes das nossas entidades e referiu-se a mim como Ruburt e ao Rob como Joseph. Ao Bill Macdonnel chamou Mark. (Conforme mencionei antes, esses nomes referem-se às personalidades totais de que os nossos eus actuais são apenas parte.)

Logo após o início da sessão, peguei os óculos abandonados e mostrei-os ao Rob e ao Bill. Ao mesmo tempo, a voz de Seth começou a intensificar-se e a aumentar no volume, com tons masculinos a começar a infiltrar-se. Então Seth começou a usar os óculos como um exemplo em torno do qual construir a sua discussão.

“Nenhum de vocês vê os óculos que os outros vêem. . . Cada um dos três cria os seus próprios óculos na sua própria perspectiva pessoal. Portanto, vocês têm aqui três pares de óculos diferentes; mas cada um existe num contínuo de espaço inteiramente diferente.”

A esta altura a voz do Seth realmente explodiu. Bill encontrava-se sentado na cadeira de balanço no meio da sala. Ele puxou a cadeira para mais perto para ver melhor. Rob estava a fazer anotações textuais, como sempre, e sempre que possível levantava os olhos para poder ver.

“Bem, Mark, tu não podes ver os óculos do Joseph nem ele pode ver os teus,” continuou Seth. Isso pode ser provado matematicamente e os cientistas já estão a trabalhar nesse problema, mas não entendem os princípios que tem por trás. Bem, há um aspecto infinitesimal em que as perspectivas do Mark e da Jane se sobrepõem. Uma vez mais, teoricamente, se vocês pudessem perceber o aspecto, na verdade cada um de vocês poderia ver os óculos físicos dos outros dois.

“Os objectos físicos não podem existir a menos que haja é uma perspectiva definida e um contínuo espacial. Mas cada indivíduo cria o seu próprio contínuo espacial. . . Eu quero a ligar isto às diferenças que vocês parecem ver num objecto particular. Com efeito, cada em dividual cria um objecto completamente diferente, que os seus próprios sentidos físicos depois

percebem. Por esta noite termos aqui um convidado tão elegante e bem-vindo," Seth sorriu, "percebamo-lo, pois, numa pequena discussão sobre a questão fazendo dele nossa cobaia."

Na época, ninguém pensava nada de particular sobre a última frase de Seth. Para começar, o Rob estava tão ocupado a fazer anotações que não estava a prestar muita atenção ao que estava a ser dito, para além de se certificar de que estava a anotar as palavras de Seth correctamente. Pelo que me lembro, nem percebi de as proferir.

Aqui vou citar as notas adicionais, que o Rob anotou imediatamente após a sessão:

A elocução da Jane prosseguiu ininterrupta enquanto ela caminhava pela sala num ritmo bastante rápido, com um voz possante e profunda, muito mais profunda do que o normal, a despeito da qual ela falou sem esforço aparente.

Da escrivaninha a que me encontrava, à direita da entrada do nosso banheiro, podia ver facilmente o Bill, que se encontrava sentado na nossa cadeira de balanço, de frente para a entrada do banheiro. . . À medida que a Jane prosseguiu com a sua elocução, notei que Bill tinha o olhar fixo na porta aberta do banheiro, mas não prestei muita atenção o facto. Assumi simplesmente que a observação que Seth fizera a respeito de usarmos o Bill como cobaia, queria dizer que ele ia ser o tópico da conversa.

Enquanto isso, a sessão prosseguiu:

"Tu, Rob,***** percebes Mark sentado na cadeira," continuou Seth. "Ele está sentado na sua própria cadeira que ele construiu na sua próprio contínuo de espaço e perspectiva pessoal.

*****(*NT: O leitor há de reparar que não emprego os nomes por que Seth tratava cada um deles, ditos de Entidade, por uma questão de desagrado, pura e simplesmente.*)

"Tu e a Jane percebem o Mark, mas nenhum de vocês vê o 'Mark' do Mark. Enquanto se senta na sua cadeira, está constantemente a criar a sua própria imagem física, a usar a sua própria energia psíquica e a usar átomos e moléculas particulares para a construção do seu corpo. Até aqui, pois, temos aqui um Mark construído por ele próprio mas antes que a noite acabe vocês vão ficar surpreendidos com a quantidade de Marks com que vamos acabar.

"Anota as minhas palavras, vocês são mais do que imaginam. A propósito, gostaria que dedicassem uma atenção especial a esta sessão, por o material ser de grande valor."

Assim que o intervalo chegou, Bill anunciou que tinha visto uma imagem na entrada do banheiro. Tinha sido isso que tinha estado a contemplar o tempo todo. Pediu um pedaço de papel e imediatamente começou a trabalhar num esboço do que ele tinha visto. Ele é artista e professor.

Para alguém que estava a sentir-se péssima no início da sessão, a Jane agora disse estar a sentir-se bem. O Seth tinha-a "posto para fora rapidamente," disse ela. O nosso gato, Willie, entrou então em actividade. Começou a andar com o pelo eriçado por toda a divisão, a miar. Começou a comportar-se de uma maneira amedrontada, a lançar os olhos ao redor, embora não houvesse insetos presentes nem ruídos estranhos que o perturbassem.

Assim que Bill nos informou que tinha visto uma imagem, a Jane e eu, é claro, dirigimos os dois os olhos para a porta, mas não conseguimos ver nada. A propósito, o Bill disse-nos que a imagem desbotara durante o intervalo. Então a Jane começou a ditar de novo, com a mesma voz profunda e possante. O Bill continuou a trabalhar no seu desenho, dizendo que não estava satisfeito com ele e que iria tentar outro.

A sessão foi retomada.

"Terei algo a dizer sobre a aparição em breve. Em primeiro lugar, gostaria que vocês notassem que a voz da Jane está um pouco mais baixa e depois, a seguir ao que, com a vossa permissão, prosseguirei.

"Enquanto Mark cria a sua própria imagem física, vocês não a veem. Existem três Marks inteiramente diferentes nesta sala neste instante."

A esta altura, a Jane, a falar pelo Seth, apontou para o Bill, que estava sentado na cadeira de balanço, a trabalhar no seu segundo esboço. Depois apontou para mim. Enquanto isso, o Bill continuou a olhar para a porta aberta. Conforme anteriormente, não conseguia ver nada do meu lugar à escrivaninha. A porta aberta bloqueava-me completamente a visão. Eu não quis arriscar pôr-me de lado, uma vez que tinha que continuar a tomar notas, para ter certeza de que o nosso registo ficava completo.

"Existe a Mark que o Mark criou, uma construção física real. E há outro, criado por ti, Rob. Há mais dois Marks físicos, um criado pela Jane e outro pelo vosso gato. Se alguém mais entrasse na sala, ainda haveria um outro Mark físico.

"Portanto, nesta sala existem quatro Robs físicos, quatro Janes físicos e quatro gatos físicos. Na verdade, existem duas salas."

Do meu escritório nos fundos do apartamento veio o miado de Willie. Ele ainda estava à espreita.

"O vosso amigo Mark, a título de digressão, é de certa forma uma excelente testemunha, por ser sensível às construções que aparecem no reino físico oriundas de outros planos. A capacidade de atenção dele é escassa. Com efeito estive em pé por um momento à entrada do banheiro, embora se eu o digo. . ."

Aqui Jane parou ao lado de Bill e pegou o primeiro desenho a caneta que ele fez da aparição que vira.

". . .Eu sou um tipo de aspecto muito mais jovial do que o retratado aqui. Não captaste certas características ao redor dos pomos do rosto, mas se continuasses a examinar a imagem com mais atenção, talvez pudesses torná-la mais distinta."

Jane entregou o desenho de volta ao Bill, que continuou a olhar na direção da porta.

"Esta é a primeira vez que eu tentei aproximar-me desta forma durante uma sessão. Estou satisfeito que me tenham percebido e eu tenho estado a observá-los do meu ponto de vista. A imagem na porta do banheiro é certamente a minha, ainda que sujeita a uma distorção na perceção do Mark. É através dos sentidos interiores ele me percebe e, em seguida, tenta transformar esses dados em informação que possa ser fisicamente percebida."

Agora Jane pôs-se atrás do Bill, a olhar por cima do ombro enquanto ele desenhava.

"Não é uma certa enfatuação que respeitante aos lábios, muito bom, que muito me agrada. A construção está a ser criada por mim. Só para que apareça no vosso plano, qualquer construção, seja percebida por vós ou não, precisa ser feita de átomos e moléculas.

"O movimento e a velocidade são diferentes das construções normais. Estou neste caso particular a falar através da Jane enquanto também me posicionei na construção e observei-a a falar. Em data posterior, poderei ser capaz de falar a partir da minha própria construção."

A Jane pegou no segundo desenho da mão de Bill e andou pela sala, a falar enquanto o examinava. Eu vi o desenho de relance quando ela acenou com ele por breves instantes na minha direção, enquanto o Bill não tirava o olhar da porta.

“É verdade que, de certa forma, não sou uma beldade, de acordo com seus termos; no entanto, você deve atestar que não sou extremamente feia. Vou permitir que você faça uma pausa; e quero agradecer a Mark. Quando disse que me inscreveria para mim em uma demonstração, eu quis dizer que ele se juntaria a mim em uma demonstração.”

Seth -Jane terminou o monólogo com um sorriso para Bill. Agora eu perguntei a ele o que exactamente ele tinha visto; e ele respondeu a porta do banheiro aberta escura e adquiriu um tom branco nebuloso. Então, ele viu a forma da aparência de Seth contra este fundo mais claro. A forma era principalmente uma silhueta, disse Bill, sem maiores detalhes, mas durante o primeiro monólogo ele conseguiu dar uma boa olhada no rosto. O efeito foi mais parecido com o de um negativo fotográfico. Bill acrescentou que o rosto da aparição estava cerca de dois metros acima do nível do solo. Uma cópia do seu esboço está incluída nas notas (consulte a seção ilustrada).

As mãos de Rob já estavam cansadas de tomar notas, então fizemos uma pausa. Eu estava um pouco confuso. Bill jurou e cometeu perjúrio por ter visto a aparição por cerca de uma hora. Não era tão sólido quanto um corpo comum, mas estava longe de ser transparente. Seth fez vários comentários sobre isso. Porém, nada tinha visto, Rob não foi capaz de retirá-lo de sua cadeira, então ele não tinha visto nada. As luzes tinham permanecido todas acesas; mas eu simplesmente não conseguia aceitar a ideia de uma aparição.

“Bill, aposto que não viste nada,” disse eu. “Só queres que concordemos contigo em que vimos algo e vais rir alto e confessar que imaginaste tudo. . .

“Isso é bom de dizer,” exclamou o Bill zangado. Lamentei logo ter feito o comentário.

“Não terá sido a tua imaginação?” perguntei num ligeiro comentário.

“Tenho uma imaginação tão boa quanto qualquer outra; mas não ando por aí a assistir a coisas destas. . .”

“Querida, por que é que simplesmente não acreditas na palavra do Bill?” sugeriu o Rob.

“Ah está bem.” De repente senti-me tola. Dirigi-me meio a dançar para a porta, ri e disse;

“Muito bem, Bill; agora diz-me exactamente onde foi que viste o teu homem na entrada?” Fiz uma palhaçada e mexi na porta aberta. “Aqui? Ou foi aqui?”

De repente, vi as expressões do Bill e do Rob mudarem. Eles estavam parados no meio da sala e a rir para mim. O Rob ficou branco como cal e o Bill ficou de queixo em baixo.

“O que há de errado? perguntei eu.

“Não te movas,” disse o Rob muito baixinho.

Tive uma sensação de formigueiro, mas não vi nada. Eu sabia que havia algo de esquisito se estava a passar, a julgar pelas reações de Rob e do Bill, e então parei e fiquei imóvel. Eu parei de rir.

Citarei de novo as notas do Rob:

O Bill e eu reparamos ao mesmo tempo que o aspecto animado da Jane estava a mudar. Enquanto ele falava connosco, a mandíbula dela ficou mais quadrada e destacou-se fortemente contra os longos cabelos negros. O nariz estreitou e a boca adquiriu lábios mais grossos, pesados e mais largos à medida que se moviam com o discurso, e pescoço engrossou. Nem o Bill nem eu notamos qualquer mudança nos olhos nem na testa.

A nosso pedido, a Jane permaneceu onde estava. Não houve dúvidas quanto ao que vimos. O efeito durou porventura um ou dois minutos. A sala estava perfeitamente iluminada. A mudança nas características da Jane pareciam ter ocorrido num plano a uma polegada ou mais das características físicas reais da Jane. O novo par de características poderia ter ficado suspenso em algum tipo de tela clara. Ao olhar para eles, vi, ou senti por trás ou através deles, as verdadeiras características da Jane, tal como eu os conhecia.

Depois disso, o Rob pediu-me para avançar alguns centímetros. Eu fiz isso e o efeito diminuiu e finalmente desapareceu.

Retomamos a sessão, com todos os tipos de perguntas em mente. O Bill disse-nos que ainda sentia a primeira aparição e por vezes de forma extremamente intensa. Ele havia feito dois esboços e ainda estava a fazer correções. Uma vez que a sessão começara às nove e durou até a meia-noite, não pretendo incluí-la na sua totalidade. A profunda voz masculina iria durar toda a sessão, assemelhando-se progressivamente à do Seth à medida que a noite avançava.

Quando a sessão foi retomada, agindo pelo Seth, peguei no segundo esboço do Bill e exclamei:

“Este retrato representa uma transformação externa, por o Mark tentar fazer uma réplica exacta do material que ele percebeu com os Sentidos Internos e como tal, é uma reconstrução do que eu sou.

“Ele representa a aparência de que estas minhas capacidades adquirem quando estão intimamente ligadas com o plano físico. Isso não significa necessariamente que em todos os níveis eu tenha a mesmo imagem. Ela é a primeira representação de mim em tais termos e eu gosto muito dela.

“Não me surpreenderia que se questionassem sobre a parte que a sugestão pode desempenhar numa demonstração destas. . . Mas de modo geral, nenhum objecto físico pode ser construído, ou ocorrer qualquer ação, sem a qual vocês gostam de chamar sugestão. Nenhuma ação nem nenhum objecto material pode ser visto sem um consentimento e um desejo interno. Por trás de toda a ação e toda construção, está certamente a sugestão.

“A sugestão é nem mais nem menos, um desejo interno e anuência em permitir que determinada ação ocorra, e essa anuência é o despoletar que desencadeia os mecanismos subconscientes que lhes permite que construir a realidade física a partir da informação interna.

“Não há mais verdade ou falsidade em dizer que a minha aparição na entrada foi causada por sugestão do que dizer que esta sala e tudo nela é causada pela sugestão. . . Vocês vão entender que é errado pensar em termos de um universo físico. Vocês agora existem em quatro diferentes.”

Contudo, o Seth explicou que o aspecto da aparição foi distorcido pelas próprias ideias do Bill. A testa alta representava a interpretação que o Bill fez da elevada inteligência, por exemplo. O Bill interpretou a informação disponível à sua própria maneira: este foi o Seth que o Bill viu, independentemente do próprio aspecto do Seth.

O Seth então prosseguiu, de uma forma um tanto divertida, a fornecer ao Bill uma “informação antecipada” sobre uma viagem de férias que ele ia fazer na semana seguinte. Ele descreveu pessoas e eventos que, após o retorno de Bill, foram confirmados como na perfeição.

À época, o Rob e eu estávamos a pensar em comprar a casa que mencionei antes. Nesse mesmo dia tínhamos ido vê-la de novo e fomos surpreendidos ao encontrar a porta de trás aberta de par em par. O Seth disse-nos que nós próprios abríramos a porta, usando energia psíquica para tal fim e que esse era apenas mais um exemplo da influência da mente sobre a matéria.

Eu não sabia o que pensar. Quando a discussão acabou, o Seth começou a brincar com Rob e o Bill, e exibiu um tal bom humor e vitalidade que o Rob teve grande dificuldade em tomar notas, e riu a bom rir.

A sessão simplesmente surpreendeu-me. Tínhamos tantas perguntas a fazer que não sabíamos por onde ele começar. Como é exactamente que nós formamos mentalmente os eventos a partir da energia mental? Como é que formamos os objectos? Como é que concordamos com o que vemos?

Eis aqui alguns trechos adicionais, que explicam como projectamos as nossas ideias em manifestações e objectos. Será melhor que eu mencione a esta altura que o Seth diz que a telepatia opera constantemente, e que fornece comunicações internas em apoio a toda a informação dos sentidos.

Sessão 302, 21 de Novembro de 1966:

O mundo objetivo é o resultado final da ação interna. Vocês certamente podem manipular o mundo objetivo a partir de dentro, já que esse é o meio e a definição da verdadeira manipulação. . . Os pensamentos e as imagens são formadas em realidade física e tornam-se factos físicos. Eles são impelidos quimicamente. Um pensamento *é* energia. Ele começa a produzir-se fisicamente no momento da sua concepção.

As enzimas cerebrais estão ligadas à glândula pineal. Conforme vocês as conhecem, as substâncias químicas no corpo são físicas, mas são os propulsores dessa energia do pensamento e contêm toda a informação codificada necessária para traduzir qualquer pensamento ou imagem numa realidade física. Levam a que o corpo reproduza a imagem interna, são faíscas, por assim dizer, que iniciam a transformação.

As substâncias químicas são libertadas através dos sistemas da pele e dos poros, como que numa formação pseudofísica invisível, mas definida. A intensidade de um pensamento ou imagem determina em grande parte o imediatismo da sua materialização física. Não há nenhum objecto ao vosso redor que vocês não tenham criado. Nada existe em torno da vossa imagem física que vocês não tenham construído.

O pensamento inicial ou imagem existe dentro da cerca mental (conforme explicado em sessões anteriores). Ainda não é física. Depois, surge como uma faísca na realização física, por ação das enzimas mentais.

Esse é o procedimento geral. No entanto, nem todas essas imagens ou pensamentos se materializam por completo, nos vossos termos. A

intensidade pode ser muito débil. A reação química estimula certas cargas eléctricas, algo dentro das camadas da pele. Então dão-se radiações através da pele para o mundo exterior, que contêm instruções e informações altamente codificadas.

Assim, o ambiente físico é tanto parte de vós, quanto o vosso corpo. O controlo que exercem sobre ele é extremamente eficaz, porque vocês criam-no como vocês criam as pontas dos vossos dedos. . . Os objectos são compostas do mesmo pseudomaterial que irradia para fora da vossa própria imagem física, apenas a massa de maior intensidade é diferente. Quando é suficientemente concentrada, reconhecem-na como um objecto. Enquanto massa de baixa intensidade não lhes aparece.

Cada nervo e fibra dentro do corpo, tem um propósito interno que não é visto e que serve para relacionar o *eu* interior com a realidade física, e permite que o *eu* interior crie a realidade física. De certa forma, o corpo e os objectos físicos saem disparados em todas as direções, desde o centro do ser."

Este material foi entregue enquanto ainda estávamos a fazer testes Instream. Mais tarde, quando terminamos com eles, o Seth teve mais tempo para responder às nossas perguntas. O Rob queria para saber que outras partes do corpo eram responsáveis por esta criação de material — se alguma. Aqui está parte da resposta que recebemos:

"Os impulsos nervosos percorrem um caminho para fora do corpo, de forma invisível ao longo dos corredores destes nervos, de uma forma muito semelhante à que se propaga dentro do corpo. Esses percursos são suportes que carregam pensamentos telepáticos, impulsos e desejos que percorrem o caminho para o exterior de qualquer *eu*, aparentemente alterando os objetivos dos eventos ou fenómenos."

Considero o que se segue extremamente importante:

De uma forma bastante efectiva, eventos ou objectos são realmente pontos focais em que impulsos psíquicos altamente carregadas são transformados em algo que pode ser fisicamente percebido. Uma erupção na matéria. Quando esses impulsos altamente carregadas se cruzam ou coincidem, a matéria é formada. A realidade por trás de tal explosão na matéria, é independente da própria matéria. Um padrão idêntico ou quase idêntico pode ressurgir "a qualquer momento," e uma e outra vez, se as coordenadas apropriadas para a activação existirem."

Ao longo dos séculos, muitas pessoas têm reconhecido que a mente e a matéria tinham uma relação entre si, mas o material Seth mostra especificamente formas e meios pelos quais a mente se traduz na realidade que conhecemos. Exactamente que força estará por trás das diminutas unidades de matéria, por exemplo? De que forma ocorre a mudança para a matéria? Para que se faça justiça a estas questões, tratá-las-ei separadamente no Apêndice.

E que sentido fará tudo isso? O Seth diz:

"No vosso sistema de realidade, vocês estão a aprender o que a energia mental é e como usá-la. Vocês fazem isso transformando constantemente os vossos pensamentos e emoções em formas físicas. É suposto vocês terem uma imagem clara do vosso desenvolvimento interno ao perceberem o ambiente externo. O que parece ser uma perceção, um evento objetivo particular independente de vós é em vez disso a materialização das vossas próprias emoções internas, energia e ambiente mental.

Mas, como vocês verão, nós formamos a nossa realidade física não só agora e depois da morte, mas pelo menos ao longo de várias vidas, à medida que aprendemos a traduzir energia e ideias em experiencia. Não só moldamos o nosso ambiente agora, mas antes do tempo escolhemos os nossos pais e circunstâncias. Talvez, depois de ler os próximos dois capítulos, vocês vejam por que finalmente aceitei a ideia da reencarnação, após ter sido decididamente contra ela.

CAPÍTULO ONZE

REENCARNAÇÃO

Viveste antes, e voltarás a viver? Segundo o Seth, todos nós já reencarnámos e, quando terminarmos de viver a nossa série de vidas terrenas, continuaremos a existir noutros sistemas de realidade. Em cada vida experienciamos condições que escolhemos previamente, circunstâncias e desafios feitos à medida das nossas próprias necessidades e para desenvolver as nossas próprias capacidades.

Pensa nisto: alguns de nós nascem brilhantes e outros loucos, alguns com corpos rápidos e elegantes, outros sem órgãos vitais ou membros inteiros. Alguns de nós nascem tão abençoados com riquezas que vivem num mundo quase inimaginável para a maioria dos homens, e outros envelhecem e

morrem em bolsões escuros de pobreza, igualmente incompreensíveis. Porquê? Só a reencarnação entrelaça estas condições aparentemente díspares numa estrutura que faz sentido. Segundo o Seth, estas situações não nos são impostas, mas escolhidas.

Porque é que alguém escolheria uma vida de doença ou de pobreza? E que dizer das crianças que morrem jovens, ou dos militares mortos em guerra? Todas estas questões surgiram nas nossas mentes quando o Seth começou a falar sobre reencarnação. Como mencionei antes, quando as sessões começaram eu não acreditava que sobrevivêssemos à morte uma vez, quanto mais muitas vezes. Se vivemos antes, pensei, e se não nos lembramos, então de que serve? "Além disso", disse ao Rob, "o Seth diz que vivemos no 'Presente Espaçoso' e que na verdade não há passado, presente e futuro. Então como é que podemos viver uma vida 'antes' de outra?"

Algumas respostas surgiram em leituras dadas para outras pessoas, em que o Seth lidava com casos específicos. Não dou leituras ou sessões ao público (nem cobro honorários nem aceito contribuições), por isso as leituras reencarnacionais foram as que tivemos para alunos, amigos, ou para quem pediu ajuda num problema particularmente trágico. De resto, o Seth não dá tais leituras a menos que tenham relação com a questão em causa.

Porque morrem algumas crianças jovens — particularmente crianças talentosas com pais devotados? Não acredito que possa haver uma única resposta ou explicação geral, mas tivemos duas leituras envolvendo tais crianças, e posso dar as explicações oferecidas nesses casos específicos.

O primeiro episódio envolveu um casal a quem chamarei Jim e Ann Linden. A Ann, completamente desconhecida, telefonou-me numa manhã. Como discou diretamente, não havia indicação de que fosse uma chamada de longa distância, e pensei que ligava da nossa cidade, sobretudo porque mencionou ter familiares em Elmira. Disse-me que o filho, Peter, morrera há alguns meses com três anos de idade. Ela e o marido estavam destroçados, disse, e um amigo deles, o Ray Van Over, parapsicólogo em Nova Iorque, sugerira que me ligasse.

"Só encontrei o Ray uma vez", disse. "Ele deve ter dito que não dou leituras, mas que me concentro no nosso trabalho privado e nas sessões com o Seth."

"Disse, sim", disse a Ann. "Mas achou que podias abrir uma exceção. Disse que por vezes o fazias, em casos como este." Ela fez uma pausa.

Esperei um longo momento, a ponderar. "Bem, hoje é noite de sessão. Se quiserem vir…"

"Lá estaremos", disse ela rapidamente. "O meu marido está em Nova Iorque durante o dia, mas estará de volta ao fim da tarde."

"Bem, pode ser que esteja demasiado cansado."

Ela insistiu que um duche e um jantar rápido o poriam novo em folha. Combinámos que ela e o Jim estariam no nosso apartamento por volta das oito.

Contei ao Rob e, embora dissesse que era comigo, não ficou muito contente. "Lembras-te do que aconteceu da última vez que tentaste contactar um parente falecido de alguém?", disse ele. "De qualquer maneira, deixa o Seth tratar disso."

Acenei com a cabeça, lembrando-me demasiado bem do incidente a que o Rob se referia. Tinha-me estado na mente todo o tempo em que falei com a Ann Linden ao telefone.

"Não querias que algo assim voltasse a acontecer, pois não?", perguntou o Rob.

"Uh-hum", disse eu, e os detalhes desse último episódio irromperam na consciência de novo. Tinha sido numa tarde de sábado clara e soalheira, meses antes. Eu estava de jeans, a limpar a casa, quando uma aluna ligou. Tinha um problema particularmente intrincado e queria que eu tentasse contactar a sua sogra falecida. A aluna tinha ido a poucas aulas, e a sogra vivera e morrera na Florida. Eu não conhecia a família dela de todo.

Disse-lhe para vir, e o Rob saiu do estúdio para tomar notas. Durante o processo, senti que era a mulher falecida, a reviver uma discussão que em tempos tivera com o marido. Como a mulher, bati com o punho na nossa mesa com tanta força que o Rob temeu que eu partisse a mão. A discussão foi violenta. A outra personalidade assumiu de forma bastante completa, e o Rob ficou realmente preocupado com a minha segurança física. Consegui "sair" sem músculos distendidos nem ossos pisados — ela estava obviamente habituada a um corpo muito maior e mais forte do que o meu —, mas desde então o Rob e eu temos sido cautelosos.

Cheguei a sorrir, no entanto, ao pensar nisso: segundo o Rob, a lata de Dutch Cleanser saltou mesmo quando o meu punho bateu na mesa pela primeira

vez, e os produtos de limpeza junto ao meu cotovelo voaram. Não era propriamente um cenário oculto, com o sol a entrar em cheio pelas janelas salientes. A minha aluna ficou convencida de que a sogra se expressara através de mim, porque usei os seus gestos e a sua linguagem, incluindo algumas frases-feitas bem coloridas.

O Rob observava o meu rosto. "Mas não te pareceu assim tão engraçado na altura, pois não?"

Tive de admitir que não. Ainda assim, a maioria dos nomes e datas que dei nesse dia confirmou-se, e um ponto em particular — desconhecido da minha aluna — foi mais tarde corroborado por um familiar.

"O Seth simplesmente não estava por perto", disse eu. "Se estivesse, provavelmente teria dado a informação e eu não teria tido de passar por tudo aquilo."

"Ou tu é que quiseste experimentar pelos teus próprios meios", disse o Rob.

Sorri, um pouco culpada. Tinha-me interrogado sobre esse episódio. Teria decidido experimentar as minhas próprias asas para ver que evidências de sobrevivência conseguiria obter por mim?

Se foi assunção subconsciente de papel da minha parte, então foi um belo trabalho, e se houve telepatia, então também foi um belo trabalho, porque a minha aluna teve de verificar alguns factos com outras pessoas. Mas não gostei, e não queria que algo semelhante voltasse a acontecer. Sou bastante seletiva quanto a quem deixo entrar em minha casa, e, vivos ou mortos, pessoas daquele tipo não iam encontrar tapete de boas-vindas aqui.

"Ainda assim, não quero exagerar nas minhas reações", disse. "Os Linden só querem saber do seu menino. Além disso, deixarei o Seth tratar disso. É noite de sessão, afinal."

Eu sabia que o Rob tinha razão, contudo: alguma autoproteção é necessária da minha parte. Além do episódio com a sogra, houve mais alguns, perturbadores, envolvendo situações emocionais que "captei" de pessoas vivas. Em qualquer caso, quando posso obter material tão excelente do Seth, parece que a minha responsabilidade primordial vai nessa direção. Todos estes sentimentos pairavam no fundo da minha mente nessa noite, quando o Jim e a Ann chegaram.

E havia outra surpresa reservada. Por volta das 18h, a Ann telefonou a dizer que estava em Binghamton, NY, uma cidade a mais de uma hora de carro. Não fazia ideia de que Elmira ficava tão longe de Brooklyn!

"Brooklyn?" Quase deixei cair o telefone. "Pensei que querias dizer que o teu marido estava em Nova Iorque durante o dia, mas que viviam aqui."

"Oh, não", disse a Ann, "mas o Jim chegou a casa cedo à tarde, e pensámos que só demorava umas horas a chegar a Elmira."

"Oh, uau", disse eu, e o Rob pousou o jornal da noite. "Queres dizer que estão a conduzir até aqui só para uma sessão? Nova Iorque está cheia de excelentes médiuns."

"Mas foste altamente recomendada. Vamos chegar tarde, por isso é que telefonei. Detesto pedir-te isto, mas podes esperar até chegarmos?"

Disse "sim" num estado meio atordoado e desliguei. O Rob receava que eu me sentisse pressionada, sabendo que iam fazer uma viagem tão longa e voltar na mesma noite para uma sessão. Expliquei à Ann que não podia dar-lhe qualquer garantia sobre o que aconteceria. Propositadamente, pus a questão fora da mente e vi televisão no início da noite. E, para coroar tudo, por volta das oito o Phil apareceu, explicando que estava na cidade nessa noite e gostaria de assistir a uma sessão!

O Jim e a Ann chegaram por volta das 22h. O Rob e eu gostámos deles logo. Estavam no fim dos vinte, eram inteligentes e, como nós, informais. Ao vinho, contaram-nos sobre o filho. "Era excecionalmente brilhante", disse o Jim. "Era fantástico, e não digo isto só porque era nosso filho. Desde o início estava muito acima da média, rápido nas reações, tanto que até nos metia quase medo, de certo modo. E depois, de um dia para o outro, morreu de anemia aplástica. Ninguém sabe sequer o que a causa."

Que se pode dizer numa situação dessas? Queria ajudar. Sentia a necessidade tremenda deles, mas também me dava conta de que era quase impossível provar a vida depois da morte. Supondo que eu contactasse o menino, ou julgasse fazê-lo? Como ajudaria isto? Em vez de os fazer enfrentar os factos da separação, não poderia tal incidente simplesmente piorar as coisas? E as minhas próprias dúvidas afloraram: se houvesse encenação subconsciente da minha parte…

O Rob deve ter lido os meus pensamentos. "Relaxa, querida", disse. Expus aos Linden a minha atitude, e a Ann sorriu. "O Ray disse que eras uma das médiuns mais objetivas que ele conhecia."

"Objetiva demais, receio. Às vezes isso trava-me de usar plenamente as minhas capacidades."

É a última coisa que me lembro de dizer como eu própria. No momento seguinte, a voz profunda e retumbante do Seth irrompeu através de mim: "O rapaz esteve convosco brevemente pelos seus próprios motivos. Era para vos iluminar, e assim o fez. Já o conheceram em vidas passadas. Em certa altura, ele foi tio do seu atual pai.

"Não tencionava permanecer na realidade física. Veio apenas para vos mostrar o que era possível e para vos levar a ambos a uma compreensão da realidade interior. Escolheu a sua doença. Não lhe foi imposta. Não fabricou sangue suficiente, porque não queria ser físico para além do tempo que destinara.

"Quis dar-vos um impulso, e o seu efeito foi muito mais forte do que se tivesse vivido, e ele sabia-o. Tinha horror a viver até à juventude masculina, porque não queria conhecer uma jovem, sentir-se atraído e continuar com outra vida física.

"Ele foi uma luz para vós, e a luz não se extinguiu. Conduzir-vos-á a conhecimentos que de outro modo não teríeis conhecido, porque não os teríeis procurado com tanta veemência. Ele está bem ciente disso e quis que iniciassem a peregrinação; mas a peregrinação está dentro de vós."

Agora o Seth fitava através dos meus olhos abertos. Os meus gestos eram os dele. Olhou o Jim diretamente na cara enquanto falava. A Ann e o Rob tomavam notas. O Phil limitava-se a ficar sentado, a ouvir.

"Ele esteve envolvido em empreendimentos científicos tanto na Atlântida como no Egito, mas não tinha desejo de prosseguir tais atividades agora. Já as ultrapassara amplamente. Tu [Jim] também estiveste envolvido com ele em duas vidas passadas na mesma relação e, como sacerdotes, ambos vos interessáveis pelo funcionamento interior do universo."

O Seth prosseguiu dizendo que o Jim "descambara" nalguns aspetos, esquecendo o que aprendera no passado. "Ele [Peter] não te podia forçar a

lembrar, mas podia dar-te um empurrão e um impulso, e nesta existência assim o fez.

"Não é tempo de correres à toa, procurando a verdade em qualquer copa de árvore. A verdade está dentro de ti. O teu filho já não é uma criança de três anos. É uma entidade mais velha do que tu, e tentou indicar-te o caminho… Não foi uma criança levada antes de cumprir a sua promessa, mas uma personalidade que vos deixou quando as suas próprias reencarnações estavam concluídas. Não voltará, mas prosseguirá agora para outra realidade em que as suas capacidades possam ser usadas com maior vantagem."

De acordo com Seth, as próprias reencarnações de Peter tinham realmente sido concluídas antes de ele nascer desta vez. Ele regressara para morrer jovem, de modo a que Jim e Ann fossem forçados a colocar as questões que estavam agora a colocar.

A certa altura, Seth sorriu amplamente e disse: «Ora bem, eu vivi e morri muitas vezes, e vocês conseguem sentir a minha vitalidade. E digo-vos que a vitalidade do rapaz existe em termos igualmente vitais. Ter ficado mais tempo teria sido quase uma penitência para ele. Tu ajudaste-o a "salvar a sua alma" numa ocasião [numa vida passada] e ele estava a retribuir o favor. Em certa altura foi tentado a usar as suas capacidades para obter poder e a utilizar o sacerdócio para benefício próprio. Nessa ocasião, tu impediste-o.»

Seth prosseguiu dando uma análise da personalidade atual de Jim, tal como estava ligada a acontecimentos de vidas passadas, e dando-lhe alguns conselhos sobre o futuro. Jim tinha-nos dito anteriormente que fora locutor de rádio. Agora Seth disse: «Ninguém pode dizer-te que caminho seguir. Tens as respostas dentro de ti. Cuidado com aqueles que te dão respostas prontas. Estou a falar em termos de probabilidades, pois o futuro é maleável.»

Sugeriu que Jim se afastasse da área da representação, porque, no seu caso, isso levava a uma confusão quanto à natureza da sua própria identidade. Seth aconselhou-o a manter-se na área das comunicações, dizendo que, se continuasse na rádio, surgiria outro emprego em rádio, e depois uma transição para outra área de trabalho.

Seth deu mais informações acerca das vidas passadas de todos os envolvidos e acrescentou: «Estou a dar-vos aquilo que acredito ser a informação mais importante, quer possam comprová-la ou não. … Os vossos eus interiores assimilam o que eu disse, e isso é mais importante do que dez páginas de

notas e datas que não podem confirmar, visto que essas vidas foram há tanto tempo.»

Falou ainda sobre o simbolismo da doença de Peter, comentou as relações passadas de Jim com Ann e disse que Jim tinha capacidades matemáticas que não estava a usar. «Elas resultam das tuas duas existências sacerdotais em que estiveste muito envolvido em cálculos relacionados com o movimento dos planetas.»

Concluiu desta forma: «É natural que recorram a outros para obter ajuda na vossa situação, e da minha maneira espero ter-vos ajudado. Contudo, há uma diferença entre ser informado de algo e sabê-lo. O saber vem de dentro. Quando se sabe, não é preciso que nos digam, e podem ter esse tipo de saber. Ficarei feliz em ajudar-vos a encontrá-lo, mas ninguém o pode encontrar por vós.»

Durante uma pausa, estávamos a petiscar bolachas e a beber vinho. De repente, começaram a surgir impressões na minha mente. Muitas confirmaram-se de imediato, no momento. Disse a Ann, por exemplo, que o irmão dela usava vários nomes e uma peruca, e isto estava correto, assim como muitas outras afirmações. Ao mesmo tempo, continuava a receber impressões acerca dos sintomas do rapaz.

Quando este tipo de coisa acontece, limito-me a relaxar e a dizer o que me vem à mente. «Houve um episódio com unhas dos pés e sapatos demasiado pequenos», disse eu. «Isso exerceu pressão sobre o dedo grande do pé direito, o que afetou uma artéria na perna direita. Num caso desses, ocorre sempre uma contusão que danifica a função, mesmo que seja pequena.»

Houve mais, muito do qual foi confirmado no momento. Embora nada tivesse a ver com reencarnação, essas impressões tinham muito a ver com demonstrar a Jim e Ann que realmente possuímos a capacidade de receber conhecimento para além dos sentidos físicos. Os acontecimentos que eu "captava" eram muitas vezes emocionalmente significativos para os Lindens, embora triviais noutros aspetos.

Essas impressões incluíram também algumas afirmações sobre a origem da doença que matou Peter. A sua causa é desconhecida, e não há razão para entrar aqui na minha explicação. Mas os sintomas característicos da doença que referi descreviam com precisão o estado de Peter. Os Lindens não tinham falado disto connosco — talvez o assunto fosse demasiado doloroso. Como

esta informação estava correta, não havia razão para supor que as impressões acerca das causas da doença estivessem erradas, ainda que desconhecidas.

Do mesmo modo, não havia razão para supor que o material sobre reencarnação fosse menos correto, embora não o possamos confirmar devido aos longos períodos envolvidos. (Alguns dados reencarnatórios são bem mais recentes e podem ser confirmados até certo ponto, se os envolvidos tiverem tempo e vontade de se esforçar. Até agora encontrámos pouquíssimos sacerdotes, e ninguém que tivesse vivido em Atlântida.)

Seth dedicou a última parte da sessão a Phil, e já passava bem da uma da manhã quando terminámos. Jim e Ann foram embora convencidos de que a vida e a morte do filho tinham um sentido, que havia propósito nas suas vidas, e que até essa aparente tragédia operava para um bem maior.

Senti-me bastante humilde quando tudo terminou. Jim e Ann estavam quase transformados, e antes da sessão eu estivera tão céptica que hesitara. (A questão é que, quando penso conscientemente de forma tão limitada, o meu eu intuitivo interior ergue-se e mostra-me que há muito mais envolvido do que o ego. Na verdade, penso que estas capacidades fluem através de nós como o vento flui através dos ramos.) Ann escreveu-me pouco depois, dizendo que ela e Jim já não sentiam o imenso pesar que antes os esmagava.

Cada vez mais tenho visto como a reencarnação faz sentido de tragédias aparentemente sem sentido e fornece uma estrutura interior a situações que de outro modo pareceriam caóticas e injustas. Fiquei tão satisfeita por poder ajudar Ann e Jim; e essa sessão, e outras semelhantes, também me ajudaram, mostrando-me o valor de ideias que inicialmente não podia aceitar. O mesmo se aplica a Seth: estou literalmente maravilhada com a sua capacidade de ajudar os outros, com a sua compreensão psicológica, com todas as capacidades a que recorre e que foca nas nossas sessões.

Outro caso semelhante, envolvendo a morte de uma criança, dizia respeito a uma mulher que frequentou algumas das minhas aulas. O seu filho adotivo, de quinze anos, tinha-se afogado alguns meses antes. Seth disse, numa sessão, que o rapaz tinha sido marinheiro em várias vidas passadas e que ainda considerava a morte pela água preferível à morte em terra. O rapaz tinha tido relação com a mãe adotiva noutra vida, e também regressara para a ajudar a alcançar o desenvolvimento interior de que necessitava. Morreu cedo para que a sua morte a fizesse questionar e procurar respostas. Ela

tinha andado de médium em médium, a tentar contactar o rapaz. De forma clara, Seth disse-lhe para parar com essa prática e trabalhar antes no desenvolvimento interior.

De acordo com Seth, escolhemos as nossas doenças e as circunstâncias do nosso nascimento e morte. Isto aplica-se a qualquer doença, seja uma perna partida devido a um acidente ou uma úlcera. Isto não significa que façamos uma escolha consciente da forma a que estamos habituados; não nos sentamos a dizer: «Bem, acho que vou partir a perna esta tarde às três, em frente à farmácia do Rand.» Uma parte de nós está perturbada e escolhe uma doença ou acidente como forma de expressar essa situação interior. Isto será explicado no capítulo sobre saúde, juntamente com as instruções de Seth sobre a manutenção da boa saúde e vitalidade.

Mas e quanto a doenças graves — e onde entra a reencarnação neste quadro? Para começar, Seth não utiliza a palavra «punição». Não somos «punidos» numa vida pelas «transgressões» de uma passada. Nem escolhemos a doença em si como uma situação de vida dada, embora possamos utilizá-la como parte de um plano maior, como um método de nos ensinarmos uma verdade importante ou como um meio de desenvolver certas capacidades.

Eis como este processo funciona num caso específico. Mais uma vez, envolveu-se um telefonema, desta vez de um homem a quem chamarei Jon, que me ligou de outra parte do país logo após a publicação do meu primeiro livro, há dois anos. Jon e a sua esposa tinham ambos pouco mais de vinte anos. Chamarei à sua esposa Sally. Depois de contrair esclerose múltipla, Sally fora-lhe dado cerca de um ano de vida, e Jon queria perguntar a Seth se algo poderia ser feito por ela.

Mais uma vez senti esse forte desejo de ajudar, e mais uma vez fui invadida por dúvidas. Suponhamos — apenas suponhamos — que Seth realizava uma sessão e sugeria tratamentos ou medicamentos que piorassem o estado de Sally? Eu era Jane Roberts, não Edgar Cayce. E como podia um estranho ter tanta fé em Seth e nas minhas capacidades quando eu própria estava tantas vezes cheia de dúvidas? «Tenho a certeza de que Seth pode ajudar», disse Jon. «Senti-o assim que li o seu livro. Mesmo que Sally não possa ser curada, talvez ele consiga explicar as coisas de modo a que a sua doença faça algum sentido. Porquê a Sally? Ela nunca fez mal a ninguém na vida.»

Senti-me realmente sitiada, sobretudo porque queria tanto ajudar. Mas consegui lembrar-me de que o meu eu interior era muito mais forte do que o "eu-Jane", e que Seth sabia muito mais do que qualquer um de nós. Assim, aceitei.

Ao longo de dois anos tivemos várias sessões para Jon e Sally. Nessa primeira sessão, no entanto, Seth deu alguns excelentes conselhos que são úteis a qualquer pessoa quando surge uma doença. Antes de abordar o contexto reencarnatório, que neste caso era importante, ele enfatizou a importância desempenhada pela sugestão e pela telepatia no quarto doente. Como isto tem uma aplicação tão geral, incluirei aqui partes desse trecho:

«A atitude mental de todos os envolvidos deve ser alterada para uma mais esperançosa. A mulher está a captar e a reagir aos pensamentos negativos daqueles que acreditam ser impossível a sua recuperação.

«A doença não pode ser revertida fisicamente. Uma melhoria física será o resultado de uma mudança espiritual. Todos os que a rodeiam devem abster-se de atitudes de desespero e de sugestões negativas, quer implícitas, quer faladas. … Isto, por si só, permitir-lhe-á melhorar até certo ponto.

«O marido deve seguir este exercício três vezes por dia: deve imaginar a energia e a vitalidade do universo a encher a forma da sua esposa com saúde. Isto não deve ser uma espécie de pensamento ilusório, mas um esforço definido para compreender que a sua forma é composta dessa energia, e, desta forma, ele pode ajudá-la a utilizá-la em seu benefício. Se possível, deve tocá-la durante o exercício, e este deve ser feito de manhã, à tarde e à noite.

«Não fabriques falsas garantias ocas, mas lembra-te de forma honesta e persistente que a matéria física da tua esposa está preenchida e formada pela energia universal. Um bloqueio tem-lhe impedido de usar essa energia com eficácia normal. Podes compensar parcialmente isto com a tua própria atitude e com os exercícios que te dei. Isto, por si só, dar-lhe-á um fôlego, durante o qual a doença cessará a sua progressão. Se as minhas instruções forem seguidas completamente, então alguma melhoria deverá ocorrer em breve.

«Se as instruções relativas a uma mudança benéfica no ambiente mental dela não forem seguidas, então nenhum outro conselho ou medicamento será de ajuda.»

Seth disse ainda que apresentaria um programa destinado a alterar as próprias expetativas de Sally e sugeriu também tratamento por um hipnoterapeuta credenciado que pudesse incutir sugestões positivas para despertar a sua vontade de viver.

Ele recomendou que os membros de Sally fossem friccionados com óleo de amendoim e que ferro fosse adicionado à sua dieta. Enfatizou que ela seria mais feliz noutro quarto e disse: «Creio que têm uma sala pequena e ensolarada. Este espaço tem conotações benéficas para ela. Levem-na para lá.» De passagem, falou de vários episódios da vida atual de Sally, alguns dos quais Jon confirmou na carta seguinte, e um em particular que ele não conhecia até Seth o mencionar. Seth disse, por exemplo, que ela trabalhara numa loja de quinquilharias com uma amiga, e que uma visita dessa amiga seria útil. Jon não sabia que Sally tinha trabalhado nesse tipo de loja, mas a mãe dela lembrava-se.

Notem que Seth não mencionou outros tópicos até dar os conselhos acima, e que eram dirigidos ao marido e aos que cuidavam da doente, e não à própria doente. No fim da primeira sessão, Seth disse: «Há ligações de vidas passadas em ação. Neste momento, não é tão importante que saibas quais são, como é importante que sigas os passos que te estou a indicar.»

Entre as duas sessões, Jon escreveu a dizer-nos que tinham sido notadas algumas melhoras e que estava a seguir as instruções de Seth. Disse também que tinha de facto uma sala como a que Seth mencionara e que Sally fora para lá transferida.

A segunda sessão para Jon foi inteiramente dedicada às influências reencarnatórias, e é um excelente exemplo de como estas podem afetar padrões de saúde. A sessão contém também alguns conselhos gerais e responde a perguntas específicas sobre a relação entre vidas passadas e saúde atual.

Seth começou por dizer que o carma não envolve punição. «O carma apresenta a oportunidade de desenvolvimento. Permite ao indivíduo ampliar a compreensão através da experiência, preencher lacunas de ignorância, fazer o que deve ser feito. O livre-arbítrio está sempre envolvido.»

A história da vida passada de Sally é fascinante. Notem que não se trata da vida imediatamente anterior, mas de uma mais antiga, em que problemas foram "colocados de lado" até esta existência:

«A mulher foi um homem, italiano, numa aldeia de montanha. Perdeu a esposa e ficou com uma filha altamente neurótica e coxa, de quem cuidou durante muitos anos. Como homem, Sally chamava-se Nicolo Vanguardi [interpretação fonética de Rob] e a filha chamava-se Rosalina. Ele ressentia-se da rapariga e, embora cuidasse dela, não o fazia de forma bondosa.

«Queria voltar a casar-se, mas ninguém o queria por causa da filha. Quando podia, ela desafiava-o. Era uma jovem de boa aparência, coxa mas não deformada. Quando tinha trinta e poucos anos, parecia mais jovem do que muitas mulheres bem mais novas que tinham de trabalhar nos campos. Tinham uma pequena quinta e trabalhadores itinerantes. Um viúvo sem filhos, de uma aldeia próxima, veio ajudar na quinta. Apaixonou-se por ela e, apesar da sua condição, levou-a para a aldeia dele.

«O pai [Sally na vida passada] ficou profundamente amargurado. A filha partira tarde demais; ele já era demasiado velho; ninguém o queria e agora não tinha sequer com quem falar. Passou a odiar ainda mais a filha e clamava que ela o abandonara na velhice, depois de ele ter cuidado dela.»

Seth disse depois que, na vida seguinte, Sally renascera como uma mulher com algum mérito artístico, numa existência muito bem-sucedida, também em Itália. Foi mãe de dois filhos. «Aqui a personalidade nasceu a apenas cinquenta milhas de distância e, como esposa de um rico proprietário de terras, passava frequentemente pelas terras onde a pequena casa [da vida anterior] ainda se erguia com a sua quinta. Isto numa cidade duramente bombardeada na Segunda Guerra Mundial.»

Depois dessa vida, contudo, a personalidade de Sally decidiu enfrentar os problemas de desenvolvimento que haviam ficado por resolver. «Desta vez, a personalidade é cuidada, em vez de cuidar — estando fisicamente dependente. A personalidade, na existência anterior, não quis nem pôde tentar compreender as circunstâncias e a posição da filha coxa. Nem por um momento então conseguiu a personalidade suportar contemplar a realidade interior em termos pessoais.

«Desta vez Sally desempenha esse papel e está completamente imersa nele. Jon foi o homem com quem a filha partira na vida passada. Agora Sally ama-o e aprendeu a reconhecer os pontos positivos da sua personalidade.

«Através da troca de papéis, Sally ganha agora perceção dos fracassos passados e ajuda também o marido atual a tornar-se mais contemplativo e a

procurar respostas a questões que, de outro modo, não teria colocado. Ela está a contribuir para o seu desenvolvimento e também a trabalhar falhas sérias que existiam na sua própria personalidade.»

Acrescentou ainda que o nome da cidade italiana original era algo como Ventura, localizava-se no sudeste de Itália e que um trágico acidente ferroviário ocorrera nessa região pouco depois da década de 1930.

«Embora situações como a doença de Sally sejam escolhidas pela personalidade, o indivíduo tem sempre de encontrar a sua própria solução. Recuperação completa, doença ou morte precoce não estão pré-determinadas pela entidade [ou eu total]. A situação geral é estabelecida em resposta a compromissos interiores profundos.

«O problema é um desafio estabelecido pela entidade para uma das suas personalidades, mas o desfecho cabe à personalidade envolvida. Este foi o último grande obstáculo para esta personalidade. … Não se escolhe a doença em si como uma situação de vida. Neste caso, para que a personalidade pudesse ver claramente as suas atividades passadas, sentiu que devia desenvolver uma posição de completa dependência.»

Seth acrescentou que, mesmo em condições aparentemente trágicas, a personalidade não é abandonada. «O eu interior, distinto do subconsciente mais acessível, tem consciência da situação e encontra libertação através de comunicações interiores frequentes, onde sucessos são lembrados e revividos. O estado de sonho torna-se um período extremamente vívido, pois tais experiências asseguram à personalidade a consciência da sua natureza mais ampla. Ela sabe que é mais do que o eu que escolheu ser durante um tempo.»

Mas Sally encontrava-se em condição terrível, a perder a visão, incapaz de falar ou de se mover voluntariamente. Porque é que, escreveu Jon, não podia ela ter escolhido algo menos devastador? Porque não podia simplesmente ter sido débil de saúde durante três vidas, por exemplo, em vez de ser atingida por uma doença tão letal nesta?

Seth respondeu: «Isto é característico dessa entidade, uma impaciência e, ao mesmo tempo, uma ousadia, porque a situação representava um desafio tão grande. Todos os pontos fracos são intensificados, daí a gravidade da situação física. A entidade preferiu isto a uma série de dificuldades menores. Nisto, Jon anuiu subconscientemente, para aprender paciência e resignação,

aceitando o que considerava ser o seu remédio de uma só vez, por assim dizer.»

Seth sublinhou que, na vida imediatamente anterior, Sally tinha feito uma pausa nos problemas, usufruíra de excelentes circunstâncias e concretizara as suas capacidades criativas.

«Uma situação destas permite à personalidade condensar a experiência necessária numa só vida, aprofundando-se e enfrentando de uma vez problemas que, de outro modo, poderiam levar várias existências a resolver. Só uma personalidade ousada e corajosa tentaria isto.»

Agora, mais de dois anos depois, Sally continua viva, mas em mau estado. Seth disse que ela resolvera os desafios que se propusera, mas que, ao fazê-lo, danificara o seu corpo físico a tal ponto que decidira descartá-lo. No momento em que escrevo, encontra-se em coma. Jon queria saber o que lhe acontecia nesse estado. «Ela está realmente consciente noutro lugar? Ou apenas a sonhar? E o que acontece depois da morte?» Numa sessão recente, Seth respondeu a estas questões. Muitas das respostas aplicam-se à morte em geral, por isso incluirei alguns excertos dessa sessão no capítulo seguinte, bem como as ideias de Seth sobre reencarnação de forma mais aprofundada.

CAPÍTULO DOZE
MAIS SOBRE A REENCARNAÇÃO
O ESTADO PÓS-MORTE E O ESTADO INTERMEDIÁRIO OU ENTRE VIDAS

Foi justamente na semana passada que o Jon telefonou de novo. A Sally estava hospitalizada, após ter sofrido um sério ataque durante o qual o coração dela parou por um tempo. O Jon ficou despedaçado e dividido entre a oração pela recuperação dela e pela sua libertação através da morte, e pediu-nos se marcávamos uma sessão sobre a questão.

O Seth tinha-nos amiúde dito que quando tivermos terminado coma s nossas vidas aqui ansiamos por deixar esta existência. Quando o corpo está gasto, queremos é ver-nos livres dele. O instinto de sobrevivência é bastante bem atendido, por o eu interior saber que vive para além da morte. Ainda assim, detestaria ter que dizer isso ao Jon ao telefone. Em teoria pareceu-me ótimo, mas naturalmente eu sabia que ele queria que a Sally vivesse. Eu tinha noção

de que ele esperava um milagre qualquer — pelo menos uma recuperação parcial, uma prorrogação.

Eu prometi ter uma sessão com o Seth em benefício dele, e mais tarde regozijei-me por o ter feito. Não só a sessão foi um auxílio para ele, como encerra alguma informação excelente sobre o que pode prosseguir enquanto uma pessoa supostamente se encontra inconsciente, em coma, o daquilo que experimentamos justo antes e após a morte.

Mais uma vez, por altura da sessão, a Sally encontrava-se em coma profundo. Ela não tinha vindo a ser capaz de falar há mais de um ano. No início Seth deu uma página ou isso de impressões, nomes, iniciais, acontecimentos, etc., que ele disse ter obtido de uma certa porção da consciência da rapariga — memórias desconexas, pensamentos e ideias.

"Toda a realidade dela é muito mais vasta, e ela está a esforçar-se por colocar essas memórias em ordem, tal como vós haveríeis de dispor a mobília numa nova casa. O tempo conforme o imaginam tem muito pouco sentido para ela. Podiam comparar as duas experiências de tempo da seguinte maneira:

"Na vossa dimensão é como se os acontecimentos que recordam se parecessem com mobílias, todas dispostas num compartimento, por uma determinada ordem. Vivendo nesse compartimento vocês podem encontrar maneira de se mexerem por entre essas mobílias.

"Então mudam-se para um tipo de compartimento mais vasto e diferente, onde a mobília pode ser ajustada por qualquer forma, ordenada e reordenada à vossa vontade. Podem formar combinações e usá-las para diferentes fins. Assim, a Sally está a reordenar a mobília da mente dela. E tal como vós podeis visitar uma nova residência e mudar alguns dos vossos pertences para ela antes de oficialmente a tornarem vossa, também ela está a examinar o novo ambiente. Ela encontra-se em processo de se transferir para um novo local.

"Haverá guias que a ajudarão. Ela dificilmente notará que se mudou, por se sentir perfeitamente no seu meio, em casa. No caso dela, ela tem vindo a formar quadros de memórias da infância, de dias anteriores à sua doença física, e está a entrar nelas. Está a prender que os acontecimentos que parecem situar-se no passado podem ser recriados.

“Isso não quer dizer que ela pense que é uma criança. Ela está a desfrutar da liberdade da reexperiência dos acontecimentos. No caso dela trata-se de uma espécie de terapia espiritual, de modo que ela perde a identificação com a doença e não a leva consigo.

“Resumidamente, terá início períodos de treino. Será a vez dela, agora, de ajudar outros e de se tornar na sua fonte de força. Ela já deu início a uma vida nova, pelo que (Seth não refere uma outra vida física aqui, evidentemente) embora presentemente a sua experiência esteja a ser monitorizada até certo ponto pelos guias.

“Ela vê-se apoiada num sentido religioso por personagens convencionais da Bíblia. Essas personalidades explicar-lhe-ão a natureza da realidade por um vocabulário que fará sentido para ela. Mais uma vez, ela resolveu as questões que definiu, e trouxe compaixão e compreensão ao marido, qualidades que muito ajudam no seu próprio desenvolvimento.

“Eu apareci-lhe nos traços de um muito amável João dos Discípulos e falei com ela. Isso não é artimanha nenhuma, mas um método de auxílio que ela é capaz de aceitar. Não é invulgar nós assumirmos tais formas de reconforto, a fim de ajudarmos.”

(Posteriormente pensamos que essa sua última afirmação encerrava implicações extremamente provocadoras de casos em que visões de personagens religiosos são reportadas. Esperamos que o Seth debata mais sobre isso no futuro.)

Durante o intervalo, o Robert mencionou diversas questões que pensou que o Jon gostaria de ver respondidas, ou que pudessem acudir-lhe à mente ao ler a sessão. Uma delas tinha que ver com o tipo de corpo que a Sally tinha à sua disposição. Seth disse:

“Bom, o novo corpo, é claro, não é novo de todo, mas simplesmente um corpo que não é físico nos vossos termos, um que vós utilizais nas viagens ou projeções astrais, um que responde pela vitalidade e vigor do corpo físico que vós conheceis.

“A vossa carne encontra-se embutida nele neste instante. Quando vocês deixam o corpo físico, o outro corpo torna-se bastante real para vós e parece-lhes físico, embora disponha de muito mais liberdades. . . Sally está encantada

com esse corpo, e compara-o com o seu corpo físico (doente). Ela está a tentar pôr um fim a toda a identificação que tinha com o seu corpo físico, quer ele esteja vivo ou morto, segundo os vossos termos.

"O Jon precisa dizer-lhe que ela é livre de partir, e que ele de bom grado lhe concede essa liberdade, de modo que até mesmo após a morte ela não sinta que precisa ficar perto dele. Ela sabe que eles se reunirão de novo. . . e percebe que ele não tem consciência disso como ela."

Uns dias após esta sessão fomos visitados por um ministro aposentado e a sua esposa. O Rev. Lowe, conforme o trataremos, é responsável pela publicação de um Boletim a nível nacional onde debate os elementos psíquicos inerentes ao Cristianismo. Tínhamos trocado correspondência havia alguns anos, mas não tínhamos travado conhecimento. Falei-lhe na sessão do Jon, e ele interessou-se bastante pelo que o Seth teve e a dizer acerca da experiência da Sally enquanto no estado de coma. O Rev. Lowe e a mulher apareceu para uma noite de aulas, de modo que os convidei para que tomasse parte. Eu procuro manter as aulas tão informais quanto possível.

Todos se dão pelo nome próprio, e todos nós usamos roupas mais confortáveis e naturais que se mostrarem convenientes, pelo que se assiste a uma mistura de factos formais com gente de roupa hippie, e sempre ingerimos vinho no caso daqueles que o apreciam. Admito que questionei o que pensaria o Rev. Lowe, e estava esperançada que ele não esperasse algo tipo um encontro de oração. Ao nosso próprio jeito nós utilizamos a oração — só que num modo altamente criativo, não estruturado e não convencional. Por vezes tocamos música rock and rol, por exemplo, enquanto eu leio um poema — coisa que eu considero oração.

Eu não fazia ideia se o Seth apareceria ou não nessa noite. No começo, apresentei o ministro meio a brincar como um baterista de rock, para o deixar à vontade com o nível da aula. Alguém comentou que a presença de um ministro deveria ter acalmado todos, uma vez que ele não estava a falar muito. De repente Seth apareceu e disse:

"E eu a pensar que vocês ficavam animados com o meu surgimento! Preciso aprender a ser um revendo baterista de rock de modo a manter o vosso ritmo."

Depois disso ele dirigiu-se a diversos membros da aula, e a seguir convidou o Rev. Lowe a fazer perguntas que quisesse.

"Quando deixamos o corpo físico, onde é que vamos?" perguntou o ministro. Toda a gente se sentou, a bebericar vinho e a dar atenção.

"Vocês vão onde quiserem ir," disse Seth. "Bom, quando a vossa mente comum, do estado de vigília, consciente é acalentada pelo estado de sono, vocês viajam por outras dimensões. Vocês por essa altura já estão a ter experiências nessas outras dimensões. Estão a preparar o vosso próprio caminho. Quando morrem, vão para essas vias que tiverem preparado. Há diversos períodos de treino que variam de acordo com o indivíduo.

"Precisam compreender a natureza da realidade antes de poderem manipulá-la adequadamente. Na realidade física estão a aprender que os vossos pensamentos possuem uma realidade, e que criam a realidade que conhecem. Quando deixam esta dimensão, passam a concentrar-se no conhecimento que tiverem obtido. Se ainda não perceberem que criam a vossa própria realidade, então regressam, e uma vez mais aprendem a manipular, e uma e outra vez veem os resultados da vossa própria realidade interior ao enfrentarem-na de forma objetiva. Ensinam a vós próprios a lição até a terem aprendido; a seguir começam a aprender a lidar com a consciência que lhes diz respeito, de modo inteligente e adequado. Então poderão formar imagens em benefício de outros, e conduzem-nos e orientam-nos. Então alargam o escopo da vossa compreensão."

"Que é que determina o tempo entre as reencarnações?" perguntou o ministro.

"Vós. Se estiverem muito cansados, então repousam. Se forem sensatos, reservam um tempo para digerir o conhecimento que tiverem obtido e para preparar a vossa vida seguinte, tal como um escritor planeia o livro seguinte. Se tiverem demasiados laços com esta realidade ou se estiverem demasiado impacientes, ou não tiverem aprendido o suficiente, então poderão regressar demasiado rápido. Isso fica sempre ao critério do indivíduo. Não há predestinação. As respostas encontram-se já dentro de vós, tal como as respostas também se encontram dentro de vós."

O Rev. Lowe colocou outras questões mas não mais relacionadas com o tema que temos em mãos. Ele e Seth pareceram dar-se bem. Posteriormente, num intervalo, eu recebi diversas impressões de uma vida passada da esposa do Rev. Lowe. Enquanto decorria uma discussão generalizada, eu "vi-a" próximo a uma academia de equitação na França do século catorze; a seguir, eu vi-a e ao Rev. Lowe como gémeos na Grécia, quando ele fora um orador e ela um soldado. Recolhi outros detalhes, mas o interessante foi que a Sr.ª Lowe me disse posteriormente que ela era doida por cavalos, e que a Grécia e a França eram os únicos países por que ela sentia enorme interesse.

O Seth raramente revela informação sobre as reencarnações a menos que esteja diretamente ligada com o desenvolvimento generalizado da presente vida do indivíduo, e ele recusa-se a narrar histórias de vidas passadas, por exemplo, àqueles que ele pensa não aplicarem as lições envolvidas. Estranhamente, ele deu uma informação dessas certa vez numa aula a três moças de colégio que claramente desde logo não acreditavam em reencarnação. Elas tinham começado as aulas, e embora tivessem curiosidade com respeito à ESP, tinham pouca paciência com respeito à teoria da reencarnação — ou seja, antes da sessão.

As moças eram todas inteligentes, vivas, alerta — e atentas. Elas não estavam para se deixar levar por nenhuma conversa fiada. Ao mesmo tempo, sentiam um intenso interesse pelas ideias do Seth de que a consciência se pode expandir com segurança e sem o uso de drogas, pelos métodos que ele sugere. Uma delas, a Lydia, mostrou ser a mais vogal do grupo nos argumentos contra a reencarnação que apresentou.

"Vós haveis de reencarnar quer acrediteis ou não que reencarnam," começou o Seth, a sorrir. "Tornar-se-á muito mais fácil se as vossas teorias se enquadrarem na realidade, mas caso isso não suceda, aí não alterarão a natureza da reencarnação uma vírgula que seja."

Ele prosseguiu com uma descrição bastante detalhada de uma vida passada que ela tinha tido ao redor de Bangor, no Maine, em 1832, quando fora um homem. Essa era a primeira sessão que a Lydia tinha com Seth, em que ela participou de modo voluntariamente nervoso na sua cadeira enquanto o Seth dava nomes, datas, e traçava episódios particulares dessa sua vida passada.

Quando terminou ela disse: "Bem, não sei que diga, mas vou-lhe dizer o seguinte: o mais estranho é que eu passei a minha infância em Bangor, no Maine, e quando mudamos para o Estado de Nova Iorque eu não dava Nova Iorque como a minha cidade. Sempre senti pertencer ao Maine. E o Seth disse isso — " Ela interrompeu e passou a ler os apontamentos dela. A seguir, disse entusiasmada: "O Seth disse que uma certa Miranda Charbeau do lado Francês da minha família numa vida passada casara na família de Franklin Bacon de Boston. uma vez mais, é estranho, por a minha família desta vez *estar* ligada com a família de Roger Bacon de Boston."

Contudo, não tivemos tempo para mais discussão, por o Seth ter começado a falar com a Jean, amais psiquicamente dotada do grupo:

"Ela viveu na Mesopotâmia antes de ser conhecida por esse nome. Aqui constatamos capacidades reveladas, ignoradas, e mal empregues ao longo de uma sucessão de vidas; um exemplo bastante clássico do "progresso" seguido por muitos psiquicamente dotados, mas que detêm muito pouco controlo sobre as suas personalidades e capacidades.

"China e Egipto. Vidas em diferentes contextos religiosos, mas desprovidas do sentido necessário de responsabilidade; que infelizmente tiraram partido das fortunas postas à disposição das classes governantes ao longo das eras. Por tal razão, essas capacidades não atingiram uma fruição. Somente nesta presente existência se verifica por fim alguma compreensão, e sentido de responsabilidade. No passado as capacidades psíquicas foram usadas para fins errados; consequentemente, não foram inteiramente desenvolvidos e a personalidade ficou num impasse.

"Sofreu morte vitimada por incêndio em duas ocasiões." Após essa afirmação, o Seth deu detalhes de uma vida na Irlanda que a Jean vivera em 1524. A seguir, prosseguiu dando a seguinte, informação, que nós achamos extremamente interessante. Eu vou reproduzi-la conforme a recebemos, embora tenha sido um tanto confuso no começo, dado que o Seth saltou de imediato para ela.

"Uma pequena vila de vinte e cinco quilómetros de Charterous — ou o que mais que se parece foneticamente, é claro, ou Carteris (Chartes?) O último nome usado foi Manupelt. Ou Man Aupault. A. Curia. Uma ligação qualquer aqui com a primeira personalidade histórica com que nos deparamos; uma

ligação muito afastada com Joana D'arc, da parte do pai místico, duas vezes afastado. Mas esse nome, referido da maneira mais parecida, em certos registos. . . numa velha catedral. O nome de família, a vila e o nome da catedral são o mesmo."

Quando o Seth terminou, a Jean não disse palavra durante um minuto. A seguir corou intensamente e disse-nos que sempre se sentira aterrada com relação ao fogo, e que o apelido que lhe tinham posto no liceu tinha sido Joana D'arc ou a Bruxa.

Mas o Seth não tinha terminado. Forneceu material reencarnatório a uma outra estudante, a Connie, e mencionou em particular uma vida passada na Dinamarca onde ela tinha morrido como um garoto vítima de difteria. E essa informação realmente levou-a a surpreender toda a gente, em particular as outras moças de liceu, ao dizer que desde que era catraia tinha sentido pavor de contrair difteria, e que jamais fora capaz de compreender a razão disso.

"É tipo, quem se preocupa com a possibilidade de contrair difteria?" disse ela.

"Se receasses contrair, digamos, cancro, resultaria inteligível," respondeu a Lydia.

"Era o que eu queria dizer," disse a Connie. "Eu nunca consegui entender a razão disso antes. Ninguém na minha família alguma vez foi vítima de difteria."

Assim, junto com histórias sobre reencarnações o Seth tinha dado a cada garota um aspecto informativo, altamente significativo, e de que mais ninguém presente no aposento tinha conhecimento exceto a pessoa a quem se destinava. E esse fragmento de informação enquadrava-se na perfeição com certas pequenas atitudes inexplicáveis que os tinha deixado intrigados. Subitamente passaram a interessar-se pela reencarnação, e conforme o costume, ficaram animadas e quiseram saber tudo ao mesmo tempo.

"O Seth disse anteriormente que o tempo existe todo de uma vez, ou agora," disse a Jean. "A ser assim, como é que ele fala de reencarnação ou de uma série de vidas uma após a outra? As duas coisas não parecem enquadrar-se."

Quase de imediato, o Seth apareceu e respondeu à pergunta dela.

“A ideia que fazem do tempo é falsa. O tempo conforme o experimentam não passa de uma ilusão provocada pelos vossos próprios sentidos físicos. Eles forçam-nos a perceber ação em certos termos, só que essa não é a natureza da ação. Os sentidos físicos só podem perceber a realidade durante um pequeno bocado de tempo, pelo que lhes parece que um momento exista e se desvaneça para sempre, e que o momento seguinte surja e à semelhança do anterior também desapareça.

“Porém, tudo no universo existe ao mesmo tempo, em simultâneo. As primeiras palavras alguma vez faladas ainda ressoam através do universo, e nos vossos termos, as últimas palavras que alguma vez forem ditas, foram-no já, por não existir começo. É unicamente a vossa perceção, que é limitada.

“Não existe passado, presente nem futuro. Isso só parece existir na realidade tridimensional. Uma vez que não me encontro mais inserido nela, consigo perceber aquilo que vós não conseguis. Existe igualmente uma parte de vós que não se acha aprisionada na realidade física, e essa parte de vós sabe que só existe um Eterno Agora. A parte de vós que sabe disso é o Eu integral.

“Quando lhes digo que viveram, por exemplo, em 1836, digo-o por atualmente fazer sentido para vós. Vós viveis todas as vossas reencarnações ao mesmo tempo, mas acham isso difícil de compreender no contexto da realidade tridimensional.

“Finjam que têm diversos sonhos, e que sabem que estão a sonhar. Em cada sonho podem passar-se cem anos terrenos, mas para vós, o sonhador, nenhum tempo terá passado, por se verem livres da dimensão em que o tempo existe. O tempo que parecem despender no sonho — ou em cada vida — não passa de uma ilusão, mas para o Eu interno não terá passado nenhum tempo por não existir tempo nenhum.”

Na verdade, o Seth tem vindo a empregar diversas analogias que explicam as experiências reencarnatórias. Na página 3600 das nossas próprias sessões deparo-me com o seguinte: “Os diversos eus reencarnatórios podem ser encarados pela rama como porções de um quebra-cabeças de palavras cruzadas, por serem todos porções do todo, e ainda assim podem existir separadamente.”

Na sessão 256 ele disse, "Por estarem obcecados com a ideia do passado, do presente e do futuro, são forçados a pensar em reencarnações como encadeadas umas após a outra. Com efeito falamos de vidas passadas por estarmos acostumados ao conceito da sequência do tempo. Aquilo que têm em vez disso é algo tipo os desenvolvimentos narrados em *As Três Faces de Eva*. Vocês possuem egos dominantes, todos parte da identidade interna, mas dominantes em diversas existências. Mas as distintas existências existem em simultâneo. Somente os egos envolvidos respondem pela distinção do tempo. 145 AC, 145 DC, um milhar de anos no vosso passado e um milhar de anos no vosso futuro — tudo tem existência agora."

De facto, Seth deu três ou quatro sessões em que comparou casos de personalidade "cindida" às nossas personalidades reencarnatórias. Acabou dizendo: "É interessante como as personalidades (do caso *Três Faces de Eva**) se alteravam, e todas existiam ao mesmo tempo, por assim dizer, muito embora só uma fosse se mostrasse dominante de cada vez. Nos mesmos moldes, as chamadas personalidades passadas acham-se presentes em vós agora só que não dominantes."

Tanto quanto nos é dado saber, essa reconciliação da reencarnação e do tempo simultâneo é original no Seth. A maior parte das demais teorias ligadas à reencarnação aceitam o tempo sequencial como dado adquirido. Mas e que dizer da causa e efeito, nesse caso? Quando o Seth introduziu essa ideia, essa foi uma das primeiras questões que suscitamos, eu e o Rob. A atitude do Seth com relação à causa e efeito tornar-se-á clara o suficiente nas explicações posteriores que deu quanto à verdadeira natureza do "tempo," mas quando o Rob inicialmente colocou a questão, o Seth respondeu:

"Uma vez que todos os acontecimentos na realidade ocorrem ao mesmo tempo, pouco há a ganhar dizendo que um acontecimento passado seja causa de um presente. As experiências passadas *não* provocam a presente experiência. Vós estais a formar o passado, o presente e o futuro — em simultâneo. Dado que os acontecimentos lhes parecem assentar numa sequência, isto torna-se difícil de explicar.

"Quando se diz que certas características oriundas de uma vida passada influenciem ou sejam causa de padrões comportamentais, tais afirmações — e eu já fiz algumas dessas — são altamente simplificadas de modo a esclarecer certos aspetos.

"O Eu integral tem consciência de *todas* as experiências e de *todos* os egos, e uma vez que uma identidade os forma, é passível de ocorrerem similitudes entre elas e características partilhadas. O material que eu lhes forneci sobre a reencarnação é bastante válido, particularmente para fins de trabalho, mas constituem uma versão simplificada do que atualmente ocorre."

Assim, enquanto o Seth explica os problemas da presente vida como resultado de dificuldades de vidas passadas, ele esclarece que aqueles que podem entender que as vidas existem em simultâneo, tal como três personalidades podem coexistir num mesmo corpo ao mesmo tempo. Mas nem todos os problemas resultam de tais influências oriundas de "vidas passadas." Num caso, os presentes complexos de uma amiga tiveram origem justamente nesta vida, embora os do namorado dela eram restos de uma passada.

A Doris estava a passar por toda a sorte de problemas. Por um lado, estava constantemente a deixar-se cair na paixão por homens que não pretendiam casar sob quaisquer circunstâncias. Nessas relações sela era p agressor. Os homens em casa caso desses eram homens que não tinham namorado, estavam apegados aos pais, ou que por uma razão qualquer não mantinham relações comuns com mulheres. A Doris era suficientemente sagaz para o perceber, mas toda a vez que ela estava certa de haver alguma coisa em relação ao novo homem que o tornava mais suscetível — ou pelo menos mais passíveis de aceitar os avanços dela. Entretanto sentia-se terrivelmente só, por recusar encontros com homens "vulgares" uma vez que pareciam inferiores em comparação com o novo ídolo.

Por fim, após o rompimento de um episódio desses, ela solicitou uma sessão com Seth. Ela conhece-nos a ambos perfeitamente, pelo que fiquei estupefacta com o comportamento dela anterior à sessão. Estava tão nervosa que achei difícil entrar em transe. Ela sentou-se de cara pálida, sem um sorriso, com um aspeto bastante aterrado. O Seth começou por dizer, delicadamente,

"Os sentimentos que nutres para comigo estão ligados a outras atitudes profundamente enraizadas em ti. Tens sentido receio do teu pai desde a infância. Agora pensas em mim como velho mas sábio, um homem adulto extremamente poderoso, como pensavas em relação ao teu pai quando eras

criança. Essa atitude ensombra as relações que tens com os homens com quem entras em contato.

"Encaras os homens nos termos que foram inspirados em ti na infância. Sentiste que o teu pai possuía qualidades de um deus e tentaste projetar essas qualidades nos homens que conheceste. Razão por que eles te dececionam, mas isso também se presta às tuas necessidades. Porque, enquanto encaras o homem como um deus, também o encaras como um que castiga, e irracional e cruel. Assim, receias submeter-te à reprovação, ou domínio do homem. Por teres sido homem em vidas passadas, mais te ressentes disso.

"Por conseguinte optas de uma forma consistente por homens em que vês características femininas, na esperança de que essas qualidades mais amáveis te protejam das outras características masculinas que exageraste."

Pelo que o Rob disse mais tarde, a Doris permaneceu ali sentada de cara corada e um tanto constrangida. O nosso gravador permanecia ligado. O Seth continuou a citar exemplos dos primeiros tempos de vida da Doris de que o Rob e eu nada conhecíamos. A sessão toda ocupou nove páginas em que o Seth analisou as atitudes e peculiaridades da Doris, ilustrando-os com episódios específicos unicamente do conhecimento anterior dela, e acabou com um excelente conselho.

Ele disse-lhe que ela projetara essa imagem em cada um dos homens que conhecera, e depois *lhe* reagira em vez do indivíduo. Recomendou-lhe uns exercícios mentais calculados para a ajudar a dissolver essa falsa imagem. Aqui a Doris começou a chorar um pouco. O Seth sorriu e disse:

"Ora, vá lá, não te ponhas para aí a fungar. Eu não sou o teu pai nem te estou a ensinar nenhuma lição de aritmética. Estou a dispor-me a ajudar-te, e em troca recebo lágrimas. Geralmente não exerço esse efeito nas pessoas."

Em resposta, a Doris lá acabou por esboçar uma risada.

"Bem, nesse caso, por que razão o Frank (que não é um nome real) não namora nem tem relações normais com mulheres? Ele mostra ser suficientemente macho" disse ela. E então, quase com um toque de provocação acrescentou: "Ele não é efeminado." Caso em que o problema principal reside em dificuldades que se prendem com "vidas passadas":

"Ele foi mulher. Os seus pais atuais foram seus irmãos no período da Revolução Americana na mesma área geográfica que a atual. Os irmãos estiveram envolvidos como espiões. O teu Frank, como irmã deles, revelou o seu esconderijo no porão de uma velha estalagem. Ela foi capturada quando ia abastecer-se de suprimentos, revelou o local e não pode avisar os irmãos. Ela sentiu tê-los abandonado e traído."

O Seth prosseguiu dizendo que nesta vida, o Frank optara por retornar como filho dos dois irmãos que atualmente eram marido e esposa. "Agora ele racionaliza o desejo de não deixar o lar. Os irmãos nunca o culparam. . . eles sabiam que a moça tinha ficado aterrada e falado por temor sem intenção de os trair. Não há castigo envolvido. Ele optou por se prestar a servi-los nesta vida e por ajudar outros. O secretismo que demonstra (Ele mostrava ser muito boca fechada) resulta dessas experiências passadas. Certa vez ele sentiu ter falado e traído demais. Agora mostra-se reservado com respeito a questões que considera importantes."

O Seth enfatizou que por razões próprias, o Frank não optara por uma relação matrimonial, e acabou dizendo à Doris que ela o tinha escolhido por essa razão — que ela nunca vira o homem que ele era, mas somente a imagem que ela projetara nele. Ele citou o nome de Frank numa vida passada enquanto Achman por acaso, e mais tarde a Doris veio a saber que a sua presente família tem um ramo Achman. Foi dado muito mais aconselhamento psicológico. Toda a sessão representou uma grande ajuda para a Doris — que não nunca mais sentiu pavor do Seth, a propósito! Mas constitui simplismo dizer que *todos* os presentes problemas sejam *resultado* de dificuldades tidas em vidas passadas. Não nos encontramos "entalados" nos nossos problemas, quer eles provenham desta ou de outras vidas. Não temos que os arrastar connosco. Eles podem ser resolvidos, e conquanto as influências reencarnatórias certamente operem, não operam num vazio.

O capítulo 13 (Saúde) encerra alguns dos métodos recomendados por Seth para manter a vitalidade mental, psíquica e psíquica — além da perspetiva.

Algumas pessoas são mais capazes de utilizar a experiência de vida passada, creio eu, enquanto outras isolam-se bastante em cada vida, e fecham-se tanto quanto possível de tais influências. As vidas de certas pessoas parecem não fazer sentido, por exemplo, a menos que conheçam as "anteriores." As

nossas cinquenta ou sessenta ou setenta vidas assemelham-se a novelas independentes, bem traçadas e executadas.

Contudo, não há dúvida que um conhecimento de influências reencarnatórias lança uma luz inestimável sobre a natureza da personalidade e que nos ajuda a encarar os nossos presentes eus com alguma perspetiva. Os excertos que se seguem, de uma sessão subordinada à experiência de reencarnação, mostra a continuidade e a inter-relação que a tapeçaria do eu (a que agora chamamos nós) pode envolver.

Um editor a quem chamarei Matt, veio em visita a Nova Iorque. Tínhamo-nos correspondido, porém, nunca nos tínhamos conhecido. Ele tinha lido um manuscrito meu e tomou conhecimento do Seth. Gostamos um do outro de imediato, mas tratou-se principalmente de um encontro de negócios. Mas depois, achei que o Matt de um modo ou de outro poderia querer que eu "provasse as minhas capacidades", e eu não quis sentir-me sob pressão.

Certas pessoas, conforme vim a descobrir, têm as ideias mais estranhas sobre os médiuns e os psíquicos. Quando descobri isso pela primeira vez, costumava cutucar-me a fim de provar o quão normal eu era. Normalmente as pessoas acham isso muito dececionante, e eu muito inibidor. Agora a maior parte disso passou, e eu sou tão normal ou anormal quanto qualquer outro.

Na verdade foi de certo modo engraçado: O Matt esforçou-se por mostrar que eu não tinha nada a provar! De modo que, durante um tempo a nossa conversa foi bastante viva e espalhafatosa.

O Seth tinha-nos previamente dado alguma informação sobre o Matt, sobre a sua editora e os sócios. E na noite seguinte, quando estávamos todos mais confortáveis uns com os outros, o Seth surgiu e fez uma excelente sessão. Desde então, o Mat tornou-se num ótimo amigo, curiosamente, mas a essa altura não o conhecíamos de Adam. As revelações psicológicas demostradas foram realmente espantosas — e eu não acredito que o psicólogo mais consumado pudesse ter localizado o carácter, as capacidades, e o passivo deste jovem tão bem quanto o Seth o fez.

Tive os olhos abertos durante grande parte da sessão — quer dizer, os meus olhos físicos, por nessas alturas eles servirem nitidamente de espelho de uma diferente personalidade.

"Houve a sensação de um vazio a preencher," começou o Seth. "Um receio de que a identidade lhe fugia e o deixava. Tenho a minha taça está vazia, e não sobrará parte nenhuma de mim — estás a entender? Por outro lado, foi natural a personalidade voltar-se para fora num modo simples e exuberante.

"Assim, encontramos duas vidas votadas ao cultivo e estímulo de outros. Mas em ambos os casos a personalidade esteve repleta de um pavor interno, até certo ponto ressentindo-se daqueles que ajudava. Se ele andasse em ajuda a outros, quem haveria de se importar com a loja? Ele receava que o estoque desaparecesse.

"Em duas outras vidas, verificou-se em vez disso o desenvolvimento de capacidades interiores me exclusão de outras, um fechar de janelas e um barrar de portas. Ele não olhava para fora, e ninguém ousava olhar para dentro. Fazia caretas horríveis à janela da sua alma para afugentar os outros. Contudo, com tudo isso as capacidades interiores foram desenvolvidas. Ele 'acrescentou ao seu estoque.'

"Agora começou a sintetizar essas condições interiores e exteriores. Ele compreende que o eu interno não precisa ser tão duramente protegido, que a sua identidade não lhe fugirá que nem cão que deixa a trela."

Diante disso, o Rob e o Matt explodiram numa gargalhada. A seguir o Seth penetrou numa certa informação que ligava alguns dos interesses do jovem a atividades passadas. Mencionou diversas vidas passadas, mas enfatizou uma como particularmente significativa:

"Tu foste membro de um grupo monástico que colhia e classificava diversos tipos de sementes. Oficialmente, o grupo trabalhava em manuscritos, mas aqui o nosso amigo e diversos outros eram contrabandistas de sementes, acreditando contra a corrente defendida que as questões que dizem respeito à natureza podiam ser respondidas examinando-se a natureza.

"Eles investigavam as ideias, o folclore, e o conhecimento oficialmente defendido respeitante à botânica e à reprodução de sementes, e deram início

ao seu jardim proibido por trás do mosteiro. Tentavam descobrir o segredo da hereditariedade na vida vegetal.

"Isso teve lugar próximo a Bordeaux. A ordem tinha que ver com São João. Havia um brasão, que pertencia quer à ordem ou à família do nosso amigo; uma forquilha de quatro línguas com uma serpente por cima sobre a porção superior do puxador num primeiro plano, e em segundo plano um castelo ou um mosteiro.

Os monges deixaram a ordem e foram desbaratados por volta de 1400. O nome do monge na ordem parece ter sido Aerofranz Marie (segundo a interpretação fonética do Rob).

"Como foi que morri então?" perguntou o Matt.

"Três aldeões andavam a caçar nos terrenos do mosteiro. Tu berraste a dar-lhes conta de que estavam a invadir terreno privado e tropeçaste num rochedo. Ficaste inconsciente, e os aldeões fugiram. Vieste a ti durante a noite e vagueaste pelos campos no lado afastado do mosteiro, até chegares a um lençol de água. Ajoelhaste-te e começaste a orar e perdeste o equilíbrio. Conseguiste agarrar-te a um ramo que pendia próximo, mas ele cedeu e tu afogaste-te."

A esta altura, à medida que o Seth falava eu parecia olhar a cena que ele descrevia. Observei o monge de um ponto atrás e acima, ao se afastar do mosteiro e vaguear pelos campos. O Seth prosseguiu dizendo que as experiências do monge contribuíram para conquistas obtidas mais tarde no mesmo campo por um outro monge.

Também deu um excelente conselho que estou certo outros poderiam usar: "Não uses o teu intelecto como um estandarte brilhante para acenar das tuas janelas. Tu estás a usá-lo como um brinquedo espalhafatoso que te pertence. Desfralda-lo como um belo brinquedo, mas tens cuidado com a direção por que deixas que se estenda. O intelecto que possuis é ótimo, mas permitiste-te ficar fascinado com a sua qualidade cintilante, e não o usas exaustivamente enquanto ferramenta."

Estou só a dar excertos de leituras pessoais, e a escolher passagens que se prendam com a reencarnação. Geralmente as leituras incluem muito mais — sugestões salutares assim como análises de carácter e advertências com

respeito a outras matérias. E até agora, cada sessão dessas tem sido significativa para a pessoa em questão.

O Matt, por exemplo, ficou admirado com a análise de carácter que ele disse, o equiparava a um Thomas More, o brasão mencionado por Seth afeiçoava-se bastante similar, disse-nos ele, aos rabiscos que ele esboçara enquanto atendia o telefone ou em momentos invulgares. Uma outra questão interessante; uns anos antes o editor tinha escrito duas peças — uma em que participava um monge que vivera à beira-mar perto de Bordeaux, e a outra também passada na França no século treze. Tais factos, é claro não eram do nosso conhecimento.

Sabíamos que o editor se interessava por botânica, porém, e o Seth ligou essa vocação a um trabalho experimental passado feito com sementes.

Eu tentei, através de excertos de leituras, mostrar as ideias que o Seth refere sobre reencarnação conforme são pessoalmente aplicadas. Mas há diversas questões importantes que ainda não consideramos. Por exemplo, quantas vidas temos? Haverá um limite para elas? Muito simplesmente, vivemos tantas existências físicas quantas sentirmos que precisamos a fim de desenvolvermos as nossas capacidades e nos prepararmos para entrar noutras dimensões da realidade. Isso será discutido minuciosamente no capítulo que se prende com a natureza da personalidade (ver "A Personalidade Multidimensional" já publicado).

Neste âmbito de desenvolvimento, contudo, há um requisito mínimo. O Seth diz: "Por regra, todas as entidades nascem de forma que três funções sejam experimentadas — a de mãe, pai, e filho ou filha. Duas vidas seriam suficientes para lhes garantir essas três funções, mas em certos casos a personalidade não chega à idade adulta. A questão mais importante, contudo, reside no pleno uso do potencial."

O Seth também nos disse que certas personalidades não se desenvolvem bem no ambiente físico, mas que se realizam noutras realidades. Por outras palavras, a "última" reencarnação não é o fim. Existem outras dimensões da existência em que desempenhamos uma parte maior ainda na manutenção da vida e da consciência. Tais dimensões, e a parte que nelas desempenhamos, serão explicadas junto com o conceito de Deus, as probabilidades e o tempo. Mas central nas discussões do Seth subordinadas à

reencarnação são os seguintes excertos da sessão 233 que coloca a reencarnação em perspetiva, tanto individual quanto historicamente.

"Na materialização da personalidade através de diversas reincarnações, somente o ego e as camadas do subconsciente pessoal adotam novas características. As demais camadas do eu retêm as suas experiências, identidade e conhecimento passados.

"De facto, o ego recebe muita da sua relativa estabilidade devido a essa retenção subconsciente. Não fora pelas experiências passadas noutras vidas nas camadas mais profundas do eu, e o ego haveria de achar praticamente impossível relacionar-se com outros indivíduos, e a coesão da sociedade não existiria.

"A aprendizagem é, até certo ponto, passada através dos genes, da bioquímica, mas essa é uma materialização física do conhecimento interno conquistado e retido proveniente de vidas passadas. . . O ser humano não. . . emerge na existência pelo nascimento para dar início laboriosamente às suas primeiras tentativas por obter experiência. Se esse fosse o caso, vocês ainda estariam na Idade da Pedra.

"Há ondas de energia, e ondas de padrões reencarnatórios, por terem existido muitas Idades da Pedra no vosso planeta, em que novas identidades deram início à sua 'primeira' experiência no campo da existência física, e alteraram a face da terra à medida que foram progredindo.

"Elas foram mudando à sua própria maneira, e não à vossa, mas isso ainda há de ser discutido lá muito para a frente. Contudo, tudo isso ocorre, basicamente, num piscar de olhos, e com propósito e significado, para além de se basear na consecução e na responsabilidade. Cada uma das partes do eu, conquanto consideravelmente independentes até certo ponto, é ainda assim responsável por todas as outras porções do eu; e cada eu total (entidade) é responsável por todos os outros, enquanto é al larga medida independente quanto à atividade e decisão.

"Para tantas camadas do eu que compõem a totalidade do eu (entidade) outras tantas entidades formam uma gestalt de que vocês têm relativamente pouco conhecimento e que eu ainda não estou preparado para lhes revelar."

Ainda estamos a ter sessões que se prendem com a reincarnação, mas, assim que as perguntas surgirem, colocá-las-emos. Isso contribuirá para o nosso material subordinado ao tema, é claro, porém em toda a estrutura das sessões, a reencarnação representa uma parte relativamente insignificante, como um só dos aspetos da nossa realidade.

Quer compreendam ou não e aceitem o contexto da reencarnação, é altamente importante viver uma vida sã e equilibrada *nesta* vida. Nós moldamos a realidade do nosso dia-a-dia. Moldamos as nossas vidas passadas, e moldamos esta. E resolvendo problemas agora, podemos tornar as coisas amplamente mais fáceis para os nossos eus "passados" e "futuros".

*****NT: Obra escrita por Corbett H. Thigpen, e Corbett H. Thigpen, psiquiatras Americanos, sobre um caso, tratado por eles, diagnosticado como de múltipla personalidade (actualmente conhecido como Desordem Dissociativa de Identidade) que ocorreu com Chris Costner Sizemore, e que, a despeito do restabelecimento parcial da personalidade, continuou a desenvolver outras facetas da personalidade ao longo da vida, tendo chegado a desenvolver um total de vinte e duas, altamente peculiares e algumas das quais se expressaram em termos artísticos.

A história tem laivos de mistério que tende a cativar a mente do leitor ou espectador (no caso do filme) por tocar em aspetos profundamente inquietantes, ou quando muito atuais da natureza da psique, aspetos esses que, contudo, não deixam de fascinar por desenrolarem aspetos que comummente, enquanto pessoas ditas "normais" tendemos a sepultar ou a relegar para os domínios da Sombra, e que uma vez revelados podem mostrar facetas verdadeiramente mágicas (no caso de abrirem uma janela para a espontaneidade) e verdadeiramente perturbadoras (no de aspetos 'negativos' que reprimimos, inerentes aos problemas não resolvidos).

Não é fácil por ser um tanto disfuncional na prática conviver com casos de dissociação como o da Christine, coisa que nem o filme nem o livro podem deixar transparecer com a agudeza que caracteriza a disfunção.

Paralelamente, a matéria abrange de certo modo o uso dos heterónimos, muito mais racional em termos psíquicos, e que na realidade pode responder por um desenvolvimento mais harmonioso e criativo.

CAPÍTULO TREZE
SETH FALA SOBRE A SAÚDE

Como poderemos manter-nos saudáveis? Como poderemos ver-nos livres duma doença qualquer que possamos ter? Que ligação existirá exatamente entre os nossos estados mentais e a nossa saúde? As ideias de Seth sobre este assunto têm sido de imenso valor para o Robert e para mim, do mesmo modo que para todos os que entraram em contacto com elas. Pusemos os conceitos dele em prática nas nossas próprias vidas, e por vezes ambos ficamos espantados pelo modo como anteriormente conduzíamos o nosso dia-a-dia, antes de compreendermos o estreito relacionamento existente entre os pensamentos, as emoções e a saúde.

Há algumas semanas soubemos que uma vizinha antiga nossa tinha acabado de morrer. A Joanie tinha residido no nosso edifício de apartamentos por um ano ou isso, no mesmo corredor, em frente a nós. Ela era magra, tinha o cabelo ruivo e era temperamental. Penso que foi uma das pessoas mais engraçadas que conheci, além duma grande imitadora. Mas era frequente utilizar o seu humor tal como se maneja uma espada. Era um humor cruel até mesmo quando o voltava contra si própria, tal como fazia frequentemente.

Tinha pouco mais do que trinta anos, tinha um bom emprego, porém, olhava com desdém os colegas de trabalho. O seu casamento tinha terminado em divórcio antes de se mudar para aqui e embora sempre falasse de voltar a casar nutria um enorme sentido de desconfiança pelos homens. Penso que chegava mesmo a odiá-los. Mas não tinha melhor conceito das mulheres, apesar de por vezes poder mostrar-se bastante cordial. Chegou a sentir simpatia pelo Robert e por mim e por vezes chegávamos a sentar-nos à mesma mesa em que escrevo este livro, para conversarmos.

Começava sempre com uma das suas histórias fantásticas, sarcásticas e engraçadas acerca de alguém que conhecia. Possuía uma estranha capacidade para perceber os pontos fracos das pessoas e fazer pouco deles. Quando não se encontrava doente tinha uma enorme vitalidade refinada e uma perspicácia natural e profunda.
Nós jogávamos uma espécie de jogo; eu gostava dela mas não estava disposta a ver-me sitiada por uma barreira de pensamentos negativos e de pessimismo por toda uma hora, a despeito da forma engraçada como fossem

apresentados – e ela tinha conhecimento disso. O pior é que ela era realmente engraçada e era difícil como o diabo conter-nos e deixar de nos rirmos junto com ela, mesmo quando sabia que não devia. E ela tinha igualmente conhecimento disso. Desse modo tentava ver até onde podia ir antes que lhe chamasse a atenção sobre isso e começar um pequeno sermão que lhe apontasse a atitude que mantinha em relação aos outros era largamente responsável pelas dificuldades por que passava.

E essas dificuldades eram doenças – duma tal variedade e vigor que eu chegava a pensar ser impossível até mesmo para ela dar-se conta daquilo que a afligira durante o ano. Algumas eram graves e ela sofreu algumas operações. Ela contraía qualquer infeção que se achasse em voga, assim como algumas que não eram correntes. Andava de médico em médico e frequentemente com sintomas bastante definidos e assombrosos. A dieta que fazia tinha sido restringida e os males de que padecia começaram a tornar-se cada vez mais agudos.

Emocionalmente passava de picos exagerados e depressões extremas. A idade incomodava-a; tinha a certeza de que a vida "a vida atingiria um fim quando alcançássemos os quarenta" – e para ela assim foi, durante vários anos. Todavia, ficamos todos espantados com a notícia do seu falecimento. Apesar de termos consciência de que ela estava a tornar-se literalmente doentia, não tínhamos a menor ideia que estava fatalmente doente.

Recordem-se daquilo que referi anteriormente, que nós formamos a realidade física como uma réplica das nossas ideias íntimas. Essa é uma das maiores premissas do Material de Seth. A Joan sentia-se literalmente desagradada com as pessoas, com poucas exceções. Além disso convencia-se de que não gostavam dela e era antipática. Sentia-se perseguida e segura de que as pessoas falavam ou bisbilhotavam acerca dela pelas costas – por ser isso precisamente o que ela fazia.

A vida diária para ela estava cheia de toda a espécie de ameaças e mantinha o sistema nervoso num permanente estado de stress. As suas defesas corporais achavam-se em baixo. Sentia-se cansada da luta constante sem ter noção de que a maior parte dessa luta era unilateral e não apresentava qualquer garantia. Projetava as suas ideias que tinha da realidade no exterior e elas levaram-na literalmente à destruição.

Contudo tinha sido prevenida. Dois anos antes de falecer pediu para assistir a uma sessão normal com o Seth. O Seth foi muito sério e menos jovial do que o costume e na altura pensei que estivesse a ser demasiado duro com ela. Atualmente percebo que procurara impressioná-la acerca da necessidade de alterar as atitudes e reações. Revelou as suas ideias acerca da saúde com tanta clareza e de forma tão direta quanto possível, tratando da sua aplicação prática. Quase consigo ver a Joan ali sentada, de pernas cruzadas, antes da sessão. Tivesse ela sido capaz de seguir os seus concelhos e ainda estaria viva e de saúde hoje. Também tenho a certeza de que os leitores que seguem e compreendem as ideias de Seth acerca da saúde edificarão grandemente a sua.

"Deves ver os quadros que pintas com a tua imaginação" disse, "porque tu dás rédea solta à tua imaginação. Se leres o nosso material anterior perceberás que o teu ambiente e as condições da tua vida em qualquer altura resultam diretamente das tuas expectativas íntimas.

"Tu formas materializações físicas dessas realidades na tua própria mente. Se imaginas circunstâncias desagradáveis, uma saúde debilitada ou uma solidão desesperante, isso materializar-se-á automaticamente, porque esses mesmos pensamentos provocam as condições que lhes conferem realidade em termos físicos. Se quiseres gozar de boa saúde deves tratar de a imaginar de forma tão vívida quanto sob o temor imaginas o contrário.

"Tu crias as tuas próprias dificuldades. Isso é válido e verdadeiro para cada indivíduo. O estado psicológico íntimo é projetado para o exterior, assomando desse modo realidade física – isso a despeito da natureza desse estado psicológico...

"As regras aplicam-se a todos. Podes usá-las em teu próprio benefício e alterar as tuas próprias condições assim que tomes consciência daquilo em que consistem.

"Não consegues evitar as tuas próprias atitudes porque elas formarão a natureza daquilo que percebes. E em termos bastante literais, tu vês aquilo que te dispões a ver; e desse modo deparas-te com a materialização física dos teus próprios pensamentos e atitudes emotivas. Se tiver que ocorrer alguma

mudança ela terá que ser de ordem mental e psíquica. Isso refletir-se-á no teu ambiente. Atitudes negativas, de desconfiança, de temor ou degradantes alimentadas em relação a alguém operam contra a própria pessoa."

A Joan manteve-se sentada a bater o pé de modo nervoso. Não pez qualquer piada. Na altura namorava um homem que bebia. "O problema da bebida que ele tem torna-me irritante e zangada" disse ela. "Ele é o meu problema. É ele que me deixa nervosa."

O Robert riu. Ela parecia tão afetada e tão determinada a deitar a culpa em alguém...

"Deves entender outra coisa", disse Seth. "A telepatia está constantemente em operação. Se esperares continuamente que um indivíduo se comporte dum modo particular, nesse caso estarás constantemente a enviar-lhe sugestões telepáticas nesse sentido. Cada pessoa reage à sugestão. De acordo com as condições específicas existentes numa determinada altura essa pessoa agirá, dum modo ou de outro, de acordo com as sugestões das massas que recebe.

"Essas sugestões das massas incluem não só aquelas que lhe são dadas pelos outros, tanto verbal como telepaticamente, como aquelas que ele também deu a si próprio, tanto no estado de vigília como durante o estado dos sonhos. Se um indivíduo se achar num estado de desânimo ou desencorajamento, isso deverá ficar a dever-se ao facto dele se ter tornado presa de sugestões negativas suas assim como dos outros. Agora; se o encarares e pensardes que ele assume uma aparência infeliz" – Seth encarou a Joan dum modo penetrante – "ou que ele seja um bêbado incurável, nesse caso essas sugestões serão "captadas" por ele a nível subconsciente, ainda que não tenhas proferido uma palavra. E na condição debilitada em que se acha tais sugestões serão aceites e atuarão.

"Se, por outro lado, sob as mesmas circunstâncias, te detiveres e sussurrares para contigo própria: "Ele deverá agora começar a sentir-se melhor, ou a sua dependência é temporária, e ainda resta esperança neste caso," dessa forma ter-lhe-ás dado ajuda, porquanto a sugestão deverá pelo menos representar alguma pequena munição para o auxiliar no combate do desalento.

“Existem formas óbvias através das quais tu moldas as condições que vives, te proteges das tuas próprias sugestões negativas e das dos outros. Deves aprender a apagar todo o pensamento ou imagem substituindo-os pelos seus opostos.

“Se pensares estar com uma dor de cabeça e não substituíres tal sugestão por uma outra positiva, estarás automaticamente a sugerir que o corpo estabeleça as condições que resultarão na continuidade desse padecimento. Recomendo-te um anúncio (comercial) que é ainda melhor que o vosso Excedrin, para as dores de cabeça. Recomendar-te-ei o modo de não teres nenhumas.” Este foi o único toque de humor em toda aquela sessão. Numa sessão devotada a uma pessoa em particular, geralmente o Seth desvia-se do curso usual a fim de fazer alguns comentários joviais que deixem a pessoa à vontade.

Fizemos um intervalo curto, enquanto a Joan se continuou a queixar dos hábitos de bebida do seu amigo, e de como eles só faziam aumentar o seu nervosismo. Ela estava certa de que se não tivesse isso contra que lutar, a sua saúde recobrar-se-ia. Começou veementemente a culpar o amigo por quase todos os problemas que tinha. Quando Seth retornou, ele mostrou-se ainda mais grave do que antes:

“Bom; não estás a referir-te aos temas básicos” disse. “Estais a criar tigres de papel que és capaz de atacar, porém, esses tigres não são reais. Deves aprender a escutar a voz do eu interior. Dificilmente isso será de temer. Permitiste que o ego se torna-se um eu de imitação, e aceitas o que ele diz por não escutares a voz silenciosa que se acha no teu íntimo.

“Tens estado a examinar os outros ao invés de te examinares a ti. Aquilo que percebes neles é a materialização – a projeção daquilo que pensas que és – contudo não necessariamente, daquilo que és. Por exemplo, se os outros te parecem enganadores, isso deve-se a que te enganes a ti própria e depois projetes isso externamente nos outros.

“Contudo, isso constitui apenas exemplos. Se um indivíduo apenas percebe o mal e desolação no mundo físico, isso acontece devido a que se ache obcecado com o mal e com a desolação e os projete no exterior, enquanto fecha os olhos a tudo o mais. Se quiseres saber aquilo que pensas de ti

própria, nesse caso interroga-te sobre o que pensas dos outros, e então encontrarás uma resposta.

"Outro exemplo: Um indivíduo bastante industrioso pensa que a maioria dos trabalhadores não presta para nada. Ninguém alguma vez pensará em pensar nele em termos de não prestar para nada ou de preguiçoso, contudo isso pode corresponder exatamente à imagem subconsciente que tem de si próprio, contra a qual pugna constantemente. E tudo isso sem que tenha consciência do conceito básico que faz de si próprio e sem reconhecer como projeta as suas fraquezas temidas externamente nos outros.

"Um autoconhecimento autêntico é indispensável para se ter saúde e vitalidade. O reconhecimento da verdade com relação ao eu significa muito simplesmente que em primeiro lugar devemos descobrir aquilo que pensamos em relação a nós próprios, ao nível subconsciente. Se se tratar duma imagem excelente, constrói com base nela. Se for pobre reconhece-a apenas como a opinião que sustentaste em relação a ti própria e não como um absoluto."

A juntar às demais dificuldades a Joan era frequentemente afetada por severas dores de cabeça. Antes de dar a sessão por encerrada Seth deu-lhe um conselho que pode ser seguido por qualquer um:

"Devias dizer a ti própria com frequência: "Só reagirei a sugestões construtivas" porque isso dá-te alguma proteção contra os teus próprios pensamentos negativos e os dos outros. Se um pensamento negativo não for apagado irá quase de certeza resultar numa condição negativa: num desalento momentâneo ou uma dor de cabeça, de acordo com a intensidade do pensamento.

"Agora; se estiveres com dor de cabeça, diz imediatamente: "Isto situa-se no passado". E neste momento, neste instante presente estou finalmente a começar a sentir-me melhor." Aí volta imediatamente a atenção da condição física em questão e concentra-te em algo agradável ou dá início a uma outra tarefa. Desse modo não estarás mais a sugerir que o corpo reproduza as dores de cabeça. Deves repetir o exercício."

É contraproducente reprimir pensamentos negativos tais como medo, raiva ou ressentimento. Noutras sessões Seth tornou claro que tais conteúdos devem ser reconhecidos e enfrentados para então serem substituídos.

(Nota do tradutor: Na verdade é não só totalmente inadequado fazê-lo, como igualmente danoso porquanto tudo aquilo que é sentido e não é manifestado pode tornar-se factor corrosivo para a personalidade no seu todo, seja de teor positivo ou negativo. Tanto ficamos a perder por não manifestarmos ódio como amor porque ambos concorrem numa mesma condição para o empobrecimento pessoal)

A repressão tem vindo a ser um dos hábitos que me caracterizam, particularmente após ter tido noção do quanto destrutivos os pensamentos negativos podem ser. No início eu ia além da medida, ou procurava faze-lo. Dava por mim a pensar em termos de ressentimento em relação a uma pessoa em particular ou situação e voltava atrás, "Uau, isso é uma coisa terrível só de pensar", dizia para comigo mesma.

"Se eu dirigisse um pensamento agressivo para alguém aí ele poderia magoar essa pessoa." Disse ao Robert. "Se eu o reprimir, ele pode magoar-me e emergir sob a forma de sintomas físicos de algum género. Por isso peço-te que, por favor, perguntes ao Seth na nossa próxima sessão o que é que ele sugere. Nessa sessão Seth explicou a diferença existente entre a repressão e a correta abordagem:

"A Ruburt (nome porque que Seth tratava a Jane) devia lembrar-se de reconhecer o ressentimento quando o sente e em seguida ter noção de que o ressentimento pode ser eliminado. Contudo, deve dar-se o reconhecimento inicial. Então ele que imagine o ressentimento a ser arrancado pela raiz e a substituí-lo por um sentimento positivo. Mas deve imaginar o processo de o arrancar.

"Essa é toda a diferença existente entre a repressão e a ação positiva. Com a repressão o sentimento é forçado à inconsciência e ignorado. Com o método indicado ele será reconhecido, imaginariamente arrancado como algo indesejável, e posteriormente substituído pelo pensamento pacificador e energia construtiva." (Seth frequentemente preveniu-me em relação à repressão da agressão motivada pelo medo dela. O Robert acha bastante

divertido – para ele! – o Seth a falar através de mim, me encoraja a atuar deste modo. Contudo, as sugestões que me fez foram sempre excelentes.)

Mais tarde saiu-se com um excelente comentário: "Se o desejo pela saúde for, ao invés, direcionado com base nos sintomas a superar, melhor será que evites todos os pensamentos de saúde ou de doença e te concentres noutras direções, tais como o trabalho. Uma ênfase dessas pode conduzir a uma concentração nos obstáculos que se situam no caminho, e isso reforça a condição negativa."

Seth sempre refere que a vida é abundante, vigorosa e forte e que cada um possui as suas defesas contra as sugestões negativas, além de que devíamos confiar na nossa imunidade. As pessoas só reagem às sugestões negativas quando a sua "moldura" mental é negativa (por inclinação ou tendência) porque aí nós fechamo-nos a nós próprios às energias construtivas de que precisamos.

Mais uma vez, Seth não sugere que reprimamos as emoções. Acima de tudo a espontaneidade é regra. Se fôssemos verdadeiramente espontâneos, diz ele, não precisaríamos preocupar-nos com sugestões positivas porque a nossa saúde seria mantida em condições normais.

Um dos meus alunos, um homem de negócios, fica aflito sempre que o Seth fala de espontaneidade porque a iguala à falta de disciplina. Seth trata-o por "o Reitor ou Decano", com um humor afetuoso, por ele ser um dos meus melhores alunos, e os outros escutarem as suas aventuras no domínio do psíquico com bastante interesse. Mas ele é igualmente um tradicionalista em larga escala e o termo "espontaneidade" pode representar um sinal vermelho, pelo menos no que lhe concerne! Mas eu tenho que admitir que muitos de nós têm o pressentimento de que as nossas emoções íntimas constituem um tabu.

Estávamos a falar acerca disto certa noite quando de repente o Seth apareceu em cena:

"As emoções fluem através de vós como tempestades ou céus azuis e vós devíeis permanecer abertos a elas e reagir-lhes", disse. Vós não sois as emoções que sentis. Elas fluem através de vós e vós senti-las e depois

desaparecem. Quando vos esforçais por as reter fazeis com que cresçam como montanhas. Já tive ocasião de dizer ao nosso Decano que a espontaneidade conhece a sua própria disciplina. O vosso sistema nervoso sabe de que modo há de reagir, e age de modo espontâneo sempre que o permitimos. Apenas quando procuramos negar as emoções que sentis que elas se tornam perigosas."

Nessa noite estava presente um novo estudante e alguém fez o reparo de que o Seth podia mostrar-se bastante austero. Aí, ele disse a brincar: "Esta noite fui drasticamente difamado e por isso vou demonstrar ao nosso novo amigo o quanto posso ser jovial. Essa, pelo menos era intenção inicial que tinha. Mas agora mudou porque devo referir uma vez mais que o eu interior, ao agir de forma espontânea, revela automaticamente a disciplina que ainda não és capaz de compreender."

Agora Seth passou a vista pela sala, através dos meus olhos. Alguém apanhou os meus óculos e pousou-os na mesinha do café. (Tal como anteriormente referi, sempre que o Seth eclode através de mim, sempre tira os meus óculos e frequentemente atira-os de modo decidido para a almofada) As luzes achavam-se acesas como sempre, de resto. Ele encarou o grupo e disse de modo enfático:

"Vós não sois o vosso corpo; não sois as vossas emoções. Possuis pensamentos do mesmo modo que dispondes de ovos para o pequeno-almoço, mas não sois os ovos, e também não sois as emoções que sentis. Sois tão independentes dos vossos pensamentos e das vossas emoções quanto o sois em relação ao bacon e aos ovos. Utilizais esse bacon e esses ovos para a vossa composição física e do mesmo modo utilizais os pensamentos e as emoções na vossa composição mental. Mas com certeza que não vos identificais com um pedaço de bacon. Então também não precisais identificar-vos com os vossos pensamentos e as vossas emoções. Quando estabeleceis barreiras e portais, aí encerrais as emoções no vosso íntimo... como se armazenásseis toneladas de bacon no vosso frigorífico para depois vos interrogardes acerca da razão porque faltou espaço para outras coisas."

Ele disse ao "Decano": "Por que razão te é tão difícil apreender o sentido da liberdade?"

“A liberdade no seu sentido pleno assemelha-se quase à irresponsabilidade.”

“Essa é a interpretação que deves fazer”, disse Seth, “mas isso deve-se a que estabeleças exigências. Agora, peço-te, onde pensas que conseguiria a flor ir se, ao amanhecer voltasse a face para o céu e dissesse: “Exijo que o sol apareça. E agora necessito de chuva, pelo que exijo que chova. E exijo que venham as abelhas e colham o meu pólen. Por isso exijo que o sol brilhe durante um certo número de horas... e depois venham as abelhas – as abelhas A, B, C, D e E, porque não aceitarei mais nenhumas. Exijo que se instaure a disciplina e que o solo me obedeça. Mas não permitirei qualquer espontaneidade ao solo. Tampouco permito que o sol tenha consciência do que faz mas exijo que estas coisas sigam a ideia que tenho da disciplina.”

“Mas, perguntarei, quem a escutaria? Porque na miraculosa espontaneidade do sol existe uma disciplina que vos passa despercebida de todo e um conhecimento além de qualquer um que comportemos. E no voo espontâneo das abelhas de flor em flor existe uma disciplina além de qualquer que tu conheças, leis que seguem o seu próprio conhecimento, assim como alegria que transcende todo o controle. Porque a verdadeira disciplina, percebeis, apenas se acha na espontaneidade. A espontaneidade conhece a sua própria ordem.”

Uma vez mais Seth encarou o “Decano” mas agora dirigiu-se para os outros no grupo:

“Com que é que nos deparamos no funcionamento espontâneo do vosso sistema nervoso? Vemos aqui a cabeça do Decano que descansa sobre os ombros, e o intelecto que exige disciplina. O no entanto tudo isto assenta no funcionamento espontâneo do eu interior, e no sistema nervoso sobre o qual o intelecto pouco sabe. E sem essa disciplina espontânea não existiria nenhum eu que repousasse sobre os ombros e que exigisse disciplina... Agora que já provei o quanto consigo ser jovial, podeis todos fazer um intervalo.”

Todos se riram. Após o descanso Seth reapareceu a fim de responder outras questões, porém terminou o debate prévio com um sorriso dirigido ao “Decano”:

"Ora bem, as estações sucedem todos os anos como o têm feito por centenas de anos no vosso planeta, e sucedem com uma espontaneidade magnífica e imbuídos de criatividade que irrompe pelo mundo todo. E no entanto sucedem dum modo altamente ritualizado e disciplinado pois a primavera não ocorre em Dezembro. E dá-se uma fusão da espontaneidade com a disciplina verdadeiramente maravilhosa de se contemplar. E vós não temeis a chegada das estações do ano.

"Cada um de vós a vosso modo contribui. Porque podeis considerar o corpo terrestre e tudo o que conheceis... as árvores, as estações, e os céus de certa forma como uma contribuição vossa... a combinação da espontaneidade e da disciplina que empresta o seu fruto ao mundo."

Toda a natureza opera de modo espontâneo. Os nossos corpos deverão ser automaticamente saudáveis se deixarmos de projetar falsas ideias sobre eles. Mas é claro que não é tão simples quanto isto tudo. Ao dirigir-se diretamente às pessoas nas sessões destinadas à classe Seth procura esclarecer as questões tão claro quanto possível e dum modo que consigam compreender. Nas nossas próprias sessões vai mais fundo ao dirigir-se a tais temas. Nos excertos seguintes retirados duma sessão privada, ele explica os elementos biológicos e psíquicos da dor e da consciência e declara também que a própria doença por vezes consiste numa atividade imbuída dum propósito definido.

Ao lerdes isto, pensai somente nas várias doenças que tivestes e vede como isso se aplica. Aqui Seth debate a doença na relação que tem não somente com a personalidade superficial como também com as estruturas biológicas mais profundas. Ele tinha-se dirigido previamente à necessidade que a Sally (a esposa do Jon) sentia de se dissociar da sua identidade "doentia". E agora ele passava a elaborar:

"Toda a doença é momentaneamente aceite pela personalidade como uma parte do eu, e aqui reside o seu perigo. Não é só aceite simbolicamente – e aqui não me estou a referir em termos simbólicos. Uma ação de impedimento tal como a da doença passa a ser literalmente aceite pela estrutura da personalidade, e assim que isso acontece, desenvolve-se um conflito. O eu não pretende desistir duma porção de si próprio, mesmo quando essa porção

pode ser dolorosa ou trazer desvantagens. E existem diversas razões por detrás disto.

"Por um lado, enquanto a dor é desagradável, consiste igualmente num método de familiarizar o eu de encontro aos abismos da consciência acelerada. Qualquer sensação elevada, agradável ou não, resulta, até certo ponto, num efeito estimulante sobre a consciência. Até mesmo quando esse estímulo pode parecer humilhantemente desagradável, certas porções da estrutura psicológica aceitam-na de forma indiscriminada por consistir numa sensação, e ser vívida."

A esta altura Seth chega à questão que é primordial nas suas teorias:

"Esse consentimento até mesmo para com o estímulo doloroso constitui uma parte básica da natureza da consciência. A ação não diferencia entre estímulo agradável, doloroso, ou alegre. Tais distinções sucedem muito depois, e noutro nível (aqui Seth passa a considerar a personalidade como composta de energia e ação.)

"A ação aceita todo o estímulo dum modo afirmativo. Apenas quando se torna compartimentado, por assim dizer, na consciência altamente diferenciada é que tal refinamento ocorre. Não estou a afirmar que o estímulo desagradável não será sentido nessa precisa qualidade e não despolete uma reação contra os organismos menos conscientes de si próprios. Estou a dizer que eles rejubilarão mesmo na sua ação contrária (reação) automática, porque todo o estímulo e reação representa sensação, e a sensação constitui um método através do qual a consciência se conhece a si própria.

"A complicada personalidade humana com a sua estrutura física sofreu uma evolução, em conjunto com outras estruturas, uma consciência altamente diferenciada de "Eu" (o ego, por outras palavras), cuja própria natureza é tal que o leva a procurar preservar as fronteiras aparentes da identidade. E para proceder desse modo escolhe entre diferentes ações. Mas por debaixo deste gestalt sofisticado encontram-se as fundações simples do seu ser, e na realidade a própria aceitação de todo o estímulo sem o qual toda e qualquer identidade seria impossível.

"Sem este consentimento para com estímulos ainda mais dolorosos, essa estrutura jamais se manteria coesa porque os átomos e moléculas que a compõem estão constantemente a aceitar tal estímulo e alegremente a sofrer até mesmo a própria destruição. Tendo consciência da sua identidade em meio a qualquer ação, e destituídas da estrutura complicada do "Eu", não têm razão para recear a destruição. Têm consciência de si como parte da ação.

"Ora bem, tudo isto constitui um conhecimento básico se quisermos entender porque a personalidade aceita até mesmo uma ação impeditiva tal como uma doença a despeito da resistência que o ego tem em relação à dor."

Seth continuou declarando que a doença pode constituir uma reação saudável, ainda que possa envolver problemas inerentes à personalidade:

"A personalidade deve entender que a doença constitui uma tribulação em relação à estrutura inteira, mas... não é uma parte básica da personalidade original.
"O foco total da personalidade pode mudar das áreas construtivas para uma concentração das energias primordiais na área da ação dos impedimentos, ou enfermidade. Nesse caso, a doença na verdade representa um sistema de unificação novo. Ora bem, se o velho sistema unificador da personalidade se achar despedaçado, a enfermidade que serve de medida temporária de emergência é capaz de preservar a integridade da personalidade intacta até que um princípio unificador construtivo novo substitua o original.

"Os princípios de unificação são grupos de ação em torno dos quais a personalidade se forma em qualquer altura. Geralmente eles mudam de um modo relativamente suave quando se permite que a ação flua de forma desimpedida."

(Veja-se como isto está de acordo com o conselho que Seth deu aos estudantes sobre o valor da espontaneidade e as dificuldades inerentes à repressão) Tais impedimentos (enfermidades) podem pois por vezes preservar a integridade do sistema psicológico total e apontar a existência de problemas psicológicos íntimos. A enfermidade constitui uma porção da ação da qual a personalidade é composta e por isso mesmo está imbuída de

propósito, e não pode ser considerada como uma força estranha que invade a personalidade desde o exterior:

"A doença não poderá ser designada como uma ação impeditiva amenos que persista muito antes do seu propósito ter servido. Até mesmo aí não podereis fazer qualquer juízo se não conhecerdes todos os factos... por que a doença pode ainda ser útil para conferir à personalidade um sentido de segurança, permanecendo à mão como um instrumento de urgência sempre presente, no caso do novo sistema unificador falhar.

"Por outras palavras, não se deve considerar uma ação como um impedimento sem um conhecimento perfeito das ações que resultam na formação (constituição) de qualquer personalidade. Isto é extremamente importante. Deixar passar este aspeto despercebido equivale a arriscar-se a uma enfermidade ainda mais severa.

"Quando permitimos que a ação flua com liberdade, então as rejeições neuróticas deixarão de ocorrer. E é a rejeição neurótica que causa enfermidades desnecessárias.

"Uma enfermidade é quase sempre o resultado duma outra ação que não se consegue seguir por completo. Quando as linhas indicadoras da ação original são libertadas e os canais abertos, a enfermidade desvanece-se. Contudo, a ação frustrada pode chegar a ter consequências desastrosas que a doença pode prevenir. A personalidade possui a sua própria lógica."

Repetidamente Seth diz-nos que os sintomas físicos constituem comunicações provenientes do eu interior, indicações de que estamos a cometer erros mentais de um ou de outro tipo. Numa sessão comparou o corpo a uma escultura:

"Jamais verdadeiramente completada, enquanto o eu interior ensaia e testa várias técnicas com ele. Os resultados não são sempre o esperado, todavia o escultor é independente do seu produto e sabe que existirão outros."

Faz igualmente alguns comentários fascinantes acerca da relação entre os vários tipos de sintomas e os problemas íntimos envolvidos:

“Não se esqueçam que vós fazeis parte do eu interior. Ele não vos está a usar. Vós sois a porção dele que experimenta a realidade física. Bom, as enfermidades físicas que não são críticas mas observáveis e que não envolvem, digamos, a perda dum membro ou dum órgão – geralmente representam problemas que se encontram a ponto de serem resolvidos, problemas que permanecem à vista de todos.

“Tais enfermidades constituem o produto final de todo um processo de descoberta. Os problemas interiores são literalmente conduzidos ao exterior onde poderão ser enfrentados, reconhecidos e conquistados, utilizando-se os sintomas como pontos de medição do progresso. Acha-se envolvido um processo de ensaio e de erro, porém, os processos interiores vêem-se refletidos rapidamente pela condição física.”

Tal como Seth deixa claros noutras sessões, em tais casos, os próprios sintomas fazem parte do processo de restabelecimento. Aquilo que se supõe que façamos, nesse caso, é mudar a nossa atitude mental e procurarmos pelo problema interior representado pelos sintomas, e medir o nosso progresso à medida que os sintomas diminuem.

“Em casos em que o próprio sintoma é interior, como no caso das úlceras, isso representa um sinal de que a personalidade ainda não sente vontade de enfrentar o problema, e o próprio sintoma se protege da vista – e com bastante razão, simbolicamente falando. O carácter relativamente observável dum dado sintoma constitui, por isso, uma pista para a atitude da personalidade em relação ao seu problema.

“Muitos problemas jamais se materializam. Permanecem como pontos brancos ou áreas da psique improdutivas e por cultivar, áreas em que não subsiste qualquer problema porque nenhuma experiência é permitida...

“Nesse caso dá-se uma completa ausência de perceção mental, psíquica ou emocional e um bloqueio total. Uma tal negação da experiência é muitíssimo mais prejudicial do que um dado problema específico, porquanto subsiste uma incapacidade total da parte da personalidade para se expressar a si própria nessa área.”

O pai do Robert desenvolveu um endurecimento das artérias e encontra-se num lar de idosos. Não consegue reconhecer-nos a ambos. Sempre que o visitamos vemo-nos rodeados de gente envelhecida mais ou menos no mesmo estado. Em virtude disso preocupamo-nos com os problemas da idade avançada.

De acordo com o Seth, cada caso de senilidade é diferente mas, em termos gerais, a personalidade transfere as partes vitais da consciência para a área de existência seguinte, onde frequentemente se acha completamente consciente, assim como funcional. Gradualmente o foco mental da personalidade abandona esta vida e começa a operar inteiramente noutro nível. A enfermidade física – o endurecimento das artérias – é causado pela gradual recusa, por parte da personalidade, de aceitar qualquer estímulo novo, desse modo evitando toda a experiência física (tanto de propósito como por meio do erro).

As pessoas que se veem aterrorizadas ante a perspetiva da morte física podem incorrer nesse caminho, posto que, quando a morte física ocorre, a consciência já se acha familiarizada com o seu novo ambiente e a morte do organismo assume uma ausência de sentido relativo. Em qualquer caso, é a decisão íntima do indivíduo que provoca os sintomas físicos, e não ao contrário.

Podemos até mesmo dar continuidade a certos sintomas após a morte. Por exemplo, a senhora C, que habitava no nosso edifício de apartamentos, finalmente acabou por falecer vitimada pelo endurecimento das artérias. Certa noite dei por mim fora do meu próprio corpo e numa casa estranha – estranha porque enquanto parecesse extremamente dum tipo antigo, de algum modo parecia acabada de construir. A senhora C estava mesmo a sair quando cheguei. Ela estava bastante distraída. Subitamente eu "soube" que a casa era uma alucinação que ela criara, uma réplica da sua residência de infância, e tive conhecimento de que ela não sabia estar morta.

Na mesma altura tomei consciência que me competia esclarecer alguns factos para ela. Tomei-a pelo braço e conduzi-a com gentileza de novo para a casa, enquanto dizia: "Senhora C, não precisa preocupar-se mais acerca da morte. Ela já aconteceu. A sua mente já pode clarear agora, pois está tudo

bem." Ela pareceu compreender e assim que parei de me dirigir a ela, outra pessoa apareceu para me tomar o lugar.

Eu tinha lida acerca de tais casos, porém, devo admitir ter pensado que deviam constituir narrativas altamente imaginativas até dar por mim a guiar a senhora C. A questão está em que ela tinha tanto receio da morte que não tinha percebido que já tinha sucedido. Posto que o seu corpo físico se achava completamente morto, ela encontrava-se no corpo astral; no entanto agia de modo confuso e ainda tinha a mente turvada, como se ainda padecesse do endurecimento das artérias.

De acordo com o Seth, durante as nossas existências sucessivas devemos dar-nos conta de que projetamos os nossos pensamentos e emoções para o exterior para formar a realidade. Por exemplo, quando tomamos consciência que a doença consiste numa projeção de ideias distorcidas sobre o corpo externo, então trabalhamos para clarear os problemas interiores. Tal realização pode até curar enfermidades que se relacionam com vidas passadas. Dado que Seth refere que tais existências na verdade são vividas de forma espontânea, então esses "eu" paralelos têm uma existência atual em nós, e nós somos capazes de os alcançar por meio de terapias.

Recordam a nossa amiga que se enamorava por homens que não podia ter? Por fim foi-se tornando mais e mais mal-humorada e acabou por tentar o suicídio por várias vezes. Certa noite fizemos uma sessão em nome dela, embora se achasse ausente, e os conselhos que o Seth aí lhe deu assumem implicações gerais significativas:

"Não aceitaste a vida nos seus próprios termos", disse, "Mas exiges que ela se processe de determinadas formas e tome rumos que correspondam ao que já tiveres decidido. Recusas-te a aceitar a vida com prazer, com base nas suas próprias razões e causas dentro de ti.

"A ideia de teres que encontrar um homem que te ame consiste num encobrimento que te oculte essa profunda recusa de aceitar a vida nos seus próprios termos...

“Dizes: “Amenos que a existência satisfaça os meus termos, deixarei de existir”, mas ninguém possui o direito de afrontar a sua própria vitalidade inata.

“Quando passares a aceitar a vida de todo o coração, nos termos que ela própria propõe, então poderás obter de verdade aquilo que persegues, porém, não enquanto insistes como única condição para a continuidade da existência... O teu próprio propósito tornará a tua vida numa alegria diária quando abandonares as condições que propões. Esqueces o que já obtiveste – saúde e vitalidade. Esqueces o intelecto e as tuas intuições. Esqueces quão abençoada já és.

“Não poderás perverter tal bênção ao procurar forçá-la a servir propósitos que estabeleceste como condição para a existência. Deves viver na fé daquilo em que o teu propósito consiste, e ele será satisfeito, está a ser satisfeito. Deves viver com a fé de estares imbuída dum tal propósito e sentido, ou não te encontrarias aqui.

“A singularidade que te caracteriza a tua personalidade é para ser apreciada. Os propósitos particulares da tua presente personalidade só poderão ser alcançados nas presentes circunstâncias e duma forma generalizada que resulte pelo melhor. Os desafios poderão ser alcançados noutra altura e noutra vida, isso é verdade. Mas as pessoas que podes agora auxiliar em particular e o bem em particular que podes empreender já, jamais poderão ser empreendidos da mesma forma...

“Muitos homens e mulheres que honraram de forma jovial o poente e o amanhecer e escutaram o pulsar do coração dentro deles com um sentido de bênção e de alegria não gozaram dum centésimo sequer das bênçãos nem dum terço das razões para esperar por um novo dia como tu dispões e no entanto realizaram-se e trouxeram alegria aos demais. Aceitaram a vida nos seus próprios termos, e ao fazê-lo tornaram-se repletos da graça... que procede de conferir à vida tudo aquilo de que dispomos.”

Mas em que consistirá exatamente a saúde plena? Numa sessão destinada à classe recente o nosso “Decano” questionou o Seth:

“Devias desejar a saúde plena por ser ela o estado natural do teu ser. Devias confiar no sentido inato de inteligência do teu próprio ser. A saúde representa o seu estado natural. Por intermédio da tua imagem física expressa-se a energia do universo. Tu, enquanto indivíduo, ou consciência individualizada és parte disso, e não podes expressar-te plenamente, nem cumprir plenamente o teu propósito enquanto entidade se não te encontrares de boa saúde. Porque os efeitos do corpo são sentidos pela mente, e os efeitos da mente são sentidos no corpo.”

O “Decano” arregalou o sobrolho: “Queres dizer que se me encontrar de boa saúde estarei espiritualmente em boa saúde?”

“Se te achares num estado de saúde depauperada, isso não quererá dizer que sejas uma pessoa má. Deixemos isso já esclarecido. Significa que possuis um bloqueio nessa área em particular na qual te vês incapacitada de utilizar a energia de forma construtiva...

“Em teoria, se utilizares a energia como deves, deverás gozar de plena saúde e repleto de abundância. Contudo, várias formas de carência podem revelar-se de imensas formas.

“Não pretendo que assumas a atitude de que a saúde ou a o oposto, por exemplo, represente uma indicação automática de riqueza espiritual...

“Alguns de vós saem-se bem em determinadas áreas e encontram bloqueios noutras. O ideal consiste em utilizarem todas as vossas capacidades e ao fazer isso auxiliareis outros e a raça de que automaticamente fazeis parte.”

O Seth sugere que a auto-hipnose e os estados leves de transe sejam utilizados a fim de descobrirmos problemas internos que nos estejam a causar dificuldades. Sugere igualmente que peçamos ao ser interno que disponibilize as respostas numa base consciente. Se os problemas não forem descortinados, não deixaremos meramente de trocar um conjunto de sintomas por outro. Várias sessões incluem passos específicos a serem tomados nestas como noutras áreas. Os sonhos são muito importantes, tanto na descoberta de problemas como na definição de soluções para eles. De facto, iniciarei o capítulo seguinte com sugestões que o Seth fez em relação

ao uso dos sonhos como forma de terapia. As instruções são simples e poderão ser utilizadas por qualquer pessoa.

CAPÍTULO CATORZE:
SONHOS
UM PSEUDO-DEMÓNIO
SONHAR TERAPÊUTICO

Uma noite tive um sonho assustador que pareceu muito real. Encontrei-me no nosso quarto, fora do meu corpo, e de repente percebi que alguém ou algo estava diretamente acima de mim. No instante seguinte fui empurrada até ao fundo da cama, projetada no ar e depois para o canto escuro do chão do quarto. Acima de mim estava o que só posso descrever como uma grande coisa negra, semelhante a uma forma humana inchada e desfocada, mas maior e muito sólida.

Parece ridículo, mas eu sabia que aquela coisa estava «a vir buscar-me». Sabia que estava fora do meu corpo, e fiquei dominada pelo espanto, além de muito assustada. Embora tivesse lido sobre pessoas atacadas por demónios ou algo semelhante enquanto «projetavam», eu simplesmente não acreditava em demónios. Então, o que era aquilo? Não tive tempo de pensar, porque me mordeu várias vezes na mão. Era incrivelmente pesado e continuava a tentar arrastar-me para dentro do armário do quarto.

Desesperada, ouvi Rob a ressonar. De qualquer modo, eu não estava no meu corpo físico, e ele provavelmente não se aperceberia de que algo estava errado. E onde estava Seth? Onde estavam todos aqueles «guias» que supostamente acorrem em nossa ajuda quando nos metemos em sarilhos destes? Todos estes pensamentos atropelavam-se na minha mente enquanto tentava lutar contra aquela coisa. Estava muito consciente do peso da criatura, que era verdadeiramente impressionante, e da sua intenção — que era magoar-me o mais possível, senão matar-me de imediato.

«Não entres em pânico», disse a mim mesma, tentando desesperadamente manter alguma calma. Mas a coisa pressionava e estava prestes a morder-me de novo. Desta vez pensei: «Que se lixe o não entrar em pânico», e comecei a gritar a plenos pulmões. Sabia que não era a minha cabeça física a gritar, mas

esperava que o meu berro assustasse a criatura ou atraísse algum tipo de ajuda.

A coisa recuou por um instante, como um enorme animal surpreendido, e eu deslizei debaixo dela e disparei veloz como um foguete de volta para o meu corpo, com ela atrás de mim. Por outras palavras, fiz uma retirada rápida e cobarde. Entrei no meu corpo tão depressa que a minha cabeça física girava, mas não importava. O meu corpo nunca me parecera tão bem-vindo.

Durante um minuto, tive medo de abrir os olhos físicos. «Se ainda estiver aqui, estou perdida», pensei. Mas tinha desaparecido. Pelo menos estava noutro nível de existência. Pensei em acordar o Rob para lhe contar, mas decidi não interromper o sono dele.

Agora que estava segura, senti-me mais do que um pouco envergonhada por ter sido tão covarde, mas não estava tão tranquila que me apetecesse voltar logo a dormir! Levantei-me, bebi um copo de leite e pensei em todas as coisas que deveria ter feito — como dizer grandiosamente: «Afasta-te de mim, Satanás», ou algo do género. O mínimo que podia ter feito, pensei, era morder de volta.

Na noite seguinte tivemos a nossa habitual sessão de quarta-feira com Seth. Antes de contar o que Seth tinha a dizer sobre este incidente, convém recuar um pouco. Eu andara deprimida vários dias antes do acontecimento, a remoer (embora devesse saber melhor) nas atitudes negativas que às vezes parecem cercar-nos. Pior, reconhecia muitas delas em mim: ressentimentos, medos e raiva. Agora Seth disse: «O nosso amigo [querendo dizer eu] tentou escolher um campo de batalha diferente na noite passada. Decidiu pensar em todos os sentimentos negativos como inimigos e dar-lhes forma noutro plano da realidade, onde pudesse combatê-los. Não era um plano astral, mas um plano inferior.»

«A energia por detrás da sua "coisa negra" era a energia de medos ocultos, mas tal coisa poderia ser formada por qualquer pessoa, já que há medos em qualquer ser humano. Ruburt tentou isolá-los, dar-lhes forma e combatê-los todos de uma vez. A coisa era, na verdade, um animal de dimensão inferior bastante desajeitado, um cão estúpido de outras dimensões, provocado, que então o atacou — suficientemente simbólico — mordendo-o. Qualquer "coisa" criada inteiramente de medos estaria assustada e particularmente zangada com o seu criador. Nada poderia fazer senão atacar para proteger a

realidade que tivesse, pois sabia que Ruburt a criara apenas para a matar, se possível.

«Tinha, portanto, realidade. Ruburt saltou de volta para a segurança e a consciência normal. A coisa dissipou-se então [no que dizia respeito a Ruburt]. Pois, quando Ruburt "correu para casa", retirou automaticamente a energia [da sua atenção] que a sustentava. … Ruburt tentou separar de si todos esses elementos que considera negativos e combatê-los de uma vez, quase como se, ao fazê-lo, pudesse remover o mal do universo.

«Tentou destruir o "animal do mal" e este mordeu-o de volta. Ora, o mal não existe nesses termos, e mesmo a doença ou o medo não são necessariamente inimigos, tanto quanto auxiliares da compreensão e meios para um fim maior.»

Seth continuou: «O mal que Ruburt imaginou estar a projetar para fora não existe, mas, porque acreditou que existia, formou a materialização a partir dos seus medos. Era a forma da sua depressão recente. Em termos mais amplos, não há mal, há apenas a vossa própria falta de perceção, mas sei que isto é difícil para vocês aceitarem.

«Mas este facto é a salvaguarda de Ruburt nas suas viagens fora do corpo — desde que se lembre dele. As palavras "Que a paz esteja contigo" levá-lo-ão através de qualquer dificuldade noutros estratos da realidade — pois, tal como ele formou essa imagem, outros também formam imagens e ele pode encontrá-las. Desejar-lhes paz dar-lhes-á algum conforto, porque têm uma espécie de realidade. Temê-los é colocar-se no domínio de realidade deles e, então, é forçado a lutar nos termos deles. Não há necessidade disso.»

Numa espécie de elogio enviesado, Seth pediu ao Rob que me dissesse que as minhas capacidades estavam a melhorar — era uma forma-pensamento bem construída. Agora, não pretendo por um momento que algum dos meus leitores tente uma aventura tão temerária. Mas sugiro que talvez alguns já o tenham feito sem o saber, acordando apenas com a memória de um pesadelo particularmente mau.

Este episódio foi uma experiência fora do corpo a partir do estado de sonho e servirá para salientar um ponto: a realidade onírica é tão válida e real como a realidade de vigília. Os sonhos afetam claramente a vida diária. Podem melhorar a nossa saúde ou ajudar a aprofundar um estado de depressão. No

entanto, há maneiras de usar os sonhos de forma deliberada para melhorar a nossa existência, mesmo admitindo que o último exemplo não foi muito bom.

Sabe-se, ao longo dos séculos, que os sonhos nos podem dar pistas sobre todo o tipo de comportamentos. Os psicanalistas usam os sonhos para sondar motivações subconscientes, mas poucas pessoas sabem utilizar os sonhos criativamente: para melhorar a saúde, obter inspiração, restaurar a vitalidade, resolver problemas e enriquecer as relações familiares.

Seth oferece sugestões evocativas sobre como os sonhos podem ser usados como terapia direta, e alguns dos seus conceitos podem ser de grande utilidade em programas de autoajuda e em psicoterapia.

Ele começa por dizer: «A personalidade é composta por gestalts de energia. Tal como a personalidade é alterada por qualquer experiência, é alterada pelos seus sonhos; e, tal como um indivíduo é moldado, até certo ponto, pelo seu ambiente físico, assim também é moldado pelos sonhos que ele próprio cria. … O eu é ilimitado. Quando as vossas perceções falham, parece-vos que surgem limites. Por exemplo, parece-vos que os sonhos cessam quando deixam de estar conscientes deles. Não é assim.

«A um nível, a personalidade tenta resolver problemas através de construções oníricas … e muitas vezes confere liberdade a ações que não podem ser expressas adequadamente nos limites da vida de vigília. Se a tentativa falhar, então o problema ou a ação [como já vimos] pode materializar-se como uma doença.

«Considerem, por exemplo, uma situação em que uma personalidade precisa de exprimir dependência, mas considera tal expressão imprópria. Se for capaz de formar um sonho em que desempenha um papel dependente, então o problema pode ser resolvido no estado de sonho. Em muitos casos, é precisamente isso que acontece. O indivíduo pode nunca recordar tal sonho, mas a experiência seria válida e a dependência, expressa.

«Muito trabalho tem sido feito para interpretar sonhos, mas pouco para controlar a direção da atividade dentro deles. Com a sugestão adequada, isto pode ser um excelente método terapêutico. Sonhos negativos tendem a reforçar os aspetos negativos da personalidade, ajudando a formar círculos viciosos de infelizes complicações. As ações oníricas podem ser orientadas para satisfazer expetativas construtivas que, por si, podem efetuar uma mudança para melhor.

«Muitas doenças poderiam ser em grande parte evitadas através de tal terapia de sonho. Tendências agressivas poderiam, de forma relativamente inofensiva, ter liberdade no estado de sonho. Seriam dadas sugestões para que o indivíduo em causa experienciasse, digamos, agressividade, num sonho. Ser-lhe-ia também sugerido que aprendesse a compreender as suas agressões observando-se enquanto sonhava [vendo o sonho como veria uma peça]. Se me é permitido um exercício de fantasia, teoricamente poderiam imaginar uma experiência maciça de terapia de sonho em que guerras seriam travadas por nações adormecidas, não despertas.»

Quando li esta sessão pela primeira vez, pensei que era uma ótima forma de nos livrarmos das repressões — sonhá-las até desaparecerem! Se estás realmente furioso com alguém e não te atreves a retaliar, então podes dar a ti próprio a sugestão, antes de dormir, de que num sonho te irás vingar a sério. Mas não é assim tão simples.

Seth diz, com bastante firmeza: «Há outras considerações que têm de ser compreendidas. … Quando a agressividade é o problema, por exemplo, a sugestão preliminar de sonho deve incluir uma declaração de que a agressão não será dirigida contra uma pessoa específica. Em todos os casos, é o elemento intangível [a agressividade, aqui] que é o problema, e não a pessoa contra quem o indivíduo pode querer descarregá-la.

«Não queremos que um indivíduo sugira que sonhe em magoar outra pessoa. Há várias razões para isto, incluindo realidades telepáticas que ainda não compreendem e padrões de culpa que seriam inevitáveis. Não estamos a falar de substituir a ação onírica pela ação física. Estamos a discutir problemas particulares que precisam de tratamento.»

Repetidamente, Seth afirma que um sonho ou experiência imaginativa é tão real como qualquer evento de vigília. Se tiveres um período de depressão, é provável que tenhas sonhos depressivos durante o mesmo período. Mas Seth sugere o seguinte exercício como terapia de sonho: antes de dormir, sugere a ti próprio que terás um sonho agradável ou jubiloso que restaurará completamente o teu bom ânimo e a tua vitalidade. A menos que a depressão esteja muito enraizada, ela será quebrada ou grandemente enfraquecida quando acordares.

Tenho usado este método muitas vezes, com excelentes resultados. Por vezes lembrei-me dos sonhos, por vezes não, mas acordei sempre refeito e renovado, e os efeitos perduram. Os sonhos de que me recordei nessas

ocasiões foram inspiradores: suficientemente fortes não apenas para vencer um período de melancolia, mas para me devolver a um estado de espírito excecionalmente bom.

Embora tudo isto seja de interesse prático, o Rob e eu estamos ainda mais intrigados com a explicação de Seth sobre a realidade dos sonhos. Como tive muitas experiências fora do corpo a partir do estado de sonho, preocupava-me a realidade dos ambientes em que me encontrava. Seth começou muito cedo, após o início das sessões, as suas discussões sobre a natureza da realidade onírica, e elas continuam. Até aprender, com Seth, a "monitorizar" os meus próprios sonhos e a despertar as minhas faculdades críticas, eu ficava simplesmente pasmada com algumas das suas afirmações.

Considerem esta passagem inicial da sessão 92, que agora aceito como básica: «Cada sonho começa com energia psíquica que o indivíduo transforma não em matéria física, mas numa realidade igualmente funcional e real. Ele forma a ideia num objeto ou evento de sonho com uma discriminação espantosa, de modo que o próprio objeto de sonho ganha existência e existe em inúmeras dimensões.

«Embora o sonhador crie os seus sonhos para os seus próprios fins, selecionando apenas os símbolos que têm significado para si, projeta-os para fora numa realização de valores e numa expansão psíquica. A expansão ocorre à medida que o sonho é representado. A contração ocorre quando o sonhador termina os eventos do sonho, mas a energia não pode ser recuperada.»

Seth chama às personalidades criadas em sonhos (como a minha "coisa negra") construções híbridas duais. No meu caso, a "expansão" de que ele fala ocorreu quando a formei com a minha própria energia psíquica. A "contração" teve lugar quando retirei a principal energia da minha atenção dela; mas não pude recuperar a energia que lhe dera e que resultou na sua existência. A criatura continuou a existir, mas não na minha dimensão; foi libertada por si.

Ainda falando dos sonhos, Seth diz: «A energia projetada em qualquer tipo de construção, psíquica ou física, não pode ser chamada de volta, mas deve seguir as leis da forma particular em que, por momentos, foi moldada. Portanto, quando o sonhador contrai para trás os seus objetos multirrealísticos, pondo fim para si próprio ao sonho que construiu, põe-lhe fim apenas para si. A realidade do sonho continua.»

A energia, como Seth explica, pode ser transformada, mas não aniquilada.

Seth respondeu a muitas questões que estavam na mente do Rob — e provavelmente também na vossa. Como é que a vida quotidiana parece muito mais real para nós do que qualquer existência de sonho? E, se tal universo é válido, porque é que não invade ainda mais a nossa vida diária? Pelo menos todos nós concordamos mais ou menos sobre o que acontece fisicamente, mas os sonhos são altamente individuais. Como pode haver continuidade num universo de sonho? Dentro de tal universo, como poderia alguém concordar com outra pessoa quanto ao que estava a acontecer?

«Em primeiro lugar», disse Seth, «o próprio universo físico é um conglomerado de símbolos individuais e diversos, nenhum dos quais significa exatamente a mesma coisa para duas pessoas, e no qual até as chamadas qualidades básicas, como a cor e a localização no espaço, não são fiáveis. Limitam-se a focar-se nas semelhanças. A telepatia poderia ser chamada a cola que mantém o universo físico numa posição precária, para que possam concordar quanto à existência e às propriedades dos objetos.»

«Por isso, quando consideram o mundo dos sonhos, têm o mesmo tipo de universo, apenas construído dentro de um campo que não podem percecionar fisicamente. Mas ele tem mais continuidade do que o mundo que conhecem, e há semelhanças nele que são espantosas de ver.

«Por um lado… aqueles que conhecem agora a existência ao nível físico viveram, devido a certos ciclos, anteriormente em períodos históricos aproximadamente idênticos. Possuem uma familiaridade interior, uma coesão que pertencia a um período mais ou menos específico e a períodos anteriores, em que habitaram o mesmo tipo de realidade. As suas experiências oníricas, então, não são tão diversas como poderiam supor. Certos símbolos são construídos em realidades no sistema de sonhos, da mesma forma que ideias são construídas em matéria no sistema físico.

«O mesmo tipo de acordo psíquico mantém coeso o sistema dos sonhos tal como mantém coeso o sistema físico. Se um homem pudesse realmente focar-se naqueles elementos não reconhecidos no universo físico acerca dos quais não se consegue chegar a acordo, se pudesse focar-se nas dissemelhanças em vez das semelhanças, então interrogar-se-ia sobre o que terá feito alguém imaginar que existia sequer um único objeto físico acerca do qual o homem pudesse concordar.

«Interrogar-se-ia sobre que loucura coletiva permitiu ao homem selecionar, de uma virtual infinidade de caos, apenas um punhado de semelhanças e fazer disso um universo. Assim também vocês, olhando o aparente caos da realidade onírica, se questionam sobre como posso dizer que ela contém coesão, efetividade e permanência comparativa.»

Uma razão, penso, pela qual os sonhos por vezes parecem tão caóticos e sem sentido é simplesmente o facto de só nos lembrarmos de fragmentos ténues e esquecermos os fatores unificadores. Outra razão é que os sonhos têm uma "lógica" intuitiva e associativa que tem de ser interpretada, e em que o tempo, tal como o conhecemos, tem pouco significado. Segundo Seth, alguns sonhos são suficientemente simples, tratando de problemas ou acontecimentos presentes por resolver. Mesmo nesses, porém, o evento onírico pode também representar acontecimentos de vidas passadas.

Cada objeto de sonho é, na realidade, de "dois" ou "três andares", um símbolo para outros dados mais profundos. Um sonho que envolve informação reencarnatória, por exemplo, pode também servir para nos ajudar a enfrentar um problema atual ao recordar-nos outras capacidades não utilizadas, inerentes às nossas personalidades. Tive dois sonhos reencarnatórios particularmente vívidos.

Um, que ocorreu pouco depois de as nossas sessões começarem, assustou-me verdadeiramente porque eu temia que pudesse ser precognitivo. Sonhei que era uma mulher idosa numa enfermaria muito pobre de algum tipo de hospital. Estava a morrer de cancro e sabia-o, mas não estava nada assustada. Um velho ao meu lado também estava prestes a morrer. Disse-lhe para não se preocupar, que eu estaria lá para o ajudar. Depois morri, mas parecia não haver quebra de consciência. Ajudei o velho a sair do corpo e continuei a dizer-lhe que estava tudo bem.

Perguntámos sobre o sonho na sessão seguinte com Seth. Seth disse-me que se referia à minha morte como médium em Boston no século passado. Ele já nos tinha dado alguma informação sobre essa vida em sessões anteriores e agora disse-me que eu não voltaria a morrer de cancro (um erro tático da parte dele, uma vez que há muito me tinha dito para deixar de fumar, e eu não cumpri. Ele nunca tentou forçar-me a abandonar o hábito, limitando-se a dizer que não favorecia a minha saúde ou desenvolvimento em geral).

O outro sonho foi ainda mais vívido e realmente agradável. Não sei quando me diverti tanto — certamente não na vida de vigília. Por sugestão de Seth, disse a mim mesma, antes de dormir, que teria um sonho que me daria mais informação sobre o meu próprio passado reencarnatório. Nessa altura eu realmente não acreditava em reencarnação, mas disse ao Rob: «Bem, o que tenho a perder? Vou tentar.» Depois repeti a sugestão várias vezes e adormeci.

Nesse sonho, o Rob e eu éramos ambos homens, com cerca de vinte e poucos anos, e parceiros no episódio. Eu sabia muito bem que "mais tarde" acabaríamos como Rob e Jane nesta vida, embora não houvesse semelhança física. O Rob, por exemplo, era moreno e tisnado, embora agora a pele e o cabelo dele sejam claros. Usávamos calças compridas e largas, apertadas nos tornozelos, ao estilo turco. Não me lembro dos nossos nomes.

Quando o sonho começou, entrámos num grande salão. Um grupo de homens, trajando as mesmas roupas, estava sentado em almofadas de cores vivas no chão, mais ou menos em círculo, com o centro da sala desimpedido. Eu conhecia todos aqueles homens de uma vida anterior em que fora o seu líder, morrendo muito jovem. Esses homens tinham envelhecido, enquanto eu renascera. Agora eu voltara para cumprir uma promessa que lhes fizera de regressar. Estava bem ciente de que não me reconheceriam neste corpo em que não me tinham conhecido.

Expus o meu caso enquanto eles escutavam educadamente. O porta-voz disse-me que o líder falecido lhes prometera que, no seu regresso, executaria um feito particular pelo qual era conhecido para provar a sua identidade. Pediu-me, então, que mostrasse pelos meus atos que eu era essa personalidade, pronta para reassumir a sua posição legítima. O Rob e eu sorrimos, tendo antecipado a prova.

O centro do salão estava deserto exceto por algumas mesas baixas. O futuro-Rob pediu que fossem retiradas para a demonstração. Assim se fez e os homens aproximaram-se, agachando-se nas almofadas. O meu parceiro ficou atrás de mim. Dei vários passos leves e elásticos, de algum modo cerimoniais, e depois deixei o meu corpo físico. Ele desabou no chão e o meu parceiro deslocou-o gentilmente para o lado.

Então, no meu corpo astral, fui voando pelo salão, que tinha um teto alto em cúpula. Rindo do que considerava uma grande partida, baixei-me sobre cada homem por sua vez e arranquei-lhe o turbante. O meu parceiro entregou-me

uma pena — aparentemente ele conseguia ver-me claramente, e eu conseguia manipular objetos físicos. Agitando a pena no ar, voei para a frente e para trás mais algumas vezes, de modo que, seguindo a pena com o olhar, os homens podiam acompanhar o meu trajeto por cima deles.

Enquanto isso, o meu parceiro ria alto, e eu estava a divertir-me imenso. Por fim, voltei ao meu corpo e levantei-me sob os gritos e aclamações de reconhecimento. Do resto quase não me recordo. Sei que nos trouxeram mulheres, mas, sorrindo, fizemos-lhes um gesto para se afastarem, preferindo falar primeiro com os nossos velhos camaradas. Tínhamos todos a pele muito escura.

No início das nossas sessões, Seth disse que em tempos tivera uma existência turca, mas não temos informação sobre uma nossa. Temos todo o tipo de lacunas a preencher relativamente às nossas vidas passadas, contudo, porque, enquanto recusei aceitar a reencarnação, pedi ao Rob que não pedisse material reencarnatório. Além disso, eu ficava tão perturbada quando o Seth dava esses dados que ele provavelmente achou melhor interrompê-los por um tempo. Quando o Seth está envolvido num bloco de sessões sobre um tema, detestamos quebrar a continuidade do material pedindo-lhe que passe a outra coisa e, além disso, aprendemos que o Seth acaba por responder ao máximo de perguntas possível.

A vida turca foi a única vida passada colorida de que tenho conhecimento até ao presente. A vida de Boston foi suficientemente banal, segundo disse Seth. Não causei grande alvoroço como médium e dava sessões para ajudar os outros e ajudar a pagar a renda. Era bastante indisciplinada, porém, e volúvel — defeitos de personalidade que estou a tentar corrigir nesta vida.

Creio que esse sonho serviu para me recordar que já ocupara uma posição de autoridade e que agora não deveria ter medo da responsabilidade nem das minhas capacidades. Seth insiste que muitas pessoas têm sonhos que lhes fornecem informação sobre vidas passadas, mas muitas vezes não se lembram deles simplesmente porque não se apercebem da importância dos sonhos em geral.

Mas e quanto àquele lugar, o salão turco? Quão real era? Quão reais são os lugares que parecemos visitar enquanto dormimos? Eis o que Seth tem a dizer: «Vocês pensam que só estão conscientes quando estão acordados. Supõem-se inconscientes quando dormem. Os dados estão de facto viciados

a favor da mente de vigília. Mas finjam, por um momento, que estão a olhar para esta situação pelo outro lado.

«Finjam que estão no estado de sonho e preocupados com o problema da consciência e da existência de vigília. Desse ponto de vista, o quadro é inteiramente diferente, pois vocês estão realmente conscientes enquanto dormem.

«Os locais que visitam enquanto sonham são tão reais para vocês então como os locais físicos o são agora. Não falemos mais de um eu consciente ou inconsciente. Há um só eu e ele foca a sua atenção em várias dimensões. No estado de vigília, foca-se na realidade física. No estado de sonho, está focado numa dimensão diferente.

«Se têm pouca memória de locais de sonho quando estão acordados, têm pouca memória de locais "físicos" quando estão no estado de sonho. Quando o corpo físico jaz na cama, está separado por uma vasta distância do local de sonho em que o eu sonhador pode habitar. Mas essa distância nada tem que ver com o espaço, pois o local de sonho pode existir simultaneamente com o quarto em que o corpo dorme.

«Os locais de sonho não estão sobrepostos, digamos, à cama, ao aparador e à cadeira. Existem compostos exatamente dos mesmos átomos e moléculas que, no estado de vigília, vocês percebem como cama, aparador e cadeira. Os objetos, lembrem-se, são o resultado da vossa perceção. A partir da energia formam padrões que depois reconhecem como objetos e utilizam. Mas os objetos são inúteis a menos que estejam focados dentro da dimensão para a qual foram especificamente formados.

«Em alguns estados de sonho, formam, a partir desses mesmos átomos e moléculas, o ambiente em que irão operar. Enquanto sonham, não conseguem encontrar a cama, o aparador ou a cadeira; e, acordados, não conseguem encontrar o local de sonho que ali estava momentos antes.»

Isto não significa que por vezes não deixemos o corpo e viajemos, no nosso corpo de sonho ou astral, para outros locais físicos. Segundo Seth, fá-lo-emos frequentemente, lembremo-nos ou não. Alguns dos meus alunos, por exemplo, têm frequentes experiências fora do corpo tanto a partir do estado de vigília como do estado de sonho e, em várias dessas ocasiões, parece termo-nos encontrado na minha sala de estar.

Seth disse-nos que isto era possível muito antes de eu própria ter tais experiências e antes de ter lido sobre elas. Mas as suas ideias sobre a inter-relação entre a realidade de vigília e a realidade dos sonhos são fascinantes.

«Mencionei a Crucificação, dizendo uma vez que foi uma efetividade e uma realidade, embora não tenha ocorrido no vosso tempo [físico]. Ocorreu no mesmo tipo de tempo em que um sonho ocorre e a sua realidade foi sentida por gerações. Por não ser uma realidade física, influenciou o mundo da matéria física de uma forma que nenhum acontecimento puramente físico poderia.

«A Crucificação foi uma das realidades que enriqueceram tanto o universo dos sonhos como o universo da matéria, e teve origem no universo dos sonhos. Foi a principal contribuição desse sistema ao vosso, e poderia ser comparada fisicamente ao surgimento de um novo planeta dentro do universo físico.»

Seth não está a dizer aqui que a Crucificação foi "apenas um sonho". Está a dizer que, embora não tenha ocorrido historicamente, aconteceu dentro de outra realidade e emergiu na história como uma ideia e não como um evento físico — uma ideia que mudou a civilização. (Segundo Seth, claro, uma ideia é um evento, materializada fisicamente ou não.)

Seth prossegue: «A Ascensão [de Cristo] não ocorreu no tempo tal como o conhecem. É também uma contribuição do universo dos sonhos ao vosso sistema físico, representando o conhecimento de que o homem é independente da matéria física.

«Muitos conceitos e invenções práticas simplesmente aguardam no sistema dos sonhos, em suspenso, até que algum homem os aceite como possibilidades dentro do quadro da realidade física. … A imaginação é a ligação do homem desperto com o sistema dos sonhos. A imaginação frequentemente reintegra dados de sonho e aplica-os a circunstâncias ou problemas particulares da vida diária. …»

«O universo dos sonhos, então, possui conceitos que um dia transformarão por completo a história do mundo físico, mas a negação de tais conceitos como possibilidades atrasa o seu surgimento.»

Algumas sessões de Seth dizem-nos com precisão como formamos sonhos, que substâncias químicas são acumuladas durante a consciência de vigília e depois libertadas na criação de sonhos, e outras tratam da composição

eletromagnética da realidade onírica. Mas atravessa tudo a insistência naquilo a que chamaríamos, suponho, a "objetividade" da vida dos sonhos.

Seth deu-nos instruções primeiro sobre recordação de sonhos. Depois disso, explicou-nos como despertar as nossas faculdades críticas enquanto sonhávamos e como projetar a nossa consciência para fora do corpo, usando um sonho como espécie de rampa de lançamento. Eu ficava sempre encantada por experimentar quaisquer experiências que Seth sugerisse — e ainda fico. A experiência pessoal resultante deu-me evidência subjetiva da validade de muitos conceitos de Seth; além disso, gosto de fazer as coisas por mim.

Vejam, por exemplo, esta projeção a partir do estado de sonho. Numa manhã, depois do pequeno-almoço, deitei-me para tentar uma projeção onírica. Isto significa simplesmente que, por vezes, consigo reconhecer quando estou a sonhar, levar a minha "consciência de vigília" normal para dentro da situação do sonho e, em seguida, usá-la para projetar a minha consciência para outro lugar. Quando cheguei a esse ponto nessa manhã, senti-me a sair do corpo, sabendo o tempo todo que ele estava seguro e confortável na cama, com a porta trancada. Viajei pelo ar tão depressa que tudo era um borrão. Depois dei por mim numa rua estranha de uma cidade. Estava determinada a descobrir onde me encontrava, por isso dei a volta ao quarteirão à procura de placas toponímicas. A zona era de hotéis e grandes lojas. Vi dois nomes de ruas e, por fim, decidi entrar no átrio de um dos hotéis.

Ali encontrei uma livraria e aproximei-me das prateleiras para dar uma vista de olhos. Havia três livros de Jane Roberts sobre PES e, na altura da experiência (1967), eu só tinha escrito um.

Sobressaltada, olhei em volta novamente. Tudo parecia suficientemente normal. Onde quer que estivesse, era um local físico. Algo me fez olhar para cima. Um jovem estava a olhar para mim com um sorriso satisfeito de "gato que comeu o canário". Era um dos empregados, e vi então que a maioria dos empregados era bastante jovem, e estavam a observar-me.

Não sabia o que fazer ou dizer. "Olhem, eu estou realmente num estado fora do corpo. Isto é uma projeção astral!" Eles nunca acreditariam. Mas e os três livros com o meu nome e o sorriso conhecedor do empregado?

«Hum, eu nunca vi estes livros antes», disse.

«Pois não havia de ver. Onde você vive, ainda não os escreveu», disse o jovem. Com isto começou a rir, mas de modo aberto e amistoso, tal como os outros que agora se juntavam à volta.

«Onde estou?» perguntei.

Ele disse-me e acrescentou: «Mas esqueça. Quer dizer, não se vai lembrar de qualquer maneira.»

«Ah, vou sim. Treinei-me para isso.»

«Ainda não é assim tão boa nisso», disse um deles. E eu fiquei mesmo zangada. Fosse eu viagem astral ou o que fosse, aquelas pessoas estavam a divertir-se à minha custa.

«Olhem», disse eu, «estou no meu corpo astral. O meu corpo físico está em casa, na cama.»

«Nós sabemos», disse o jovem.

Os livros voltaram a chamar-me a atenção. «Força», disse ele, «decore os títulos. Lamento, mas não lhe vai servir de nada. Não se vai lembrar.» Agora todos sorriam de forma mais simpática.

«Já memorizei dois nomes de ruas», disse. «Têm a certeza de que vou escrever esses livros?»

«Aqui, já os escreveu.»

Por mais que dissessem, eu estava decidida a recordar todo o material específico que conseguisse — nomes, placas de rua ou números de estrada. Por fim, o empregado ofereceu-se para me levar a fazer um passeio turístico, quando lhe disse que ia explorar o lugar sozinha de qualquer modo. Foi muito simpático. Conversámos e ele indicou-me pontos de interesse na cidade, mesmo enquanto me avisava de que eu não seria capaz de me lembrar deles.

Depois, sem qualquer aviso, senti-me puxada para longe. Houve um ruído tremendo, como um assobio, e estava de volta ao meu corpo. Senti-me verdadeiramente enganada. Normalmente é bastante difícil regressar logo ao mesmo local, mas eu estava tão zangada que me impus voltar. Não que me tivesse servido de muito. "Aterrei" na mesma esquina, mas o jovem não estava em lado nenhum. Então pus-me a procurar o hotel e, embora jure que dei três voltas ao quarteirão e reconheci os outros edifícios, simplesmente não consegui encontrar o hotel. Por fim, regressei ao corpo.

Naturalmente perguntámos a Seth sobre a experiência. Ele estava a dar-nos informação geral sobre as condições que poderíamos esperar encontrar em projeções a partir do estado de sonho.

«Existe forma dentro da realidade onírica», disse ele, «mas a forma é, antes de mais, potencial que existe dentro da energia psíquica. A forma potencial existe muito antes da sua materialização física. A casa onde poderão viver dentro de cinco anos pode ainda não existir, nos vossos termos. Pode ainda não ter sido construída e, portanto, fisicamente não a perceberiam. Ainda assim, tal casa tem forma e existe no Presente Espaçoso.

«Ora, em certos níveis da realidade dos sonhos, formas como essa podem ser percecionadas. Dentro da realidade onírica podem entrar em contacto com muitos outros tipos de fenómenos com que, normalmente, não têm de lidar. Com as experiências de projeção que têm em mente, esta informação torna-se altamente prática. Gostaria de vos dar uma ideia, percebem, do que esperar.

«Quando manipulam dentro da realidade física, têm um conjunto de regras bastante simples que vos serve. Dentro da realidade onírica há maior liberdade. O ego não está presente. A consciência de vigília, meus amigos, não é o ego. O ego é apenas aquela parte da consciência de vigília que lida com a manipulação física.

«A consciência de vigília pode ser levada para o estado de sonho; o ego não pode, pois vacilaria e causaria falha imediata. Nas vossas experiências irão deparar-se com várias condições e, até aprenderem controlo, pode ser difícil distingui-las. Algumas podem manipular, outras não. Alguns locais de sonho serão da vossa própria criação, e outros ser-vos-ão estranhos. Pertencerão a outras dimensões de realidade, mas podem dar neles por acaso.

«É perfeitamente possível a um sonhador visitar outros sistemas planetários — do passado, presente ou futuro nos vossos termos. Tais visitas são normalmente fragmentárias e espontâneas. É melhor que assim permaneçam. Tirem partido delas quando ocorrerem, mas não tentem tais empreendimentos já, contudo, pois envolvem muitas dificuldades.»

Blocos inteiros de sessões tratam dos métodos utilizados e das condições que podem ser encontradas nas projeções da consciência a partir do estado de sonho. Seth diz que me assistiu pessoalmente em algumas das minhas próprias experiências de projeção, mas que eu não tive consciência da sua

ajuda. Nunca sonhei com o Seth, e acho isso bastante estranho. Acordei muitas vezes, plenamente alerta, a meio da noite, subitamente consciente de que estivera a dar uma espécie de sessão do Seth. Consigo ouvir as palavras do Seth a atravessar-me a cabeça como sinais.

É como se eu estivesse a sintonizar uma emissão de rádio que não deveria estar a ouvir, porque, quando começo a escutar, há um clique na cabeça e a "estação" desliga-se. Em duas ocasiões ouvi o suficiente para saber o que estava a ser dito e a quem eram dirigidas as sessões. Mais tarde, as pessoas envolvidas disseram-me que sonharam que Seth lhes falava através de mim nas mesmas noites das minhas experiências. Eu nada lhes dissera; foram elas a dar a informação.

Segundo Seth, temos de facto sonhos partilhados, ou sonhos de massa. Estes atuam realmente como uma força estabilizadora nas nossas vidas diárias. Os nossos sonhos são privados? Pelos vistos, não tão privados quanto supomos. Na 254.ª sessão, Seth disse o seguinte: «Em certas áreas de sonhos de massa, partilhados, a humanidade coletiva trata de problemas da sua estrutura política e social. As soluções a que chega dentro da realidade onírica não são sempre as mesmas que aceita no mundo físico.

«As soluções oníricas são, no entanto, mantidas como ideais. Sem sonhos de massa, por exemplo, as Nações Unidas não existiriam. … Nesta fase do vosso desenvolvimento é necessário usar seletividade. Se estivessem conscientes da constante barragem de comunicações telepáticas que de facto vos atingem, seria, para já, extremamente difícil manterem um sentido de identidade. Os sonhos partilhados, portanto, também ficam geralmente bem abaixo do limiar da consciência. …

À medida que a identidade se fortalece através da experiência, expande-se automaticamente para acrescentar outras realidades dentro das quais pode manipular.

«Quando sonham com outros, eles sabem. Quando eles sonham convosco, vocês sabem. Nada haveria a ganhar, contudo, numa consciência plena destas condições neste momento.»

Nesta sessão, Seth mencionou também John F. Kennedy e teceu alguns comentários ligando problemas raciais a sonhos. «Como sabem, muitas pessoas sonharam com a morte de Jack Kennedy com antecedência. A um nível, o conhecimento estava disponível para o próprio homem. Isto não

significa que a morte tivesse de ocorrer. Era uma possibilidade vívida. Era também uma entre muitas soluções para vários problemas. Embora não fosse a solução mais adequada, foi a mais próxima a que o homem conseguiu chegar, naquele momento, na realidade física.»

Seth prosseguiu dizendo que a intensidade emocional de um sonho raramente é recordada na sua força total. Depois, de forma sucinta, mencionou os sonhos de massa como meio de provocar mudança histórica.

Os que se preocupam com a situação racial atual «sonham individual e coletivamente em mudá-la. Representam, nos sonhos, as várias maneiras pelas quais as reviravoltas poderiam ocorrer. Esses sonhos ajudam de facto a produzir a mudança que então acontecerá. A própria energia e direção dos sonhos ajudarão a alterar a situação».

Eu poderia escrever vários livros apenas sobre sonhos, tal como Seth os explica. De acordo com o Material de Seth, o nosso desenvolvimento e crescimento psíquicos, processos de aprendizagem e experiência — tudo está envolvido com a nossa vida onírica. Nela visitamos outros níveis de existência e até adquirimos capacidades necessárias. Existem ligações eletromagnéticas e químicas definidas que unem os nossos estágios de consciência nesses momentos, e ele descreve-as em detalhe.

Através dos nossos sonhos alteramos a realidade física, e a nossa experiência diária física modifica a nossa experiência onírica. Há interação constante. A nossa consciência está simplesmente direcionada para um tipo diferente de realidade quando sonhamos — uma realidade tão vívida quanto a vida de vigília. Podemos esquecer os nossos sonhos, mas eles são sempre parte de nós, mesmo que não tenhamos consciência da sua realidade completa.

Segundo Seth, existem muitos outros sistemas de realidade em que operamos, todos desconhecidos do ego de vigília. Não só há sistemas universais compostos de matéria e antimatéria, como existe uma variedade infinita de realidades intermédias. Aparentemente, existem também «realidades prováveis», nas quais seguimos caminhos que poderíamos ter tomado, mas não tomámos, na vida física.

Seth diz: «A experiência onírica é sentida diretamente pelo eu interior. Os sonhos têm uma atualidade elétrica, como já vos disse. Nesta [atualidade elétrica] não só existem independentemente do sonhador, como também

possuem aquilo a que se poderia chamar forma tangível, embora não na forma de matéria tal como a conhecem.»

Seth disse-nos muitas vezes que toda a experiência está codificada eletricamente dentro das nossas células, mas não depende delas. E isto aplica-se também à experiência dos sonhos. Ele prossegue: «Os pensamentos e os sonhos de um homem são muito mais vastos do que ele imagina. Existem em mais dimensões; afetam mundos de que ele não tem consciência. São tão concretos, em efeito, como qualquer edifício.

Aparecem sob muitos disfarces em muitos sistemas e, uma vez criados, não podem ser retirados.

«A realidade elétrica de um sonho é descodificada, de modo que os seus efeitos são experienciados não só pelo cérebro, mas até às regiões mais distantes do corpo. Experiências de sonho, há muito esquecidas conscientemente, estão para sempre contidas como dados codificados eletricamente dentro das células do organismo físico. … Elas existem dentro das células [juntamente com toda a experiência de um indivíduo] … As células formam-se em torno delas. Estes sinais codificados eletricamente formam contrapartes de experiências completas, e o padrão é então independente da realidade física.»

Por outras palavras, os nossos sonhos alcançam uma certa imortalidade própria, juntamente com as nossas personalidades. Seth deixa isto claro: «Cada indivíduo, desde o nascimento, forma a sua própria contraparte a partir de sinais elétricos acumulados, individuais e contínuos, que incluem os seus sonhos, pensamentos, desejos e experiências. Na morte física, a sua personalidade existe então desligada da sua forma física.»

CAPÍTULO QUINZE:

EUS PROVÁVEIS E SISTEMAS PROVÁVEIS DE REALIDADE

Em junho de 1969, ficámos realmente surpreendidos quando Seth nos disse que o Rob poderia ser visitado por um dos seus "eus prováveis". No momento da sessão, não sabíamos o que eram eus prováveis, embora Seth já tivesse usado o termo uma ou duas vezes no passado. O que é um eu provável? Segundo Seth, cada um de nós tem contrapartes noutros sistemas de realidade; não eus idênticos nem gémeos, mas outros eus que fazem parte

da nossa entidade, desenvolvendo capacidades de uma forma diferente da que fazemos aqui.

Estas personalidades prováveis estão mais afastadas de nós do que os nossos eus reencarnacionais, mais como parentes distantes que conservam um ar de família. De acordo com a informação de que dispomos até agora, alguns deles têm métodos de perceção diferentes dos nossos.

No nosso sistema, por exemplo, o Rob é artista. Há alguns anos fez alguns trabalhos de ilustração médica e ficou espantado com a sua aptidão, e também com os procedimentos e a terminologia médicos, que lhe eram bastante estranhos quando começou. Cada um dos esboços e pinturas do Rob ganhou prémios para os médicos para quem os fez. Nesta sessão, a 487.ª, Seth disse ao Rob que, noutro sistema de realidade, o Rob tem um eu provável que é médico e que pinta como passatempo. Foi por isso que o Rob se adaptou tão facilmente aos desenhos médicos! (Para o médico, claro, o Rob é um eu provável.)

Seth contou-nos bastante acerca deste "homem" nessa noite, e descreveu alguns dos métodos que ele estava a usar numa tentativa de contactar esta realidade. Seth disse:

"Há, na verdade, variedades infinitas de matéria, que existem no que chamariam uma única estrutura espacial. Usando os sentidos físicos, naturalmente, nunca poderão percecionar estes outros sistemas. No entanto, um treino avançado no uso dos Sentidos Interiores pode levar a tais explorações. O vosso amigo [eu provável] é mais avançado — o seu sistema é mais avançado neste aspeto.

"Do mesmo modo que os pensamentos podem ser enviados através do espaço, assim a consciência individual pode ser enviada através de sistemas de realidade [outras dimensões]. Tal como uma semente pode voar pelo ar, também a consciência individual pode viajar por estes sistemas, mas deve ser protegida. Certas drogas podem protegê-la. [Todo este é o método usado pelo eu provável do Rob quando se projeta para fora do seu sistema provável.]

"Agora, estas drogas são como cápsulas do tempo, reduzindo os estímulos durante determinados intervalos e depois injetando estimulantes quando os pontos de destino são alcançados. O processo é altamente complexo. As injeções são feitas no corpo físico, afetando o cérebro. A consciência projeta-

se numa experiência fora-do-corpo. O cérebro físico é amortecido contra o choque, já que, neste caso, a consciência viaja a uma velocidade tal que, em circunstâncias normais, o contacto entre ela e o corpo seria cortado.

"Certas injeções, administradas então ao cérebro, ajudam efetivamente a consciência fora dele e funcionam como alimento. Este é apenas um método que está a ser usado. A droga permite períodos regulados de consciência altamente intensificada, a operar em níveis de pico, com todas as faculdades mentais aceleradas. Entre estes períodos, no entanto, há períodos de inconsciência. Estes são de natureza protetora.

"Durante os períodos de inconsciência, as drogas injetadas no cérebro físico fornecem maior nutrição às áreas envolvidas nestas projeções de consciência. Portanto, mesmo que o vosso eu provável esteja ao alcance, por assim dizer, encontra-se por vezes nestes períodos de blackout-alimentação.

"No vosso tempo, os períodos de atividade consciente intensa durariam aproximadamente três dias, seguidos de um dia e meio a quatro dias de inatividade, dependendo das circunstâncias. Isto envolve a transferência de energia consciente de um sistema de origem para um sistema alheio, e certas alterações mais ou menos automáticas devem ser feitas de sistema para sistema, envolvendo o uso de ondas cerebrais, certos padrões sendo normais em sistemas diferentes.

"Há outros padrões cerebrais, por exemplo, além dos descobertos pelos vossos cientistas. As drogas ajudam a alterar estes padrões quando necessário. Se estes padrões cerebrais não fossem mudados ao entrar e sair de um sistema, teoricamente, pelo menos, a consciência poderia ficar aprisionada em qualquer sistema dado: aceleração ou desaceleração, percebem, mas a nível mental."

Após a sessão, quando Rob me contou o que Seth tinha dito, ficámos apenas a olhar um para o outro durante alguns minutos. "Provavelmente tens um eu provável", disse eu por fim, a rir.

"Na realidade não é uma ideia nova", disse o Rob. "Os cientistas já teorizaram sobre um universo provável."

"Mas o Seth está a falar de uma infinidade deles, pelo que me contas", disse eu. "E uma coisa é teorizar sobre eus prováveis, outra é pensar que um deles pode estar prestes a contactar-te."

“Estou pronto”, disse o Rob; e estava mesmo. Nas semanas seguintes fez exercícios de tempo psicológico sugeridos por Seth e tentou manter-se intuitivamente alerta a qualquer coisa fora do vulgar. Entretanto tivemos outra sessão, e o Rob tinha bastantes perguntas preparadas para Seth. Segundo o que Seth nos disse, este eu provável é o Dr. Pietra. Ele é um homem mais velho no seu sistema de realidade do que o Rob é no nosso, e, embora esteja absorvido pela pintura, esse interesse fica subordinado ao seu trabalho médico.

“Ele está a estudar o uso da pintura em terapia”, disse Seth. “Não só a trabalhar com pacientes e a usar a arte como terapia, mas também a trabalhar com a ideia de que algumas pinturas, por si mesmas, têm um efeito curativo.” Seth acrescentou ainda que “certas pinturas podem captar e direcionar as capacidades de cura do observador. A intenção do pintor está embutida no seu meio e na sua obra.”

“Será que o Dr. Pietra sabe que eu existo?”, perguntou ao Rob.

“Ele sabe da tua existência hipotética”, disse Seth. “Acredita que tem um eu provável e está a tentar visitar esse universo provável. Não tem ideia, no entanto, de que possas estar à espera de tal visita ou a planear encontrá-lo. . . . Tem trabalhado na droga ele próprio, juntamente com mais dois.

“Ele poderá manipular no seu próprio sistema enquanto estiver ausente. O teu estado de espírito e recetividade ser-lhe-ão comunicados e servirão como área de chamamento que ele reconhecerá. Os aspetos simpáticos das vossas personalidades servirão para abrir canais claros entre vocês. A passagem, percebem, não é física, claro, e no entanto a estrutura molecular está até certo ponto envolvida.”

“Mas eu vê-lo-ei fisicamente?”, perguntou ao Rob. “Admitindo que estabeleçamos algum tipo de contacto, eu saberei disso conscientemente?”

“Deverás vê-lo visualmente — ou completamente objetivado ou numa imagem interior incomumente vívida. Mas mais do que isso, deverá haver entre vocês uma comunicação interior de natureza telepática. Ele também é visualmente orientado, percebem. Poderá ser capaz de te mostrar imagens do seu próprio sistema de realidade. Poderá levar-te até lá numa projeção, e a partir desse ponto deverás ser capaz de olhar para o teu próprio sistema e, numa série de relâmpagos, ver a tua vida e a de Ruburt com maior clareza.”

"Mas quando estará ele aqui, nos nossos termos?", perguntou ao Rob, porque a sessão estava quase a terminar.

"Creio que, dentro de sete horas, ele estará no vosso sistema, quer o percebam quer não. A droga pode ter o efeito de colorir a sua imagem, por isso não te surpreendas com uma tonalidade amarelada ou arroxeada. Por várias razões que não podemos discutir esta noite, as experiências estão agora a ser conduzidas ao longo de algumas semanas e não voltarão a ser tentadas até ao vosso outono. Isto tem a ver com a condutividade das estruturas celulares e com a vossa atmosfera particular durante esses períodos."

Esta sessão teve lugar em 9 de junho de 1969. Seth disse novamente ao Rob que o contacto podia ser facilitado pelos exercícios de Tempo Psicológico. (Estes serão explicados no capítulo sobre o desenvolvimento de capacidades psíquicas.) O Rob fez estes exercícios várias vezes nessa semana sem estabelecer qualquer contacto com o Dr. Pietra, tanto quanto sabia. Em 16 de junho, Seth surpreendeu-nos ao dizer que o contacto quase tinha ocorrido duas vezes.

"O que aconteceu foi uma fusão muito momentânea de características de personalidade a níveis mais profundos do que os conscientes", disse Seth. "Nenhum de vocês sabia como lidar com isso. Tinham receio de desfocar as vossas próprias identidades, e ficaram bastante assustados com algumas das semelhanças entre elas. Foram as semelhanças, no entanto, que tornaram esse [pequeno] contacto possível."

"Quando é que isso aconteceu?", perguntou ao Rob.

"Num momento em que os teus pensamentos se desviaram num tangente. Creio que tiveste uma imagem mental da parte interior de um corpo humano, ou um pensamento relacionado com órgãos internos. Isto ocorreu quando percecionaste, a níveis mais profundos, a presença do Dr. Pietra."

O Rob tinha estado a trabalhar em retratos e figuras humanas, por isso estes dados faziam sentido para ele. Não se lembrava de nenhuma imagem interior forte do interior de um corpo, mas disse que tinha estado a pensar em interiores do corpo — algo de que eu não sabia. Seth prosseguiu dizendo que um contacto mais completo ainda era possível, "embora o foco do Dr. Pietra não seja certo e a intensidade da sua presença varie".

Seth tinha ainda mais a dizer acerca das drogas que Pietra utilizava nas suas experiências. Aparentemente, elas garantiam que a consciência não regressaria demasiado depressa ao cérebro físico. Acrescentou também que havia métodos "através dos quais o comportamento relativo e o estado da consciência viajante são monitorizados na outra ponta. Em caso de perigos graves, a consciência é puxada de volta, mas isto é altamente perigoso."

Caso alguém tenha dúvidas, este sistema provável de realidade é tão "real" quanto o nosso, segundo Seth. Para os seus habitantes, é composto de matéria física, e é apenas um de um número infinito de sistemas ou universos entre a matéria e a antimatéria. As pessoas no sistema de Pietra já haviam aceite a hipótese a existência de outros universos prováveis, e Pietra é um dos primeiros exploradores, sobretudo devido à sua excelente formação médica.

Tal viagem entre sistemas prováveis é feita através da projeção da consciência para fora do corpo, como foi explicado nos excertos, mas parece envolver uma fusão entre medicina, física e outras disciplinas. Noutras declarações anteriores, Seth disse-nos que qualquer viagem espacial de longo alcance dentro do nosso próprio sistema também envolveria viagens mentais em vez de físicas.

Se, como Seth defende, temos eus prováveis e, além disso, vivemos várias existências neste planeta, o que acontece ao conceito de uma única alma?

Aqui quero incluir excertos de três sessões em que Seth explica a diferença entre um acontecimento físico e um provável, e a relação entre nós e os sistemas prováveis de realidade. (Lembrem-se: Rob e o Dr. Pietra são indivíduos distintos. Seth explica esta relação dizendo que os dois estão relacionados como primos afastados.) Ele começa com o que penso ser uma excelente descrição do eu total ou identidade inteira, tal como se relaciona com esta e outras existências.

Da Sessão 231: O Eu e as Realidades Prováveis

"A ação é ação, quer a percecionem quer não, e os acontecimentos prováveis são acontecimentos, quer os percecionem quer não. Os pensamentos também são acontecimentos, assim como os desejos e as vontades. O sistema humano responde plenamente a estes, tal como o faz a acontecimentos físicos. Nos sonhos, frequentemente, partes de acontecimentos prováveis são experienciadas de forma semiconsciente. Isto

equivale a uma infiltração, e uso o termo de propósito, pois o vosso gravador pode servir de analogia."

"Imaginem o Eu total como sendo composto por uma espécie de fita-mestre. O vosso gravador tem quatro canais. Nós daremos ao nosso gravador canais sem número. Cada um representa uma parte do eu total, cada qual a existir numa dimensão diferente, mas todos parte do eu total [ou fita]. Como veem, seria ridículo dizer que o Mono Um da vossa fita é mais ou menos válido do que o Mono Dois. O Mono Um pode ser comparado ao vosso ego presente.

"Agora vamos imaginar estes eus multiplicados, pois têm os eus três, quatro, cinco e seis, e assim por diante. Ora, no vosso gravador têm uma definição para estéreo. Esta permite misturar e combinar harmoniosamente os elementos dos vários canais — em simultâneo. Estou a demorar-me aqui para que compreendam claramente, porque não costumo manifestar-me com a clareza pura da estereofonia.

"A vossa definição estereofónica pode ser comparada ao que designámos de ego interior. Cada um dos eus experiência o tempo à sua maneira, de acordo com a natureza das suas perceções. Quando o canal estereofónico é ligado, os eus conhecem então a sua unidade. As suas várias realidades fundem-se nas perceções globais do eu total.

"Até que o eu total seja assim capaz de percecionar as suas próprias partes em simultâneo, estas porções aparentemente separadas parecem a si próprias isoladas e sozinhas. Há comunicação entre elas, mas não têm consciência disso. A fita é o elemento comum a todos os canais. Agora, o ego interior é o diretor, mas o eu total (ou alma) deve conhecer-se a si próprio. Não basta que o ego interior saiba o que está a acontecer. Em última análise, o ego interior deve levar a que as partes dos eus simultâneos compreendam.

"Cada porção do eu total deve tornar-se consciente das outras partes. Não estamos, claro, a lidar com algo tão simples como um gravador, porque as nossas fitas [eus] estão em constante mudança."

A Diferença entre Acontecimentos Prováveis e Acontecimentos Físicos

"Tomemos, por exemplo, o Acontecimento X. Este acontecimento provável será experienciado pelas várias partes do eu à sua própria maneira. Quando é experienciado pelo vosso ego, é um acontecimento físico. Quando é percecionado por outras partes do eu, o ego não tem conhecimento disso.

"É real, na mesma, e é experienciado em variação. O eu total perceciona e é afetado por probabilidades e perceciona-as como ações, quer o ego tenha escolhido ou não aceitar determinado acontecimento como físico. A sequência temporal também varia. Passado, presente e futuro são realidades apenas para o vosso ego.

"Agora, o ego interior, como sabem, existe no Presente Espacioso. O Presente Espacioso é o 'tempo' básico em que o eu total existe, mas as várias porções do eu têm as suas experiências nos seus próprios sistemas temporais.

"Deveria ser óbvio que as estruturas psicológicas têm de ser diferentes quando a experiência temporal é diferente. Podem verificar por vós próprios as variações psicológicas que existem simplesmente entre o consciente e o subconsciente, por exemplo.

"O ego mantém grande parte da sua estabilidade olhando para trás, para um 'passado', e encontrando aí algo de si mesmo. As porções do eu que lidam com probabilidades não têm experiência de um 'passado' que lhes dê um sentido de identidade ou de continuidade. Permanência, como o ego a concebe, seria um conceito estranho para estas porções do eu, e altamente desagradável, somando-se a rigidez.

"Flexibilidade é aqui a palavra-chave: uma mudança voluntária do eu, à medida que este tem permissão para explorar cada probabilidade. A experiência tem uma natureza plástica. O sentido básico de identidade aqui é transportado pelo que poderiam comparar ao subconsciente que conhecem. Por outras palavras, é esta porção da estrutura psicológica que transporta o peso da identidade, e é o ego cujas experiências têm uma natureza onírica."

Da Sessão 232

"Este sistema de probabilidades é tão real quanto o sistema físico, e vocês existem nele, quer se deem conta quer não. Simplesmente não estão focados dentro dele. Podem tornar-se conscientes dele [ou de um dos vossos eus prováveis] ocasionalmente, durante o estado de sonho. Já vos disse que as imagens de sonho têm uma realidade definida. Também os acontecimentos prováveis. Simplesmente não vos parecem concretos.

"Podem sonhar que seguram uma maçã, por exemplo, e acordar para descobrir que ela desapareceu. Isto não significa que não tenha existido, mas no estado de vigília não a percecionam. Do mesmo modo, não percecionam

conscientemente a realidade dos acontecimentos prováveis. No entanto, uma porção do vosso eu total está bastante envolvida nesses acontecimentos prováveis. O 'eu' dos vossos sonhos pode ser legitimamente comparado ao eu que experiencia acontecimentos prováveis. [Esse 'eu' consideraria a si próprio plenamente consciente e veria o 'eu' desperto como o eu provável.]

"Consideremos o seguinte. Um indivíduo depara-se com uma escolha de três ações. Escolhe uma e experiencia-a. As outras duas ações são igualmente experienciadas pelo ego interior, mas não na realidade física.

"Os resultados são depois verificados pelo ego interior como auxílio a outras tomadas de decisão. No entanto, as ações prováveis foram definitivamente experienciadas, e tais experiências compõem a existência dos 'eus prováveis', do mesmo modo que as ações de sonho compõem a experiência do eu onírico. (…) Há uma constante troca subconsciente de informação entre todas as camadas do eu total."

Da Sessão 227

"O pacote de experiência em que se podem focar é de facto composto por muitos pequenos pacotes, mas o pacote total da realidade é muito maior do que isso. Uma parte do eu pode, e de facto experiência, acontecimentos de uma forma totalmente diferente [da do ego], e essa parte segue uma tangente diferente. Pois, quando o vosso eu consciente perceciona o Acontecimento X, esta outra parte do eu ramifica-se, por assim dizer, em todos os outros acontecimentos prováveis que poderiam ter sido experienciados pelo ego.

"O ego tem de escolher um acontecimento devido às suas limitações. Mas esta outra parte do eu pode, e efetivamente explora, o que poderiam chamar de Acontecimento X1, X2, X3, etc. Pode prosseguir e experienciar todos estes acontecimentos alternativos no mesmo período de tempo físico em que o ego experiência apenas o Acontecimento X.

"Isto não é tão rebuscado como pode parecer. O aperto de mão pode ser percecionado por vocês como uma ação simples. Não estão conscientes dos milhões de pequenos atos que compõem essa ação aparentemente insignificante. Eles existem, no entanto. Não vos leva tempo a percecioná-los um por um. Vocês percecionam-nos na sua forma completa. Agora, esta parte do eu experiencia conscientemente estes acontecimentos prováveis, com a

mesma rapidez com que vocês percecionam subconscientemente os milhões de pequenas ações que compõem o aperto de mão."

Da Sessão 227: Personalidade e Probabilidades

"Estas porções do eu operam simplesmente numa dimensão diferente da realidade, com campos de atividade distintos. Neste caso particular, comparem as várias porções do eu total aos vários membros de uma família: o homem pode trabalhar na cidade. A mulher pode trabalhar em casa, no campo. Dos três filhos, cada um pode frequentar uma escola diferente. São todos membros da mesma unidade familiar e operam a partir da mesma casa. Não há nenhuma razão básica para que qualquer das crianças não possa passar os dias no escritório do pai, mas não seria capaz de compreender os acontecimentos ou atividades lá.

"Estou a tentar tornar a analogia mais clara. A criança encaixaria fisicamente no edifício do escritório, percebem. Fisicamente falando, não haveria barreira a impedi-la de entrar, ao mesmo tempo que admitia o pai. O homem também poderia entrar na escola, mas haveria pouco propósito numa tal disposição.

"Há, dentro da família, uma perceção geral das experiências dos seus membros, mas estas são indiretas, exceto nos casos dos acontecimentos partilhados pela família como um todo, como unidade. Há também um conhecimento intuitivo generalizado, por parte de qualquer porção do eu, acerca das experiências das outras porções.

"Alguns acontecimentos serão percecionados por todas as camadas do eu, no entanto, ainda que à sua própria maneira, e experienciados como uma unidade. São poucos, mas muito vívidos, e servem, tal como as experiências conjuntas da família, para reforçar a identidade de toda a estrutura psicológica.

"Mais uma vez: acontecimentos prováveis são tão reais como aquele acontecimento escolhido dentre eles para ser uma experiência física. Retomemos o nosso Acontecimento X. Ele é apenas um de inúmeros acontecimentos prováveis. Para os seus propósitos, no entanto, o ego consciente escolhe o Acontecimento X. Mas até que este ego experiencie o acontecimento, ele é apenas um entre todos os outros acontecimentos prováveis, sem qualquer diferença. Torna-se real na vossa realidade apenas quando é experienciado pelo eu físico.

"Estes outros acontecimentos prováveis tornam-se igualmente 'reais' noutras dimensões. Como nota lateral, há episódios interessantes quando um choque psicológico severo ou um profundo sentido de futilidade causa um curto-circuito de tal modo que uma parte do eu começa a experienciar uma das suas outras realidades prováveis. Estou a pensar, em particular, em alguns casos de amnésia em que a vítima acaba, de repente, noutra cidade, com outro nome, outra ocupação e sem memória do seu passado. Em alguns casos, tal indivíduo está a experienciar um acontecimento provável, mas tem de o experienciar, percebem, dentro do seu próprio sistema temporal."

Seth deu-nos, claro, mais material do que este sobre universos e acontecimentos prováveis. Ele também discute probabilidades em ligação com a precognição e o tempo. Não conseguimos estabelecer qualquer contacto consciente com o Dr. Pietra. Enquanto escrevo isto, aproximamo-nos dos meses de outono, quando Seth disse que o contacto voltaria a ser possível.

O pensamento de tal contacto é altamente intrigante, e não conseguimos deixar de imaginar que efeito teria, não só sobre o Rob e o Dr. Pietra, mas também sobre os seus sistemas de realidade separados. Apenas as garantias de Seth de que o contacto é possível sob certas condições nos levam sequer a considerá-lo; as probabilidades contra tal contacto parecem imensas. Ambos sentimos que precisamos de muito mais informação e trabalho árduo, e aguardamos com expectativa novas experiências nesta linha ao longo dos anos.

Como podem ver, muitos dos excertos apresentados neste capítulo também lançam luz sobre a natureza da personalidade. Porque a personalidade é multidimensional, não pode ser discutida apenas sob uma rubrica, e, ao explicá-la, Seth utiliza um método que é quase ele próprio multidimensional. Não só o que é dito, mas também o que acontece nas sessões é importante neste contexto. Em breve descreverei um desenvolvimento relativamente recente e muito significativo que demonstra, talvez melhor do que as palavras, os aspetos multidimensionais da personalidade.

Quem ou o quê são vocês? Sentem-se perdidos perante todas estas ideias de entidades e eus prováveis? Onde se encaixam, tal como se conhecem a si próprios? No próximo capítulo, dedicado às ideias de Seth sobre personalidade, verão que a vossa identidade, tal como a conhecem, é sempre mantida.

CAPÍTULO DEZASSEIS
A PERSONALIDADE MULTIDIMENSIONAL
ACÇÃO, CONSCIÊNCIA DE SI E CONSCIÊNCIA DO EGO

Boston College

Há não muito tempo um jovem professor de psicologia telefonou-me e pediu-me se para eu me dirigir à sua classe no colégio local. Era um grupo pequeno de uns quinze estudantes, de modo que sugeri que viessem, em vez disso, ao meu apartamento. A atitude do homem tornou-se aparente assim que entrou da porta para dentro. Pessoalmente não tocaria num médium nem com uma vara de três metros, mas dado que existiam e ele sabia de um, ele sentiu-se na obrigação de "expor" os seus estudantes ao fenómeno. E sem dúvida congratular-se-ia mais tarde pela vasta mentalidade que tinha.

Durante duas horas e meia falei sobre os potenciais da personalidade humana e sobre a necessidade de os reconhecer, desenvolver e usar. Pelo melhor de que fui capaz, expliquei o que a telepatia, a clarividência e a precognição eram, e que experimentos podiam ser levados a cabo para as mostrar em operação. Por fim sugeri que fosse feito um exercício pelos estudantes, tal como nós por vezes usamos nas minhas próprias aulas.

Alguém devia trazer um esboço para as aulas todos os dias. As raparigas procurariam "captar" uma impressão do desenho em questão e reproduzi-lo. Eu remeteria os meus desenhos por carta ao professor no final do tempo previsto, e ele avaliaria os acertos e os erros por ele próprio.

Cuidadosamente – pensei eu – expliquei que a sugestão era muito importante e pedi ao professor que mantivesse uma atitude objetiva durante os testes. Mas, conforme mais tarde vim a descobrir por intermédio de um dos estudantes, a atitude dele era tudo menos objetiva e dificilmente científica. Deu a entender à classe por meio das declarações e comportamento generalizado que achava tais testes ficavam aquém de uma séria consideração. Curiosamente, os resultados até nem foram maus, só que a atitude dele foi tão pobre que apenas cinco moças tomaram parte na experiência. Eu sugeri que ele também tentasse a experiência, mas ele não o faria; e essa sua atitude viria a desencorajar bastante os alunos de modo a ele mais tarde poder dizer, que o baixo número de participantes tornara os

resultados dos testes impossíveis de avaliar. E ele acabou por desvalorizar todas as experiências em que acertaram como coincidência.

O professor era inteligente, agradável, fervoroso. Caso nos tivéssemos conhecido noutras circunstâncias e o provável seria que eu tivesse gostado dele. Mas ele não quis reconsiderar as ideias preconcebidas que tinha quanto à natureza da personalidade. Perdeu uma oportunidade de expandir a perspetiva que tinha, bem como de, talvez, descobrir um tipo de evidência que o convencesse de que a personalidade humana é muito menos limitada do que é suposto.

Esse episódio e uns outros mais, similares, levaram-me a ser mais prudente em relação a tais confrontos com os chamados académicos objetivos. Mas nem todos os psicólogos têm uma mentalidade tacanha nem impenetráveis intelectualmente. No ano passado uma das minhas estudantes estava a tirar um curso de psicologia noturno no colégio local, e com o encorajamento do professor, ela frequentemente debatia a realidade do Seth e das nossas aulas de perceção extra sensorial nas aulas. A minha aluna queria fazer uma das composições requeridas sobre a natureza da personalidade conforme explicada pelo Seth e para o efeito pediu ao Seth se ele dava uma sessão especial para tal fim. Ela queria gravá-la e reproduzi-la nas aulas.

O Seth concordou e devotou toda uma das nossas aulas à sessão. Ele também tinha algumas coisas interessantes a dizer sobre a sua própria realidade. De certa forma, não foi um tipo de debate em profundidade que o Seth fizesse numa das nossas sessões privadas, porém, contém uma excelente descrição em miniatura das teorias dele sobre a personalidade para quantos não tivessem tido conhecimento prévio do "Material Seth". Por tal razão, usarei excertos dela na abertura deste capítulo.

Encontravam-se presentes cerca de dez dos meus alunos habituais nas minhas aulas, na sessão. O Seth esteve no seu melhor: sorria, e por vezes gracejava por entre o material mais sério fazendo pequenas piadas ou comentários. A maior parte do tempo ele falou diretamente para a aluna que tinha solicitado a sessão, ou dirigiu-se aos seis membros da sua classe da sua classe de psicologia, que não estavam presentes. Toda a sessão preencheu cerca de seis páginas.

Seth começou por dizer:

“Identidade não é o mesmo que personalidade. A personalidade representa somente aqueles aspetos da identidade que sois capazes de atualizar na existência tridimensional... A personalidade pode ser moldada pelas circunstâncias, nos vossos termos, mas a identidade usa as experiências e não é varrida a torto e a direito.

“É verdade que não existem limites para o Eu, e num aspeto, pode-se dizer que o Eu chega a estender-se até abranger o ambiente. As teorias vigentes respeitantes à natureza da personalidade não levam em consideração a existência da telepatia ou da clarividência ou o facto da reincarnação. Aquilo de que com efeito dispõem é de uma psicologia unidimensional. Porém, a identidade opera em muitas dimensões...”

A seguir Seth dirigiu-se aos membros da aula do colégio para quem a gravação seria reproduzida. Mais tarde, todos pensamos que essa sessão tinha sido divertida num certo aspeto – uma personalidade invisível nos nossos termos a dirigir-se a uma aula de psicologia ausente sobre a natureza da personalidade! Contudo, certamente que Seth sabia o que estava a fazer, por ter usado do seu método pouco ortodoxo de comunicação como exemplo.

“Têm aqui (na própria sessão) uma demonstração provocante da natureza da personalidade,” disse ele. “Porque a minha personalidade não é a da Jane, nem tampouco a dela é minha. Não sou nenhuma personalidade secundária, por exemplo. Não faço a menor tentativa por dominar a vida da Jane, nem espero que ela o permitisse. Não represento nenhuma porção reprimida do próprio ser dela. Conforme aqueles que aqui se encontram sabem, ela própria dificilmente perfaz o tipo reprimido de pessoa!

“Eu ajudei-a, pelo facto da sua própria personalidade operar de modo mais eficaz. Ela é capaz de usar as capacidades que tem de um modo mais pleno. Os factos são, caro professor e alunos de psicologia, que todos vós sois mais do que podeis constatar. Cada um de vós existe noutras realidades e noutras dimensões, e o Eu por que respondeis não passa de uma pequena porção de toda a identidade.

“Bom, nos sonhos vocês têm contacto com outras partes de vós próprios. Essa comunicação ocorre constantemente, mas o vosso ego acha-se tão focado na realidade física e na sobrevivência nela que não dais ouvidos à voz interior. Precisais perceber que aquilo que sois não pode ser visto ao espelho.

Aquilo que veem num espelho não passa de um pálido reflexo da vossa verdadeira realidade.

"Vocês não veem o vosso ego ao espelho. Nem veem o vosso subconsciente. Não podem ver o eu interior no espelho. Isso são apenas termos que expressam a parte de vós que não pode ser vista nem tocada. Mas, dentro do eu que conheceis acha-se a identidade primordial, todo o eu interno. Essa totalidade que é o eu interno viveu muitas vidas e adotou muitas personalidades. É uma personalidade da energia da essência, do mesmo modo que eu sou. A única diferença assenta no facto de eu não me encontrar materializado na matéria física. Vós não adquiris de súbito um espírito ao morrer. Já sois um agora."

A seguir, sorrindo, Seth foi mais longe na questão da sua própria existência – e da minha. Começou por dizer que sempre me advertira para manter um bom equilíbrio entre a solidão e a atividade. Depois, falou para o professor da aula de psicologia:

"Pode, se o quiser, chamar-me uma produção subconsciente. Eu não gosto particularmente dessa designação, já que não corresponde à verdade. Mas se me chamar uma extensão subconsciente da personalidade da Jane, então precisará concordar que o subconsciente é telepático e clarividente, já que eu demonstrei habilidades telepáticas e clarividentes. Assim, posso recordar-lhe como a Jane pelo seu lado... Contudo, a menos que esteja disposto a consignar essas capacidades ao subconsciente – e muitos dos seus colegas não o fazem – então não poderá considerar que eu tenha tido origem subconsciente.

"Se estiver disposto a admitir a questão, então terei outros argumentos a apresentar. As minhas recordações não são as recordações de uma jovem mulher, nem tampouco a minha mente é a mente de uma mulher jovem. Eu acostumei-me a muitas ocupações, mas a Jane não tem qualquer recordação delas. Não sou figura paterna nenhuma da Jane nem sou uma figura masculina que esteja à espreita por trás da mente feminina. Tampouco a nossa amiga Jane tem tendências homossexuais. Sou simplesmente uma personalidade da energia da essência que não mais se encontra materializada na forma física.

"A personalidade e a identidade não dependem da forma física. Apenas pensarem que sim é que acham este tipo de desempenho tão estranho...

Vocês adotam um corpo tal como um viajante do espaço enverga um fato espacial e pelo mesmo motivo."

A aula de psicologia interessou-se tanto pela realidade do Seth quanto pela natureza da personalidade, como bem o sabíamos. A sorrir, o Seth disse:

"Uma outra questão: Estas sessões são marcadas, e por conseguinte, operam sob determinadas condições controladas. A personalidade da Jane não é por forma nenhuma ameaçada por elas e o seu ego foi cuidadosamente acarinhado e protegido. Não foi posto de parte. Em vez disso foram-lhe ensinadas novas capacidades... Eu não fui criado artificialmente por meio da hipnose. Não houve aqui qualquer interferência artificial da das características da personalidade. Não houve histeria alguma. A Jane permite que use o sistema nervoso sob determinadas condições altamente controladas. Não me é passada carta-branca para me apossar dele sempre que o queira, nem tampouco o desejaria tal combinação. Eu tenho outras coisas a fazer."

Tanto quanto me foi dado apurar, a referência que o Seth fez à hipnose tinha que ver com o treino por que passariam certos médiuns em que era empregada a hipnose para iniciar ou estabilizar o estado de transe, e ocasionalmente invocar as comunicações das personalidades "controladoras". Isso não ocorreu no meu caso. A coisa foi toda espontânea. Embora agora eu saiba como utilizar a auto-hipnose, depois de a ter estudado no passado durante alguns anos, jamais a usei numa sessão.

Seth terminou o debate assinalando várias maneiras de desenvolver a consciência do eu interno. Esse material será dado num capítulo mais para a frente. A minha estudante reproduziu a fita na aula seguinte que teve no colégio, mas dado que levava mais tempo do que o tempo previsto, o professor de psicologia e alguns dos estudantes foram para casa dele mais tarde a fim de escutarem toda a fita e a debaterem.

A personalidade do Seth, claro está, sai melhor na gravação do que impressa no papel, por as inflexões e conotações que cria serem óbvias. Além disso, gravamos alguns momentos de conversa, para que a minha voz normal pudesse ser comparada com a do Seth. Até mesmo a sessão privada mais parecida com uma conferência é sempre animada pelos gestos que o Seth faz, o que é mais marcado quando se relaciona com um grupo.

Admitindo que sobrevivemos à morte, que parte de nós sobrevive? Como o Seth nos deu mais material sobre a reincarnação e o eu interno, nós naturalmente interrogamo-nos. Ter um eu totalidade pode ser magnífico, mas se o meu eu Jane Roberts for engolido por ele depois da morte, então para mim não será lá grande sobrevivência. Será como dizer que o pequeno peixe sobrevive quando é comido por um maior e se torna parte dele. Mas de acordo com Seth, ninguém alguma vez se perde. Sempre existe.

A questão complicada aqui está em que o eu não tem limites exceto aquelas que aceita por ignorância. As nossas consciências individuais crescem, e a partir da sua experiência forma diferentes "personalidades" ou fragmentos de si mesma. Esses fragmentos – de que a Jane Roberts é um – são inteiramente independentes quanto à ação e à decisão, contudo os componentes psíquicos internos encontram-se em constante comunicação com a totalidade do ser de que fazem parte. Esses fragmentos em si mesmos crescem, desenvolvem-se e podem formar as suas próprias entidades e "gestalt da personalidade" – ou, se preferirmos, almas inteiras.

Seth diz que mesmo nesta vida, cada um de nós possui diversos egos; só aceitamos a ideia de um ego como uma espécie de símbolo de taquigrafia. A qualquer momento nesta vida o ego constitui simplesmente a parte de nós que "emerge"; um grupo de características que o eu interior usa para resolver diversos problemas. Até mesmo o ego conforme pensamos nele muda constantemente. Por exemplo, a jane Roberts do momento é diferente da Jane Roberts de há dez anos, embora "Eu" não tenha tido consciência de nenhuma mudança particular de identidade.

As minhas próprias experiências convencem-me de que sou mais do que o meu eu normal, do que o eu que refiro como "eu". Ao obter informação clarividente, por exemplo, alguma parte de mim tem conhecimento do que a parte habitual da Jane não tem. Essa porção de mim comunica o conhecimento ao ego da Jane. Acredito que isso sucede não só no caso da perceção extra sensorial mas também em ligação com a inspiração artística: sintonizamos uma porção mais bem informada das nossas próprias identidades.

Claro que tais capacidades não significam muito a menos que aprendamos a usá-las e as experimentemos por nós próprios. Anteriormente nas nossas sessões Seth descrevera o que ele chamou de Sentidos Interiores – métodos

interiores de perceção que expandem a consciência normal e nos permite tomar uma maior consciência da nossa própria existência multidimensional. Levou-nos algum tempo a chegarmos a compreender em pleno o significado disso, e como os poderíamos usar, e ainda estamos a aprender a usá-los de forma mais eficaz.

Conforme mencionado anteriormente, o que o Seth nos disse nas sessões foi igualmente apoiado pelo que sucedeu nelas. Ao falarmos de potencialidades latentes, vimo-nos a descobrir as nossas próprias. Em larga medida, pois, as nossas experiências pessoais corroboraram as teorias de Seth. Por exemplo, a sessão 138 de 8 de Março de 1965 constitui uma caso desses.

Nessa noite Seth estava mesmo a começar o seu material sobre a personalidade enquanto ação. As ideias que apresentou são básicas comparativamente às suas teorias gerais da identidade, e dado que ele lida com algumas características da consciência, elas constituem igualmente uma base para o material que veio mais tarde sobre o conceito de Deus. Na altura estávamos a fazer as sessões no quarto, que é pequeno, com uma janela que dá para um quintal grande. Era Verão e dificilmente alguém já teria conhecimento das sessões, e a voz alto do Seth, que saia do ar da noite teria suscitado perguntas que ainda não estávamos reparados para responder.

Conforme ele tinha feito desde o começo, o Rob sentava-se com papel e caneta, e anotava o que era dito palavra a palavra. Habitualmente sentia-se muito acalorado, já que fechávamos a janela para mantermos as sessões tão privadas quanto possível, em particular por os vizinhos muitas vezes se encontrarem sentados no quintal. (O calor nunca me incomoda quando me encontro em transe, embora caso contrário lhe seja muito suscetível.) Lendo os excertos, poderão ver que Seth deu pistas quanto ao que estava para vir. Alguns de vós lendo por entre as linhas, poderão mesmo adivinhar o que nos estava reservado.

“A identidade pode ser designada ação que é consciência de si própria. Para fins ligados ao nosso debate, os termos “ação” e “identidade” precisam ser distinguidos, mas basicamente não existe separação alguma. Uma identidade é igualmente uma dimensão da existência, ação dentro de ação, um desdobrar da ação sobre si próprio – e por meio desse entretecer da ação consigo própria, por meio dessa re-ação, é formada uma entidade.

“A energia da ação, os trabalhos da ação dentro e sobre si própria, forma a identidade. Contudo, embora a identidade seja formada a partir da ação, a ação e a identidade não podem ser separadas. A identidade, pois, é o efeito da ação sobre si própria. Sem identidade, a ação seria destituída de sentido, porquanto nada existiria sobre o que a ação pudesse agir. E pela sua própria natureza a ação precisa criar, a partir de si própria e dos seus próprios trabalhos, identidades. Isso aplica-se da mais simples à mais complexa.

“Uma vez mais, a ação não é uma força externa que atue sobre a matéria. A ação é, em vez disso a vitalidade interior do universo interior – é o dilema existente entre a vitalidade interna do desejo e o ímpeto para se materializar por completo, e a capacidade que tem para o fazer por inteiro.

“Esse primeiro dilema resulta na ação, e a partir dos trabalhos da ação sobre si própria vimos que a identidade foi formada, e que esses dois são inseparáveis. A ação faz, pois, parte de toda estrutura. Tendo a ação formado, e por causa da sua natureza, a identidade, agora igualmente por causa da sua natureza pareceria que destrói a identidade, dado que a ação envolve mudança, e toda a mudança parecer ameaçar a identidade.

“Contudo, é uma noção equivocada a de que a identidade dependa da estabilidade. Por causa das suas características, continuará a procurar a estabilidade, enquanto a estabilidade seja impossível. Este é o nosso segundo dilema.

“É esse dilema, que se verifica entre as constantes tentativas da identidade por manter a estabilidade e o inerente ímpeto que a ação sofre para a mudança, que resulta no desequilíbrio, o requintado produto criativo que é a consciência de si. Porquanto consciência e existência não resultam tanto de equilíbrios delicados quanto são tornados possíveis pela falta de equilíbrios, tão ricamente criativos que não existiria qualquer realidade caso o equilíbrio fosse mantido.

“Nós sofremos uma série de tensões criativas. A identidade precisa buscar a estabilidade enquanto a ação precisa buscar a mudança; no entanto a identidade não poderia existir sem mudança, por resultar da ação e fazer parte dele. As identidades jamais são constantes tal como vós próprios não sois os mesmos consciente ou inconscientemente de um momento para o outro. Toda a ação constitui um término, conforme discutimos

anteriormente. Mas ainda assim, sem esse término, a identidade deixaria de existir, porque a consciência sem ação deixaria de ser consciente.

"Por conseguinte, a consciência não é uma "coisa" em si mesma, mas uma dimensão da ação, um quase estado miraculoso, tornado possível pelo que opto por chamar uma série de dilemas criativos.

"Deveria ser relativamente fácil ver como o segundo dilema evoluiu a partir do primeiro. Ei afirmei que o segundo resultara na – e constantemente – consciência de si. Não é a consciência do ego. A consciência de si é ainda consciência ligada diretamente à ação. A consciência do ego é um estado resultante de um terceiro dilema criativo que tem lugar quando a consciência de si tenta separar-se da ação. Dado que isso é obviamente impossível, já que nenhuma consciência ou identidade pode existir sem ação, temos o terceiro dilema.

"Uma vez mais: a consciência de si envolve uma consciência de si interior – e enquanto parte da – ação. A consciência do ego, por outro lado, envolve um estado em que a consciência de si procura divorciar-se da ação – uma tentativa da parte da consciência para perceber a ação enquanto um objeto... e por perceber a ação como iniciada pelo ego enquanto resultado, em vez de causa, da própria existência do ego.

"Estes três dilemas representam três áreas de realidade dentro da qual a vitalidade interior se pode experimentar a si própria. Mas aí temos igualmente a razão por que a vitalidade interior nunca pode alcançar a completa materialização. A própria ação envolvida na tentativa da vitalidade por se materializar a si própria contribui para a dimensão interior da própria vitalidade.

"A ação, (vitalidade interior) jamais se consegue completar. Materializando-se em qualquer forma que seja, multiplica imediatamente as possibilidades de nova materialização. Ao mesmo tempo, devido a que a vitalidade interior se gere a si própria, apenas uma fração diminuta dela se faz necessária para enxertar um universo.

"De acordo com a declaração feita anteriormente de que a ação muda necessariamente aquilo sobre que age (que é basicamente a si própria), então segue-se que a ação envolvida nas nossas sessões altera a natureza das

sessões. Tenho falado várias vezes da consciência enquanto a direção em que o eu se foca. A ação implica um infinito número de possibilidades de foco."

Ao transmitir o material do Seth que acabamos de ler, eu passei por uma série de contínuas experiências que para mi foram novas. Não pude contar ao Rob sobre elas senão durante o intervalo, evidentemente, mas de facto, elas são quase impossíveis de descrever. O mais que me posso aproximar é dizer que, à medida que essa informação era dada ao Rob verbalmente, foi-me dada a mim igualmente por uma maneira diferente. Eu parecia encontrar-me dentro da "ação", à deriva por diversas dimensões.

Eu senti o que o Seth estava a dizer, como se as palavras estivessem a ser traduzidas em experiência subjetiva. Era mais como ser-se arrastado para algo do que ser, digamos, negado. O meu ego não estava perdido, mas tornava-se parte dos conceitos de que o Seth estava a falar. Eu encontrava-me dentro deles a olhar para fora.

Por altura do final da sessão, o Rob pediu ao Seth se ele explicava o que se estava a passar. Ao que o Seth disse:

"A Jane está a experimentar gestalt da acção. À semelhança de todas as outras experiências, ela é acção; mas esta noite ela está a experimentar a ação, num pequeno grau, sem a tentativa habitual do ego de se separar dessa ação.

"Eu mencionei, na nossa última discussão, que este material viria a ser a base para futuras sessões. É verdade que uma outra dimensão foi acrescentada a estas sessões, e eu espero instruir a Jane de acordo com uma perceção mais natural à medida que prosseguirmos. Eu disse-lhes que tais desenvolvimentos seriam de esperar, por serem desdobramentos naturais e virem a prosseguir de acordo com a sua própria natureza e no seu devido tempo. Eu espero que esse último desenvolvimento venha a envolver ainda um outro."

Esse tipo de coisa começou a acontecer com frequência nas sessões. Mais tarde tomamo-lo por certo, creio bem, sem perceber a impressão que provocou em nós da primeira vez. As minhas experiências em geral correspondem qualquer informação que o Seth esteja a transmitir. De acordo com o Seth, isso envolve o uso dos Sentidos Interiores, e as minhas experiências destinam-se a apontar a existência dessas capacidades não só em mim, mas enquanto faculdades latentes em cada personalidade.

O Seth diz que o corpo físico e os seus sentidos constituem um equipamento especializado que nos permite viver na realidade física. Para percebermos outras realidades precisamos recorrer aos sentidos interiores - métodos de perceção que pertencem ao eu interno e que operam quer tenhamos ou não uma forma física. Seth chamam ao universo conforme o conhecemos de sistema de "camuflagem", dado que a matéria física é simplesmente a forma que a vitalidade - a ação - assume nela. Outras realidades constituem igualmente sistemas de camuflagem, e dentro delas a consciência possui igualmente equipamento especializado adaptado para as suas características peculiares. Só que os sentidos interiores permitem-nos ver por debaixo da camuflagem.

Esses sentidos interiores pertencem ao nosso ser todo do qual fazemos parte. Cada Eu Totalidade dessas ajuda e inspira as suas personalidades. A começar pela personalidade conforme habitualmente a concebemos, "depois do ego operacional, uma camada de material subconsciente pessoal. Por baixo dele há material que se prende com a espécie no seu todo. Por baixo dele, acha-se o conhecimento e não distorcido e que será vosso se o quiserem, inerente ao eu interior, que diz respeito à realidade no seu todo, às suas leis, princípios e composição.

"Aqui encontrarão o conhecimento inato respeitante à criação do universo camuflagem como o conhecem, as mecânicas que envolve e muito do material que lhes tenho dado. Encontrarão as formas e os meios pelos quais o eu interior, que existe no clima da realidade psicológica, ajuda a criar os diversos planos de existência, concebe os sentidos exteriores para os projetar e perceber, e os meios pelos quais as reincarnações têm lugar dentro dos diversos sistemas. Aí encontrarão as vossas próprias respostas quanto à maneira como o eu interno transforma a energia em função dos seus próprios objetivos, lhes altera a forma, e adota outras realidades."

Um bocado e tanto! O que Seth diz é que cada um de nós pode alcançar esse eu interno, que os sentidos interiores nos ajudam a perceber outras que não a realidade tridimensional, e que podemos aceder a esse conhecimento com determinação e treino. Começamos por nós próprios e viajamos pela nossa experiência subjetiva, trabalhando do ego para dentro. Os sentidos físicos ajudam-nos a perceber a realidade exterior que conhecemos. Os sentidos interiores deixam que percebamos as interiores.

Até certo ponto o Rob e eu experimentamos a maior parte desses sentidos interiores até determinado ponto. Peguemos num relativamente simples - o Tempo Psicológico. O Seth diz: "A partir do seu âmbito verão que o tempo físico é tão espectral quanto vocês certa vez pensaste que que o tempo interior fosse. Descobrirão todo o vosso Ser a espreitar para dentro e para fora ao mesmo "tempo," e descobrirão que o tempo todo é um só tempo, e todas as divisões, ilusões." Quando entramos em "Tempo Psy," como o Rob e eu lhe chamamos, as nossas experiências parecem ter lugar fora do âmbito habitual do tempo. É como mudar de velocidade, de modo que a perceção ocorre num contexto diferente. O Tempo Psy é o "tempo" que percorro quando me projeto, por exemplo...

Porém, uma avaliação mais aprofundada deste tema requer mais informação sobre a real natureza do tempo; porque de acordo com o Seth o eu interior opera não dentro do tempo conforme o conhecemos, mas por meio da perce

ção que em larga medida ignora o tempo conforme o conhecemos. Mas então põe-se a questão: Como poderemos ignorar o tempo? Que teremos em relação a nós próprios ou ao tempo que podemos desligar mu do outro? Alguns de vós poderão não te interesse por tais questões mas outros sentir-se-ão ludibriados se ficarem sem resposta. O Seth não ignora tais questões, pelo que fecho este capítulo com alguns excertos em que ele os considera. Aqui Seth explica em particular a natureza do tempo e mostra como somos basicamente livres dele.

DA SESSÃO #224: A PERSONALIDADE E O TEMPO

"O passado existe como uma série de associações eletromagnéticas guardadas no cérebro físico e na mente não física. Essas ligações eletromagnéticas são passíveis de ser alteradas...

"O futuro consiste numa série de ligações associações eletromagnéticas na mente assim como no cérebro, e é a única realidade em que estão justificados a atribuir ao presente.

"Por outras palavras, o passado e o presente são reais até certo ponto. De vez em quando o passado pode tornar-se "mais real" do que o presente, e em tais casos reagem às ações passadas no que é chamado presente. Tomam

como certo que o presente possa mudar o futuro, mas as ações presentes podem igualmente mudar o passado.

"O passado não é mais objetivo e independente daquele que o percebe do que o é o presente. Essas associações eletromagnéticas que compuseram o passado foram em larga medida criadas pelo indivíduo que as percebe, e aquele que as percebe é sempre um participante.

"As associações, pois, podem ser alteradas, e tais alterações estão longe de serem invulgares. Acontecem espontaneamente numa base subconsciente. O passado raramente é aquilo por que o tomam na memória, por já o terem reorganizado desde o instante de um dado evento. O passado está constantemente a ser recriado por cada indivíduo tal como as atitudes e as associações mudam. Isso constitui uma recriação efetiva e não uma simbólica. A criança com efeito ainda se encontra dentro do homem, só que ele já não é a criança que "foi". Porque, até mesmo a criança dentro do homem muda constantemente.

"As dificuldades surgem, de facto, quando tais alterações não ocorrem automaticamente. A neurose grave é muita vez causada precisamente porque o indivíduo não alterou o seu passado. Uma vez mais, a única realidade que pode ser atribuída ao passado é aquela atribuída aos símbolos e associações e imagens que têm existência eletromagnética no cérebro físico e na mente não física.

"Bom, estou a falar nos vossos termos, e isso deve ser entendido já que estou a simplificar consideravelmente. Uma mudança de atitude, uma nova associação ou qualquer das inúmeras outras ações instalarão automaticamente uma associação eletromagnética e romperá outras.

"Toda ação rompe com todas as outras ações - para voltarmos ao nosso ABC. Por isso, todas as ações do vosso presente influenciam aquelas ações a que chamais passado. As ondas provocadas por um seixo atirado à água dispersam-se em todas as direções, e estou a estender-me para lá do que as minhas pernas mo permitem aqui. Recordando aquilo que sabem da natureza do tempo, percebem que os aparentes limites entre o passado, o presente e o futuro são apenas ilusões causadas pelo volume de ação que conseguem perceber fisicamente.

"Por isso, é possível reagir no passado a um acontecimento que ainda não tenha ocorrido, para serem influenciados pelo vosso próprio futuro. É igualmente possível uma pessoa reagir no passado a um evento no futuro que nos vossos termos possa nunca vir a ocorrer.

"Estou certo de que se lembram do casal que viram em Iorque Beach (Episódio descrito num capítulo anterior)."

"Sim," disse o Rob, erguendo o olhar.

"Bom, aquele casal representou uma espécie de projeção no tempo, por vocês literalmente poderem ter-se tornado no que eles eram. Isso existiu nesse presente enquanto probabilidade. Vocês perceberam essa porção do futuro provável e reagiram-lhe, e a transformação possível de vós próprios nessas imagens não ocorreu. Por o passado, o presente e o futuro existirem em simultâneo, não há razão porque não possam reagir a um acontecimento quer ocorra ou não para caírem no pequeno campo da realidade que habitualmente observam e no qual participam.

" Num nível subconsciente, vocês reagem a muitos acontecimentos que ainda não ocorreram, no que toca à perceção do ego que têm. Tais reações são cuidadosamente filtradas e não são admitidas na consciência. O ego acha tais exemplos uma distração e aborrecimento, e quando forçados a admitir a sua validade, recorrerá às racionalizações mais rebuscadas a fim de os explicar.

"O Eu interno pode, com efeito, perceber eventos que venham a ocorrer após a morte física. Ele jamais se encontrou aprisionado pelo tempo do ego. As suas perceções são meramente inibidas pelo ego. O eu interno pode perceber os acontecimentos que virão a ocorrer a si próprio após a morte, bem como aqueles em que não se vê envolvido.

"Porém, em todos esses exemplos, há incertezas, por os eventos prováveis poderem ser vistos com clareza enquanto acontecimentos que venham a ocorrer fisicamente. Nenhum evento é predestinado. Qualquer evento pode ser alterado não só antes e durante mas após a sua ocorrência. Uma vez mais, não estou a falar simbolicamente, mas percebo que me estou a deixar exposto a fortes críticas que certamente não podem ser respondidas nesta noite.

"Há, por exemplo, limitações aqui definidas que precisam ser claramente expostas, mas dentro das limitações descobrirão que os eventos podem ser alterados e que o são com efeito, constantemente, independentemente do aparente ponto da sua ocorrência original.

"Tudo isso se aplica, a menos, claro está, que uma pessoa leva tirada por completo do sistema físico do tempo. Um homem assassinado não regressará íntegro e intacto à vida física (embora possa retornar enquanto "espírito," acreditando encontrar-se ainda vivo.

"Resumindo: dificilmente a pessoa se encontra à mercê dos eventos passados, por os alterar constantemente. Por o passado existir apenas como um padrão de correntes eletromagnéticas na mente e no cérebro, e elas mudarem constantemente.... As ações futuras de uma pessoa não dependem de um passado concreto acabado, por tal passado jamais ter existido."

Estávamos para descobrir que tais ideias não eram somente teóricas. No próximo capítulo dar-lhes-ei conta de uma das experiências mais estranhas da minha vida - uma em que fui arrastada para fora do mundo do tempo e do espaço, e de seguida, de forma igualmente inesperada, atirada de volta para dentro dele.

SETH DIRIGE-SE À CLASSE DA PAT, NO COLÉGIO DE BOSTON

25 DE MARÇO DE 1967

In *"Sessões Iniciais 7"*

Bom, meus caros amigos, jamais há justificativa para a guerra, nem para a matança. É verdade que basicamente não existe morte, mas isso não pode ser usado como desculpa no vosso sistema sensorial. Vós criastes a morte no vosso sistema, e dado que a criastes, cabe-vos lidar com ela. Enquanto acreditarem que uma bala possa liquidar um homem, então compete-lhes

não matar. Quando perceberem que uma bala não pode matar um homem, então não PRECISARÃO matar.

Todos vós vivestes antes, e muitos de vós voltarão a viver na forma física de novo. Alguns de vós terminarão com as vossas reincarnações terrenas após esta vida. Há um rapaz numa terceira ou quarta cadeira, de traz para a frente na fila esquerda, junto à parede. Ele encontra-se na sua última encarnação neste sistema.

Todos vós tendes uma só responsabilidade, e essa responsabilidade é para convosco próprios; não necessariamente para vós conforme concebeis ser mas para com todo o vosso ser. É vossa responsabilidade, entendem, desenvolver todas as vossas capacidades. É vossa responsabilidade materializar os vossos próprios potenciais no vosso próprio sistema.

Não sou nenhum espírito malicioso, nem nenhum avozinho perna-longa do mundo do espírito. Simplesmente vivi antes no vosso sistema e no vosso planeta. A menos que tenham lido o material, de pouco adiantará aprofundar-me em quaisquer problemas específicos ou questões, dado que não disporão do conhecimento necessário para tanto.

A única mensagem que lhes posso transmitir com clareza é a de que precisam desenvolver as vossas capacidades. Precisam sondar o vosso lado intuitivo por virem a encontrar muito conhecimento aí. Os livros ajudá-los-ão, porém, o conhecimento maior acha-se enterrado sob as camadas do eu. Todos tendes capacidades, e todos têm obrigações. Ambas provêm de outras experiências tidas noutras vidas. As porções interiores da vossa própria personalidade conhecem os detalhes das vossas vidas anteriores. As capacidades que possuem atualmente foram desenvolvidas em vidas anteriores. Aqueles problemas que não conseguem solucionar ao nível psíquico ou mental, terão que resolver no sistema físico.

Precisarão trabalhar esses problemas dos dados dos sentidos. É por isso que as capacidades no vosso sistema ainda estão a operar dentro dos sistemas de guerra. Não existe céu nem inferno segundo o vosso sistema Cristão. Contudo, se uma personalidade acreditar fortemente na realidade do inferno, durante algum tempo após a morte experimentará a alucinação do inferno, fruto da sua própria criação.

Isso terá uma duração muito breve. Céu e o inferno, na realidade, não passam de representações. Originalmente representavam compreensões intuitivas. Mas nenhum céu ou inferno existem nesses termos. Não existe local nenhum no universo ou em qualquer outro universo ou sistema para eles. Vós criais a realidade segundo as crenças e as expectativas que tendes. Por isso, cabe a vós examinar as crenças e expectativas que tendes com muito cuidado.

As vossas vidas neste momento são o resultado das vossas expectativas íntimas. Se não gostarem das vidas que levam, nesse caso examinem as expectativas que tendes de novo. Alterai essas mesmas expectativas agora, caso seja necessário.

Todas as ideias são, de uma forma ou de outra criadas por vós em termos físicos. Não podem escapar ao resultado de um pensamento, e todas as ideias constituem uma realidade. Influenciam toda a ação e molda-lhes o ambiente físico. Ao ficarem sentados a escutar a minha voz, vós estais todos subconscientemente a formar o ambiente físico da vossa sala de aulas. Vós estais a moldar as cadeiras físicas e o vosso quadro. Vós estais todos a moldar a realidade, conforme a conhecem. Assim, com os vossos sentidos físicos vós estais a perceber aquilo que assim já criastes.

Se não gostarem daquilo que virem, então quem deverão culpar? Porque isso é uma construção vossa, formada enquanto réplica fiel dos pensamentos que têm. Não temos tempo para explicar aqui como isso é feito, porém, no material publicado explicamos isso. Existem certos laços telepáticos que constituem o que designamos por pressupostos base, do que estais telepaticamente cientes. Pelo uso deles vós moldais o ambiente físico suficientemente coesivo de modo que possais todos concordar com aquilo que veem e sentem e cheiram e tocam.

Num certo aspeto é tudo alucinatório, no entanto é a vossa realidade e precisam tratar dela. Se não gostarem dos aspetos do mundo dos adultos, então será melhor que alterem as vossas próprias expectativas já. O mundo em que os vossos pais vivem é um mundo que criaram. Ele existiu primeiro em pensamento, em domínios mentais. Existiu antes de mais como a matéria dos sonhos, e a partir disso geraram o seu universo, e disso fizeram o seu mundo. É o mundo em que vocês atualmente vivem, e se vocês não enfrentarem os seus problemas, se não conseguirem resolver o seu dilema,

não será falta sua mas vossa. Por vocês também terem um efeito nisso. Todas as gerações se conformam.

A geração nova acomoda-se, aparentemente impotente enquanto os pais governam o mundo. Mas os jovens impotentes amadurecem, e crescem e tornam-se pais. Tornam-se adultos, mas, e o seu mundo? Que mudanças fazem? Quantos deles, após criticarem os pais, se voltam para dentro deles mesmos para o coração? Quantos exigem que usem os próprios potenciais? Quantos exigirão o melhor deles próprios? E é isso que deveis fazer. Qualquer outra coisa que fique aquém será um desastre. A exploração do espaço interno - essa é a vossa missão. Ela conduzi-los-á a domínios muito mais entusiasmantes do que podeis imaginar. Vós ireis literalmente refazer e remodelar o vosso mundo. Se apenas objetivarem um problema no vosso universo e ele lhes motivar o desagradado, então voltem-se para dentro de vós próprios, por o terem ajudado a criar.

Podereis mudá-lo em termos físicos se o quiserem. Porém, nenhuma mudança efetiva será conseguida, por voltar a brotar numa nova forma. Todo verdadeiro progresso constitui um progresso mental. Precisais alterar as ideias se quiserdes mudar o mundo. Se quiserem acabar com a guerra, vós próprios precisais mudar. É a ideia da guerra, pois, que precisais combater.

Deparar-se-ão exatamente com aquilo que desejarem deparar-se. Tornarão as vossas vidas exatamente naquilo que quiserem torná-las. As belezas que existem no vosso universo físico são o resultado do pensamento positivo e construtivo.

Quantos de vós vos encontrais doentes? Quantos dos vossos pais se encontram doentes? A doença constitui uma materialização física de uma enfermidade interior. Podereis porventura livrar-vos dos sintomas físicos por meio da administração de medicamentos, porém, a doença voltará a irromper uma e outra vez. Podeis livrar-vos de uma condição dessas apenas descobrindo a razão intrínseca para a sua manifestação, ou a "patologia" interna. E há várias maneiras de conseguirem isso.

Muitas delas já discutimos nas nossas sessões, mas não temos aqui tempo para lhas indicarmos. Veja, onde nada parece existir, por nenhum sítio se encontrar verdadeiramente vazio. Onde parece não existir nada, não existirá qualquer distorção. Dentro desse aparente nada a realidade poderá revelar-

se, a realidade poderá evidenciar-se se souberem como examinar. Aquilo que parece estar repleto, aquele espaço que parece estar cheio, é enganador, pois a realidade já se ter dado a uma dada forma rígida.

Tudo quanto puderem ver e sentir e tocar existe na vossa própria realidade, sim, e nela, é legítimo e válido. Também é altamente distorcido, por os vossos sentidos físicos representarem uns mentirosos adoráveis e os traírem constantemente. Eles moldam -lhes a realidade, no entanto a realidade que formam é altamente distorcida, e aquilo que veem, meus caros amigos, não existe e aquilo que tem existência vocês não veem.

Lamento a falta de tempo de que disponho para lhes falar. Também lamento as limitações necessárias que me são impostas por este meio de comunicação. No entanto dirijo-me a vós nos termos do mais profundo afeto. A voz que impreterivelmente precisamos usar infelizmente revela-se aqui destituída de humor, no entanto sou verdadeiramente um homem de humor. Estendo-lhes a todos a minha bênção, por ter bênçãos a dar. Voltem-se para o que os rodeia e para o vosso ambiente. Procurem no vosso meio. Não confiem naquilo que veem.

Ainda me estou a dirigir a vós, estudantes. Vós sois mais velhos do que pensais. Há conhecimento em vós que não percebem possuir, e podeis utilizar todo esse conhecimento. Podeis pensar que tendes 16 anos, e que tenham existido durante um determinado período de anos, e que antes dessa altura não tivessem conhecimento de nada. Podeis olhar de volta para um tempo e não recordar qualquer identidade, e podeis ficar surpreendidos: "Quem terei eu sido então, e como foi que aqui cheguei?"

Contudo, uma porção de vós conhece a resposta e sabe quem sois, e as memórias das vossas vidas passadas não se encontram nos vossos genes ou nos vossos cromossomas, mas na realidade psíquica que molda os genes e os cromossomas. Porquanto a identidade é uma identidade diferente do nome que usais. o mecanismo físico possui efetivamente de cromossomas, porém, esses cromossomas físicos possuem uma contraparte psíquica, e a contraparte psíquica constitui o original; e em vós acha-se a informação codificada que comporta todas as vossas vidas passadas e todo o vosso próprio conhecimento, mas encontra-se enterrada tão fundo dentro de vós que o subconsciente conforme o concebem não chega a perceber a verdade, por o subconsciente conforme o conhecem, com efeito, ser uma coisa muito

superficial que contém apenas aquelas memórias ocultas referentes a esta vida.

Mas para além desta vida e antes desta vida, na base da formação desta vida existem identidades e realidades que não estão mortas. A identidade enquanto experiência é íntima. É uma realidade psíquica só que existe em termos eletromagnéticos.

A identidade, o eu que sois, é composto dos eus que foram e, meus caros amigos, dos eus que virão a ser. Aqueles eus que foram ainda têm existência, e os eus que vierem a ser já existem. As vidas que viveram, nos vossos termos, ainda estão a ser vividas. Não existe passado, presente ou futuro.

O tempo conforme o conhecem, constitui uma distorção produzida pela operação dos sentidos físicos. A experiência direta não tem qualquer necessidade do tempo físico. Vós existis agora, ponto final. O passado, o presente e o futuro conforme o conhecem não passam de uma ilusão, no entanto têm a sua existência no momento. Podem influenciar o passado hoje; podem ter recordações do futuro. Podem recorrer ao conhecimento do futuro hoje. Podem alterar o passado amanhã. O vosso tempo é válido unicamente no vosso próprio sistema, mas não particularmente válido. Os sonhos que sonham moldam a vossa atualidade.

Em determinados aspetos encontrais-vos mais despertos quando dormis do que estais quando vos encontrais sentados na vossa sala de aulas a escutar a minha voz. Os sonhos que têm parecem, para o vosso eu normal do estado de vigília, ilusões. Deverei dizer-lhes o aspeto que as vossas experiências normais do estado de vigília têm para o vosso eu que sonha? Deverei dizer-lhes quais das duas realidades será mais válida e qual a que será menos distorcida? Deverei dizer-lhes onde terão origem as vossas capacidades? Acha, que as vossas capacidades tenham tido origem nesse eu que se senta na sala de aulas? Que terá a fazer a vossa identidade com o eu que lhes escova os dentes? No entanto é certo que estão plenamente despertos quando os lavam, e quando sonham, decerto dirão que estejam a dormir e que a vossa consciência se encontre morta.

Quão morta se encontrará a consciência que dorme, e para onde viajam quando dormem? Quantas milhas percorrem ao dia? Quantas milhas percorrem no sonho? Quantas coisas aprendem num sonho? Aprendem mais

coisas num sonho do que aprendem nesta sala de aulas. Chegam a conhecer a vossa identidade no estado do sonhar. Têm experiências mesmo enquanto sonham que são mais reais e mais válidas para vós do que qualquer que tenham com os olhos bem abertos.

O que não quer dizer que não devam manipular o universo físico. Não lhes estou a dizer que devam esquecer as responsabilidades que lhes cabem na vida física. Estou a dizer-lhes que a origem e a capacidade e o poder e a identidade têm origem fundo dentro da personalidade, e que essas origens pouco têm que ver com o eu desperto com que se acham tão familiarizados.

O eu que se encontra sentado na sala de aulas não é o eu que se maravilha no estado do sonho, e o eu que se maravilha no estado do sonhar é, meus caros amigos, muito mais instruído do que o eu que aqui se encontra nesta sala de aulas. Que coisa conhecerá o eu a que chamais a vós próprios? A quem deve dar atenção? Esse eu conhece relativamente pouco. Ele terá porventura 16 anos. De facto a identidade interior conhece e a identidade interior sabe que conhece. Todos vós vos encontrais no começo, onde incontáveis milhões estiveram.

Se se venderem ao desbarato, irão fazer o seguinte: Dirão: "Eu sou um organismo físico, e vivo dentro dos limites que me são impostos pelo tempo e pelo espaço. Encontro-me à mercê do meu ambiente." Porém, se não se venderem ao desbarato, haverão de dizer: "Eu sou um indivíduo. Eu moldo o meu ambiente material. Eu mudo e componho o meu mundo. Sou livre do tempo e do espaço. Faço parte de uma mente sã. Sou mais do que aquilo que sei ser, enão há lugar em mim em que a criatividade não exista. Eu moldarei o universo físico de acordo com o quadro (imagem) que tenho em mente. Não posso liquidar, porquanto existe apenas vida, e a vida não pode ser liquidada.

Àqueles de vós que alterarem o seu mundo eu direi, pois - escutem - porquanto para mudarem o vosso mundo precisam dar atenção à voz que se faz ouvir no vosso íntimo. Precisam examinar os próprios sonhos que têm. Precisam inspecionar as porções mais recônditas de vosso ser e disso ressurgireis com efeito.

Por as ideias fazerem germinar o mundo e o mundo levará o universo a germinar. A alma que se acovarda é na realidade a alma que acredita ser um ser físico. Ela encontra-se, pois, à mercê de toda camuflagem física. Não

percebe ser aquilo que é. Precisa viver no mundo que criou, mundo esse que é infeliz e cruel.

A personalidade humana é livre. Todas as limitações são criadas por ela própria. Se não quiserem ser restringidos, então não criem limitações artificiais. Se quiserem ver através do espaço e do tempo, então não dêem qualquer validade às distorções decorrentes do tempo e do espaço. Dificilmente poderão acompanhar os vossos sonhos enquanto os considerarem alucinações. Dificilmente podereis crescer no vosso pleno potencial se pensarem ser uma criatura confinada e restrita pelos limites físicos do tempo e do espaço, para em pouco tempo atingirem a corrosão numa sepultura antecipada e obscena. Se pensarem que seja isso que sejam, então, para todos os efeitos, isso será o que virão a ser! Se, por outro lado, perceberem que não são limitados, que sois parte de Tudo Quanto Existe, então com efeito será como é.

Destruí, pois, esses limites artificiais que definistes para vós próprios, e que aceitastes da parte dos outros. Se quiserem chegar a velhos no vosso sistema, então amadureçam. Não se deixem conduzir à senilidade. Cresçam em sabedoria, porquanto a sabedoria já se encontrar dentro de vós. O eu que vierem a ser já existe. Se perceberem o potencial que têm então descobrirão que já se encontra realizado. Mas, por ora despeço-me de vós e dirijo-lhes as minhas bênçãos, e dou-lhes as boas noites a todos.

COMENTÁRIOS SOBRE A CRUCIFICAÇÃO E OS PRIMÓRDIOS DO CRISTIANISMO

“Não necessitais de morrer para alcançar o esclarecimento espiritual. Não precisais sofrer para atingirdes o conhecimento. A história da crucificação, nos vossos termos, representou o aspeto autodestrutivo da espécie, por essa

altura. E representa os elementos autodestrutivos da espécie desta época para aqueles que ainda a aceitam.

Muitas religiões definem os próprios métodos e os próprios dogmas com o intuito de oferecerem esperança de um conhecimento elevado, de uma compreensão e sabedoria elevada. Só que com um senão; precisais morrer em primeiro lugar!...

Alguns dos princípios básicos do cristianismo eram soberbos mas a contrapor a tudo isso, ainda tendes a história que reza o facto de que quando sofreis e morreis ireis para o céu e obtereis conhecimento beleza e verdade, e escapareis deste "vale de lágrimas".

Pensai no que possa ter acontecido e pensai no que os vossos livros religiosos poderiam narrar, caso o mito tivesse sido diferente. Supondo que a história tivesse sido narrada nestes termos: O cristo não foi crucificado em absoluto; Ele não foi perseguido, nem foi flagelado, e tampouco alguém lhe deu vinagre a beber. Em vez disso ofereceram-lhe vestes púrpuras e colocaram-no na praça pública em Roma, e trataram-no por Cristo, o filho de Deus, por ter dito que o reino de deus está na terra e a salvação ter lugar no agora. Que haveriam os padres de fazer? Porque, de facto o conhecimento e a alegria e a salvação estariam ao vosso alcance.

Muitas religiões acreditam que precisais passar por provações ou caminhar sobre o fogo, primeiro. Mas o Cristianismo acredita que antes de mais, precisais morrer. Bom, nos vossos termos, essa é certamente a provação mais severa de todas; além de constituir um pobre método de fazer prova de fé. Porque, se acreditardes na vida, haveis de fazer prova da vossa fé vivendo-a, e atreveis-vos a amá-la. Não necessitareis de sofrimento nem de provações."

CAPÍTULO DEZASSETE

UM SETH FUTURO – A ORIGEM DAS SESSÕES

(Numa certa noite de abril de 1968, encontrávamo-nos preparados para a nossa sessão habitual de terça-feira à noite, inconscientes de qualquer novidade que estivesse para suceder. Eu sentei-me na minha cadeira de balanço e o Rob sentou-se no sofá como de costume, a tomar notas. As pupilas dos meus olhos

encontravam-se bastante abertas, enegrecidas, e o Seth parecia observar o Rob atentamente. O Seth começou a sessão 406 dando ao Rob indicações quanto à direção que o material iria seguir nos anos seguintes:)

"Temos vindo a traçar-vos um esboço que escassamente se encontra completo. . . Mas pretendemos tratar da natureza da realidade, conforme ela se apresenta no vosso sistema de camuflagem assim como noutros, e estudar as características generalizadas que lhe dizem respeito, independentemente de toda materialização.

"Parte deste material responderá automaticamente a muitas questões por que se têm interessado — problemas com que os vossos cientistas têm vindo a lidar. Discutiremos a inter-relação que existe por entre todos os sistemas da realidade, inclusive determinados pontos de contato que os incluem a todos. Tais pontos podem ser matematicamente dedutíveis e virão, em algum futuro vosso, a servir de pontos de contato, tirando lugar à viagem espacial em certos casos.

"Se mantiverem estes canais abertos e livres obterão material tão menos distorcido quanto possível. O alcance que a Jane estabelece é excelente e a região da realidade em que tenho a minha existência acha-se muito além do alcance a que as pessoas no sistema físico geralmente têm acesso. . . Precisam velar por que a Jane não tinja as suas experiências com leitura de material distorcido. Este tipo de material tem os seus objetivos e faz algo de bom, ao explicar a realidade em termos que as pessoas consigam entender, por os acessórios e as fantasias serem habituais. Só que aqui não há necessidade disso. . ."

(E prosseguiu dizendo para eu, Jane, me manter afastada de livros que lidem exclusivamente com os assuntos da religião convencional, que interpretam a realidade nesses termos limitados. A esta altura o Rob tomou consciência de uma energia nova e muito singular na voz do Seth, à medida que os modos se tornavam mais vigorosos. O Seth disse:)

"De futuro farei um esforço por lhes transmitir alguma experiência direta de conceitos. Experiências que acompanham, e de perto, as expressões vocalizadas dos conceitos envolvidos. Elas facultar-lhes-ão pequenos vislumbres da infeliz mas necessária perda de sentido que tem lugar quando todo conceito precisa ser comunicado em termos físicos. Esse será um tipo diferente de aprendizagem em profundidade, um desenvolvimento único e

original que será tão destituído quanto possível de símbolos e estereótipos que em geral se sobrepõem quase automaticamente em tais experiências.

"Eu sou o Seth que digo ser, mas sou igualmente algo mais. A personalidade do Seth que faz parte de mim é a porção que consegue comunicar convosco com maior clareza. A porção do Seth que me pertence tem-se achado intimamente ligada a ambos, assim como eu, com respeito a isso. Isso é o que mais se aproxima da definição de energia da essência da personalidade de que, evidentemente, todas as personalidades brotam.

"Existe um canto peculiar na personalidade da Jane que também deflecte na tua, que lhe faculta um acesso bastante claro a canais de informação difíceis de alcançar a partir do vosso sistema. . . Há também um acesso a energia muito além daquilo que geralmente é experimentado. A Jane pressentiu isso no passado, mas receou abrir esses canais até se sentir adequadamente preparado.

"Existe o que quase poderia ser comparado a uma deformação psicológica e psíquica nas dimensões, em que esse canto da personalidade da Jane representa o vértice, ou apogeu, em que a comunicação e o contato podem ocorrer."

(A seguir, para surpresa do Rob, o Seth disse-lhe para terminar a sessão, para o que devia usar do procedimento transmitido recentemente para pôr termo ao transe em que me encontrava. Depois, acrescentou:)

"Esta noite vocês foram um tanto além da personalidade por que geralmente me torno conhecido. Mesmo que eu continue a falar, termina o transe."

(O Rob chamou-me diversas vezes, sem obter resposta. Então, tocou-me no ombro e eu dei um salto violento, o que me interrompeu o estado de transe. Eu não sabia o que estava a suceder, mas a poderosa energia continuou a fluir por mim. Se me levantasse, acho que sairia a voar pelas paredes, tão impelida que me sentia por essa força. Tinha uma sensação indescritível de volume na minha cabeça, sensação que não era nova, mas tentar contê-la era outra questão. Sacudi a cabeça. "Caramba, se alguma vez tive dúvidas. . . seja o que for que se esteja a passar, não procede de mim, não procede da minha personalidade." Mais tarde anotei:

". . .Uma energia espantosa pareceu correr por mim, com uma certeza definida — graças a Deus — de que vem além de mim e que é automaticamente traduzida por palavras, da minha parte. Sinto que este é um desenvolvimento tão significativo quanto — quase — as sessões originais do Seth. A noção de contato esteve inegavelmente presente. A sensação que tive foi a de efetivamente estar em contato com alguma realidade muito abrangente."

(Na quarta-feira pela noite sentia-me um tanto hesitante à medida que a hora da sessão se aproximava. Instantaneamente o Rob percebeu que esta não ia ser uma sessão "normal." Por um lado, a voz soava diferente, assemelhava-se muito mais à minha voz; no entanto não era minha. Os tons profundos do Seth, os gestos e as maneiras características de usar as palavras – tudo isso se achava ausente. A voz era mais macia do que o costume, e o Rob precisava ouvir com atenção para captar as palavras todas)

"O desenvolvimento verificado na última sessão achava-se latente na nossa primeira, mas representava um desenvolvimento que poderia ou não ter ocorrido. Caso não tivesse ocorrido, então muitos desenvolvimentos (paralelos) importantes teriam sido bloqueados. Os pontos em que a voz do Seth se apresentava mais elevada e potente — esses pontos muitas vezes representavam aberturas por intermédio das quais o desenvolvimento poderia ocorrer. Contudo, e por diversas razões, tal método não foi usado. A energia teria sido desviada da voz em que já se tinha acumulado, entendes?"

(A voz tornou-se mais leve e quase cadenciada.)

"As leis do universo interior não são leis que constem de nenhum livro, mas uma tentativa de explicar por palavras a natureza da realidade interna. Preciso desembaraçar-me de conceitos, deslindá-los para poder explicá-los, e muito se perde necessariamente durante o processo. Pretendo implementar esse material sempre que possível ao ajudá-los a ambos a tingirem a experiência subjetiva que preencha as palavras, o que variará de acordo com as condições, mas que se torna muito mais possível agora, após o último desenvolvimento.

* * *

"A personalidade do Seth tem representado um intermediário legítimo… Ele é aquilo que eu sou, não obstante, eu sou mais do que aquilo que ele é. Contudo, ele é independente e continua a desenvolver-se conforme eu o

faço. Ambos temos a nossa existência no Presente Espacial. Ele conseguirá apresentar, todavia, algum do material com mais clareza do que eu."

(A esta altura, o Rob olhou de uma forma abrupta. Se não era o Seth quem falava, então quem era?)

"Conquanto eu seja a fonte do material, na última sessão o Seth conforme o imaginam, representou por vezes um parceiro silencioso e auxiliou a Jane a proceder às traduções adequadas, enquanto se afastava de um modo pessoal. Em sessões iniciais o Seth interpretou material da minha parte, de forma que a Jane o pudesse receber. O Seth, conforme o conhecem, sempre será um elemento nestas sessões. Ele é o elo de ligação entre nós e tem sido a parte de mim que lhes tenho remetido. Ele participa de boa vontade…"

(Logo após a ligação ter sido retomada, comecei a sentir aquela energia espantosa de novo à medida que a nova voz se pronunciava.)

"Tu sempre estiveste em contato comigo, mas só conseguias "ver" uma porção de mim. Fica certa de que todos os nomes são arbitrários e de que nós os usamos por mera conveniência. Basicamente, o nome do Seth ou o meu não têm importância. A individualidade é importante e tem continuidade por modos de que nem sequer suspeitam. Da forma mais importante, e na única básica, eu sou o Seth ao dispensar certas características que me pertencem, que eu usei para os contatos. A personalidade do Seth, uma vez mais é legítima e independente, e constitui uma parte da minha identidade. O Seth está a aprender tal como eu.

"Podiam, a título de analogia, chamar-me simplesmente um Seth futuro, o Seth num estágio de desenvolvimento mais elevado. Contudo, não devem assumir literalmente, uma vez que ambos somos independentes e existimos em simultâneo.

"Há razões para que estas ligações particulares tenham sido estabelecidas. Há eventos que são meus e que serviram como pontos de viragem no desenvolvimento das nossas diversas personalidades. De um modo algo estranho, aquilo que eu sou agora acha-se ligado àquilo que vocês são. Há pontos de contato que nada têm que ver com o tempo, conforme o conhecem, e que são significativos para todas as personalidades; origem de novas energias que são por vezes conduzidas à existência devido às fortes capacidades psíquicas latentes nos seres individuais.

"Nesses aspetos, conglomerados de novas unidades de identidade eclodem, e a sua origem cintila, conforme foi deixado entender na última frase. De seguida dispersam-se e seguem os seus caminhos, mas a sua origem mútua e o vigor desse nascimento inicial psíquico subsiste.

(A esta altura tive a perceção interior da imagem como que do nascimento de estrelas — uma tentativa, creio bem, por tornar a informação reconhecível em termos visuais.)

"Essas personalidades podem desenvolver-se de formas completamente diferentes e em várias dimensões, mas entre elas existe uma atração por simpatia. Há um ponto de contato em que o conhecimento pode ser comunicado a partir dessas diversas dimensões, só que por múltiplas razões para vo-las descrever aqui agora, a Jane acha-se nas coordenadas adequadas para que tal comunicação ocorra.

"Conquanto esta comunicação tenha lugar no tempo, é no entanto responsável em outras dimensões pelo que chamam de futuros desenvolvimentos nas nossas personalidades que podereis, a seu tempo, contactar. Eu olho para trás, para vós, como aqueles Eus de que brotei, contudo sou mais do que a soma do que vierem a ser quando tiverem terminado nas dimensões e tempos que eu conheci.

"Por eu ter brotado completamente à parte de vós, e poder ser estranho, nos vossos termos. O facto de me conseguirem contactar constitui um desenvolvimento notável. Contudo, não tivessem sido capazes de o fazer, eu não seria aquilo que sou."

(A esta altura a voz soava muito distante, elevada e clara, ao contrário da voz do Seth, o que ainda deixava o Rob surpreendido e confuso.)

"Contudo, sou mais do que esta porção de mim que contactais, por ser apenas uma porção de mim que experimentou essa realidade. É altamente importante, pois, que este material não sofra distorção, por a maior parte das comunicações ter lugar a níveis muito mais distantes (que este) — tão intimamente em contato com o vosso próprio sistema que até mesmo a informação menos distorcida se acha altamente deformada, por os próprios comunicantes não perceberem que criam as suas realidades que depois passam a descrever.

"Eu dei o meu melhor para vos garantir uma compreensão como base para futuras sessões. O Seth conforme o conheceram também virá a ser o Seth conforme o conhecem, porquanto, quer fale ou deixe de o fazer como eu próprio, através dele, ele ainda representa o intermediário e o elo de ligação entre nós. Mais, ele deverá surgir conforme o conheceram. Há obrigatoriamente elementos emocionais que são característica única dele. A estrutura da minha personalidade é de longe diferente – muito gratificante para mim, mas estranha para vós. . .

"Não quero que sintam que lhes tenham tirado um amigo. Mas eu também sou um amigo. Em muitos aspetos sou o mesmo amigo. Outras porções de mim acham-se interessadas por outros locais, por eu ter noção da própria existência que tenho em outras dimensões e as acompanhar e dirigir as muitas identidades que possuo."

(Quando a sessão terminou sentei-me a conversar com o Rob e disse: "É uma loucura. Quando temos uma sessão habitual com o Seth, sinto mais ou menos o Seth assumir o controlo, embora o termo em si não me agrade. Com esta personalidade, contudo, pareço ir para outra parte qualquer, fora de mim própria, ao deixar o meu corpo vazio. Não sei como chego lá, seja onde for, nem como regresso."

(O Rob acenou com a cabeça e ambos sentimo-nos, por um lado, quase tristes. Creio que receamos que as nossas sessões tenham terminado, e que as novas fossem ocupar o seu espaço. "Além disso, que iremos chamar a esta nova personalidade?" Tínhamos noção de que basicamente era sem sentido, mas sentimos que precisávamos de um nome, um rótulo. Mas de que modo seria essa personalidade diferentes da do Seth? Que poderia ela fazer que o Seth não pudesse? Algumas dessas perguntas foram respondidas na sessão 419.

"Nós somos o Seth e sempre falamos somos conhecidos como Seth. A entidade teve os seus começos antes do aparecimento do tempo. Foi instrumental, com muitas outras entidades, na formação inicial da energia na forma física. Não nos encontramos sós nesse empreendimento, pois ao longo dos vossos séculos, outras entidades como nós também apareceram e comunicaram.

"A nossa entidade é composta por inúmeros seres dotados de identidade própria, muitas das quais trabalharam em prole disso. As suas mensagens serão basicamente sempre as mesmas, embora o tempo e as circunstâncias

dessas comunicações possam diferir e ser tingidos em conformidade. Não precisais preocupar-vos. Vocês têm a vossa própria situação e condições a tratar. Nós ensinamos o Homem a falar antes que a língua conhecesse as sílabas. Nós adotamos quaisquer caraterísticas de personalidade que parecerem pertinentes, por dispormos de um banco completo de identidades interiores, todas quantas são Seth. Procuramos traduzir realidades em termos que consigam entender; mudamos face e forma, mas somos sempre únicos. Muitos de nós não nasceram na carne — conforme eu não nasci. De certo modo disseminámo-nos por universos sem fim. Todavia, outras porções da personalidade surgiram na carne, enquanto outras porções ainda de nós sempre nascerão na carne, por aquilo que uma porção de nós conhece, as outras porções o perceberem, até certo ponto.

"O Seth conforme o conhecem não reencarnará de novo, mas outras porções da mesma entidade nascerão na carne, por termos parte em todos os mundos e todas as realidades. Encontramo-nos por entre as mais antigas entidades, segundo os termos que empregam. De certo modo disseminámo-nos por universos sem fim. Em termos físicos haveriam de me ver como mais pequeno do que uma noz de castanha, por a minha energia se achar altamente concentrada. Ela tem existência numa massa intensificada enredada e entrelaçada com aspetos do momento, tal como uma célula infinita que existe contudo em inúmeras dimensões ao mesmo tempo e a estender-se por interligações até mesmo da minha própria realidade através de outras na vossa sala. No entanto, numa massa tão reduzida essas intensidades contêm recordações e experiências electromagneticamente enroscadas umas nas outras, por meio das quais posso viajar, assim como posso viajar através de outros identidades que conheci e que representam porções da minha identidade — e mesmo como vós, tão grandes e volumosos no tamanho que apresentam — são ainda uma porção dessas lembranças que têm existência na minha identidade, e ainda assim magnificamente não determinadas. Por não existirem como personalidades acabadas ou completas na minha memória mas crescerem na memória que tenho.

"Vocês cresceram através das minhas memórias como as árvores crescem ao longo do espaço, e a minha memória mudar conforme vós mudais. As minhas recordações incluem as vossas entidades prováveis, e todas essas coordenadas existem em simultâneo num "lugar" que não ocupa espaço. A minha realidade inclui isso tudo, no entanto essa realidade do que sou altera-

se constantemente à medida que as coordenadas satisfizerem os seus valores. Eu falo-vos por intermédio de inúmeros prismas, prismas esses que representam coordenadas que variam mesmo a medida que falo.

"Eu disse-lhes que a personalidade a Jane funciona como uma torção provocada nas dimensões. Em determinadas coordenadas existem determinados pontos particulares que servem de acesso e determinadas coordenadas fundem aí os canais da informação que se acham abertos. A própria personalidade constitui uma fonte de energia. Ora bem, isto é de alta importância; a personalidade opera e sempre tem operado desse modo. Por si só é como um postigo ou uma área transparente por meio da qual outras áreas poderão ser vislumbradas e através da qual informação proveniente de outras dimensões pode fluir. Em geral, a personalidade é formada por componentes que existem em muitas realidades e constitui um vértice. Uma janela não consegue ver através de si própria, mas vós podeis ver através de uma abertura. Assim, os resultados desta personalidade podem ser vistos. A personalidade é igualmente transparente para com a vossa natureza, e ao aprender a usar essas habilidades que lhe são naturais ela consegue facilmente fundir a consciência com os fenómenos naturais. Com respeito a isso, a personalidade da Jane é transparente.

"Bom, a forte estrutura do ego foi adotada como um guarda necessário e protetor para manter as habilidades em observação até que a presente personalidade aprenda a desenvolver as suas capacidades a um nível cabal. Por a energia existente por detrás da personalidade poder varrer a temporária (. . .) psicológica sem que um suficiente preparo tenha sido realizado. Por isso, não censurem o ego.

"A estrutura da personalidade do ego tinha que ser forte, por a totalidade da personalidade em muitos aspetos consistir numa personalidade transparente por intermédio da qual podemos falar e por meio da qual outras realidades podem ser vistas. Em muitos aspetos básicos esta afirmação é feita no sentido literal e não simbólico. Em si mesma, a personalidade é formada por componentes que existem em muitas realidades e constitui um ápice. Sem que o perceba, a personalidade opera como um transmissor, ao emitir mensagens para outras porções da realidade. As capacidades precisam ser usadas, os impulsos criativos usados em pleno em todas as áreas – psíquica, espiritual, na área mais terrena da escrita e da pintura, por essa energia assolar a personalidade e não poder ser represada.

A sessão seguinte mostrou-nos como esse novo desenvolvimento pode ser diferente. Também me levou praticamente prestes a perder o juízo, pelo menos por alguns momentos. Porém, mais do que isso, abriu-nos os olhos para novas possibilidades de experiência e demonstrou mais um fenómeno que poderia ocorrer no âmbito das sessões.

O nosso amigo Phil, o vendedor de quem falei antes, apareceu naquela noite; Começamos às 21h, como de costume. O Seth conversou com o Phil sobre algumas questões comerciais e respondeu a várias perguntas que o Phil tinha em mente. No entanto, durante o nosso período de descanso, senti o já conhecido efeito de pirâmide e, à medida que retomamos o trabalho, a outra personalidade começou a falar.

A transição da voz profunda do Seth e de gestos animados foi surpreendente para o Phil, que não tinha ouvido a outra personalidade falar antes. Agora o meu corpo era quase como uma marionete e o meu rosto estava sem expressão. Mesmo antes de a voz começar a falar, senti que a minha consciência foi puxada pela pirâmide invisível, como uma corrente de ar na corrente por uma chaminé acima. No entanto, não houve nenhuma indicação de que algo mais fosse acontecer.

A voz disse: "Vocês são como crianças com um brinquedo novo e acham que este jogo é jogado por qualquer um. A vida física não é a regra. A identidade e a consciência existiam muito antes de a vossa terra ser formada. Vocês veem corpos físicos e supõem que qualquer personalidade deva aparecer em termos físicos. A consciência é a força que existe por trás da matéria e que forma muitas outras realidades além da física. É apenas por causa do vosso próprio ponto de vista ser atualmente tão limitado, que lhes parece que a realidade física seja a regra e o modo de existência.

"A fonte e poder da vossa presente consciência nunca foi física, e onde eu me encontro, muitos nem sequer percebem que um sistema físico com este existe. O sistema físico é uma ilusão, mas vocês precisam aceitá-lo e do seu ponto de vista tentar entender as realidades que existem para além dele. As ilusões são reais, uma vez que existem. A vossa (realidade) é simplesmente uma que eu não busquei, e um dos propósitos da minha participação nestas sessões é familiarizar aquela chamada Jane com a jornada interior. Ele deve deixar o sistema físico e desse modo estabelecer hábitos e trilhas que podem ser usados com grande vantagem."

Ninguém pensou em nada de especial sobre a última declaração, senão até mais tarde naquela noite. A voz continuou durante um curto período de

tempo e eu encontrei alguma dificuldade em "regressar." Eu sentia-me suspensa no escuro, em algum lugar alto, mas também percebi que o Seth estava muito perto de mim. Alguns minutos se passaram. De repente, Seth começou a falar, num tom de voz alto e claro. O contraste entre as duas personalidades era tão forte que até o Rob ficou pasmado. O Seth começou a brincar: "Agora que o 'Big Brother' teve voz, vou trazer a vossa Jane de volta."

Saí do transe com bastante facilidade, assim que o Seth começou a falar. Durante alguns momentos sentamo-nos e conversamos e, em seguida, a sessão recomeçou, permitindo-me passar por uma das mais notáveis experiências da minha vida. É um tanto difícil de descrever, pelo que primeiro citarei o que a "outra" voz estava a dizer:

"As porções inferiores da vossa própria realidade e identidade não são do vosso conhecimento, pois vocês não pode objetivá-las e, portanto, não as percebem. Tanta da vossa energia é gasta nestas produções físicas, que vocês não se podem permitir perceber qualquer realidade além da vossa própria. Também aqui, quais crianças a brincar com blocos (de Lego), com o vosso foco de atenção centrada em blocos físicos.

"Outros modelos e formas que vocês poderiam perceber, não percebem. Mesmo para lhes explicar outras realidades, preciso usar termos como 'modelos' e 'formas,' caso contrário vocês não as entenderiam. De nós vocês receberam as vossas matemáticas, uma sombra da verdadeira matemática, pois aqui mais uma vez vocês têm insistido em imergir em realidades. A ideia que vocês fazem do progresso reduz-se à construção de blocos maiores. No entanto, nenhum de nós pensaria em pôr de parte as vossas construções de blocos de modo irado nem dizer-lhes que deixem os seus brinquedos de criança de lado, embora um dia vocês o venham a fazer. Mais tarde, no vosso devido tempo, todos vocês olharão para baixo em direção ao sistema físico, como gigantes a espiar através de pequenas janelas para outros que estarão na posição que vocês assumem agora, e irão sorrir. Mas não vão querer para ficar, nem rastejar através das pequenas cercas. . . Nós protegemos esses sistemas. O nosso antigo conhecimento básico e energia estende-se a nutrir todos os sistemas que crescem. . ."

Ao chegar aqui, eu soltei um grito e comecei a tremer violentamente. O Rob pensou que a minha pesada cadeira de balanço estava prestes a tombar. O Rob e o Phil puseram-se de pé, e o Phil deixou cair o copo de cerveja no chão durante o processo. O Rob pegou-me nas mãos e tentou tirar-me do transe.

Desta vez, estou a citar com base nas minhas próprias anotações, feitas mais tarde naquela noite:

Quando a personalidade comparou realidade física com blocos de brincar, ele fez um comentário sobre indivíduos que retornam no nosso futuro para espreitar a realidade física, como gigantes de olhos semicerrados a assistir às crianças a brincar com blocos no chão. (Quando a voz falou, eu tinha os olhos estavam fechados, é claro, e não me lembro do que a voz disse; mas verifiquei as anotações que o Rob fez durante a sessão.) Em algum ponto aqui, de repente vi o rosto de um gigante que espiava a nossa nossa sala de estar e o rosto enchia a janela inteira.

No momento seguinte, o meu corpo, o quarto e tudo nele estavam, começou a crescer até atingir um tamanho tremendo. O meu corpo tornou-se enorme. Eu podia sentir os órgãos a crescer dentro dele. Ao mesmo tempo, todos os móveis — absolutamente tudo — se tornou cada vez maior. Parecia que a sala agora era grande o suficiente para cobrir toda a cidade. No entanto, tudo se expandiu na mesma proporção, e mantinha a sua forma usual.

Eu não sentia *como se* isso estivesse a acontecer. Para mim, *estava* literalmente a acontecer. Eu apenas entrei em pânico e comecei a gritar. O Rob levou vários minutos a tirar-me do transe; mas quando o conseguiu, senti-me envergonhada e senti-me como uma verdadeira cobarde.

Rob estava preocupado comigo e interrogou-se se eu deveria continuar a sessão; mas de momento eu sentia-me verdadeiramente envergonhada por provocar tal agitação, mas sabia que a experiência fora significativa. Voltei ao transe, mas logo iria irromper dele de novo.

Aqui estão umas quantas citações das anotações que o Rob fez, pouco antes de recomeçarmos a sessão:

Tinha esperança de que esse fosse o fim da sessão, mas era óbvio que a Jane queria continuar, ou pelo menos estava disposta a continuar, apesar da experiência perturbadora. Tentei falar com ela para que não o fizesse, mas permaneceu de olhos fechados.

"Estou a alçar-me na direção do outro," disse ela. "Acabei de passar pelo Seth e ele fez uma piada, algo com respeito a uma experiência *massiva*."

"Por que simplesmente não voltas?" — perguntei-lhe.

"Não sei como," respondeu ela.

10:55. A Jane retomou, numa voz agora bastante altiva e distante e agora já familiar.

"Os blocos da realidade física parecem-lhes muito reais, quando vocês permanecem na perspetiva deles. A vossa Jane experimentou uma transmigração de sistemas. Não era para ser desagradável. Isso resultou da sua interpretação subjetiva. Inicialmente esteve envolvida numa aventura microscópica. A consciência não ocupa espaço. . . vocês precisam compreender isso. Em seguida, ela voltou ao vosso próprio sistema de blocos físicos e, em contraste, esse sistema pareceu enorme e monstruoso.

"Quando estabelecemos contato, a consciência e a personalidade dela em forma concentrada perfazem uma jornada — nos vossos termos, como um cisco no espaço — com a consciência reduzida à sua essência. E a partir da sua experiência deixamo-la cair de volta no sistema físico. Os blocos de brincar então assomaram que nem gigantes em contraste. . . essa foi uma experiência em conceito."

Durante o monólogo anterior, as minhas experiências subjetivas continuaram. Mais uma vez, não estava ciente do que a voz estava a dizer e só mais tarde percebi que minhas experiências eram paralelas ao significado das passagens. Eis aqui algumas citações das anotações que fiz:

Comecei a sentir a natureza microscópica do nosso universo físico, comparativamente falando. . . o que é extremamente difícil de traduzir por palavras. Senti uma sensação momentânea de desolação a acompanhá-la — a minha própria, creio bem. Sempre tenho consciência da forma de pirâmide acima de mim, um pouco antes dessa personalidade falar. Normalmente "subo em frente." No entanto, desta vez, no final estreito cima de mim, eu vi a mesma cabeça gigante, a espiar-me em baixo, e o quarto pareceu-me um microscópio. Se a sala e tudo quanto havia nela ia encolher de forma tão realística quanto se tinha expandido anteriormente — e tinha-se expandido, posso garantir-lhes — eu simplesmente não estava preparada para a experiência.

Tentei encontrar a minha voz para dizer ao Rob que queria encerrar a sessão, mas a outra personalidade estava a usá-la. Ao longo de tudo isto emprego a palavra "eu"; mas "eu" participava tanto da ação que era difícil distinguir-me dela. Agora, ao querer sair, tentei novamente usar a minha própria voz.

Desta vez, dei por mim "recomposta," e encontrei as minhas cordas vocais enquanto a outra personalidade parou por um momento. Foi praticamente aí

que vi o rosto do gigante a espiar através da pirâmide acima de mim. No episódio anterior, gritei involuntariamente. No segundo, descobri que havia maneiras de "encontrar" a minha própria voz e de encerrar a experiência. Com o Seth eu nunca tivera tal dúvida. Não senti pressão nenhuma sobre mim da parte da outra personalidade para prosseguir a experiência. . . mas eu tive que aprender a encerrá-la sozinho quando quisesse.

Acho que a outra personalidade não entendeu que a experiência foi desagradável para mim ou, sequer que tais termos tinham algum significado para ela. A informação estava a ser estranha dada em certos termos — no que lhe dizia respeito. Eu nem sei se ela tinha consciência das minhas reações.

No entanto, tudo aquilo foi extremamente surpreendente. Se um psicólogo quisesse simplesmente dizer que tudo não passava de uma alucinação, então teria que admitir que dificilmente seria fortuita, mas bem direcionada, para um certo ponto e para um propósito. A fusão de mim próprio com a ação no episódio de expansão foi assustadora de início. No geral, acho que reagi muito bem e concluí a coisa no segundo episódio, quando decidi que já tinha tido quanto bastasse por uma noite. Da segunda vez, eu não fui apenas sendo jogada sem mais nem menos, e interrompi o transe em antecipação às experiências que sabia que viriam. Assim, aprendi com o primeiro episódio.

Essa sessão ocorreu há mais de um ano. As sessões regulares que temos com o Seth ainda prosseguiram, e apenas ocasionalmente entra essa outra personalidade de que falo. Nós referimo-la como o Seth Dois. Muitas vezes, estas sessões envolvem-me numa espécie de experiência subjetiva, embora agora eu esteja a aprender a controlar-me quando isso acontece. Certa vez, durante um período de descanso, por exemplo, o Rob perguntou-me como seria não ter a fisicalidade da forma. Como retomei a sessão, eu senti-me aparentemente suspensa, perfeitamente alerta e consciente — embora sem corpo — no espaço. Eu não tinha forma, tanto quanto eu apurava, mas tinha total liberdade de movimento — algo como um ar consciente. Desta vez, não senti medo, ao perceber que estávamos a receber uma resposta à pergunta do Bob. Durante esta experiência, a voz cadenciada desprovida de emoção e distante, explicou como era a existência não física.

A diferença marcante entre as duas personalidades foi tornada particularmente evidente numa sessão de aula recente do PES, na qual o Seth se mostrou sua forma mais jovial, e mostrou interesse pessoal por cada aluno. Como habitual era normal durante esses momentos, eu apresentada um rosto excessivamente animado e os gestos característicos do Seth

evidenciaram-se bastante. Depois de falar individualmente com cada aluno por um momento, o Seth disse com um toque de humor:

"Eu venho aqui, espero bem, como uma personalidade 'cativante' dotado de características com que vocês podem interagir.

"Agora, essas características são minhas e eu sou quem digo ser; no entanto, o Seth que vocês conhecem é apenas uma pequena parcela da minha realidade. . . A parte que foi física e, que pode compreender os vossos problemas.

Mas, além desse *eu*, existe um outro *eu*, e mais outro ainda, de que tenho inteira consciência. E para esse *eu*, a realidade física é como uma lufada de fumaça no ar. . . e esse *eu* não precisa das características que vocês conhecem e que considera minhas."

A voz mostrou-se vibrante e profunda, intensa e potente e a seguir houve uma pausa, e pela primeira vez, a outra personalidade falou durante a aula. Todos os gestos e maneirismos do Seth desapareceram. Instantaneamente, aquela voz altiva, distante e assexuada começou a falar. É quase musical, sem inflexão, como notas simples.

"E esse *eu* diz-lhes que há uma realidade além da realidade e da experiência humana, que não pode mostrar-se verbal ou traduzir-se em termos humanos.

"Embora este tipo de experiência lhes possa parecer frio, é uma existência clara como cristal, em que nenhum tempo se faz necessário experimentar qualquer tempo. . . em que o eu interior condensa todo o conhecimento humano que foi recebido através de várias existências e reencarnações. . . porque tudo isso é codificado e existe de forma indelével. Vocês também existem presentemente nesta realidade. . .

"Assim, eu sou o Seth que reside além do Seth que vocês conhecem, e em mim o conhecimento e vitalidade desse Seth ainda tine. Nos vossos termos, eu sou um Seth futuro, contudo para mm os termos são sem sentido.

"Nós demos-lhes imagens mentais e sobre essas imagens que vocês aprenderam a moldar o mundo que conhecem. Demos-lhes o padrão porque os vossos corpos físicos são formados. Demos-lhes os padrões, intrincados, complexos e abençoados, com que formam a realidade de cada coisa física que vocês conhecem.

"A célula mais diminuta do vosso cérebro foi feita de padrões de consciência que lhes demos. Toda a sua rede foi iniciado por nós. Nós ensiná-los a formar a realidade que vocês conhecem."

CAPÍTULO DEZOITO:

O CONCEITO DE DEUS – A CRIAÇÃO – OS TRÊS CRISTOS

Simplificando, este é um dos trechos que explicam em resumo o conceito de Deus de Seth:

"Ele não é humano nos vossos termos, embora tenha passado por estágios humanos; e aqui o mito budista é o que mais se aproxima da realidade. Ele não é um indivíduo, mas um gestalt de energia.

"Se se lembrarem do que disse sobre a forma como o universo se expande, que nada tem a ver com o espaço, então poderão talvez perceber vagamente a existência de uma pirâmide psíquica de consciências inter-relacionadas, sempre em expansão, que cria, simultânea e instantaneamente, universos e indivíduos que recebem — através dos dons da perspetiva pessoal, duração, compreensão psíquica, inteligência e validade eterna.

"Este gestalt psíquico absoluto, sempre em expansão e instantâneo, a que podem chamar Deus se preferirem, é tão seguro da sua existência que pode constantemente desintegrar-se e reconstruir-se.

"A sua energia é tão inacreditável que de facto forma todos os universos; e porque a sua energia está dentro e por trás de todos os universos, sistemas e campos, tem realmente consciência de cada pardal que cai, pois é cada pardal que cai."

Como mencionei anteriormente, no entanto, o material de Seth não ignora as questões mais profundas relacionadas com o "início" da consciência e da realidade. Penso sinceramente que este material em particular pode ombrear com os melhores escritos metafísicos do nosso tempo. Por esta razão continuo este capítulo com excertos das sessões 426, 427 e 428, em que o Seth começou com uma explicação mais completa do espaço, do tempo e das realidades prováveis, e depois conduziu-nos, passo a passo, a uma discussão sobre Deus.

"A vossa ideia de espaço e de tempo é determinada pela vossa estrutura neurológica.

“A camuflagem é tão habilmente executada e criada pelo eu interior que têm, por necessidade, de focar a vossa atenção na realidade física que foi criada. As drogas psicadélicas alteram o funcionamento neurológico e, por isso, podem dar ligeiras vislumbres de outras realidades.

“Essas realidades existem, claro, quer as percecionem quer não. Na verdade, o ‘tempo’ existe à medida que os impulsos saltam pelas terminações nervosas. Têm então de ter experiências de lapsos, pois este não é um processo simultâneo. Passado, presente e futuro parecem-vos altamente convincentes e lógicos porque tem de haver um lapso entre cada experiência percecionada.

“Não existe tal lapso em muitas outras estruturas de personalidade. Os acontecimentos são percecionados simultaneamente. As reações também são quase instantâneas nos vossos termos. O crescimento e o desafio são proporcionados não em termos de realização ou desenvolvimento no tempo, mas sim em termos de intensidades. Uma personalidade destas é capaz não só de reagir e apreciar o Acontecimento A, digamos, no vosso presente, mas também de experienciar e compreender o Acontecimento A em todas as suas ramificações e probabilidades.

“Obviamente, tais personalidades precisam de muito mais do que os sistemas neurológicos de que estão atualmente dotados. O vosso próprio sistema neurológico é físico, mas baseia-se nas vossas capacidades interiores do ‘agora’. É a materialização de uma estrutura psíquica interior. Muitas outras estruturas de personalidade não necessitam de uma estrutura materializada como esta, mas uma organização psíquica interior está sempre presente.

“O vosso tempo — passado, presente e futuro — tal como o concebem, seria experienciado inteiramente como presente para muitas dessas personalidades. Contudo, o vosso passado, presente e futuro seriam experienciados inteiramente como passado para ainda outras estruturas de personalidade.

“Imaginem o passado, presente e futuro, então, como uma linha única a delinear a experiência nos vossos termos; a linha, contudo, continua indefinidamente. Outras estruturas de personalidade, de outras dimensões, poderiam então, teoricamente, observá-la a partir de uma infinidade de pontos de vista. No entanto, há muito mais do que isso. A linha única [que representa a experiência física] é apenas o fio de superfície ao longo do qual parecem viajar. É todo o fio que percecionam, de modo que, quando

imaginam outras dimensões, são forçados a pensar em termos de observadores muito acima do fio, olhando para baixo a partir de um ponto de vista qualquer.

"Na realidade, continuando com a imagem, e apenas como analogia, existiria também um número infinito de fios, tanto acima como abaixo do vosso, todos parte de uma rede inconcebivelmente miraculosa. Contudo, cada fio não seria unidimensional mas multidimensional, e, concebivelmente, se soubessem como, haveria formas de saltar de um fio para outro. Não estariam forçados a seguir qualquer fio de forma linear.

"Ora, existem personalidades suficientemente desenvolvidas para fazer isto. Cada ato de salto, por assim dizer, forma um novo fio. Continuando com a nossa analogia, imaginem-se a si próprios como Eu A. Vamos começar-vos na realidade física no Fio A, embora já tenham atravessado muitos outros fios para chegarem onde estão.

"Sem atalhos ou até sem progressão média, qualquer Eu A destes viajaria pelo Fio A ao longo da linha estreita em direção ao infinito. Em algum ponto, no entanto, o Fio A transformar-se-ia em Fio B. Do mesmo modo, o Fio B transformar-se-ia em Fio C, e assim sucessivamente. Em algum ponto inconcebível, todos os fios seriam percorridos. Ora, no Fio A, o Eu A não teria consciência, no seu presente, dos 'eus futuros' nos outros fios. Só ao encontrar-se com um destes outros eus poderia tomar consciência da natureza desta estranha estrutura pela qual está a viajar.

"Existe, no entanto, um eu que já percorreu estas rotas, do qual os outros eus não são senão parte. Este eu, em sonhos e em estados dissociados, comunica com os vários eus 'ascendentes'. À medida que este eu cresce em cumprimento de valor, pode tomar consciência destes viajantes noutros fios, que lhe pareceriam eus futuros.

"Tudo isto soa complicado apenas porque temos de lidar com palavras. Espero que, intuitivamente, consigam compreender. Entretanto, o eu total está a formar novos fios de atividade. As estruturas que deixa 'para trás' podem ser usadas por outros.

"O propósito é, simplesmente, o ser em oposição ao não-ser. Estou a dizer-vos o que sei, e há muito que não sei. Sei que a ajuda deve ser dada de uns para outros, e que a extensão e a expansão são apoios ao ser.

“Agora — e isto parecerá uma contradição de termos — existe o não-ser. É um estado, não de nada, mas um estado em que probabilidades e possibilidades são conhecidas e antecipadas mas bloqueadas da expressão.

“Vagamente, através do que chamariam de história, mal lembrado, houve tal estado. Era um estado de agonia, em que os poderes de criatividade e de existência eram conhecidos, mas as formas de os produzir não eram conhecidas.

“Esta é a lição que o Tudo O Que É teve de aprender, e que não podia ser ensinada. Esta é a agonia da qual a criatividade foi originalmente extraída, e o seu reflexo ainda é visível.”

O Seth usa a palavra “Deus” com parcimónia, normalmente quando fala com estudantes habituados a pensar em termos teológicos. Regra geral, fala de “Tudo O Que É” ou de “Gestalts Primários de Energia”.

“Parte desta discussão há de ser necessariamente distorcida, porque tenho de vos explicar em termos de tempo tal como o compreendem. Assim, falarei, para vosso benefício, de um passado indescritivelmente distante em que estes acontecimentos ocorreram.

“O Tudo O Que É retém memória desse estado, e serve como um impulso constante — nos vossos termos — para uma criatividade renovada. Cada eu, como parte do Tudo O Que É, retém também memória desse estado. É por esta razão que cada consciência mínima está dotada do impulso para a sobrevivência, mudança, desenvolvimento e criatividade. Não basta que o Tudo O Que É, como um gestalt de consciência primária, deseje mais ser; cada parte dele também transporta esta determinação.

“No entanto, a própria agonia foi usada como meio, e a própria agonia serviu de impulso, suficientemente forte para que o Tudo O Que É iniciasse, dentro de si próprio, os meios para ser.

“Se — e isto é impossível — todas as porções exceto a mais ínfima e última ‘unidade’ do Tudo O Que É fossem destruídas, o Tudo O Que É continuaria, pois dentro da mais pequena porção existe o conhecimento inato do todo. O Tudo O Que É protege-se, portanto, e a tudo o que tem, é e será criado.

“Quando falo do Tudo O Que É, devem compreender a minha posição dentro dele. O Tudo O Que É não conhece outro. Isto não significa que não possa haver mais a conhecer. Não sabe se outros gestalts psíquicos como ele

existem. Não está consciente deles se existirem. Está constantemente em busca. Sabe que algo existia antes do seu próprio dilema primário, quando não podia expressar-se.

"É concebível, então, que tenha evoluído, nos vossos termos, há tanto tempo que tenha esquecido a sua origem, que se tenha desenvolvido a partir de ainda outro Primário que — novamente, nos vossos termos — há muito seguiu o seu caminho. Portanto, há respostas que não vos posso dar, pois não são conhecidas em lado nenhum do sistema em que temos a nossa existência. Sabemos que, dentro deste sistema do nosso Tudo O Que É, a criação continua e o desenvolvimento nunca cessa. Podemos deduzir que em outras camadas de que não temos consciência o mesmo é verdade.

"O primeiro estado de busca agonizada de expressão pode ter representado as dores de parto do Tudo O Que É tal como o conhecemos. Imaginem, então, que possuíam em si o conhecimento de todas as obras-primas do mundo em escultura e arte, que pulsavam como realidades dentro de vós, mas que não tinham qualquer aparelho físico, nem conhecimento de como as realizar, que não havia rocha nem pigmento nem fonte de nada disso, e sofriam com o anseio de as produzir. Isto, numa escala infinitesimal, dar-vos-á, talvez, como artistas — [isto foi dirigido ao Rob, claro] — alguma ideia do impulso agonizante que foi sentido.

"Desejo, vontade e expectativa regem todas as ações e são a base de todas as realidades. Dentro do Tudo O Que É, portanto, o desejo, a vontade e a expectativa de criatividade existiam antes de toda a outra realidade. A força e a vitalidade destes desejos e expectativas tornaram-se, nos vossos termos, tão insuportáveis que o Tudo O Que É foi impelido a encontrar os meios de os produzir."

"Por outras palavras, o Tudo O Que É existia num estado de ser, mas sem os meios para encontrar expressão para o Seu ser. Este foi o estado de agonia de que falei. Contudo, é duvidoso que, sem este 'período' de anseio contraído, o Tudo O Que É pudesse concentrar a Sua energia suficientemente para criar as realidades que existiam em suspensão provável dentro Dele.

"A agonia e o desejo de criar representaram a Sua prova da Sua própria realidade. Os sentimentos, por outras palavras, foram prova adequada para o Tudo O Que É de que Ele existia.

“No início, nos vossos termos, toda a realidade provável existia como sonhos nebulosos dentro da consciência do Tudo O Que É. Mais tarde, a natureza inespecífica destes ‘sonhos’ tornou-se mais particular e vívida. Os sonhos tornaram-se reconhecíveis uns em relação aos outros até chamarem a atenção consciente do Tudo O Que É. E, com curiosidade e anseio, o Tudo O Que É passou a dar mais atenção aos Seus próprios sonhos.

“Ele deu-lhes então, propositadamente, mais e mais detalhe, e ansiou por esta diversidade e cresceu a amar aquilo que ainda não estava separado de Si. Deu consciência e imaginação a personalidades quando estas ainda estavam apenas dentro dos Seus sonhos. Elas também ansiavam por ser reais.

“Indivíduos potenciais, nos vossos termos, tinham consciência antes do início, ou de qualquer início como o conhecem, portanto. Eles clamavam por ser libertados para a realidade, e o Tudo O Que É, em indizível simpatia, procurou dentro de Si os meios.

“Na Sua vasta imaginação, Ele compreendeu a multiplicação cósmica da consciência que não poderia ocorrer dentro dessa estrutura. A realidade era necessária se estas probabilidades haviam de nascer. O Tudo O Que É viu então uma infinidade de indivíduos conscientes prováveis e previu todos os desenvolvimentos possíveis, mas eles estavam bloqueados dentro Dele até que encontrasse os meios.

“Isto foi, nos vossos termos, um dilema cósmico primário, e um dilema com o qual Ele lutou até que todo o Seu Ser estivesse completamente envolvido e envolto nesse problema cósmico.

“Se não o tivesse resolvido, o Tudo O Que É teria enfrentado a insanidade, e existiria, literalmente, uma realidade sem razão e um universo desgovernado.

“A pressão vinha de duas fontes: dos eus individuais conscientes mas ainda prováveis, que se encontravam vivos no sonho de um Deus, e do próprio Deus que ansiava por os libertar.

“Por outro lado, poderiam dizer que a pressão existia simplesmente da parte do Deus, já que a criação existia dentro do Seu sonho, mas um poder tão tremendo reside em tais gestalts primários em pirâmide que até os seus sonhos estão dotados de vitalidade e realidade.

“Este, então, é o dilema de qualquer gestalt primário em pirâmide: ele cria a realidade. Reconheceu também dentro de cada consciência o imenso

potencial que existia. O meio, então, veio até Ele. Ele tinha de libertar as criaturas e as probabilidades do Seu sonho.

"Fazê-lo dar-lhes-ia realidade. Contudo, também significava 'perder' uma porção da Sua própria consciência, pois era nessa porção que eles estavam mantidos em cativeiro. O Tudo O Que É teve de os deixar ir. Enquanto pensava nestes indivíduos como Suas criações, mantinha-os como parte de Si e recusava-lhes a realidade.

"Deixá-los ir era 'perder' essa parte de Si que os tinha criado. Já mal conseguia acompanhar a miríade de probabilidades que começavam a emergir de cada consciência separada. Com amor e saudade, Ele deixou ir essa porção de Si, e eles ficaram livres. A energia psíquica explodiu num relâmpago de criação.

"O Tudo O Que É, portanto, 'perdeu' uma porção de Si nesse esforço criativo. O Tudo O Que É ama tudo o que criou até ao mais pequeno, pois compreende a preciosidade e a singularidade de cada consciência que foi arrancada a tal estado e a tal preço. Ele é triunfante e jubiloso em cada desenvolvimento tomado por cada consciência, pois isto é um triunfo adicional contra aquele primeiro estado, e Ele rejubila e alegra-se com o mais pequeno ato criativo de cada uma das Suas emanações.

"Ele, de Si e a partir desse estado, deu vida a infinitudes de possibilidades. Da Sua agonia, encontrou o caminho para irromper em liberdade, através da expressão, e ao fazê-lo deu existência à consciência individualizada. Portanto, está com razão jubiloso. No entanto, todos os indivíduos lembram-se da sua origem, e agora sonham com o Tudo O Que É, tal como o Tudo O Que É uma vez sonhou com eles. E eles anseiam por essa fonte imensa… e anseiam por libertá-Lo e dar-Lhe realidade através das suas próprias criações.

"A força motivadora continua a ser o Tudo O Que É, mas a individualidade não é ilusão. Agora, da mesma forma, vocês dão liberdade aos fragmentos de personalidade dentro dos vossos próprios sonhos e pela mesma razão. E criam pela mesma razão, e dentro de cada um de vós está a memória daquela agonia primordial — esse impulso para criar e libertar toda a consciência provável para a realidade.

"Fui enviado para vos ajudar, e outros foram enviados através dos séculos do vosso tempo, pois à medida que se desenvolvem também formam novas dimensões, e ajudarão outros.

“Estas ligações entre vós e o Tudo O Que É nunca podem ser cortadas, e a Sua consciência é tão delicada e focada que a Sua atenção é realmente dirigida, com o amor de um criador primordial, a cada consciência.

“Esta sessão precisa de ser lida muitas vezes, pois há implicações que não são logo óbvias.”

Por outras palavras, toda a estrutura da realidade, segundo o Seth, inclui muito mais do que reencarnação e desenvolvimento dentro do sistema físico que conhecemos. Temos muitas sessões sobre a natureza de outras realidades, e sessões sobre “cosmologia” que não podem ser incluídas neste livro devido a limitações de espaço. Um dos pontos mais importantes, penso eu, é que Deus não é estático. Blocos inteiros de material de Seth discutem os potenciais e a composição da consciência tal como se manifesta em moléculas, no homem e em gestalts de energia em pirâmide. Todos estes estão intimamente ligados numa teia cosmológica de atividade. Mas como diz o Seth:

“Mesmo este gestalt geral em pirâmide não é estático. A maioria dos vossos conceitos de Deus lidam com um Deus estático, e aqui está uma das vossas principais dificuldades teológicas. A consciência e a experiência deste gestalt mudam e crescem constantemente. Não existe Deus estático. Quando dizem: ‘Isto é Deus’, então Deus já é outra coisa. Estou a usar o termo ‘Deus’ por simplicidade.

“Todas as porções do Tudo O Que É estão constantemente a mudar, a dobrar-se e a desdobrar-se. O Tudo O Que É, ao procurar conhecer-Se, cria constantemente novas versões de Si. Pois esta procura é em si uma atividade criativa e o núcleo de toda a ação.

“Entidades, sendo ação, mudam e transformam-se sempre. Nada há de arbitrário nos seus limites. Algumas personalidades podem fazer parte de mais de uma entidade. Como peixes, podem nadar em outros cursos. Dentro delas está o conhecimento de todas as suas relações.

“Qualquer personalidade pode tornar-se uma entidade por si própria. Isto envolve um conhecimento altamente desenvolvido do uso da energia e das suas intensidades. Assim como os átomos têm mobilidade, também as estruturas psicológicas a têm.

“A consciência, ao procurar conhecer-se, conhece-vos portanto a vós. Vós, como consciência, procuram conhecer-se e tomar consciência de si como

uma porção individual distinta do Tudo O Que É. Não só recorrem a esta energia global, mas fazem-no automaticamente, pois a vossa existência depende Dela.

"Não existe um Deus-indivíduo pessoal nos termos cristãos", diz o Seth, "e, no entanto, têm acesso a uma porção do Tudo O Que É, uma porção altamente sintonizada convosco… Há uma porção do Tudo O Que É dirigida e focada dentro de cada indivíduo, a residir em cada consciência. Cada consciência é, portanto, estimada e individualmente protegida. Esta porção da consciência global é individualizada dentro de vós.

"A personalidade de Deus, tal como geralmente concebida, é um conceito unidimensional baseado no pequeno conhecimento que o homem tem da sua própria psicologia. O que preferem pensar como Deus é, novamente, um gestalt de energia ou uma consciência em pirâmide. Está consciente de Si como sendo, por exemplo, vós, José. Está consciente de Si como a mais pequena semente.

"Esta porção do Tudo O Que É que está consciente de Si como vós, que está focada na vossa existência, pode ser invocada para ajudar quando necessário.

"Esta porção também está consciente de Si como algo mais do que vós. Esta porção que se conhece como vós, e como mais do que vós, é o Deus pessoal, percebem. Mais uma vez: este gestalt, esta porção do Tudo O Que É, olha pelos vossos interesses e pode ser invocada de forma pessoal.

"A oração contém a sua própria resposta, e se não existe um bondoso pai-Deus de cabelos brancos para ouvir, então existe em vez disso a energia inicial e sempre em expansão que forma tudo o que existe e da qual cada ser humano é parte.

"Este gestalt psíquico pode soar-vos impessoal, mas uma vez que a sua energia forma a vossa pessoa, como pode ser?"

"Se preferirem chamar a este gestalt psíquico supremo Deus, então não devem tentar objetivá-lo, pois Ele é o núcleo das vossas células e mais íntimo do que a vossa respiração."

Noutra sessão, o Seth explicou assim:

"São cocriadores. O que chamam Deus é a soma de toda a consciência, e, no entanto, o todo é mais do que a soma das Suas partes. Deus é mais do que a

soma de todas as personalidades, e, no entanto, todas as personalidades são aquilo que Ele é.

"Há criação constante. Existe dentro de vós uma força que soube como vos fazer crescer de feto a adulto. Esta força faz parte do conhecimento inato dentro de toda a consciência, e é uma parte do Deus dentro de vós.

"A responsabilidade pela vossa vida e pelo vosso mundo é realmente vossa. Não vos foi imposta por alguma agência exterior. Formam os vossos próprios sonhos e formam a vossa própria realidade física. O mundo é aquilo que vós sois. É a materialização física dos eus interiores que o formaram."

Mas se Deus não pode ser objetivado, que dizer de Cristo? O Seth diz que ele não existiu como uma única figura histórica:

"Quando a raça está sob a mais profunda pressão e enfrenta grandes problemas, ela invocará alguém como Cristo. Procurará, e de facto de si própria produzirá, as personalidades necessárias para lhe dar força… Houve três homens cujas vidas ficaram confundidas na história e fundidas, e cuja história composta se tornou conhecida como a vida de Cristo… Cada um era altamente dotado psiquicamente, sabia do seu papel e aceitou-o de bom grado. Os três homens eram parte de uma entidade, obtendo existência física num mesmo tempo. Não nasceram, no entanto, na mesma data. Há razões pelas quais a entidade não regressou como uma única pessoa. Por um lado, a consciência plena de uma entidade seria demasiado forte para um só veículo físico. Por outro, a entidade queria um ambiente mais diversificado do que aquele que poderia ser proporcionado de outra forma."

"Por outras palavras, o Tudo O Que É existia num estado de ser, mas sem meios de encontrar expressão para o Seu ser. Este foi o estado de agonia de que falei. Contudo, é duvidoso que, sem este 'período' de anseio contraído, o Tudo O Que É conseguisse concentrar a Sua energia de forma suficiente para criar as realidades que existiam em suspensão provável dentro Dele.

"A agonia e o desejo de criar representaram a Sua prova da Sua própria realidade. Os sentimentos, por outras palavras, foram prova adequada para o Tudo O Que É de que Ele era.

"De início, nos vossos termos, toda a realidade provável existia como sonhos nebulosos dentro da consciência do Tudo O Que É. Mais tarde, a natureza inespecífica desses 'sonhos' tornou-se mais particular e vívida. Os sonhos passaram a ser reconhecíveis uns em relação aos outros, até chamarem a

atenção consciente do Tudo O Que É. E, com curiosidade e anseio, o Tudo O Que É passou a dar mais atenção aos Seus próprios sonhos.

"Ele passou então a dar-lhes, propositadamente, mais e mais detalhe, e ansiou por essa diversidade e aprendeu a amar aquilo que ainda não estava separado de Si. Deu consciência e imaginação a personalidades quando estas ainda estavam apenas dentro dos Seus sonhos. Elas também ansiavam por se tornarem reais.

"Indivíduos potenciais, nos vossos termos, tinham consciência antes do início — ou de qualquer início tal como o conhecem. Eles clamavam por ser libertados para a atualidade, e o Tudo O Que É, em indizível simpatia, procurou dentro de Si os meios.

"Na Sua vasta imaginação, Ele compreendeu a multiplicação cósmica da consciência que não poderia ocorrer dentro daquela estrutura. A atualização era necessária para que essas probabilidades pudessem nascer. O Tudo O Que É viu, então, uma infinidade de indivíduos conscientes prováveis e previu todos os desenvolvimentos possíveis, mas eles estavam encerrados dentro Dele até que encontrasse os meios.

"Isto foi, nos vossos termos, um dilema cósmico primário, e um dilema com o qual Ele lutou até que todo o Seu Ser ficasse completamente envolvido e envolto nesse problema cósmico.

"Se não o tivesse resolvido, o Tudo O Que É teria enfrentado a insanidade, e existiria, literalmente, uma realidade sem razão e um universo desgovernado.

"A pressão vinha de duas fontes: dos eus individuais conscientes mas ainda prováveis, que se encontravam vivos no sonho de um Deus, e do próprio Deus, que ansiava por os libertar.

"Por outro lado, poderiam dizer que a pressão existia simplesmente da parte do Deus, uma vez que a criação existia dentro do Seu sonho, mas um poder tão tremendo reside em tais gestalts primários em pirâmide que até os seus sonhos estão dotados de vitalidade e realidade.

"Este, então, é o dilema de qualquer gestalt primário em pirâmide: cria realidade. Reconheceu também, dentro de cada consciência, o imenso potencial que existia. O meio, então, apresentou-Se-Lhe. Tinha de libertar as criaturas e as probabilidades do Seu sonho.

“Fazê-lo dar-lhes-ia atualidade. Contudo, também significava ‘perder’ uma porção da Sua própria consciência, pois era nessa porção que eles eram mantidos em cativeiro. O Tudo O Que É teve de os deixar ir. Enquanto pensava nesses indivíduos como Suas criações, mantinha-os como parte de Si e recusava-lhes a atualidade.

“Deixá-los ir era ‘perder’ essa parte de Si que os tinha criado. Já mal conseguia acompanhar a miríade de probabilidades que começavam a emergir de cada consciência separada. Com amor e saudade, Ele deixou ir essa porção de Si, e eles ficaram livres. A energia psíquica explodiu num relâmpago de criação.

“O Tudo O Que É, portanto, ‘perdeu’ uma porção de Si nesse esforço criativo. O Tudo O Que É ama tudo o que criou, até ao mais pequeno, pois reconhece a preciosidade e a singularidade de cada consciência que foi arrancada a tal estado e a tal preço. Ele é triunfante e jubiloso em cada desenvolvimento tomado por cada consciência, pois isto é um triunfo adicional contra aquele primeiro estado, e Ele rejubila e alegra-se com o mais pequeno ato criativo de cada uma das Suas emanações.

“Ele, de Si e a partir desse estado, deu vida a infinitudes de possibilidades. Da Sua agonia, encontrou o caminho para irromper em liberdade, através da expressão, e, ao fazê-lo, deu existência à consciência individualizada. Portanto, é com razão jubiloso. Contudo, todos os indivíduos recordam a sua origem, e agora sonham com o Tudo O Que É, tal como o Tudo O Que É um dia sonhou com eles. E anseiam por essa fonte imensa… e anseiam por libertá-La e dar-Lhe atualidade através das suas próprias criações.

“A força motivadora continua a ser o Tudo O Que É, mas a individualidade não é ilusão. Agora, da mesma forma, vocês dão liberdade aos fragmentos de personalidade dentro dos vossos próprios sonhos e pela mesma razão. E criam pela mesma razão, e dentro de cada um de vós está a memória daquela agonia primordial — esse impulso para criar e libertar toda a consciência provável para a atualidade.

“Fui enviado para vos ajudar, e outros foram enviados ao longo dos séculos do vosso tempo, pois, à medida que se desenvolvem, também formam novas dimensões e ajudarão outros.

“Estas ligações entre vós e o Tudo O Que É nunca podem ser cortadas, e a Sua consciência é tão delicada e focada que a Sua atenção é realmente dirigida, com o amor de um criador primordial, a cada consciência.

“Esta sessão precisa de ser lida muitas vezes, pois há implicações que não são logo óbvias.”

Por outras palavras, toda a moldura da realidade, segundo o Seth, inclui muito mais do que reencarnação e desenvolvimento dentro do sistema físico que conhecemos. Temos muitas sessões que tratam da natureza de outras realidades, e sessões de “cosmologia” que não podem ser incluídas neste livro por limitações de espaço. Um dos pontos mais importantes, creio, é que Deus não é estático. Blocos inteiros do material do Seth discutem os potenciais e a composição da consciência tal como se manifesta nas moléculas, no homem e em gestalts de energia em pirâmide. Tudo isto está intimamente ligado numa teia cosmológica de atividade. Mas, como diz o Seth:

“Mesmo este gestalt global em pirâmide não é estático. A maioria dos vossos conceitos de Deus lida com um Deus estático, e aqui está uma das vossas principais dificuldades teológicas. A consciência e a experiência deste gestalt mudam e crescem constantemente. Não existe Deus estático. Quando dizem: ‘Isto é Deus’, então Deus já é outra coisa. Estou a usar o termo ‘Deus’ por simplicidade.

“Todas as porções do Tudo O Que É estão constantemente a mudar, a dobrar-se e a desdobrar-se. O Tudo O Que É, ao procurar conhecer-Se, cria constantemente novas versões de Si. Pois esta procura é, em si, uma atividade criativa e o núcleo de toda a ação.

“Entidades, sendo ação, mudam e transformam-se sempre. Nada há de arbitrário nos seus limites. Algumas personalidades podem fazer parte de mais do que uma entidade. Como peixes, podem nadar em outros cursos. Dentro delas está o conhecimento de todas as suas relações.

“Qualquer personalidade pode tornar-se uma entidade por si só. Isto envolve um conhecimento altamente desenvolvido do uso da energia e das suas intensidades. Assim como os átomos têm mobilidade, também as estruturas psicológicas a têm.

“A consciência, ao procurar conhecer-se, conhece-vos, portanto, a vós. Vós, enquanto consciência, procuram conhecer-se e tomar consciência de si como

uma porção individual distinta do Tudo O Que É. Não só recorrem a esta energia global, como o fazem automaticamente, pois a vossa existência depende Dela.

"Não existe um Deus-indivíduo pessoal nos termos cristãos", diz o Seth, "e, no entanto, têm acesso a uma porção do Tudo O Que É, uma porção altamente sintonizada convosco… Há uma porção do Tudo O Que É dirigida e focada dentro de cada indivíduo, a residir em cada consciência. Cada consciência é, portanto, estimada e individualmente protegida. Esta porção da consciência global está individualizada dentro de vós.

"A personalidade de Deus, tal como geralmente concebida, é um conceito unidimensional baseado no pequeno conhecimento que o homem tem da sua própria psicologia. O que preferem pensar como Deus é, novamente, um gestalt de energia ou uma consciência em pirâmide. Está consciente de Si como sendo, por exemplo, vós, José. Está consciente de Si como a mais pequena semente.

"Esta porção do Tudo O Que É, que está consciente de Si como vós, que está focada na vossa existência, pode ser invocada para ajudar quando necessário.

"Esta porção também está consciente de Si como algo mais do que vós. Esta porção que se conhece como vós, e como mais do que vós, é o Deus pessoal, percebem. Mais uma vez: este gestalt, esta porção do Tudo O Que É, olha pelos vossos interesses e pode ser invocada de forma pessoal.

"A oração contém a sua própria resposta, e se não existe um bondoso pai-Deus de cabelos brancos para ouvir, então existe, em vez disso, a energia inicial e sempre em expansão que forma tudo o que existe e da qual cada ser humano é parte.

"Este gestalt psíquico pode soar-vos impessoal, mas, uma vez que a sua energia forma a vossa pessoa, como pode sê-lo?

"Se preferirem chamar a este gestalt psíquico supremo Deus, então não devem tentar objetivá-lo, pois Ele é o núcleo das vossas células e mais íntimo do que a vossa respiração."

Noutra sessão, o Seth explicou desta forma:

"São cocriadores. O que chamam Deus é a soma de toda a consciência e, no entanto, o todo é mais do que a soma das Suas partes. Deus é mais do que a

soma de todas as personalidades e, no entanto, todas as personalidades são aquilo que Ele é.

"Há criação constante. Existe dentro de vós uma força que soube como vos fazer crescer de feto a adulto. Essa força faz parte do conhecimento inato dentro de toda a consciência e é uma parte do Deus dentro de vós.

"A responsabilidade pela vossa vida e pelo vosso mundo é realmente vossa. Não vos foi imposta por alguma agência exterior. Formam os vossos próprios sonhos, e formam a vossa própria realidade física. O mundo é aquilo que vós sois. É a materialização física dos eus interiores que o formaram."

Mas, se Deus não pode ser objetivado, que dizer de Cristo? O Seth afirma que ele não existiu como uma única figura histórica:

"Quando a raça está sob a mais profunda pressão e enfrenta grandes problemas, ela chamará alguém como Cristo. Procurará e, de facto, de si própria produzirá as personalidades necessárias para lhe dar força… Houve três homens cujas vidas ficaram confundidas na história e se fundiram, e cuja história composta se tornou conhecida como a vida de Cristo… Cada um era altamente dotado psiquicamente, sabia do seu papel e aceitou-o de bom grado. Os três homens eram parte de uma entidade, obtendo existência física num mesmo tempo. Não nasceram, no entanto, na mesma data. Há razões pelas quais a entidade não regressou como uma única pessoa. Por um lado, a consciência plena de uma entidade seria demasiado forte para um só veículo físico. Por outro, a entidade queria um ambiente mais diversificado do que aquele que poderia ser proporcionado de outra forma."

"A entidade nasceu uma vez como o João Batista, e depois nasceu noutras duas formas. Uma delas continha a personalidade a que a maioria das histórias de Cristo se refere. … Falarei da outra personalidade numa altura posterior. Houve comunicação constante entre estas três porções de uma mesma entidade, embora tivessem nascido e sido sepultadas em datas diferentes. A raça convocou estas personalidades do seu próprio banco psíquico, do reservatório de consciência individualizada que lhe estava disponível."

Após o assassínio do **o** Martin Luther King, Jr., os meus alunos na aula ficaram bastante perturbados e, como muitas pessoas por todo o país e provavelmente pelo mundo, começámos a discutir o significado da violência. No meio da nossa conversa, o Seth surgiu:

“Foi-vos dado livre-arbítrio. Dentro de vós há plantas-baixas; sabem o que devem alcançar como indivíduos e como povo, como raça, como espécie. Podem escolher ignorar as plantas-baixas. Agora: usando o vosso livre-arbítrio, tornaram a realidade física algo bastante diferente do que estava previsto. Permitiu-se que o ego se tornasse demasiado desenvolvido e demasiado especializado. Em muitos aspetos, estão num sonho. São vocês que tornaram o sonho demasiado vívido. Deveriam resolver problemas e desafios, mas deveriam estar sempre conscientes da vossa própria realidade interior e da vossa existência não física. Em grande medida, perderam o contacto com isto. Focaram-se com tal força na realidade física que ela se torna a única realidade que conhecem.

“Quando matam um homem, acreditam que o matam para sempre. O homicídio é, portanto, um crime e tem de ser tratado — porque vocês o criaram. A morte não existe nesses termos.

“Na aurora da existência física, na aurora antes de a história começar, os homens sabiam que a morte era apenas uma mudança de forma. Nenhum Deus criou o crime de homicídio, e nenhum Deus criou a dor ou o sofrimento. Mais uma vez: porque acreditam que podem assassinar um homem e terminar a sua consciência para sempre, então o homicídio existe dentro da vossa realidade e tem de ser tratado. … O assassino do **o** Dr. King acredita que obliterou uma consciência viva por toda a eternidade. … Mas os vossos erros e enganos, felizmente, não são reais e não afetam a realidade, pois o **o** Dr. King continua vivo.”

A minha turma é pequena, mas os alunos vão dos dezasseis aos sessenta anos. Numa noite, estávamos a discutir motins estudantis. O **o** Carl e a **a** Sue têm ambos pouco mais de vinte anos. Tinham vindo a defender ideias de não-violência e paz. Os adultos mais velhos começaram a queixar-se dos revoltosos com alguma amargura, até que a **a** Sue disse, com algum fervor: “Bem, eu também sou contra a violência. Mas por vezes é justificada—”

Mal teve tempo de terminar a frase antes de o Seth a interromper. Toda a gente sobressaltou-se. No calor da discussão, o Seth e a ESP em geral tinham sido esquecidos. Agora a voz do Seth ressoou realmente:

“Nunca há qualquer justificação para a violência. Não há justificação para o ódio. Não há justificação para o homicídio. Aqueles que se entregam à violência, seja por que razão for, são eles próprios transformados, e a pureza do seu propósito é adulterada.

"Disse-vos que, se não gostam do estado do vosso mundo, são vocês próprios que têm de mudar, individualmente e em massa. Esta é a única forma de produzir mudança."

Aqui o Seth fitou o **o** Carl e disse:

"Se a vossa geração, ou qualquer geração, efetua uma mudança, é apenas desta forma que será feita. O que vos digo já foi dito através dos séculos. Cabe a vocês [acenando à **a** Sue e ao **o** Carl] ouvir ou não.

"É errado amaldiçoar uma flor e errado amaldiçoar um homem. É errado não honrar qualquer homem e é errado ridicularizar qualquer homem. Devem honrar-se a vós próprios e ver dentro de vós o espírito da vitalidade eterna. Se não o fizerem, destroem aquilo que tocam. E devem honrar cada outro indivíduo também, porque nele está a centelha da vitalidade eterna.

"Quando amaldiçoam outro, amaldiçoam-se a vós próprios, e a maldição regressa a vós. Quando são violentos, a violência regressa. … Falo-vos porque a oportunidade é vossa [para melhorar as condições do mundo] e o tempo é vosso. Não caiam nos velhos caminhos que conduzirão precisamente ao mundo que temem.

"Quando cada jovem recusar ir para a guerra, terão paz. Enquanto lutarem por ganho e ganância, não haverá paz. Enquanto uma pessoa cometer atos de violência em nome da paz, terão guerra. Infelizmente, é difícil imaginar que todos os jovens de todos os países recusem ir para a guerra ao mesmo tempo. E assim têm de desfazer a violência que a violência produziu. Dentro dos próximos cem anos, esse tempo pode chegar. Lembrem-se: não defendem ideia alguma com violência.

"Não há homem que odeie sem que esse ódio se reflita para fora e se torne físico. E não há homem que ame sem que esse amor se reflita para fora e se torne físico."

CAPÍTULO DEZENOVE:
OS SENTIDOS INTERIORES
O QUE SÃO E COMO UTILIZÁ-LOS

Numa sessão recente de aula, o Seth disse:

"Se pusessem momentaneamente de lado os eus que tomam por garantidos, poderiam ter a experiência da vossa própria realidade multidimensional.

Estas não são meras palavras bonitas que nada querem dizer. Não vos insisto com teoria apenas porque quero debitar teoria, mas porque quero que ponham estas ideias em prática."

"Que passos, precisamente, quer que sigamos?", perguntou um dos alunos.

"Primeiro, têm de tentar compreender a natureza da realidade. Em pequena medida, comecei a explicar isto no Material de Seth. As quinhentas e tal sessões mal representam um esboço, mas chegam para começar. As ideias, em si, vão pôr-vos a pensar. Disse-vos que há Sentidos Interiores assim como físicos. Estes permitir-vos-ão percecionar a realidade tal como existe independentemente do mundo físico. Têm de aprender a reconhecer, desenvolver e usar estes Sentidos Interiores. Os métodos estão dados no material. Mas não podem utilizar o material até o compreenderem.

"O material em si — perdoem-me o termo — está habilmente executado; de modo que, ao lutar para o compreender, já estão a começar a usar capacidades para além daquelas que tomam por garantidas.

"Antes de tudo, têm de deixar de se identificar completamente com o vosso ego e perceber que podem percecionar mais do que o vosso ego perceciona. Têm de exigir de vós próprios mais do que nunca exigiram. O material não é para quem quer enganar-se com bonitas verdades empacotadas e atadas com laços, parceladas e cortadas para que as possam digerir. Esse tipo de material satisfaz uma necessidade, mas o nosso material exige que se expandam intelectualmente e intuitivamente."

Uma aluna trouxe uma convidada, a **a** Mary, que franziu a testa quando o Seth terminou de falar. "Mas se 'pusemos momentaneamente de lado' o ego", disse-me, "não ficamos inconscientes?"

Não tive oportunidade de responder. O Seth respondeu por mim — à sua maneira:

"Vocês são uma identidade. Imaginem que seguram uma lanterna, e a lanterna é a consciência. Podem virar esta luz em muitas direções, mas, em vez disso, têm o hábito de a dirigir por um certo caminho, e esqueceram-se de que há outros caminhos.

"Tudo o que têm de fazer é rodar a lanterna noutras direções. Quando a deslocam, o caminho sobre o qual se têm focado parecerá momentaneamente escuro, mas outras realidades e imagens ficarão

disponíveis para vós, e nada impede que voltem a rodar a lanterna para a posição anterior."

O Seth usou várias analogias para explicar este ponto. Disse noutra sessão de aula:

"Têm mais do que uma mente consciente. Queremos que mudem os canais da vossa atenção. … Se considerarem a mente consciente que costumam usar como uma porta, então estão no umbral desta mente e olham para a realidade física. Mas há outras portas… têm outros eus conscientes.

"Não se espera que fiquem inconscientes, portanto. Não há necessidade de sentir que, quando bloqueiam a porta da mente consciente habitual, só resta o vazio. É verdade que, quando fecham uma porta de mente consciente, pode haver um momento de desorientação antes de abrirem outra.

"Também é verdade que podem precisar de aprender os métodos pelos quais podem percecionar outras realidades, simplesmente porque não estão habituados a manipular essas outras porções conscientes de vós próprios. Mas essas porções são tão críticas — e até tão intelectuais — tão válidas e tão reais quanto a consciência com que estão habitualmente familiarizados."

O Seth insiste que há apenas uma maneira de aprender o que é a consciência: estudando e explorando a nossa própria atenção, mudando o foco da nossa atenção e usando a nossa própria consciência de tantas formas quanto possível. Ele diz:

"Quando olham para dentro de vós, o próprio esforço envolvido amplia os limites da vossa consciência, expande-a e permite que o eu egotista use capacidades que muitas vezes não sabe que possui."

Os Sentidos Interiores não são importantes porque libertem capacidades clarividentes ou telepáticas, mas porque nos revelam a nossa própria independência da matéria física e nos permitem reconhecer a nossa identidade multidimensional única e individual. Bem utilizados, também nos mostram o milagre da existência física e o nosso lugar nela. Podemos viver uma vida física mais sábia, produtiva e feliz porque começamos a compreender por que estamos aqui, individualmente e enquanto povo.

Os Sentidos Interiores ajudam-nos a usar capacidades telepáticas, por exemplo. Isto não significa que sejamos sempre capazes de "ler mentes". Significa que, em contactos familiares, profissionais ou sociais, estaremos

intuitivamente conscientes do que a outra pessoa nos está a dizer: saberemos o que está por baixo das palavras. Usaremos também melhor as palavras para comunicar os nossos sentimentos interiores, pois saberemos quais são esses sentimentos. Não teremos medo deles nem sentiremos necessidade de os encobrir.

Por vezes, podemos "ler mentes" — embora seja um termo popular, com muito a desejar. Mas, para usar devidamente os Sentidos Interiores, é preciso usá-los de forma fluida, muitas vezes fundindo-se uns nos outros. É frequentemente difícil saber se estamos a receber informação clarividente ou telepática, por exemplo. Não que isso importe. Usando os Sentidos Interiores, simplesmente ampliamos toda a nossa gama de perceções.

Enquanto escrevo isto, estou a captar todo o tipo de informação sobre o meu ambiente, mas mal tenho consciência de o fazer. Certamente não separo conscientemente dados visuais e auditivos a menos que pare para pensar nisso, embora saiba que recebo a informação através de sentidos diferentes.

Todos os sentidos físicos operam em simultâneo para nos dar o nosso quadro da realidade. Usamos os Sentidos Interiores do mesmo modo, constantemente, muito abaixo do nível da atenção consciente habitual. Para os explicar, temos de os descrever separadamente, embora os seus efeitos se façam sentir em conjunto.

O Seth começou a enumerá-los e a explicá-los cedo nas nossas sessões, a partir de fevereiro de 1964, e ainda estamos a aprender a usá-los. Vou listá-los como ele fez e dar alguns excertos das suas descrições.

TOQUE VIBRATÓRIO INTERNO

Pensemos nos Sentidos Interiores como caminhos que conduzem a uma realidade interna. O primeiro sentido envolve a percepção de uma natureza directa - cognição imediata que posso descrever como toque vibracional interno. Imagine um homem parado numa rua típica com casas, jardins e árvores. Este sentido permitir-nos-á perceber as sensações básicas experimentadas por cada uma das árvores perto dele. A nossa consciência expandir-se-á a fim de experimentarmos o que é ser uma árvore – uma só ou as árvores todas. Ele experimentará ser qualquer coisa que escolhermos no nosso campo de perceção: pessoas, insetos, relvados, etc., sem perdermos a consciência de quem somos, mas percebendo estas sensações da mesma forma que sentimos calor e frio".

TEMPO PSICOLÓGICO

O tempo psicológico é um caminho natural que facilita o acesso do mundo interior ao exterior. O tempo psicológico permitiu originalmente ao homem viver nos mundos internos e externos com relativa facilidade... Quando desenvolvermos o seu uso, poderemos descansar no seu próprio enquadramento enquanto permanecermos conscientemente despertos. Ele aumenta a duração do nosso tempo normal. Com esta moldura veremos que o tempo físico e o tempo interior são como um sonho. Podemos descobrir o nosso Eu Superior, olhando para dentro e para fora simultaneamente, com o conhecimento de que todas as divisões são uma ilusão".

De facto, na prática, o Tempo Psicológico conduz ao desenvolvimento dos outros Sentidos Internos. Em Psy-time, como lhe chamamos, nós simplesmente voltamos o nosso foco de atenção para dentro. Podemos permanecer sentados ou deitados enquanto tranquilamente fechamos os olhos. Imaginemos a existência dum mundo interior tão vívido e real quanto o físico. Desligamo-nos dos sentidos físicos. Podemos imaginar que eles são indicadores e que são desligados, um a um. Em seguida imaginemos que os Sentidos Internos também têm outros indicadores. Imaginemos que eles são ligados. Este é somente um método para dar início.

PERCEPÇÃO DO PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Se usarmos o terceiro sentido, sentiremos a essência passada e futura de cada coisa viva dentro do nosso campo de ação.

Estes Sentidos Interiores são constantemente usados pelo Eu Superior. Considerando que o passado, o presente, e o futuro não têm propriamente nenhuma realidade básica, este sentido nos permite ver através das barreiras aparentes do tempo. Percebemos as coisas como são realmente. Qualquer experiência pré cognitiva requereria o uso deste Sentido Interno. É frequentemente usado de maneira espontânea quando praticamos o Psy-time.

O SENTIDO CONCEPTUAL

O quarto Sentido Interno envolve um conhecimento directo dum conceito em termos muito superiores aos intelectuais e envolve a experiência total dum conceito. Os conceitos têm o que designaremos como uma composição elétrica e química (tal como os pensamentos). As moléculas e os íones da consciência tornam-se aqueles do conceito que passa a ser experimentado

diretamente. Não podemos verdadeiramente entender ou apreciar uma coisa viva qualquer a menos que possamos nos transformar nessa coisa.

Podemos alcançar melhor alguma ideia por meio do Tempo Psicológico (como uma preliminar). Sentemo-nos num local sossegado. Quando a ideia suceder, não procuremos brincar intelectualmente com ela, mas alcançá-la intuitivamente. Não tenhamos medo das sensações físicas pouco conhecidas. Com uma certa prática, veremos que podemos "transformar-nos" nessa ideia. Estaremos no seu interior, a olhar para fora - e não para dentro.

CONHECIMENTO DA ESSÊNCIA

Estes Sentidos Interiores operam num todo e numa conjugação delicada, e até certo ponto as divisões entre si são arbitrárias. Este quinto sentido difere do quarto (sentido conceptual) por não envolver o conhecimento dum conceito e ser semelhante por ser livre de passado, presente e futuro, e envolver um processo íntimo de tornar-se, ou a transformação da personalidade numa outra coisa completamente diferente.

Isto é difícil de explicar. Tentemos entender um amigo por meio do uso dos nossos sentidos físicos. O uso deste quinto sentido permitir-nos-á entrar na pele no nosso amigo. Este sentido não se acha disponível no nosso sistema. Isso não implica que uma entidade seja capaz de controlar outra. Envolve antes o conhecimento direto e instantâneo da essência quanto ao "tecido" da vida.

Todas as entidades se acham de um ou de outro modo encerradas em si mesmas, contudo, também se acham ligadas às outras. Por meio do uso deste sentido, podemos penetrar pela cápsula que envolve o "eu". Este sentido interior, como todos os outros, é constantemente usado pelo Eu interior, mas muito pouco da informação recebida é peneirada pelo subconsciente ou pelo ego. Sem o uso deste sentido, porém, nenhum homem poderá chegar perto de entender o outro. Este sentido é uma versão mais vigorosa do toque vibratório interno.

CONHECIMENTO INATO DA REALIDADE BÁSICA

Este é um sentido extremamente rudimentar. Está relacionado ao funcionamento inato da entidade sobre a vitalidade básica do universo sem o qual nenhuma manipulação de vitalidade seria possível - como, por exemplo, não poderíamos ficar de pé sem primeiro termos um sentido inato do equilíbrio.

Sem este sexto sentido e o seu constante uso por parte do Eu Interior, não seríamos capazes de construir a camuflagem do universo físico. Podemos comparar este sentido ao instinto, embora esteja relacionado com o conhecimento inato do universo inteiro. São fornecidas informações particulares sobre áreas específicas da realidade a um organismo vivo para que ele possa manipulá-los dentro daquela área possível. O Eu interior tem a seu comando o conhecimento completo, mas somente algumas porções são usadas por um organismo.

As respostas às nossas perguntas sobre a realidade sempre serão encontradas no nosso íntimo. Elas revelam-se quando voltamos a nossa atenção para longe da informação material e a direcionamos para dentro; precisamente quando o sexto Sentido Interior entra em jogo. Também se revela através de inspirações e episódios de "conhecimento" espontâneo. Este sentido dá origem à maioria das experiências de revelação...

EXPANSÃO OU CONTRAÇÃO DO TECIDO CAPSULAR

Este sentido opera de dois modos. Pode ser uma extensão ou ampliação da personalidade, uma ampliação dos seus limites e da compreensão consciente. Também pode reunir todas as personalidades numa cápsula pequena o que permite que o eu penetre noutros sistemas de realidade. A cápsula do tecido rodeia cada consciência e é de facto um limite do campo de energia, que impede que a energia interna do Eu Interior se esvaia.

Nenhuma consciência pode existir dentro dum sistema qualquer sem esta cápsula que a envolvê-la. Estas cápsulas também são chamadas de corpos astrais. O sétimo Sentido Interno permite uma expansão ou contração desta cápsula do tecido.

SEPARAÇÃO DA CAMUFLAGEM

A possibilidade de se livrarem completamente da camuflagem raramente surge no nosso sistema, embora seja possível alcançá-la, particularmente em relação ao Tempo Psicológico. Quando este é utilizado em toda a sua extensão, a camuflagem é diminuída num grau espantoso. Com a separação o Eu interior desliga-se de uma camuflagem particular antes que adote outra ou se livre completamente da camuflagem. Isto é realizado através do que poderemos chamar de mudança de frequências ou vibrações; uma transformação da vitalidade dum padrão ou aspeto particular noutro. De certa maneira, o nosso mundo de sonho dá-nos uma experiência mais íntima

com a realidade interna básica do que o faz o nosso mundo do estado de vigília onde os Sentidos Internos são bastante protegidos da nossa consciência.

DIFUSÃO PELA ENERGIA DA PERSONALIDADE

Uma energia da personalidade que deseje fazer parte do nosso sistema utiliza este sentido. Primeiro ela dissipa-se sob múltiplas partes. Desde que a entrada no nosso plano ou sistema, como um membro, não pode ser feito de nenhum outro modo, deve ser feita nas condições mais simples, e mais tarde criada uma entrada - o esperma, é claro. A energia da personalidade deve então ser recombinada.

O que isto quer dizer é que o eu interior usa este sentido para iniciar o nascimento de uma das suas personalidades na vida física. Ele também é responsável por atuar em algumas atividades mediúnicas por parte da personalidade sobrevivente que deseja comunicar, e pode ser usado em experiências extra corporais que envolvem outras realidades que não a física.

Qual será a finalidade de usar os Sentidos Internos? O que não é compreendido é que o questionamento próprio põe em marcha estados de consciência com as quais não estamos normalmente familiarizados. Agora os sentidos interiores podem ser usados como ferramentas de pesquisa.

Neste tipo de exploração a personalidade tenta penetrar em si mesma a fim de encontrar o seu caminho por entre os véus das características adotadas pela sua própria identidade interna. O centro interno da personalidade possui clarividência e capacidades telepáticas que afetam muito os relacionamentos familiares - e a nossa civilização. E não utilizamos os sentidos efetivamente. Eles são precisamente aquelas habilidades que agora se fazem necessárias. Se houver alguma esperança de comunicação mundial, então cada um de nós precisa entender até onde vão os nossos potenciais como criaturas subjetivas individuais.

E os livros não ensinam isto. Até mesmo se nos dermos ao trabalho de descobrir onde residem as nossas neuroses, por intermédio da psicanálise, ainda estaremos a nadar em águas muito rasas, porque ainda estaremos a explorar os níveis mais elevados da nossa personalidade sem o benefício daqueles estados alterados de consciência que surgem quando olham para dentro de nós próprios da maneira prescrita.

Existe um estado de consciência que está mais desperto do que qualquer outro que possamos ter conhecido - um estado no qual estamos conscientes de estar despertos e a sonhar em simultâneo. Podemos ficar completamente despertos enquanto o corpo dorme, e podemos ampliar as limitações presentes da nossa consciência.

Estes níveis de consciência são apenas uma preliminar para um outro estado. Neste estado, o nosso intelecto, intuições e a totalidade do ser operam a um nível verdadeiramente supra-normal. Os nossos sentidos tornam-se incrivelmente aguçados. Esse estado pode normalmente ocorrer se estivermos "despertos" enquanto dormimos, ou num transe. Sentimos como se tivéssemos vivido a nossa vida num sonho e agora tivéssemos despertado. Tornar-nos-emos momentaneamente atentos à nossa realidade multidimensional. Uma vez tendo passado por esta experiência, jamais a esqueceremos.

Estas conquistas começam com a prática simples do Psy-Time. Começam quando afastas o teu foco de atenção da realidade física durante alguns momentos por dia. Cada pessoa terá a experiência dos Sentidos Interiores de forma diferente, pois a perceção de qualquer tipo é altamente individual. É extremamente difícil usar os outros Sentidos Interiores sem primeiro usar o Psy-Time, no entanto. De facto, alguns dos meus alunos "ligaram" espontaneamente os outros Sentidos Interiores quando faziam Psy-Time. Alguns utilizaram o Psy-Time para receber informação relativa às suas vidas passadas; neste caso, usaram muitos dos Sentidos Interiores em conjunto para procurar os dados que queriam.

Tomados em conjunto, os Sentidos Interiores darão a cada indivíduo um retrato…

O que o Seth está a insinuar é que a prática do Psy-Time estica a consciência normal. Todo o género de inspirações antes inibidas, intuições e informação extra-sensorial útil passam agora à atenção consciente. Quando fazes Psy-Time regularmente, ficas alerta a dados que chegam através dos Sentidos Interiores. Reages a esses dados e aprendes a lidar com uma quantidade maior de estímulos do que antes.

Esta alerta intuitiva transporta-se para a vida diária e para o estado de sono. Através de instruções dadas por o Seth, aprendi a ficar plenamente acordada enquanto sonho, como mencionei antes. Neste estado, reconheces os teus sonhos como sonhos e podes manipulá-los mais ou menos à vontade. Podes

deixar o teu corpo a dormir em segurança, para uma projeção de consciência. Tudo isto implica trabalho, pelo menos da minha parte. Tens de aprender, através da experiência, a manter o nível adequado de consciência, e há sempre a possibilidade de recair para o estado de sonho habitual.

Estes níveis de consciência são apenas preliminares de outro estado a que cheguei, mas raramente. Nesse estado, o teu intelecto, intuições e todo o teu ser operam a um nível que é realmente supra-normal. Os teus sentidos são quase incrivelmente agudos. Este estado pode ocorrer quer estejas normalmente acordado, "acordado" na condição de sono, ou em transe. Mas sentes como se tivesses vivido a tua vida num sonho e agora estivesses desperto. Por um momento, estás consciente da tua realidade multidimensional. Uma vez que tenhas tido esta experiência, nunca a esqueces.

Estas conquistas começam com a prática simples do Psy-Time. Começam quando afastas o teu foco de atenção da realidade física durante alguns momentos por dia. Cada pessoa terá a experiência dos Sentidos Interiores de forma diferente, pois a perceção de qualquer tipo é altamente individual. É extremamente difícil usar os outros Sentidos Interiores sem primeiro usar o Psy-Time, no entanto. De facto, alguns dos meus alunos "ligaram" espontaneamente os outros Sentidos Interiores quando faziam Psy-Time. Alguns utilizaram o Psy-Time para receber informação relativa às suas vidas passadas; neste caso, usaram muitos dos Sentidos Interiores em conjunto para procurar os dados que queriam.

Tomados em conjunto, os Sentidos Interiores darão a cada indivíduo um retrato da realidade tal como existe independentemente da matéria física, uma imagem da identidade interior que lhe pertence. Aumentarão automaticamente a concentração e libertarão capacidades que darão à vida quotidiana significado, vitalidade e propósito adicionais.

CAPÍTULO VINTE:
AVALIAÇÕES PESSOAIS
QUEM OU O QUÊ É O SETH?

Enquanto seres humanos, vivemos suspensos entre a vida e a morte. Partilhamos isto com os animais. É uma condição da nossa existência. Mas os animais, tanto quanto sabemos, não antecipam a sua própria morte, nem se

interrogam sobre o seu estatuto antes do nascimento. O presente deles é o momento.

Estamos conscientes de passado, presente e futuro — uma série de momentos alinhados, ao que parece, um a seguir ao outro. E se esta série for apenas parte de um presente maior, um "momento" mais espaçoso de que não estamos conscientes?

Existiríamos nessa outra dimensão do tempo quer o soubéssemos quer não, naturalmente, tal como o nosso gato existe no meu "quatro da tarde", sem jamais compreender o que é um relógio. De certa forma, o gato está mais próximo da verdade do que eu, porque o tempo-de-relógio é um dispositivo artificial, e ele não quer ter nada com isso. Suponhamos que, como **o Seth** sustenta, passado, presente e futuro também são dispositivos artificiais, divisões sobrepostas a um momento espaçoso no qual toda a ação é simultânea.

Fisicamente, só conseguimos lidar com tanta informação de cada vez, pois dependemos, nesse aspeto, da nossa estrutura neurológica. Cada sensação que recebemos desde o nosso nascimento permanece intacta no subconsciente. Empurramos tais detalhes "para trás" para conseguirmos lidar com o presente. Focamos a atenção num certo grupo de acontecimentos — os "presentes" — e depois deixamo-los cair no subconsciente, onde parecem afastar-se e tornar-se distantes. Se conseguíssemos manter a atenção nesses acontecimentos passados e, ao mesmo tempo, concentrar-nos nos presentes, então o nosso sentido de tempo presente seria incomensuravelmente alargado.

E quanto ao futuro? Talvez consista em acontecimentos já existentes neste Presente Espacioso; acontecimentos com que decidimos, comodamente, não lidar "ainda". Segundo **o Seth**, os acontecimentos não são concretos em caso algum, mas plásticos, e inicialmente são sempre mentais. Alguns transformamo-los em realidades físicas, caso em que seguimos o processo mencionado acima. Outros não os tratamos de todo nesta dimensão. Nem sequer entram nas nossas referências de passado, presente ou futuro.

Seremos biologicamente incapazes de percecionar quaisquer destes acontecimentos, ou teremos pontos cegos psicológicos, como mecanismos de defesa, para evitar que sejamos submergidos pela realidade tal como ela é? Os nossos sistemas nervosos permitem-nos percecionar apenas até certo ponto; é verdade, mas, para além desta limitação, o meu palpite é que algum

elemento psicológico nos leva a bloquear muita informação que de outra forma poderíamos percecionar.

Se pudéssemos remover esses pontos cegos e ampliar o foco da nossa atenção, penso que nos tornaríamos conscientes desses outros acontecimentos, e que telepatia, precognição e clarividência seriam métodos normais e práticos de obtenção de informação. Por outras palavras, penso que as capacidades de ESP são naturais e que as negámos porque parecem contradizer as nossas ideias de realidade.

Ouço objeções emocionais rápidas: "Não, se pudéssemos fazer tudo isso, saberíamos quando íamos morrer!" Mas imaginemos que víamos para além do ponto da morte, descobrindo, para nossa surpresa, que continuávamos conscientes — não apenas de nós tal como "éramos", mas de outras porções de nós de que não tínhamos consciência. Suponhamos, de facto, que **o Seth** tem razão: apenas habitamos a carne, existindo dentro dela mas independentes dela?

Identificamo-nos com os nossos corpos, como aliás os psicólogos nos dizem que devemos. Mas esta identificação baseia-se na ideia de que, sem corpo, não há eu. Supõe também que todo o conhecimento nos chega através dos sentidos físicos. Obviamente, segundo esta ideia, não poderíamos percecionar nada se estivéssemos fora do corpo. Na verdade, nem haveria eu que pudesse sair, para começar, já que a nossa consciência seria o resultado dos mecanismos do corpo. Esta é a visão ortodoxa de muitos cientistas e psicólogos.

A religião organizada professa sustentar a ideia oposta: que a identidade do homem é independente da matéria física — depois da morte. Olha, porém, muitas vezes com desconfiança para quaisquer investigações que possam mostrar o homem a tirar partido dessa independência agora. Enquanto prega a sobrevivência da alma, mostra-se suspeitosamente desinteressada em estudar casos em que parece haver comunicação entre os vivos e os "mortos". No entanto, acredito realmente que os factos são claros para quem for suficientemente de espírito aberto para olhar para o campo da parapsicologia, ou suficientemente audaz para fazer a sua própria investigação sobre a natureza da consciência. Os factos deverão ser claros para qualquer pessoa que alguma vez tenha tido um sonho precognitivo válido, um acontecimento clarividente ou uma comunicação telepática.

Os factos da minha **experiência** — e da de outros — são estes. Somos, até certo ponto, livres dos nossos corpos físicos. Podemos ver, sentir e aprender enquanto a nossa consciência está separada da forma física. Podemos percecionar porções do futuro. Temos, de facto, acesso a informação que não chega através dos sentidos físicos. Se quiser, a ciência pode levar cem anos a aceitar estas ideias. Entretanto, continuam a ser factos. Alucinação não está envolvida — a menos que eu esteja a alucinar agora, ao escrever esta página, a sorver o meu café e a sentir uma indignação honesta por alguns de nós querermos limitar as nossas capacidades para proteger conceitos limitados. Porque havíamos de dar por garantido que os conceitos estão certos, se contradizem a nossa **experiência**?

Desde a publicação do meu primeiro livro sobre ESP, muitas pessoas escreveram-me para contar os seus próprios casos de telepatia, clarividência, precognição ou projeção. Algumas confiaram **experiências** que esconderam dos parentes mais próximos. Sabiam que tais coisas "não deviam" acontecer e temiam que um evento extrassensorial lançasse dúvidas sobre a sua própria estabilidade mental ou emocional.

De certa forma, eu não era melhor: questionei-me a mim e às minhas **experiências** a cada passo, e ainda o faço. Mas, pelo menos, não deixei que conceitos desatualizados ditassem que porções da minha própria **experiência** podia aceitar como reais e que porções deveria rejeitar. Porém, se não tivesse sido afetada por tais ideias, teria podido aceitar mais livremente as minhas **experiências** psíquicas iniciais e examiná-las de corpo e alma. Em vez disso, sobretudo no início, fiquei tão consternada quanto deleitada com cada novo desenvolvimento.

Estas experiências ensinaram-me isto: somos personalidades multidimensionais agora — tu, eu e toda a gente. Penso que a consciência se congrega tal como os átomos e as moléculas; que existem aglomerados de consciência tal como existem aglomerados de matéria; e que fazemos parte desses aglomerados, quer o saibamos quer não. Sabemos pouco sobre a nossa própria psicologia e ainda menos sobre a natureza da consciência.

Para aprender mais, temos de estar dispostos a examinar a nossa própria consciência, individualmente. Ao fazê-lo, estou convencida de que descobriremos uma maior individualidade, singularidade e sentido de identidade. Ao permanecermos tão colados aos limites de uma atenção egotista e fisicamente orientada, talvez nos estejamos a fechar a respostas às

nossas perguntas mais profundas — conhecimento que pode ajudar-nos a lidar de forma mais inteligente com a vida física.

O meu próprio trabalho é uma investigação desse tipo. Considero as minhas experiências psíquicas, as sessões com o Seth e toda a minha relação com o Seth como uma aventura de aprendizagem — contínua. Penso que o Material de o Seth contém intuições e informação sobre a natureza da realidade que fazem imensa falta. As teorias expandem o significado da individualidade e desafiam-nos a aceitar o eu maior que tanto a ciência como a religião, em várias alturas, nos ensinaram a negar.

Acima de tudo, estou certa de que o Seth é a minha via para o conhecimento revelatório — e, com isto, quero dizer conhecimento que é revelado às porções intuitivas do eu, em vez de ser descoberto pelas faculdades racionais. Creio que tal informação revelatório está disponível para cada um de nós, em algum grau. Dela brotam as aspirações e as conquistas da nossa raça. Penso que o conhecimento revelatório surge primeiro sob a forma de intuições, sonhos, palpites ou experiências como as minhas, e que o intelecto depois utiliza a informação fornecida. Ambos são importantes.

Quanto a quem ou o quê é o Seth, a sua expressão "personalidade essência de energia" parece ser o mais próximo de uma resposta a que alguém pode chegar. Não acredito que ele seja uma parte do meu subconsciente, tal como o termo é usado pelos psicólogos, nem uma personalidade secundária. Penso, isso sim, que temos uma supraconsciência que está tão "acima" do eu normal quanto o subconsciente está "abaixo" dele, embora o Seth sustente que não há níveis reais do eu — os termos apenas tornam as coisas mais simples. Atribuo as capacidades de ESP a essa supraconsciência e penso que ela tem acesso a informação sobre a natureza da realidade que normalmente não está disponível às porções egotistas da personalidade. Pode ser que o Seth seja a personificação psicológica dessa extensão supraconsciente do meu eu normal.

Se for assim, quão independente seria ele? A pergunta não pode ser respondida facilmente. Certamente ele não estaria presente dentro da minha estrutura de personalidade tal como a conheço. Não creio, por exemplo, que a sua presença fosse revelada por qualquer teste psicológico da minha própria personalidade. A relação inerente saltaria para o foco durante uma sessão, no entanto, quando a identidade supraconsciente tomasse conta. A questão do sexo de o Seth também surge aqui. Pelo menos para mim, as

porções intuitivas da maioria das personalidades parecem ter um cunho feminino mais do que masculino.

Se o Seth fosse apenas o meu eu intuitivo superior, eu esperaria que fosse feminino ou que fosse o tipo pseudomasculino de personagem masculina tão frequentemente criado por escritoras. Normalmente, os homens reconhecem instantaneamente personagens delineadas desta forma como excessivamente românticas. Embora o Seth não seja "ostensivamente" masculino, nas suas ações e fala ele é mais "homem de homens" do que "homem das mulheres". Os homens gostam dele. Embora seja um professor, também não é, no fundo, o "guia espiritual" estereotipado. É simplesmente ele próprio — o que pode, afinal, ser o distintivo da sua própria existência independente.

O seu efeito sobre os outros é imediato. Aparentemente, tem uma "presença" considerável. Ele reage aos outros e relaciona-se muito melhor do que eu com pessoas de vários quadrantes da vida. Como os excertos mostram, no entanto, ele deixou claro que as características pelas quais o conhecemos são apenas uma porção da sua personalidade e aquelas que considera mais úteis para captar a nossa atenção e transmitir o material.

O Rob perguntou uma vez a o Seth se ele estava sempre disponível para nós para uma sessão, e a resposta de o Seth mostra claramente que temos mais do que uma simples relação um-para-um. Confio nas respostas que recebemos e penso que são declarações honestas sobre uma ligação psicológica muito complicada.

Das Sessões 458, 20 de janeiro de 1969:
"Agora, quanto à minha disponibilidade nas vossas sessões, vocês são capazes, dentro das condições que estabelecemos e com a minha assistência, de chamar os elementos da minha personalidade com que estão familiarizados. Uma espécie de carta ou comunicação vitalizada de quatro dimensões, em que, se me perdoam o termo, o meio é a mensagem.

"De certo modo, **o Ruburt** é transformado num telegrama vitalizado. Quando enviam uma comunicação ou telegrama, enviam apenas palavras. Eu envio porções de mim mesmo. A minha essência inteira nem sempre precisa de estar envolvida. Não preciso de estar totalmente focalizado na vossa

dimensão, por outras palavras, mas estou suficientemente focalizado para cumprir os nossos compromissos. No entanto, a ponte psicológica de que falei serve-nos bem, e esta existe tanto da parte de o Ruburt como da minha.

"Uma certa porção da minha realidade está, portanto, disponível para vocês durante horas marcadas, e a estrutura de ponte está sempre disponível. Usando-a, **o Ruburt** pode chamar-me noutras ocasiões. Usando-a, eu posso chamar-vos. Isto não significa necessariamente que tal chamada seja sempre correspondida com uma resposta afirmativa, da parte de qualquer um de nós, ou que o contacto se estabeleça.

"É como se houvesse duas porções de uma ponte, como uma ponte levadiça, e essas duas porções tivessem de se encontrar. [Antes, **o Seth** tinha explicado que esta 'ponte psicológica' era construída por ambos.] Quando desejam contactar-me fora das horas habituais marcadas, posso ou não estar facilmente disponível. A vossa própria necessidade emocional ser-me-ia, no entanto, conhecida. Se essa necessidade fosse forte, eu, claro, responderia a ela, tal como não ignorariam a necessidade de um amigo. Não estou automaticamente disponível, porém, mais do que vocês estão."

Ambos sabemos que algumas sessões parecem mais "imediatas" do que outras, e agora, quando o Seth continuou, vimos porquê.

"Sou, no entanto, automaticamente parte da mensagem que vos trago. Por vezes estou 'aqui' de forma mais completa do que noutras sessões. Estas razões muitas vezes têm a ver com circunstâncias geralmente para além do controlo normal: condições eletromagnéticas, circunstâncias psicológicas. Estas poderiam ser consideradas como condições atmosféricas através das quais tenho de viajar.

"Como vos disse, a projeção está envolvida até certo ponto, tanto da minha parte como da de o Ruburt. A tua própria presença [de o Rob] é também importante, quer estejas presente ou não numa dada sessão. … Agora, quando vês, digamos, televisão educativa, vês o professor, e ele fala. Pode ou não estar a falar de facto nesse momento, pois podes estar a ver um filme. Mas o professor existe, esteja ou não a falar nesse momento, e a sua mensagem é legítima. Então agora vê o Ruburt como o meu ecrã de televisão. … Não faz diferença se estou eu próprio a falar agora através de o Ruburt… ou se o fiz ontem à noite, durante o sono dele, e esta noite é um filme ou reprodução.

"Mais uma vez: o meio é a mensagem no Presente Espacioso", disse o Seth, a sorrir, "e sempre que chega a hora do programa, estou aqui no vosso presente, independentemente de onde eu esteja no que chamariam o meu presente. … Posso preparar o meu filme antecipadamente quando o Ruburt não está conscientemente ciente disso. Isto não implica que tal sessão seja menos legítima."

O Seth prosseguiu dizendo que eu dera a minha permissão para tal arranjo e que muito do nosso trabalho decorria enquanto eu dormia ou estava ocupada com outra coisa. "Isto não significa que eu use o Ruburt como um fantoche, e lhe enfie fitas na boca como a um gravador, que vocês estejam sempre a ouvir reproduções, ou que, emocionalmente, eu não esteja sempre convosco nas sessões. Significa que, em tais comunicações multidimensionais, está envolvido mais do que supõem.

"O professor está dentro da fita; a personalidade está condensada. A tua pergunta deriva da sensação de que, se eu estou aqui, não posso estar noutro sítio ao mesmo tempo, ou de que todas as minhas energias têm de estar focalizadas aqui se eu aqui estou. Há aspetos da minha identidade com os quais não estão familiarizados… embora, num 'tempo' posterior, possam estar.

"Nem todos os canais estão ainda a funcionar neste aparelho, percebem", disse o Seth, com humor. "Conhecem de mim tudo o que são capazes de conhecer em qualquer momento, nos vossos termos. Ser-me-ia relativamente impossível tornar a minha realidade plena clara para vocês, pois a vossa compreensão não a conteria. Agora, façam um período de descanso. Não gostaríamos de rebentar uma válvula."

Obviamente, evitei chamar a o Seth um espírito e ficar por aí. Não gosto da expressão, por um lado, e, por outro, penso que é uma resposta demasiado fácil. Ao aceitar uma solução, podemos estar a fechar a mente a outras que jazem por baixo. Não estou a dizer que o Seth seja apenas uma estrutura psicológica que me permite sintonizar conhecimento revelacional, nem a negar que ele tenha uma existência independente. Penso, sim, que algum tipo de mistura tem de ocorrer nas sessões entre a personalidade dele e a minha, e que esta "ponte psicológica" em si é uma estrutura legítima que tem de existir em qualquer comunicação deste tipo. O Seth está na sua ponta, eu estou na minha. Concordo com o Seth aqui. Não creio que seja uma questão relativamente simples de um médium simplesmente "apagar-se" e

agir como uma ligação telefónica. Penso que o Seth é parte de outra entidade e que ele é algo bastante diferente, digamos, de um amigo que "sobreviveu" à morte.

Não acho estas ideias contraditórias. O Seth pode continuar a ser parte de uma entidade antiga, e o Seth Dois outra porção mais evoluída, nos nossos termos. Se a vida física evolui, porque não a própria consciência? Não me custa aceitar a possibilidade de podermos ser fragmentos independentes de tais entidades ou aglomerados de consciência. E, concedendo isto, algum tipo de comunicação entre nós seria possível. Seríamos todos formados do mesmo "material mental", seja ele qual for. Para nós, no entanto, tais experiências pareceriam supranormais.

O Seth Dois disse que certas porções da minha personalidade atuavam como janelas transparentes para essas outras realidades e consciências. Se assim é, muitas dessas "janelas" devem existir. O Seth Dois pode ter evoluído quase para além da nossa compreensão. A "distância" por si só tornaria a comunicação difícil, e pode ser necessária uma série de tradutores — o Seth pode ser um deles.

Tenho muitas perguntas, eu própria. Por exemplo: quão consciente é o Seth quando não está a falar através de mim? Se ele é a minha janela para outras realidades, serei eu a janela dele para a vida física? A minha ideia é que o Seth é plenamente consciente, mas de — e em — outras dimensões de existência. Mas isto leva apenas à pergunta: como é a vida não física?

O Seth prometeu escrever o seu próprio livro, ditado durante sessões, no qual responderá a algumas destas perguntas: "No meu livro, mostrarei a personalidade de dentro para fora, por assim dizer. Em certa medida, relacionará as minhas próprias experiências, mas espero que dê um retrato da natureza da realidade tal como vista por alguém que não está aprisionado no sistema tridimensional.

"O livro envolveria um estudo da mediunidade, não do ponto de vista do médium, mas do ponto de vista da personalidade por quem ela fala. Envolveria um exame do vosso sistema de realidade tal como me aparece a mim…

"Tornaria claro a natureza e as condições em que agora tenho a minha existência, e explicaria algumas das razões para as declarações, muitas vezes contraditórias, feitas sobre a vida após a morte — declarações recebidas por

vários médiuns, nas quais são recebidas imagens bastante diferentes da realidade do pós-vida.

"Tal livro incluiria também os meus métodos de entrada no vosso sistema e o tipo de personalidade-ponte psicológica que daí resulta. Mais uma vez: o que têm nas sessões não é a minha identidade completa. Tem de existir alguma espécie de estrutura psicológica presente para eu usar durante as minhas comunicações. Por vezes, contudo, a minha identidade passa com suficiente clareza para que, comparativamente falando, eu possa existir de forma independente, como eu próprio, sem a assistência de o Ruburt.

"Tal livro nada teria que ver com a própria escrita de o Ruburt, que prosseguiria ao seu ritmo. … O livro teria o meu nome, mas eu dedicá-lo-ia a ambos", disse ele com um amplo sorriso.

"— Muito bonito — disse o Rob secamente."

Naturalmente, não afirmo que o material represente conhecimento puro e sem distorção. Esta questão da distorção surgiu talvez pela quinquagésima vez na 463.ª sessão. Depois de eu ter assinado o contrato para este livro, a nossa amiga a Peg Gallagher estava a fazer uma reportagem sobre o Seth para o jornal local e assistiu a uma sessão para recolher material. Depois de várias observações bem-humoradas à a Peg ("Um dia, eu é que a entrevistarei"), o Seth começou a falar sobre distorções.

"Agora, esteja ou não um médium em transe tão profundo quanto o Oceano Atlântico, o médium não será um canal puro. O ego será simplesmente contornado, mas as outras camadas do eu, e as estruturas neurológicas em particular, continuarão a operar como sempre. Serão alteradas pelas perceções que passam através delas."

Ele prosseguiu dizendo que a comunicação vocal não é a regra. Não é usada por entidades mais avançadas nem por outras menos desenvolvidas do que nós. Para fazer sentido aos nossos eus tridimensionais, a informação tem de ser "espremida" — e isso, por si só, causa alguma distorção.

"As palavras que vos digo transmitem informação, mas as palavras não são a informação, apenas os seus veículos verbais.

"A informação raramente pode fluir como água cristalina, com o médium como se fosse uma torneira a abrir e fechar à vontade. Ela tem de ser peneirada pelas camadas da personalidade do médium. O sistema nervoso

reage aos dados ao mesmo tempo que os traduz. Nada é neutro, nesses termos. A informação é recebida e traduzida, como tem de ser, em mecanismos que o sistema nervoso possa manusear e interpretar. Tal como qualquer perceção, a informação passa então a fazer parte da estrutura do sistema nervoso. Não pode ser de outro modo.

"Qualquer perceção altera instantaneamente os sistemas eletromagnético e neurológico do percecionador. Nos vossos termos, isto é o que uma perceção é: uma alteração da estrutura neurológica. Os próprios mecanismos recetores mudam, e são mudados, por aquilo que percebem. Estou a falar aqui da natureza física de toda e qualquer perceção.

"É uma contradição logística imaginar, com as vossas estruturas físicas, que alguma perceção possa ser recebida sem que a situação interior do percecionador seja alterada. Estou a tentar tornar isto o mais claro possível — a informação mistura-se automaticamente com, entrelaça-se e enreda-se com toda a estrutura fisicamente válida da personalidade.

"Qualquer perceção é ação e muda aquilo sobre o qual atua e, ao fazê-lo, muda-se a si própria. A mais leve perceção altera todos os átomos do vosso corpo. Isto, por sua vez, envia as suas ondulações, de modo que, como sabem, a ação mais diminuta faz-se sentir em toda a parte."

O Seth continua a dar exemplos dos vários tipos de distorção que podem ocorrer na perceção normal e extrassensorial. "Agora, o Ruburt, ou qualquer indivíduo num estado de ânimo baixo, pode interpretar mal a informação, exagerando elementos pessimistas. Pessoas com necessidade de autopunição interpretarão consistentemente qualquer perceção dessa maneira."

À medida que o Seth prossegue a explicar a natureza da perceção, torna-se evidente que a própria perceção física molda a realidade em certas formas. Mesmo a perceção extrassensorial tem de ser traduzida em termos físicos, se quisermos estar conscientemente cientes dela. O Material de Seth revela o que está por baixo da realidade normal que conhecemos, mas a própria tradução em palavras tem, necessariamente, de distorcer o significado.

Além disso, há outras variáveis. O Seth não é estático; não se limita a entregar metodicamente o material como se fôssemos gravadores. Ele responde a perguntas e, portanto, até certo ponto, as perguntas que lhe são feitas

devem, por vezes, levá-lo a alterar a maneira particular como aborda um determinado assunto.

Sendo responsivo, ele tem de ser afetado pela sua relação connosco (ainda que talvez não na medida em que nós somos afetados por ele!). Não há dúvida de que a minha própria personalidade cresceu ao acomodar-se à experiência com o Seth. Tive de aprender a lidar com mais estímulos do que nunca e a manter uma estabilidade global à medida que aprendia a desenvolver capacidades latentes. Isto envolveu certamente tensões e stresses, bem como recompensas; mas nada que não pudesse ser resolvido com sentido de humor e algum bom senso. Quando sinto que preciso de descanso, faço uma pausa, que o Seth respeita com boa graça.

Com tudo o que o Seth nos disse acerca dos potenciais do homem, tenho de admitir que, por vezes, nos questionámos sobre por que razão a raça não está mais desenvolvida moral e espiritualmente.

Uma noite, antes da nossa sessão regular de quarta-feira, o Rob e eu estávamos bastante perturbados com o estado do mundo em geral. Sentámo-nos a conversar e o Rob perguntou em voz alta por que nos comportávamos como nos comportamos. "Que sentido real ou propósito está por trás disto tudo?", disse. "Concedendo que alguma parte de nós saiba o que está a fazer, ainda assim parecemos apostados em destruir o planeta, se não através da guerra, então através da poluição."

"Não sei", disse eu. Sentia-me tão mal quanto ele.

Isso foi a 6 de novembro de 1968 e, a partir dessa noite, tivemos uma série de sessões que abordavam as questões que mais tínhamos em mente. Nessa noite em particular, na nossa 446.ª sessão, a outra personalidade, o Seth Dois, surgiu com aquela voz distante e clara.

Entre outras coisas, o Seth Dois disse: "A raça humana é uma etapa pela qual várias formas de consciência viajam. … Antes de poderem ser admitidos em sistemas de realidade mais extensos e abertos, têm primeiro de aprender a manusear energia e ver, através da materialização física, o resultado concreto do pensamento e da emoção. Tal como uma criança faz bolos de lama com terra, assim vocês formam as vossas civilizações a partir de pensamentos e emoções, e depois veem o que criaram. …

"Quando deixam o sistema físico, após reencarnações, aprenderam as lições — e deixam literalmente de ser membros da raça humana, pois elegem deixá-

la. Em qualquer caso, só o eu consciente habita dentro dela, e outras porções da vossa identidade habitam simultaneamente noutros sistemas de treino. Em sistemas mais avançados, pensamentos e emoções são automática e imediatamente traduzidos em ação, em qualquer aproximação de matéria que exista. Portanto, as lições têm de ser bem ensinadas e bem aprendidas.

"A responsabilidade pela criação tem de ser claramente compreendida. Em certa medida, vocês estão numa sala à prova de som e isolada. O ódio cria destruição nessa 'sala' e, até que as lições sejam aprendidas, destruição segue-se a destruição.

"Nos termos de outros sistemas, esse tipo de destruição não existe — mas vocês acreditam que existe, e as agonias dos moribundos são dolorosamente sentidas. Um pesadelo vívido também é dolorosamente sentido, mas acaba depressa. Não é que tenham de ser ensinados a não destruir, pois a destruição não existe realmente. É que têm de ser ensinados e treinados a criar com responsabilidade. O vosso é um sistema de treino para a consciência emergente. …

"O treino servir-vos-á para a existência numa variedade de sistemas inter-relacionados. Se as dores e agonias dentro do vosso sistema não fossem sentidas como reais, as lições não seriam aprendidas. Os professores dentro do vosso sistema são aqueles que estão na sua última reencarnação, e outras personalidades que deixaram o sistema mas foram incumbidas de ajudar os que ainda nele permanecem. …

"Estão a lidar com a transformação de energia emocional em ação e forma. Depois, manipulam dentro do sistema que vocês próprios criaram e, pelos seus efeitos, aprendem onde tiveram sucesso e falharam. O sistema inclui algumas personalidades-fragmento que estão a entrar pela 'primeira' vez, assim como aquelas em reencarnações mais tardias.

"A humanidade sonha o mesmo sonho de uma vez, e obtêm o vosso mundo de massa. Toda a construção é como uma peça educativa em que são produtores tanto quanto atores. Há uma peça dentro de uma peça dentro de uma peça. Não há fim para o 'dentro' das coisas. O sonhador sonha, e o sonhador dentro do sonho sonha. Mas os sonhos não são destituídos de significado, e as ações dentro deles são significativas. O eu total é o observador e também um participante nos papéis."

As sessões com o Seth continuam, duas vezes por semana. Os tópicos e o alcance da conversa de o Seth alargam-se e crescem continuamente. Se o que temos até agora é um "esboço", então é um esboço notável.

Como diz o Seth Dois: "Não é que o vosso ser exista numa realidade menor. É que não aprenderam a reconhecer a extensão da realidade em que efetivamente existem." Espero que este livro e o Material de Seth tenham dado ao leitor algum vislumbre da sua própria existência multidimensional.

APÊNDICE

Nos capítulos anteriores, retirei excertos de muitas sessões para apresentar os pontos de vista de o Seth sobre vários tópicos. Este apêndice é incluído para os leitores que desejem uma visão mais completa de sessões individuais e uma ideia mais clara da forma como o material foi originalmente dado.

Por esta razão, escolhi três sessões completas, embora breves, e partes de várias sessões recentes consecutivas. Esta apresentação mostra a forma de o Seth entrelaçar um assunto com outro, à medida que insere novas discussões e informação enquanto constrói sobre sessões passadas, e evidencia o seu método de usar as experiências diárias de o Rob e minhas como plataforma de lançamento para o seu próprio material.

O apêndice inclui vários assuntos não abordados no corpo do livro. Numa sessão, o Seth discute o conceito de inconsciente de Jung. Noutra, apresenta material novo sobre o "sistema planetário original" e, em resposta à pergunta de um amigo, começa uma explicação da perceção de um feto. Estas discussões mostram a direção atual que o Material de Seth está a tomar, à medida que se desdobra constantemente.

As sessões sobre as unidades eletromagnéticas que estão imediatamente abaixo do alcance da matéria começaram agora, precisamente quando termino este livro. Os cientistas há muito se interrogam para onde "desaparece" a matéria física, e as unidades EE de o Seth podem muito bem ser a resposta.

Exceto pontuação, o Material de Seth neste apêndice não foi editado, e as notas de o Rob foram incluídas.

SESSÃO 452, 2 DE DEZEMBRO DE 1968, 21:17, SEGUNDA-FEIRA

Boa noite.
("Boa noite, Seth.")

Agora: as crianças constroem castelos de cartas e derrubam-nos. Não se preocupam com o desenvolvimento da criança, pois percebem que ela aprenderá melhor.

Podem até sorrir perante o absoluto sentimento de desolação da criança até que ela finalmente ligue o movimento da própria mão à destruição da casa de papelão que agora desapareceu e, aos olhos dela, desapareceu para além de reparação.

Agora, a humanidade constrói civilizações. Foi além do jogo da criança. Os brinquedos são reais e, no entanto, basicamente a analogia mantém-se. Não estou a desculpar as violências que ocorrem. O facto é que nunca podem ser desculpadas e, contudo, têm de ser compreendidas pelo que são: o homem a aprender através dos seus próprios erros. Ele também aprende pelos seus sucessos e há momentos em que sustém a mão, momentos de deliberação, períodos de criatividade. (Pausa.) As identidades assumem muitos papéis em muitas vidas.

Há períodos — ciclos, se preferirem — pelos quais tais identidades vivem e aprendem de novo dentro do vosso sistema. Em certa medida, são ensinadas por outros — professores de prática, se preferirem. (Divertido.)

(Hoje o jornal trazia a notícia da violência associada à convenção presidencial democrata em Chicago, em agosto de 1968, relatando os muitos confrontos entre a polícia e vários grupos de manifestantes; uma comissão de inquérito deu um veredicto de culpa quanto ao comportamento policial. A Jane e eu discutimos o relatório à hora do jantar.)

A raça humana é, contudo, muito mais do que a raça física. Vêem-na apenas numa etapa de desenvolvimento. Quando um indivíduo deixa o vosso sistema, é para outros sistemas. Ele aprendeu o A B C, mas é tudo. Há exceções — identidades que escolhem regressar e ensinar. Não estão na mesma liga, por assim dizer, que aquelas cujos ciclos reencarnacionais não estão completos. Podem regressar, mesmo suportando violência, como um homem que instala uma escola no meio de uma selva de selvagens.

Apesar de tudo isto, há avanços feitos dentro do vosso próprio sistema. Uma arma nuclear nas mãos dos habitantes da Europa da Idade Média teria sido usada quase de imediato, e sem um pingo de escrúpulo, para eliminar tudo

exceto a Cristandade. A Cristandade poderia muito bem ter perecido juntamente com o resto do mundo, mas essa possibilidade não seria considerada, tão estreitos e maleficamente autorrighteous eram os poderes governantes na altura.

Nesses tempos, também, um homem são e razoável não pensava em partilhar a sua riqueza, nem sequer considerava a situação das classes mais pobres. Não só a caridade não era dada, como a sua natureza prática nem sequer era considerada. O conceito arcaico de Deus (naquele tempo) cobria muito bem tais questões. Os pobres eram obviamente pecadores. A pobreza era a sua penitência, e era considerado sacrílego tentar ajudar aqueles a quem Deus amaldiçoara. Animais eram torturados por desporto. A compaixão pelos seres vivos, nos homens, era vista como fraqueza a extirpar. As mulheres mal eram tidas por humanas, exceto em círculos muito restritos.

A progressão ao longo dos séculos seria muito mais notória se conhecessem todos os factos. Há aqui um aspeto que ainda não mencionei: o homem não foi autorizado a brincar com os brinquedos mais perigosos até que certas evidências mostrassem que tinha ganho algum controlo. Isto não significa que ele não pudesse ter destruído o mundo que conhecia. Significava simplesmente que tal destruição não era inevitável. Não dão a uma criança uma arma carregada se têm a certeza de que ela vai disparar sobre si própria ou sobre o vizinho.

Agora: as armas e a destruição são as coisas óbvias que veem. As contrapartes não são tão evidentes e, no entanto, são as contrapartes que são importantes: a autodisciplina aprendida, o controlo, a compaixão que finalmente é despertada e a última e derradeira lição aprendida — o desejo positivo pela criatividade e pelo amor acima da destruição e do ódio. Quando isto é aprendido, o ciclo reencarnacional termina.

Há uma razão pela qual estas lições têm de ser aprendidas exatamente desta forma. Elementarmente, só existe criatividade. A destruição é meramente a mudança de forma. Uma chuvada torrencial ou um tornado nada sabem de destruição. Essa mesma energia encerrada numa forma humana é outra coisa. Existem, então, diferentes tipos de criatividade que devem ser aprendidos, e surge uma especialização no foco e nos sentimentos da energia — energia elemental a tomar consciência de si e ciente de questões que para ela não existiam "antes"; milhões de moléculas momentaneamente unidas com consciência viva, cheias de energia primordial, agora a aprender o amor

e a formar padrões psíquicos altamente sensíveis; cargas elétricas que agora formam emoções em vez de nuvens; o caos inocente da personalidade indiferenciada que está por detrás do mecanismo altamente especificado e verdadeiramente sofisticado de um pensamento. E tudo isto antes de um indivíduo nascer no vosso sistema! Em termos de tempo, isto está "atrás" de todos nós.

Não admira que se travem batalhas psíquicas. E, porém, para além do vosso sistema, há refinamentos impossíveis de descrever e desenvolvimentos adicionais mais miraculosos do que os já ocorridos. E, através de tudo isto, a entidade formada a partir desse caos maciço mantém a sua identidade e o conhecimento dos seus "passados" e continua a crescer em criatividade.

Isto é parte do material mais importante que vos dei, pois vocês têm-se interrogado sobre o propósito (da consciência dentro deste sistema) e têm conseguido muitas vezes apenas ver uma pequena partícula de tempo e espaço.

A violência de que ambos falavam esta noite abriu um abismo dentro da alma de cada participante, através do qual ele vislumbrou as vertiginosas origens que estavam por trás da sua identidade. Houve, então e depois, o medo de recair nesse abismo "sem mente".

Ora, uma tempestade, por vezes, fascina muitos — e tal violência também —, mas uma tempestade altamente destrutiva encontrará poucos a aventurarem-se nela. Cada participante intuiu o caos ao qual tinha acesso direto. (Enfático.) Temeu-o, mesmo na sua fascinação, porque estava compelido a reconhecer que varreria tanto ele como o inimigo para a insanidade ou para a morte.

Muitos dos participantes nunca souberam que tinham acesso a tal energia; por conseguinte, a noção de que ela poderia ser usada criativamente nunca lhes passou pela cabeça. Muitos sentiram-se pequeninos, sós e impotentes. Ora, a própria energia era estimulante. Pela primeira vez, muitos desses participantes aperceberam-se intuitivamente de que essa energia era também a fonte da criatividade. Um bom número deles tentará vários métodos de voltar a experienciar — (nota: aqui mantém-se o sentido de viver a experiência) — essa energia a fim de libertar sentimentos criativos que não sabiam possuir. A energia, claro, era neutra. Foi o seu uso dela, no momento, que causou os elementos destrutivos.

A energia que foi libertada, porém, já alterou a vossa cena nacional e continuará a fazê-lo. Tais libertações maciças de energia serão usadas, mas não nas vossas vidas, para começar a unificar todo o planeta em paz. Isto não acontecerá antes de desastres também ocorrerem, mas, quando acontecer, representará a primeira vez na história do planeta em que houve paz com igualdade para todos.

Houve vários períodos que foram pacíficos, mas não havia igualdade. Houve inúmeras outras civilizações que se destruíram a si mesmas no passado do planeta e, antes disso, quando outro planeta estava aproximadamente na posição da Terra. Houve, no entanto, civilizações que perduraram, que sobreviveram ao seu planeta e foram para outro lugar.

Agora façam a vossa pausa e continuaremos.

(22:09. A Jane fez uma pausa por alguns momentos, depois retomou, depois de eu ter pensado que tinha saído do transe e de lhe ter chamado pelo nome.)

Houve outrora nove planetas, agrupados como joias em torno do sol. Estavam espaçados uniformemente, um do outro, e estavam distribuídos uniformemente para fora a partir do sol. E este foi o primeiro sistema que conheceu a raça do homem. Estes ficavam no vosso canto do universo, mas, nos vossos termos, parecer-vos-ia que tinham derivado para tão longe que nenhum dos vossos instrumentos jamais os poderia encontrar.

Explodiram e foram recriados muitas vezes — desapareceram e regressaram. Pareceria que pulsavam. Para vocês, pareceriam desaparecer por éones. Para eles, a sua existência era contínua. Tal como os átomos e moléculas dão às vossas cadeiras uma realidade dentro do vosso sistema, embora os átomos e as moléculas próprias venham e vão, assim este sistema planetário mantém ainda a sua identidade. Os vossos astrónomos podem perceber uma imagem fantasma dele nos limites do vosso universo, mas apenas um reflexo de uma realidade que não podem percecionar. Agora façam a vossa pausa.

(22:19. A Jane saiu facilmente do transe, abrindo os olhos passados instantes. Disse que tinha ido muito longe e tivera uma visão dos planetas e do sol.)

(Fiz uma contagem mental rápida dos planetas que agora sabemos estar no nosso sistema solar, num total de nove — o mesmo total dado por o Seth. Naturalmente, os dados de o Seth suscitaram muitas perguntas, mas não seriam respondidas esta noite.)

(Pouco antes de terminar a pausa, a Jane disse: "Acabei de receber um bloco inteiro de pensamento do Seth." Retomar às 22:31.)

Agora: a existência usa forma. Quando um sistema planetário é perturbado, em muitos casos, entidades que são atraídas por ele ou o consideram a sua casa simplesmente mudam a sua forma, reagrupam as suas forças e, se o considerarem valioso — voltam a pôr a casa em ordem. Entram, então, nas formas que estiverem disponíveis ou fazem tais formas como poderiam sobreviver. Isto foi feito, dentro do vosso próprio sistema, em várias ocasiões. Não é feito frequentemente, no entanto, pois, com os materiais disponíveis, muitas vezes não pode ser formada uma estrutura suficientemente complicada na qual a consciência possa exprimir-se de forma bastante plena.

Pode haver, nos vossos termos, alguma perda de memória — complicações que confundem o conhecimento da origem. Quando a situação ocorre, há sempre uma divisão de forças: algumas entidades voltam-se para a forma e outras não entram no processo. Estas observam, mantendo íntegras as suas memórias e conhecimento, e atuam como diretores contra cujas memórias os novos modelos são formados. Mais uma vez: isto aconteceu dentro do vosso próprio sistema.

Muitas entidades não necessitam de forma, nos vossos termos. Mas não nos ocuparemos delas esta noite. Este sistema original de que falei será pelo menos teorizado em breve, mas a ideia não será tomada com seriedade suficiente para causar qualquer controvérsia profunda.

A energia deste sistema era enorme — muito maior do que qualquer que conheçam —, e os detritos lançados constantemente pelas suas pulsações deram origem a outros sistemas. (Longa pausa.) Estamos a lutar com o vocabulário de o Ruburt. (Pausa.) A velocidade do seu movimento era também muito maior do que qualquer que conheçam, embora acelerasse e abrandasse de modo cíclico.

(A Jane voltou a fazer pausa. O seu andamento aqui era lento e usou muitos gestos, desenhando figuras no ar, franzindo o sobrolho por vezes.)

SESSÃO 452, 2 DE DEZEMBRO DE 1968, 21:17, SEGUNDA-FEIRA

Possuía criaturas de consciência, mas não criaturas como vocês as conhecem. Energia, entidades (longa pausa), a transformar continuamente maciços *roytans*

(Ou talvez *roetans* — a minha interpretação fonética. Não tive a certeza da palavra usada por o Seth ou a Jane e não insisti para além de uma pergunta que não foi respondida…)
Estamos a trabalhar com o vocabulário de o Ruburt.
("Queres dizer *roentgens*?" — referia-me aqui à unidade internacional de raios-X.)

Elas originavam-se de si mesmas, unidades maciças de energia que reagiam automaticamente e de maneira explosiva sobre a forma do sistema. A sua energia causava o comportamento do sistema. Havia uma reação direta e instantânea entre consciência e matéria, uma erupção de poder eletromagnético suficientemente forte para semear um universo. O vosso universo é apenas um entre muitos, e percecionam apenas uma pequena porção dele. Agora terminarei a sessão, a menos que tenham perguntas.
("Terei algumas mais tarde.")

O material desta noite chegou a um ponto natural de interrupção, mas também tocámos em temas que não discutimos em sessões anteriores, e a sessão de hoje pode servir como preparação para informação posterior. Os meus melhores votos para ambos e uma afetuosa boa noite.
("Boa noite, Seth.")
(22:52. A Jane saiu rapidamente do transe, embora tivesse sido profundo. Disse que sentiu um forte fluxo de energia no final da sessão.)

SESSÃO 453, 4 DE DEZEMBRO DE 1968, 21:06, QUARTA-FEIRA
(a Sue Mullin foi testemunha.)

Boa noite.
("Boa noite, Seth.")
Obrigado por me convidarem para a vossa festa.
("Está bem.")

Agora: o sistema planetário de que falámos na nossa última sessão foi o primeiro dentro do vosso universo, quando falam em termos de tempo. É muito difícil explicar-vos que o universo que veem — as estrelas e planetas que observam — é unidimensional, comparativamente falando. Apenas percecionam as porções deles que são aparentes dentro do vosso próprio sistema de realidade.

As moléculas de hidrogénio pesado tiveram um grande papel no nascimento desse (primeiro) sistema. A consciência teve primeiro de criar o vazio, ou a dimensão, em que o sistema poderia existir, e também dotar esse vazio de todas as probabilidades de desenvolvimento que surgiram no vosso tempo e que hão de surgir. O vazio, por outras palavras, pode portanto ser comparado a uma mente — e quem pode prever que imagens ou pensamentos aí nascerão? Existem, como vos disse, inúmeros sistemas destes, e no entanto, dentro de todos eles, há identidade e direção.

Este vasto vazio, esta mente infinita, veio de outra que era maior do que ela. (o Seth sorriu.) As possibilidades que se tornaram realidade dentro deste sistema universal deram cada qual origem a outros sistemas e realidades, como uma árvore que dá mil sementes. Vocês próprios, através dos vossos atos mentais, criam realidades de que não têm consciência, e dão à luz mais do que filhos físicos.

Não compreendem as dimensões nas quais os vossos próprios pensamentos caem, pois eles continuam a sua própria existência, e outros olham para eles e vêem-nos como estrelas. Estou a dizer-vos que os vossos próprios pensamentos e atos mentais aparecem aos habitantes de outros sistemas como as estrelas e planetas dentro do vosso; e esses habitantes não percebem o que jaz dentro e por detrás das estrelas nos seus céus. Embora sondem o seu próprio universo, não vão vaguear pela vossa realidade. Apenas percecionarão a forma e a figura que os vossos atos mentais — pensamentos e sonhos — tomam dentro do sistema deles.

Este último é material que não vos demos antes, para não vos levar, pelas suas implicações, a sentimentos de insignificância. Mas não são apenas recetores — são também doadores. Tal como o vosso universo foi formado por entidades que atualmente não compreendem, assim os "descartes" da vossa própria consciência formam realidades para entidades que mal estão conscientes da vossa existência.

Nesta abundância nada é sem sentido nem desperdiçado. Há inter-relação, realidades entrelaçadas e ligações que não podem ser negadas. Disse-vos, por exemplo, que a realidade dos sonhos consistia em mais do que sabiam, e que o universo onírico continuava quer o percecionassem quer não. Nesse contexto, esses habitantes sonham, por sua vez, os seus próprios sonhos, e formam realidades eletromagnéticas. Não estão no topo nem na base do monte da consciência, por assim dizer. Não estão no centro nem na orla.

Em vez disso, o eu interior está intimamente ligado a cada realidade, embora não tenham consciência disso; e o eu interior pode rastrear as suas próprias ligações através da rede de qualquer existência e ainda assim manter a sua identidade.

Lembrem-se: quando falamos dos inícios do vosso sistema, falamos apenas em consideração às vossas ideias de tempo. Tudo, obviamente, existe de uma vez. Nos vossos termos, algumas vidas são vividas num piscar de olhos (em vários sistemas) e outras duram séculos. A perceção da consciência, porém, não é limitada. Disse-vos, por exemplo, que as árvores têm a sua própria consciência. A consciência de uma árvore não é tão especificamente focada como a vossa, mas, para todos os efeitos, a árvore está consciente de cinquenta anos antes da sua existência e cinquenta anos adiante.

O seu sentido de identidade estende-se espontaneamente para além da mudança da sua forma. Não tem ego que corte a identificação do "eu". Criaturas sem o compartimento do ego podem facilmente seguir a sua própria identidade para além de qualquer mudança de forma. O eu interior está consciente desta integridade da identidade, mas o ego, tão firmemente focado na realidade física, não se pode dar a esse luxo.

Qualquer consciência está, portanto, intrinsecamente ciente da sua identidade básica. O eu interior sabe o que está por detrás das estrelas e planetas físicos que o olho vê, mas o ego seria varrido pelo pânico perante tal realização.

O sistema referido antes — o sol e os nove planetas originais —, nos vossos termos há muito passou a formar outros sistemas universais. Toda a estrutura cósmica, porém, foi a materialização de um pensamento original, pois o pensamento, a realidade básica, tem sempre de existir antes da sua representação. Havia, portanto, inteligência dentro desse primeiro sistema. Agora podem fazer uma pausa e continuaremos, e os meus melhores votos à nossa amiga (a Sue).

(21:36. A Jane saiu do transe rapidamente, mas disse que fora um bom transe. o Seth manifestou-se um pouco mais forte do que o habitual e algo mais rápido, com voz mais alta. Retomar do mesmo modo às 21:44.)

Agora: mais uma vez, cada pensamento forma a sua própria realidade eletromagnética e é composto de energia que nunca pode ser dissipada, apenas transformada. A realidade subjetiva de um só homem, deixado

sozinho no universo, emitiria energia suficiente para semear outro. Essa frase não está distorcida.

Vão ter algumas sessões extra este fim de semana. Não quero sobrecarregar os recursos de o Ruburt, nem quero manter-vos agarrado à máquina de escrever durante três semanas. Portanto, esta será uma sessão muito breve, para suplementar o material da nossa última sessão. Ainda assim, eu ficarei a ganhar. (Com humor.) Os meus melhores votos para todos, então. Ficarei um pouco para apreciar a vossa conversa.
("Boa noite, Seth.")

(21:48. A Jane demorou algum tempo a sair do transe. "Posso ter acabado, mas ainda não voltei. Detesto quando estou meio dentro e meio fora. É como se estivesse num cone. Ouço o que se passa lá fora, mas ainda tenho de sair", disse.)

(Pelas 21:55 pensámos que tinha saído do transe, mas isso revelou-se uma sobre-estimação. o Seth, ou o estado de transe, persistiu. A Jane mostrou tendência definida para regressar ao transe, nomeadamente revirando os olhos, e eu fui falando com ela para a manter fora, dei-lhe chá, etc.)

(Uma circunstância que a manteve nesse estado chamou-me a atenção quando ela mencionou casualmente, sentada na cadeira de baloiço: "O Seth ainda está aqui. Está à minha direita agora", e estendeu o braço. o Seth, ao que parecia, ocupava um espaço com cerca de metro e meio de altura, uma "bolha" de espaço na qual eu podia entrar, mesmo no limite do alcance de a Jane, sem o perturbar. A presença de o Seth prolongou-se noite dentro enquanto os três conversávamos.)

SESSÃO 503, 24 DE SETEMBRO DE 1969, 21:32, QUARTA-FEIRA
(Cerca de duas páginas de material pessoal foram suprimidas aqui.)

(Para retomar: a Sue Mullin, agora a Sue Watkins, uma das alunas da turma de ESP de a Jane, deixou ontem à noite três perguntas para o Seth responder quando possível. Eis a pergunta um: "Quando projeto a minha consciência para fora do meu corpo, o meu corpo astral está grávido porque agora estou fisicamente grávida? O corpo astral transporta o contraparte astral do feto, ou o feto astral permanece no corpo físico dentro do feto físico?")

(Agora perguntei a o Seth: "Podes dizer um pouco sobre a primeira pergunta da a Sue, acerca do corpo astral do feto?" A Jane tinha lido as perguntas da a

Sue algum tempo antes, mas não sabia que eu ia colocar alguma delas esta noite.)

O feto tem o seu próprio corpo astral. Ora, este corpo astral pertence ao indivíduo — à personalidade como será nesta vida. Não é o corpo astral que existiu numa "reencarnação" anterior. Há aqui muitas questões complicadas e vou tentar colocá-las de modo simples.

Há grande energia associada ao feto, pois em nenhum outro momento da vida física é utilizada tanta energia de forma tão propositada e tão bem dirigida. É esta carga de energia, de proporções verdadeiramente cósmicas, que permite a penetração inicial na matéria. A personalidade está ocupada a transformar literalmente dados infinitos. Muito deste trabalho já está feito pelo terceiro mês de gravidez. Tão rapidamente quanto os novos dados formam o feto e a estrutura física, o eu da reencarnação anterior tem de começar a retirar a sua influência. Ele entra brevemente neste processo (do nascimento), mas não se torna o novo indivíduo.

Ajuda a formar o novo indivíduo e depois deve retirar-se. A nova unidade-eu tem de estar livre e não ser travada pelas exigências que de outro modo lhe poderiam ser impostas. O novo indivíduo tem uma memória profundamente enterrada das suas vidas passadas, mas a consciência pessoal do último eu reencarnado não deve ser sobreposta a esta nova identidade. A nova personalidade, no seu pequeno corpo astral, visita outras porções da identidade inteira. Chega mesmo a receber lições de um certo tipo, mas é muito o seu próprio eu.
("Ele projeta quando a a Sue projeta, por exemplo?")

Pode ou não. Não tem de o fazer. Pode projetar-se para áreas inteiramente diferentes enquanto a Sue está noutro lugar na sua forma astral. Há, neste momento, porém, uma ligação muito forte entre ambos. Num nível mais profundo, estão cientes das suas localizações. A mãe sabe onde a criança está, embora não tenha consciência disto. A mãe pode até sair à procura da criança numa projeção e trazê-la para casa.

Muitos abortos naturais são causados quando a nova personalidade está com dificuldade em construir a nova forma, projeta-se para outros em busca de conselho e é aconselhada a não regressar.

SESSÃO 504, 29 DE SETEMBRO DE 1969, 21:17, SEGUNDA-FEIRA
Excerto

Gostaria de acrescentar algo à discussão que começámos na nossa última sessão. O feto vê o ambiente físico. A estrutura celular, nessa altura, responde à luz e ativa capacidades latentes na estrutura celular do corpo da mãe. Literalmente, ele vê através do corpo dela e com a ajuda do corpo dela.

Não se trata de imagens nítidas, mas ele já começa a formar ideias de forma e contorno. É desnecessário dizer que as pálpebras também estão assim equipadas. Ele pode ver através de pálpebras fechadas, por outras palavras. Está ciente de luz e sombra, de forma e contorno, embora tenha de aprender a distinguir essas partes do campo disponível de realidade que vocês aceitam como objetos, do campo disponível que não aceitam como objetos.

Ele vê mais do que vocês veem, ou mais do que a mãe vê, porque ainda não percebe que vocês aceitam apenas certos padrões e rejeitam outros. Quando nasce, já aprendeu a aceitar a ideia que os pais têm do que é a realidade. Em grande medida, começa a treinar-se a focar apenas aquilo a que chamariam realidade física, embora continue a percecionar parcialmente outros campos que vocês não aceitam. Ele só é reconhecido, e as suas necessidades satisfeitas, quando se foca numa realidade particular. Aprende depressa, então, a descartar as outras.

Ora, o feto também ouve, e aqui aplica-se o mesmo enquanto está no útero. Ele ouve sons do ambiente físico, mas também sons dentro do leque disponível de realidade que vocês não aceitam. Quando o bebé nasce, continua a ouvir esses sons e vozes, mas, novamente, eles não respondem às suas necessidades físicas, nem trazem leite quando chora, e gradualmente ele descarta-os.

Durante algum tempo, ele percebe literalmente muitos níveis de realidade de uma vez, e parte do que parece ser desorientação é simplesmente o resultado da confusão inicial com tantos dados. De acordo com o indivíduo e a situação, o feto pode ainda estar a receber mensagens de quem conheceu no passado. Isto aumenta a confusão, e é uma questão de sobrevivência física que ele ignore em grande parte essas mensagens enquanto aprende a focar-se na realidade física.

Ele está bastante ciente das mudanças de temperatura, por exemplo, e do estado do tempo. Está em comunicação telepática com animais e outras pessoas e, noutro nível, está numa espécie de comunicação com plantas e outras consciências desse tipo. As plantas reagem de forma bastante intensa a um aborto. O feto, no entanto, também reagirá à morte de um animal da

família e estará familiarizado com as relações psíquicas inconscientes dentro da família muito antes de chegar ao sexto mês.

As plantas de uma casa também estão bastante cientes do crescimento do feto; as plantas captarão igualmente o facto de um membro da família estar doente, muitas vezes antes de sintomas físicos. São assim tão sensíveis à consciência dentro da estrutura celular. As plantas também saberão se o feto é masculino ou feminino.

(Material pessoal, duas páginas, suprimido.)

(Mais cedo esta noite, mencionei a a Jane o meu interesse de longa data na afirmação de o Seth, feita anos atrás, de que todas as perceções de ESP têm uma base eletromagnética. Estava curioso, porque tínhamos lido que nenhuma investigação encontrou tal relação eletromagnética. Agora perguntei a o Seth sobre isto.)

Preferiria ligar isto à nossa informação sobre o feto.
("Está bem.")
E assim podemos prosseguir ambas as discussões.
("De acordo.")

Agora: há estruturas eletromagnéticas, por assim dizer, que estão atualmente para além dos vossos instrumentos (científicos), unidades que são os portadores básicos da perceção. Têm uma "vida" muito breve, nos vossos termos. O seu tamanho varia. Várias unidades podem combinar-se, por exemplo; muitas unidades podem combinar-se. Para dizer isto o mais simplesmente possível: não é tanto que elas se movam através do espaço, mas que usam o espaço para se moverem. Há diferença.

De certo modo, qualidades térmicas estão envolvidas, e também leis de atração e repulsão. As unidades carregam o ar através do qual passam e atraem para si outras unidades. As unidades não são estacionárias da forma como, digamos, uma célula é estacionária dentro do corpo. Mesmo uma célula apenas parece estacionária. Estas unidades não têm "lar". São construídas em resposta à intensidade emocional.

São uma forma que a energia emocional toma. Seguem as suas próprias regras de atração e repulsão. Tal como um íman, como veem, atrai com os seus filamentos, assim estas unidades atraem as suas semelhantes e formam padrões que então vos aparecem como perceção.

Agora: o feto utiliza estas unidades. Qualquer consciência as utiliza, incluindo a de uma planta. As células não respondem à luz apenas porque essa é a ordem das coisas, mas porque está presente um desejo emocional de percecionar a luz.

Esse desejo surge noutro nível sob a forma destas unidades eletromagnéticas, que então produzem uma sensibilidade à luz. Estas unidades são "livres". Podem ser usadas na perceção normal ou naquilo a que chamam perceção extrassensorial. Falarei da sua natureza básica numa sessão posterior, e gostaria de ligar isto ao feto, já que o feto está altamente envolvido com mecanismos percetivos.
("Na próxima sessão está ótimo.")

Não é que não consigam conceber instrumentos para percecionar estas unidades. Os vossos cientistas estão simplesmente a fazer as perguntas erradas e não pensam em termos de estruturas tão livres.

SESSÃO 505, 13 DE OUTUBRO DE 1969, 21:34, SEGUNDA-FEIRA
Excerto

Boa noite.
("Boa noite, Seth.")

Bem: estas unidades de que falámos antes são, basicamente, animações que surgem da consciência. Estou a falar agora da consciência dentro de cada partícula física, independentemente do seu tamanho — da consciência molecular, da consciência celular, bem como dos gestalts maiores de consciência com que normalmente estão familiarizados. Devido ao vocabulário científico limitado de o Ruburt, isto é algo difícil de explicar. Além disso, algumas das teorias que vos apresentarei nesta discussão ser-vos-ão bastante desconhecidas.

Estas emanações surgem tão naturalmente como a respiração, e podem fazer-se outras comparações, no sentido em que há um entrar e um sair, e transformação dentro da unidade — tal como o que entra nos pulmões, por exemplo, não é o mesmo que sai na expiração. Poderiam comparar estas unidades, simplesmente como analogia, à respiração invisível da consciência. Esta analogia não nos levará longe, mas bastará, de início, para transmitir a ideia. A respiração é, claro, também uma pulsação, e estas unidades operam de modo pulsante. São emitidas pelas células, por exemplo, em plantas,

animais, rochas e assim por diante. Teriam cor se fossem capazes de as percecionar fisicamente.

São eletromagnéticas, nos vossos termos, seguindo os seus próprios padrões de carga positiva e negativa, e seguindo também certas leis do magnetismo. Neste caso, o semelhante atrai decididamente o semelhante. As emanações são, na realidade, tons emocionais. As variedades de tons, para todos os efeitos, são infinitas.

As unidades estão imediatamente abaixo do alcance da matéria física. Nenhuma é idêntica. Há, contudo, uma estrutura nelas. Essa estrutura está para além do leque de qualidades eletromagnéticas tal como os vossos cientistas as concebem. A consciência produz efetivamente estas emanações, e elas são a base de qualquer tipo de perceção — tanto da perceção sensorial, nos termos habituais, como da extra-sensorial.

Estamos apenas a começar esta discussão. Mais tarde verão que estou a simplificá-la para vocês, mas não a compreenderiam se não começássemos desta maneira. Tenciono explicar a estrutura destas unidades. Agora, deem-nos um momento.

Estas emanações também podem aparecer como sons, e vocês serão capazes de as traduzir em sons muito antes de os vossos cientistas descobrirem o seu significado básico. Uma das razões pelas quais não foram descobertas é precisamente porque estão tão habilmente camufladas em todas as estruturas. Estando logo para lá do alcance da matéria, tendo uma estrutura mas não física, e sendo de natureza pulsante, podem expandir-se ou contrair-se. Podem envolver completamente, por exemplo, uma pequena célula, ou recolher-se até ao núcleo. Combinam qualidades de unidade e de campo, por outras palavras.

Há outra razão pela qual permanecem um segredo para os cientistas ocidentais. A intensidade governa não só a sua atividade e tamanho, mas a força relativa da sua natureza magnética. Atraem outras unidades semelhantes, por exemplo, de acordo com a intensidade do tom emocional da consciência particular em qualquer "ponto".

Estas unidades, então, obviamente mudam constantemente. Se tivermos de falar em termos de tamanho, então mudam de tamanho constantemente à medida que se expandem e contraem. Teoricamente, não há limite, percebem, para a sua taxa de contração ou expansão. São também

absorventes. Deixam escapar qualidades térmicas, e estas são a única pista que os vossos cientistas obtiveram delas até agora.

As suas características conduzem-nas a uma troca constante. "Grumos" delas (— a Jane gesticulou; a sua fala estava bastante enfática e animada) serão atraídos entre si, literalmente selados, apenas para se soltarem e dispersarem de novo. Formam — e a sua natureza está por detrás do que é vulgarmente conhecido como ar — e usam isto para se mover. O ar, por outras palavras, pode dizer-se que é formado pelas animações destas unidades.

Tentarei esclarecer isto mais adiante, mas o ar é o resultado da existência destas unidades, formado pela inter-relação das unidades nas suas posições e distância relativa umas das outras, e pelo que poderiam chamar de velocidade relativa do seu movimento. O ar é aquilo que acontece quando estas unidades estão em movimento, e é em termos de meteorologia que os seus efeitos eletromagnéticos aparecem mais claramente aos cientistas, por exemplo. Estas unidades — falemos delas tal como se relacionam com uma rocha. A rocha é composta por átomos e moléculas, cada um com a sua própria consciência. Isto forma um gestalt de consciência-rocha. Estas unidades são emitidas indiscriminadamente pelos vários átomos e moléculas, mas porções delas são também dirigidas pela consciência global da rocha. As unidades são enviadas pela rocha, informando-a da natureza do seu ambiente em mudança: o ângulo do sol e as alterações de temperatura, por exemplo, quando cai a noite; e mesmo no caso de uma rocha, elas mudam conforme muda o que se poderia chamar, em termos largos, o tom emocional da rocha. À medida que as unidades mudam, alteram o ar à sua volta, que é o resultado da sua própria atividade.

Emanam constantemente da rocha e regressam a ela num movimento tão rápido que pareceria simultâneo. As unidades cruzam-se e, em certa medida, fundem-se com outras unidades emitidas, digamos, pela folhagem e por todos os outros objetos. Há uma mistura constante, bem como atração e repulsão.

Podem fazer a vossa pausa, e continuaremos.

(22:10. O discurso de a Jane foi bastante enfático e animado ao longo de toda a passagem. O seu estado de transe estava bom.)

(O resto da sessão foi dedicado à interpretação, por o Seth, de um dos meus sonhos — Robert Butts.)

SESSÃO 506, 27 DE OUTUBRO DE 1969, 21:40, SEGUNDA-FEIRA

(Algum tempo depois das 21h, a Jane e eu sentámo-nos para ver se o Seth se manifestava. Disse a a Jane que não precisava de haver sessão, mas ela estava bem-disposta o suficiente — se o Seth assim decidisse. Tem trabalhado muitas horas no seu livro e tem apenas alguns capítulos para reescrever.)

(A Jane teve, no entanto, duas sessões recentes, excelentes e longas, para a sua turma de ESP, com o Seth e o Seth II, incluindo material novo.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora: o Ruburt não precisa de se preocupar por ter falhado algumas sessões regulares. Ele tem estado a exercitar a espontaneidade e, por paradoxo, é sobre a espontaneidade que a regularidade das nossas sessões assenta. Acompanham-me?

("Sim.")

Agora: as unidades de que tenho falado não têm qualquer "vida" específica, regular, preordenada. Não parecerão obedecer a muitos princípios científicos. Sendo a força intuitiva mesmo para lá do alcance da matéria — a força sobre a qual a matéria é formada —, não obedecerão às leis da matéria, embora por vezes possam imitar as leis da matéria.

É quase impossível detetar uma unidade individual, pois, na sua dança de atividade, torna-se constantemente parte de outras unidades semelhantes, expandindo e contraindo, pulsando e mudando de intensidade, de força, e mudando de polaridade. Este último ponto é extremamente importante.

(Pausa, uma de muitas.)

Com o vocabulário limitado de o Ruburt, isto é algo difícil de explicar, mas seria como se as posições dos vossos polos norte e sul mudassem constantemente, mantendo, porém, a mesma distância relativa entre si e, pela sua mudança de polaridade, desestabilizando (pausa) o planeta — exceto que, devido à maior força comparativa nos polos das unidades (gestos, tentativas de desenhar diagramas no ar), uma nova estabilidade é alcançada quase imediatamente após cada deslocação. Está claro até aqui?

("Sim.")

A mudança de polaridade dá-se em ritmo com as mudanças de intensidades emocionais — ou de energias emocionais, se preferirem. A energia emocional "inicial", originária, que põe qualquer unidade em movimento e a forma, leva então a unidade a tornar-se um campo eletromagnético altamente carregado, com aquelas características de polaridades cambiantes que acabei de referir. As polaridades também mudam por atração e repulsão de outras unidades semelhantes que podem ligar-se ou desligar-se. Há um ritmo subjacente a toda esta mudança de polaridade e de intensidades que ocorrem constantemente. Mas os ritmos têm que ver com a natureza da energia emocional em si — e não com as leis da matéria.

Sem compreender estes ritmos, a atividade das unidades pareceria aleatória, caótica, e pareceria não haver nada que mantivesse as unidades coesas. Na verdade, parecem estar a voar em pedaços a velocidades tremendas. O "núcleo" — usando agora uma analogia celular — se estas unidades fossem células, o que não são, seria como se o núcleo estivesse constantemente a mudar de posição, a voar em todas as direções, arrastando o resto da célula consigo. Acompanham a analogia?

("Sim.")

As unidades, obviamente, estão dentro da realidade de todas as células. Agora: o ponto de iniciação é a parte básica da unidade, tal como o núcleo é a parte importante da célula. O ponto de iniciação é a energia emocional originária, única, individual e específica que forma qualquer unidade. Torna-se a entrada na matéria física.

É o invólucro inicial de três lados do qual toda a matéria tem de brotar. O ponto inicial forma os três lados à sua volta. (Gestos; pausa.) Há uma natureza explosiva quando a energia emocional nasce. O efeito de três lados, formado instantaneamente, conduz a um efeito que é algo como fricção, mas o efeito faz com que (mais gestos) os três lados mudem de posição, de modo que acabam com um efeito triangular, fechado, com o ponto inicial dentro do triângulo. Agora, entendam: isto não é uma forma física.

("Sim.")

O ponto de energia, a partir daqui, muda constantemente a forma da unidade, mas o procedimento que acabei de referir tem primeiro de ocorrer. A unidade pode tornar-se circular, por exemplo. Ora, estas intensidades de energia emocional, formando as unidades, acabam por transformar todo o

espaço disponível naquilo que elas são. Certas intensidades e certas posições de polaridade entre e entre conjuntos grandes de unidades comprimem energia em forma sólida (resultando em matéria). A energia emocional dentro das unidades é, obviamente, o fator motivador — e veem, então, porque é que a energia emocional pode, de facto, estilhaçar um objeto físico. Podem fazer a vossa pausa.

(22:10. A Jane saiu do transe com rapidez, apesar de ter sido um bom transe. Por vezes, o seu discurso foi bastante rápido. Disse que sentia o Seth a "empurrá-la" para a levar a deixar o material passar o mais claramente possível, sem distorção.)

(A Jane teve também algumas imagens enquanto dava o material, embora não as conseguisse recordar na pausa. Normalmente, disse, esquece quaisquer imagens — ou mesmo se as teve —, a menos que eu pergunte logo que a sessão termina ou na pausa. Por vezes, disse, as mesmas imagens regressam quando lê uma sessão em particular; então reconhece-as.)

(A Jane fez questão de mencionar que, no que respeita à inversão de polaridades das unidades: "Isto não é apenas com o norte e o sul a trocarem, mas opostos em qualquer ponto da orla do círculo [que foi usado como analogia], com este e oeste invertidos, por exemplo.") (Retomar às 22:26.)

Agora: a intensidade da energia emocional original controla a atividade, a força, a estabilidade e o tamanho relativo da unidade; a taxa da sua pulsação e o seu poder de atrair e repelir outras unidades, bem como a sua capacidade de se combinar com outras unidades.

O comportamento destas unidades muda do seguinte modo. Quando uma unidade está no ato de se combinar com outra, alinha os seus componentes de uma maneira característica. Quando se está a separar de outras unidades, alinhará os seus componentes de modo diferente. As polaridades mudam, em cada caso, dentro das unidades. A unidade alterará as suas polaridades dentro de si, adaptando o desenho de polaridade da unidade para a qual é atraída; e mudará a sua polaridade, afastando-se desse desenho, ao quebrar o contacto.

Tomem, por exemplo, cinco mil unidades destas alinhadas juntas, formadas em conjunto. Seriam, claro, invisíveis. Mas, se as pudessem ver, cada unidade individual teria os seus polos alinhados da mesma maneira. Pareceria uma

única unidade — digamos que é de forma circular —, pareceria um pequeno globo com os polos alinhados como na vossa Terra.

Se essa grande unidade fosse então atraída para outra maior, circular, com os polos a correr este-oeste, nos vossos termos, então a primeira unidade mudaria a sua própria polaridade, e todas as unidades dentro dela fariam o mesmo. O ponto de energia ficaria a meio caminho entre esses polos, quaisquer que fosse a sua posição, e ele (o ponto de energia) forma os polos. Estes, portanto, giram em torno do ponto de energia. O ponto de energia é, basicamente, indestrutível.

A sua intensidade, porém, pode variar até graus surpreendentes, de modo que poderia, relativamente falando, ser demasiado fraca — ou recuar — não suficientemente forte para formar a base da matéria, mas projetar-se talvez para outro sistema, onde seja necessária menor intensidade para a "materialização".

Estas unidades também podem ganhar tanta intensidade e força que formam estruturas relativamente permanentes dentro do vosso sistema, por causa da assombrosa energia por detrás delas. O vosso Stockridge—

(o Seth fez pausa; a Jane franziu o sobrolho como quem procura uma palavra.)

("Oak Ridge?")

Não. (Gesto.) Os restos de templos.

("Ah… Baalbek?")

Eram locais de estudos sobre as estrelas. Observatórios.

("Sim?" — pensei que provavelmente sabia a palavra que o Seth/ a Jane procuravam, mas não tive tempo de pensar e tomar notas.)

As unidades, tão carregadas de energia emocional intensiva, formaram padrões para a matéria que conservaram a sua força. Ora, estas unidades, embora apareçam dentro do vosso sistema, podem também ter uma realidade fora dele, propulsionando as unidades de energia emocional através do mundo da matéria por inteiro. Estas unidades, como disse, são indestrutíveis. Podem, no entanto, perder ou ganhar poder, recuar para intensidades abaixo da matéria, ou atravessar a matéria, aparecendo como matéria ao fazê-lo e projetando-se através do vosso sistema.

Trataremos dessa parte da sua atividade à parte. Em tais casos, porém, encontram-se obviamente num ponto de transição e num estado de vir-a-ser. Podem fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferirem.

("Creio que é melhor terminarmos.")

Queria dar-vos este material.

("É muito interessante.")

É apenas um começo. Dispensaria as analogias se não precisassem delas. Uma afetuosa boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(22:45. Depois de conversarmos um pouco, deduzi que o Seth/ a Jane tinham tentado chegar à palavra "Stonehenge" — significando os antigos monólitos de pedra druídicos dispostos em círculo, em Inglaterra, etc. A Jane disse então que era essa a palavra que o Seth tentara levá-la a dizer. Não sabia porque não saiu em transe, visto que conhece a palavra e o que ela significa.)

SESSÃO 509, 24 DE NOVEMBRO DE 1969, 21:10, SEGUNDA-FEIRA

(Hoje a Jane estivera a ler Experimental Psychology de C. G. Jung, primeira edição americana, publicada pelos herdeiros de o Jung em 1968. Não tínhamos pedido a o Seth que comentasse.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora: há um ponto importante, subestimado por todos os vossos psicólogos quando enumeram os atributos ou características da consciência. Vou ligar este material à nossa discussão sobre as nossas unidades de energia eletromagnética, pois há uma estreita ligação.

Comecemos por o Jung. Ele presume que a consciência tem de estar organizada em torno de uma estrutura de ego. E aquilo a que chama o inconsciente, não tão organizado egotisticamente, considera, portanto, sem consciência — sem consciência de si. Faz um bom ponto ao dizer que o ego normal não pode conhecer material inconsciente diretamente. Não percebe, contudo — nem os vossos outros psicólogos —, aquilo que vos disse muitas

vezes: que existe um ego interior; e é este ego interior que organiza o material que o Jung chamaria inconsciente.

Mais uma vez: quando estão num estado que não é o de vigília habitual, quando abandonaram este eu diário, estão, no entanto, conscientes e alerta. Limitam-se a bloquear a memória ao ego de vigília. Por isso, quando são dados os atributos da consciência, a criatividade é largamente ignorada. Em vez disso, é atribuída, principalmente, ao inconsciente. O meu ponto é que o inconsciente é consciente. A criatividade é, então, um dos atributos mais importantes da consciência. Iremos diferenciar entre a consciência normal do ego e a consciência que apenas parece inconsciente para esse ego.

Agora: o ego interior é o organizador da experiência que o Jung chamaria inconsciente. Ego interior é outro termo para aquilo a que chamamos o eu interior. Assim como o ego exterior manipula dentro do ambiente físico, assim o ego ou eu interior organiza e manipula uma realidade interior. O ego interior cria a realidade física com a qual o ego exterior depois lida.

Todo o trabalho original, ricamente criativo, que é feito por este eu interior não é inconsciente. É intencional, altamente discriminador, realizado pelo ego interior consciente, do qual o ego exterior não passa de uma sombra — e não, percebem, o contrário. O lado escuro do eu, para o Jung, é o ego, não o inconsciente. A tapeçaria complicada, infinitamente variada, incrivelmente rica do "inconsciente" de o Jung dificilmente poderia ser inconsciente. É produto de uma consciência interior com muito maior sentido de identidade e propósito do que o ego diário. É a ignorância e o foco limitado do ego diário que o levam a ver a atividade dita inconsciente como caótica.

O ego consciente ergue-se, de facto, do "inconsciente", mas o inconsciente, sendo o criador do ego, é necessariamente muito mais consciente do que a sua descendência. O ego simplesmente não é suficientemente consciente para poder conter o vasto conhecimento que pertence ao eu interior consciente de onde brota.

É este eu interior, a partir de um conhecimento maciço e do âmbito ilimitado da sua consciência, que forma o mundo físico e proporciona estímulos para manter o ego exterior constantemente na tarefa da consciência. É o eu interior, aqui chamado de ego interior, que organiza, inicia, projeta e controla as unidades EE (energia eletromagnética) de que temos falado, transformando energia em objetos, em matéria.

A energia deste eu interior é usada por ele para formar, de si próprio — de experiência interior —, um contraparte material no qual o ego exterior pode então representar o seu papel. O ego exterior então representa uma peça que o eu interior escreveu. Isto não quer dizer que o ego exterior seja um fantoche. Quer dizer que o ego exterior é muito menos consciente do que o ego interior, que a sua perceção é menor, que é muito menos estável — embora faça grande alarde de estabilidade —, que brota do eu interior e é, portanto, menos, e não mais, consciente.

O ego exterior é alimentado à colher, recebendo apenas aqueles sentimentos e emoções, apenas os dados, que consegue manusear. Esses dados são-lhe apresentados de modo altamente especializado, geralmente em termos de informação recolhida pelos sentidos físicos.

O eu ou ego interior não é apenas consciente, mas consciente de si, tanto como uma individualidade aparte dos outros quanto como uma individualidade que é parte de toda a outra consciência. Nos vossos termos, está continuamente ciente tanto desta separação como da unidade-com. O ego exterior não está continuamente ciente de nada. Esquece-se frequentemente de si. Quando é arrebatado por uma emoção forte, parece perder-se; há então unidade, mas nenhum sentido de separação. Quando mantém com mais vigor o seu sentido de individualidade, já não está ciente da unidade-com.

O ego interior está sempre ciente de ambos os aspetos e organiza-se em torno do seu aspeto primário, que é a criatividade. Traduz constantemente os componentes do seu gestalt em realidade — quer em realidade física, através das unidades EE de que falei, quer em outras realidades igualmente válidas.

Agora podem fazer a vossa pausa e continuaremos.

(Durante a nossa pausa, perguntei em voz alta se o Jung teria mudado as suas ideias desde a sua morte física.)

(Retomar 22:05.)

Agora: as unidades EE (energia eletromagnética) são as formas que a experiência básica toma quando dirigida por este eu interior. Estas, então, formam objetos físicos, matéria física. A matéria, por outras palavras, é a forma que a experiência básica toma quando irrompe em sistemas tridimensionais. A matéria é a forma dos vossos sonhos. Os vossos sonhos,

pensamentos e emoções são literalmente transformados em matéria física, intencionalmente, por este eu interior.

O eu interior individual, então, através de um esforço constante e maciço de grande intensidade criativa, coopera com todos os outros eus interiores para formar e manter a realidade física que conhecem, de modo que a realidade física é um derivado ou subproduto do eu interior altamente consciente.

Os edifícios parecem ser feitos de rocha, pedra ou aço. Parecem bastante permanentes aos sentidos físicos. São, na verdade, gestalts oscilantes, sempre em movimento, altamente carregados, de unidades EE ("abaixo", digamos, de quaisquer partículas atómicas), organizados e mantidos pelo esforço coletivo por parte dos eus interiores. Eles (os edifícios) são emoções solidificadas, estados subjetivos solidificados, a que é dada materialização física.

Os poderes da consciência não são, portanto, claramente compreendidos. Cada indivíduo tem a sua parte a desempenhar ao projetar estas unidades EE na atualidade física. Portanto, a matéria física pode ser legitimamente descrita como uma extensão do eu, tanto quanto o corpo físico é uma projeção do eu interior.

É óbvio que o corpo cresce em torno do eu interior e que as árvores crescem a partir do solo, ao passo que os edifícios não brotam como flores por si mesmos; assim, o eu interior tem vários métodos de criação e usa as unidades EE de diferentes maneiras, como verão à medida que prosseguirmos a discussão.

Tendo decidido a realidade física como uma dimensão em que se vai exprimir, o eu interior, antes de mais, cuida de formar e manter a base física de que tudo o resto deve depender — as propriedades da terra que podem ser chamadas de naturais. O eu interior possui um vasto e infinito reservatório de onde extrair conhecimento e experiência. Todo o género de escolhas está disponível, e a diversidade da matéria física é um reflexo desta fonte profunda de variedade.

Com as estruturas naturais formadas e mantidas, outras propriedades físicas secundárias — construções secundárias — são projetadas. A experiência subjetiva mais profunda, mais básica e duradoura, é, no entanto, traduzida nesses elementos naturais: a ampla paisagem que sustenta a vida física. Continuaremos esta discussão na nossa próxima sessão.

O Jung ampliou alguns dos seus conceitos pouco antes de morrer. (Inclina-se para a frente, humoristicamente enfático.) Mudou muitos deles desde então. Agora podem fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferirem.

("Vamos fazer a pausa.")

(22:30. A Jane disse que lhe pareceu que a entrega tinha demorado talvez dez minutos, em vez dos vinte e cinco que de facto levou. Retomar às 22:43.)

Iremos terminar a sessão em breve. Bastará dizer, no entanto, que no futuro aquilo que vos estou a dizer será mais geralmente conhecido. Os homens familiarizar-se-ão, em certa medida, com a sua própria identidade interior, com outras formas da sua própria consciência.

Ao longo dos séculos, alguns reconheceram o facto de que há propósito em certos estados de sonho e de sono, e mantiveram, mesmo na vida de vigília, o sentido de continuidade deste eu interior. Para tais pessoas, já não é possível identificar-se completamente com a consciência do ego. Estão demasiado obviamente cientes de si como algo mais. Quando tal conhecimento é alcançado, o ego pode aceitá-lo, pois descobre, para sua surpresa, que não fica menos consciente, mas mais; que as suas limitações se dissipam.

Agora: não é verdade — e enfatizo isto fortemente — que o material dito inconsciente, se lhe for dada alguma liberdade, retirará energia ao eu organizado egotisticamente, numa personalidade normal. Pelo contrário: o ego é reabastecido, e de forma bastante direta. É o medo de que o "inconsciente" seja caótico que leva os psicólogos a fazer tais afirmações. Há também algo na natureza dos que praticam psicologia: uma fascinação, em muitos casos, já predisposta a temer o "inconsciente" na proporção direta da sua atração por ele.

O ego mantém a sua estabilidade, a sua aparente estabilidade, e a sua saúde, pelo constante alimento subconsciente e inconsciente que recebe. Demasiado alimento não o matará. Acompanham-me aqui?

("Sim.")

Só quando esse alimento é, por alguma razão, cortado em grau considerável é que o ego é ameaçado por inanição. Teremos mais a dizer sobre a relação do ego com o "inconsciente". Numa personalidade saudável, o eu interior projeta facilmente toda a experiência em unidades EE, onde são traduzidas

em atualidade. A matéria física, portanto, atua como feedback. Agora terminaremos a nossa sessão, a menos que tenham perguntas.

("Creio que não. Foi muito interessante.")

Os meus melhores cumprimentos e uma afetuosa boa noite para ambos.

("Gostaste das tuas fotografias?" — isto refere-se às fotografias tiradas na noite anterior a esta sessão, na nossa 508.ª sessão, por um fotógrafo. As fotografias serão usadas no livro de a Jane sobre o Material de o Seth.)

Gostei, sim, e do jovem que as tirou. (22:56)